



MAIS DE UM MILHÃO DE LEITORES  
A SÉRIE POLICIAL MAIS MARCANTE DE SEMPRE

**CARMEN  
MOLA**

**A  
NINA**

**SUMA**  
de letras

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

MAIS DE UM MILHÃO DE LEITORES  
A SÉRIE POLICIAL MAIS MARCANTE DE SEMPRE

**CARMEN  
MOLA**

**A  
NINA**

**SUMA**  
de livros

CARMEN MOLA

# A NINA

Tradução de  
GONÇALO NEVES





Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Edição em formato digital: junho de 2024

A NINA

Título original: *La Nena*

© 2020, Carmen Mola

Traduzido da edição original de Penguin Random House Grupo Editorial S.A.U.,  
Barcelona, 2018

Esta edição foi publicada por acordo com Hanska Literary & Film Agency, Barcelona,  
Espanha

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

[correio@penguinrandomhouse.com](mailto:correio@penguinrandomhouse.com)

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Editora: Amaia Iglesias

Coordenação editorial: Eva Arim

Tradução: Gonçalo Neves

Revisão: Maria João Fonseca

Adaptação da capa: Wonder Studio / Ana Teixeira

Imagem da capa: Miquel Tejedo

ISBN: 978-989-583-178-4

Composição digital: [leerendigital.com](http://leerendigital.com)

Site: [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [topseller.suma](https://facebook.com/topseller.suma)



## Índice

A Nina

Créditos

Primeira parte

Segunda parte

Terceira parte

Quarta parte

Sobre este livro

Sobre Carmen Mola



## Primeira parte

*O vestido de noiva fica-lhe apertado, cheira a naftalina e, embora tenha deixado há muito de ser branco, agora é de uma cor indefinida, entre creme e amarelo. O casamento de hoje não era, certamente, aquele com que Valentina sonhou aos quinze anos. O vestido é de Ramona, a mãe do homem com quem casou, um noivo que nem lhe concedeu um beijo quando o funcionário que oficiava o casamento lhes disse que já eram marido e mulher. Ramona, a sogra, é seca e antipática, mais corpulenta do que ela, mas, em Valentina, as costuras do vestido quase que rebentam, pois está grávida de quatro meses. Não sabe por que razão o marido terá concordado em casar com ela, quando está à espera do filho de outro.*

*Valentina tira o vestido. A roupa interior é vulgar, de feira. Quantas vezes pensara que, para a noite de núpcias, compraria lingerie como a que as raparigas do clube usavam com os clientes? Em vez disso, traz umas cuecas brancas e um soutien que não faz conjunto, que mal consegue segurar uns seios que não param de crescer com a gravidez. A sua própria imagem causa-lhe tristeza e repulsa.*

*Apesar de tudo, sabe que é muito mais atraente do que Antón, o marido, um homem pequeno, reservado, com pouco cabelo apesar da juventude, com olhar fugidio e odor acre, como se passasse dias e dias sem tomar banho e o suor estivesse contaminado com o fedor a porco que não abandona o nariz de Valentina desde que chegou a esta casa. Uma casa que será sua, supostamente, para sempre.*

*Tem vinte e três anos, pelo menos mais cinco que o agora marido, e o seu corpo, se não tivesse começado a deformar-se devido à gravidez, seria muito harmonioso. O rosto nem tanto, não consegue esconder os traços indígenas de quase todas as bolivianas. Nunca pensara que isso fosse feio, mas os espanhóis não gostam. Se soubessem quantas coisas não lhe agradam a ela nos homens que conheceu neste país...*

*Não tem tido nem uma pontinha de sorte desde que chegou a Espanha: queria abrir um pequeno negócio, mas teve de servir numa casa em que o patrão abusava dela cada vez que ficavam a sós, até que a mulher dele, que alguma suspeita teria, a despediu sem explicações. Depois andou de trabalho em trabalho até chegar ao*

casamento, e não sabe se terá uma vida feliz e sossegada ou se cometeu o seu pior erro. Não pede muito, ter-se-ia conformado com uma casa que não cheirasse a pocilgas e um marido mais bonito, mais homem e mais agradável do que Antón. Mas nada correu bem, e a única coisa que ela acreditava ser uma boa notícia — a possibilidade de casar — trouxe-a até esta localidade, até esta casa, que não é muito melhor do que a que deixou em Cotoca, perto de Santa Cruz de la Sierra, onde nasceu e onde o pai construiu um lar com as próprias mãos.

Os casamentos na sua terra são preparados com tempo, bebe-se muita cerveja e come-se carne de vaca à fartazana; as convidadas trazem saias e chapéus, e eles ataviavam-se com as melhores indumentárias; contrata-se um grupo musical que interpretará a valsa para os noivos dançarem, é um dia feliz. No casamento de Valentina não houve convidados, apenas ela e Antón, e Ramona e Dámaso, os pais do noivo, que foram as testemunhas; também não houve música, nem ninguém atirou arroz ou pétalas de flores aos recém-casados. O copo-d'água consistiu nuns refrigerantes no bar da praça com um prato de frutos secos e uma dose de lulas, oferecida por Aniceto, o dono do bar, feliz por ter uma noiva no seu estabelecimento: foi o único que deu os parabéns a Valentina e que gritou um tímido «Viva os noivos!».

Agora está sozinha no quarto, o marido não entrou com ela. Pensava que iria querer consumir o casamento assim que chegassem, mas, pelos vistos, prefere esperar pela noite. A verdade, porém, é que Antón, no breve noivado que tiveram, ou, melhor dizendo, na mera farsa em que se traduziu o prelúdio do casamento, nunca demonstrou o menor vislumbre de desejo por ela.

— Dentro de meia hora o jantar está pronto, não te atrases.

Ramona entrou sem bater, encontrou-a assim, a olhar-se ao espelho, de cuecas e soutien. Embora não tenha tecido nenhum comentário, ignorou-a com desprezo. Na meia hora que falta para o jantar, Valentina não terá tempo para tomar banho e tirar o cheiro a naftalina do vestido e a sensação de sujidade que a envolve, mas não se atreve a contrariar aquela mulher.

Só conheceu Antón há quinze dias. Quem foi vê-la ao clube à beira da estrada em que trabalhava — não, não era uma das meninas de alterne, limitava-se a esfregar o chão, as casas de banho e os copos — foi o pai dele, Dámaso.

— Se casares com o meu filho, tiro-te daqui — propôs-lhe. — Não somos ricos, mas não te vai faltar nada.

— Estou grávida.

— Daremos o nosso apelido ao teu filho.

Ficou-se por ali. Ela nem sequer perguntou o que faziam na vida, só lhe veio à cabeça que o bebé que esperava — ainda não sabe se será menino ou menina —

viveria numa casa normal, não num clube à beira da estrada, rodeado de prostitutas, e que não passaria as necessidades que ela passou.

Ao jantar há almôndegas, e Valentina tem de reconhecer que estão uma delícia, as melhores que já provou. Mal se fala à mesa, tirando Dámaso, o sogro, que lhe explica que ali o mais importante são os porcos, que deles vivem todos; informa-a das horas a que é preciso dar-lhes de comer, das tarefas de limpeza que lhe competem e dos cuidados de que os animais necessitam.

— São estes os hábitos da casa — conclui.

Para Valentina aquilo não são hábitos, são regras. E, pelo silêncio dos outros quando Dámaso as enumera, são regras que importa cumprir.

Já no quarto, depois do jantar, fica à espera do marido. Pensa que, agora sim, vai querer deitar-se com ela, e prepara-se, veste uma camisa de dormir que lhe ofereceu uma das raparigas do clube, uma que usava com os clientes e que, segundo lhe contou, excitava os homens. «Desperta-lhe o desejo, agarra-o pelos tomates; se o conseguires, venha ele de onde vier, cuidará de ti para sempre.»

O verdadeiro pai do seu filho nunca cuidou dela, é um viajante que passou uma noite pelo clube, não sabe o nome dele ou por que razão dormiu com ele, nem tem a certeza se conseguiria reconhecê-lo caso voltasse a vê-lo. Não precisa que ninguém lhe explique a falta de delicadeza dos espanhóis, já o comprovou, é o que espera esta noite do marido. Mas Antón, ao que parece, é diferente: entra no quarto — ao cheiro a porco juntou-se o cheiro a vinho —, não se digna a desejar-lhe boa noite nem a dar-lhe um beijo, deita-se e adormece.

Valentina também tenta dormir, mas parece-lhe impossível, é a sua noite de núpcias e fica frustrada. São três da manhã quando decide sair do quarto. Percorre a casa às escuras e apercebe-se da sua temeridade. Em poucos dias, casou-se e enclausurou-se num lugar distante de tudo e de todos, com um homem que lhe causa repulsa e com sogros autoritários. Como foi ingénua a ponto de se enfiar na boca do lobo dessa forma? Tenta tirar aqueles medos da cabeça. Antón é apenas um jovem tímido, aos poucos irá suavizá-lo, pressente-o. Em troca, conseguiu encontrar estabilidade para dar à luz o seu filho. Que vida iria proporcionar-lhe, se não tinha um cêntimo?

Sai da casa para o enorme campo iluminado pelo luar. O passeio leva-a até às pocilgas. Quer convencer-se de que um dia amará este lugar, considerá-lo-á a sua casa. Passeia pelo corredor em frente às jaulas onde dormem os porcos. De repente, um barulho assusta-a. Um animal parece ter-se lançado contra a porta da jaula, que emitiu um som metálico. Inclina-se para espreitar e, na penumbra da noite, parece-lhe ver que o que há dentro da jaula não são porcos, mas sim dois homens nus e

*acorrentados.*

*— Olá — diz-lhe o que se lançou contra a porta.*

*Está a masturbar-se, escorre-lhe um fio de baba da boca; o outro, agachado, ri-se. Mal consegue distingui-los, só pela voz se convenceu de que são pessoas e não animais. Mas ouve outra voz nas suas costas.*

*— O que é que estás aqui a fazer?*

*É Dámaso, o sogro.*

*— Se voltares a quebrar as regras, também irás parar aí, à jaula.*

*Valentina abraça instintivamente o ventre para proteger o filho.*

## Capítulo 1

O bar está à cunha, os clientes são maioritariamente espanhóis, mas também há grupos de chineses e alguns turistas distraídos. A decoração, essa sim, é completamente asiática: candeeiros e pingentes coloridos com letras chinesas exóticas e um boneco daqueles que parecem um gato e mexem o braço em sinal de saudação. Por baixo de tudo aquilo fica o bar de sempre, daqueles com balcão de estanho e mesas de fórmica, dos que teriam cinzeiros *Cynar* ou *Martini* se ainda fosse permitido fumar. Os moradores da Calle Usera já se habituaram a viver num lugar que, noutras cidades, se chamaria Chinatown.

Chesca não se importa que neste bar, em tempos explorado por Paco, um segoviano que ela conhecia desde que chegou ao bairro, haja aquelas placas em chinês e até um Buda ao lado da caixa registadora. O empregado de olhos rasgados que atende agora serve-lhe os mesmos descafeinados pingados, as mesmas cervejas bem tiradas e umas tripas à moda de Madrid que superam as dos tempos áureos. Tem um nome impronunciável, de tal modo que, para os clientes espanhóis, herdou o do primeiro dono do bar: Paco. Além disso, Paco, embora seja chinês, é dali do bairro, fala espanhol como qualquer pessoa.

— Paco, dá-me uma lata de cerveja para levar e diz-me quanto te devo.

— Hoje estás convidada, não vais ficar? A festa ainda nem começou.

— Vou para casa, que estou com conjuntivite e nem sequer devia ter saído. Só vim para te desejar um feliz ano do porco.

— Obrigado, mas eu nasci em Madrid, em La Milagrosa. Para mim o fim de ano é na véspera de Ano Novo... Isto são chinesices. — Ri-se.

Chesca ficaria mais tempo para apreciar o ambiente, mas o bar está a abarrotar, e ela tem os olhos a arder. Além disso, amanhã tem de se levantar cedo,

está citada como testemunha no tribunal da Plaza de Castilla no caso de uma rede de tráfico de mulheres desmantelada pela Brigada de Análise de Casos. São as obrigações que deve cumprir por ser a coordenadora da BAC — apenas coordenadora, e não chefe, como Rentero não se cansa de lhe repetir. A discussão que teve há algumas horas com Zárate também não a deixou nada animada. Pensava que iriam jantar juntos, mas ele foi-se embora com os amigos e deixou-a pendurada. Nem a própria Chesca percebe por que razão ficou tão agastada com ele: são adultos, que cada um faça o que lhe apetecer. Só que...

Antes de sair do bar, afasta-se e deixa passar um grupo de homens com disfarce de dragão que dançam ao ritmo da música tocada pelos tambores e por uma espécie de pandeiretas. Não sabe como vão caber todos no estabelecimento, mas os que estão lá dentro arranjam espaço para eles; Paco já lhe disse que, quanto mais alegria e mais alvoroço houvesse, melhor sorte teriam no ano que começa.

A rua também está apinhada, mas Chesca encontra um lugar tranquilo onde pôr o colírio que Buendía lhe recomendou para os olhos esta tarde. Abre a lata de *Mahou* e bebe um longo gole enquanto olha para os disfarces e ouve a música, os aplausos e os foguetes. É então abordada por um homem, é espanhol, mas dirige-se a ela em chinês.

— *Zhuniáng Jíxiáng.*

— Não percebi patavina — responde-lhe ela, sorridente.

— Espera, que eu repito. — Tem de pegar num papel que traz no bolso e voltar a lê-lo. — *Zhuniáng Jíxiáng.*

— E isso quer dizer o quê?

— Um chinês acaba de me garantir que é assim que se deseja boa sorte para o ano do porco. Mas sabe-se lá, se calhar quer dizer rolinhos de primavera ou porco agri-doce, tudo bem: feliz ano do porco agri-doce. Chamo-me Julio.

— E eu, Chesca.

Dão dois beijos, formais. Chesca observa Julio, é alto, forte e bem constituído, embora esteja vestido de forma algo antiquada, com uma canadiana verde com forro cor de laranja. Poderia dizer-se que é um homem bonito, além de lhe ter parecido ter sentido de humor.

— Vives por aqui? — pergunta-lhe ela, admirada por nunca se ter cruzado com ele. Madrid é muito grande, mas, nos bairros, os madrilenos têm a falsa sensação de que toda a gente se conhece.

— Não, sou novo em Madrid. Professor de liceu, fui colocado num que é bem tramado, aqui no bairro. — Julio arrepende-se logo do que disse. —

Desculpa, agora vais dizer-me que estudaste nesse liceu e dá-me uma coisa.

— Não te preocupes. Cheguei a este bairro já crescida. E, além disso, fui para as freiras.

— Não sei o que é pior.

— As freiras — responde Chesca, rindo-se.

Compram quatro latas de cerveja e um pacote de batatas fritas a um vendedor ambulante chinês e dirigem-se para a Plaza de Julián Marías. Ali, do lado oposto à Calle de Marcelo Usera, onde a festa do fim de ano chinês está ao rubro, há uns bancos sossegados onde se podem sentar.

— O que eu digo aos miúdos é que, se estão ali, na sala de aula, é porque escolheram levar uma vida diferente dos que ficam na rua, dos que vão para o Parque de Pradolongo passar o dia entre cervejas, charros e pastilhas.

Ela discorda, mas tem medo de estragar o início da sedução com uma discrepância muito acentuada. Opta, então, por um protesto frouxo.

— É assim tão mau nessa escola? Eu sou quase do bairro e não me parece assim tão tramada, é um sítio difícil, mas não é o pior de Madrid, longe disso.

— Talvez tenha mudado desde o teu tempo de estudante... Insisto com eles que devem manter a cabeça erguida por continuarem na sala de aula, porque foi a escolha deles.

Chesca fica admirada com o que ele lhe diz: Julio está a apropriar-se de uma cena de Michelle Pfeiffer em *Mentes Perigosas*. Poderia até dizer a frase exata do filme: «Não me irei arrastar até à morte. Quando for para o meu túmulo, irei de cabeça erguida. Isso é uma escolha.» Mas acha engraçado, talvez aquele jovem bonito e algo afetado considere que repetir uma frase de um filme seja uma boa forma de se atirar a ela. Sabe-lhe bem um pouco de distração, precisa de esquecer por uns tempos o trabalho na BAC, o julgamento a que tem de ir amanhã e a sua zanga com Zárate. Precisa de desanuviar a mente, e este jovem parece um bom candidato para espiair, pelo que lhe interrompe a tagarelice com um beijo.

— Vives longe daqui? — pergunta-lhe.

— Um bocadinho — responde ele, mais atordoadado do que ansioso.

— Trouxeste carro?

— Não, vim de metro.

— Vamos na minha mota.

Seria mais prático levá-lo para sua casa, mas não está para aí virada, não vá Zárate cancelar o encontro com os amigos, aparecer por lá e encontrá-la na cama com um homem que acabou de conhecer. É melhor não arriscar.

Chegam na mota dela à Plaza de las Comendadoras, estacionam e sobem a



um apartamento muito acanhado. Chesca tem os olhos a arder, pelo que entra na casa de banho e põe o colírio. Chama-lhe a atenção não haver objetos pessoais no lavatório ou nas prateleiras de vidro, mas não pára para pensar, só quer fazer sexo, é a primeira vez em muito tempo que o vai fazer com alguém que não seja Zárate e sente um formigueiro nas costas.

Julio espera-a com uma garrafa de vinho aberta e um copo servido. Já tirou a camisa, e Chesca gosta do que vê. Assim que terminam o brinde, começam a beijar-se. Ele é habilidoso com as primeiras carícias, com as primeiras manobras para despi-la. Parece querer impor um ritmo lento, mas Chesca despe-se num ápice porque prefere uma queca rápida e voltar para casa. Empurra-o contra a cama e, ao sentar-se sobre ele, sente umas tonturas muito fortes. Deita-se, ele abraça-a, beija-a, e ela deixa levar-se enquanto a cabeça lhe diz que algo está errado... Ele desce com a boca em direção ao sexo dela, e as tonturas de Chesca confundem-se com uma onda de prazer. Semicerra os olhos, mas abre-os novamente, porque uma sombra atravessou o quarto. Tem a certeza de que a viu. Sobre a sua consciência enfraquecida paira uma sensação aterradora: não está sozinha com Julio. Uns grunhidos alertam-na. Não são os de Julio, vêm de outro ponto do quarto. Abre os olhos e vê uma silhueta que se destaca à luz dos candeeiros da rua: há um homem apoiado na soleira da porta a observar a cena como se nada fosse. E, ao pé da cama, duas cabeças testemunham cada movimento com a fixidez dos hipnotizados.

Chesca quer resistir, fugir, mas os seus músculos e a sua vontade já não respondem.

## Capítulo 2

À entrada, sentada numa cadeira, imóvel, com o olhar fixo em algum ponto da parede, há uma mulher com aspeto andrógino. Enverga um fato masculino, cinzento-escuro: casaco, calças e colete, uma camisa branca da qual se destacam os punhos com abotoaduras vermelhas, e uma gravata às riscas, ao estilo clássico das universidades inglesas, com nó Windsor. Tem o cabelo curto, com as partes laterais e traseira quase rapadas. Apesar de tudo, apesar dos seus esforços aparentes para parecer um homem, não consegue esconder que é uma mulher muito bonita.

— Está à espera da Chesca — diz Buendía a Orduño atrás da porta de vidro, com cuidado para a mulher não o ouvir. — Terás de assumir a responsabilidade até ela chegar. Sabes quem é?

— Sim, é a nova colega. Ontem a Chesca avisou-me da chegada dela. Mas a ideia era que fosse ela a recebê-la.

— A sobrinha do...?

Orduño assente com a cabeça sem que Buendía precise de dizer o nome. Após a saída de Elena, o comissário Rentero propôs-lhe a coordenação da BAC. Foi ele próprio que recusou o cargo e recomendou que este fosse entregue a Chesca. Rentero insistiu vezes sem conta que era um posto provisório, até encontrar a pessoa certa; nunca escondeu que o seu verdadeiro interesse era o regresso da inspetora Elena Blanco. Até ao momento, Chesca tem feito um bom trabalho, todos acreditam que mais cedo ou mais tarde superará a interinidade. Receber a nova colega é apenas um dos inconvenientes do cargo, mas hoje vai ser a vez de Orduño, que ainda se opôs mais à sua aceitação quando descobriu quem era a colega.

— Bom dia, Reyes Rentero?

A mulher ergue-se e assume uma postura marcial.

— Sou eu.

O gesto é tão exagerado que Orduño se interroga se não haverá algum escárnio naquela solenidade.

— À vontade, estamos numa brigada especial. As formalidades são mais... flexíveis.

Não sabe se deve cumprimentá-la com um beijo ou não, pelo que lhe estende a mão. Ela aperta-a com firmeza, um aperto masculino.

— Esperava ser recebida pela subinspetora Francisca Olmo.

Orduño sorri; ninguém chama Francisca a Chesca, supõe que é o nome que vem nos documentos do Ministério, mas na BAC desapareceu por completo. Até o seu distintivo diz Chesca Olmo.

— Sabes, há um problema, a Chesca está no tribunal, e não sabemos a que horas vai chegar. Como imagino que não queiras ficar aí sentada o dia todo, sou eu que te vou atender. Também sou subinspetor, chamo-me Orduño.

— Às suas ordens.

— Já te disse que não é necessário, aqui tratamo-nos todos por tu e sem protocolo, fica à vontade. Por enquanto, o que vamos fazer é tomar um café, apresento-te as pessoas e conversamos, o que achas?

— Você é que manda.

— Tratamo-nos por tu. E eu não mando nada. Aqui só manda o teu tio.

Apesar do seu hieratismo, Reyes não conseguiu evitar um esgar de desagrado ao ouvi-lo mencionar o comissário Rentero. Orduño não o lamenta, Reyes está na BAC por cunha, terá de ganhar a simpatia de todos.

Na sala comum, Mariajo recorta uma notícia, entusiasmada, tem vários jornais regionais sobre a mesa. Não espera que lhe apresentem a nova colega, fala amigavelmente assim que esta entra.

— Vejam só: «Um cientista chinês anuncia a criação de buracos negros em laboratório.»

Leu o título com um ar tão risonho que Reyes se sente convidada a responder.

— Num laboratório? Que barbaridade.

— Vê bem, já recortei esta notícia de seis jornais, e tenho a certeza de que amanhã vai sair noutros tantos. Não sei de onde veio a notícia, de algum gabinete sinistro na Sibéria, é aí que criam os boatos. Chamo-me Mariajo, tu deves ser a sobrinha do comissário.

— Chamo-me Reyes.

— Eu chamo-me Buendía — apresenta-se o outro ocupante da sala. — Não dês ouvidos à Mariajo, não há gabinetes sinistros na Sibéria, é ela que inventa as notícias e as põe a circular.

Buendía aproxima-se para cumprimentar Reyes com dois beijos e esta aceita-os. Ninguém teceu nenhum comentário sobre a sua aparência, embora ninguém tenha a certeza se devem tratá-la como tratariam um homem ou uma mulher. Para todos, foi um alívio o facto de, aparentemente, ela não fazer caso.

Mariajo agarra-lhe no braço com alguma brusquidão, mas faz com que aqueles gestos pareçam cordiais.

— Mostro-te a máquina de café, parece simples, mas tem um truque.

— Obrigada. É mesmo verdade que foi você que inventou a notícia?

— Claro. Buracos negros em laboratórios, olha só o disparate. Mas eu não sei quem faz os jornais, uns autênticos analfabetos.

— E o que é que ganha com isso?

— Todos os recortes vão para o álbum, um dia vou trazer à luz todos os meus boatos. Vai cair o prestígio de mais de um órgão de comunicação social, e serei estudada em universidades de jornalismo de todo o mundo. — Mariajo ri-se, e ninguém sabe se está a falar a sério ou a brincar.

Zárate entra, denotando preocupação no semblante. Não tira o blusão, planta-se no meio da sala e, quando fala, não parece dirigir-se a ninguém em concreto.

— A Chesca já chegou?

— Hoje tinha a intimação no tribunal — responde Orduño.

— Não compareceu.

Orduño olha para ele com um esgar de descrença.

— Não é possível. Passou a semana inteira a preparar o depoimento.

— Venho do tribunal, ela não foi, o procurador está fulo. Não ligou? Ninguém teve notícias da Chesca durante toda a manhã?

Percorre a sala com o olhar, e agora estão todos incluídos na pergunta. A resposta que chega é um silêncio tingido de estupor, incompreensão e um vislumbre de alarme. Até Reyes entende que não é hora de mostrar a sua descontração e cumprimentar o recém-chegado. Naqueles instantes quer ficar invisível ou camuflar-se com o arquivo ou com a máquina de café. Apresentar-se-á diante de Zárate quando a tensão tiver diminuído.

— Nem parece da Chesca faltar a uma citação judicial — diz Buendía.

— E muito menos num caso que foi da responsabilidade dela.

O comentário é de Mariajo. Zárte acena com gestos furiosos, como se estivesse a repreender os colegas por, em vez de lhe aliviarem a preocupação, lançarem mais achas para a fogueira. Chesca desmantelou uma rede de tráfico de mulheres após vários meses de investigação. É a testemunha principal no julgamento que começava hoje. A sua falta de comparecência é ouro sobre azul para o advogado de defesa.

— Ligaste-lhe para o telemóvel?

Orduño sabe que é uma pergunta retórica, é evidente que ligou, mas quer procurar algo que desbarate a apreensão que já sente dentro de si.

— Mais de vinte vezes. Não atende.

— Foste a casa dela? — Mariajo mostra-se inquieta.

— Toquei à campainha, encostei o ouvido à porta. Nada.

— Não tens a chave?

— Não — responde, irritado.

Reyes junta as peças em três segundos. A suposição geral de que Zárte teria a chave da casa de Chesca permite-lhe deduzir que os dois mantinham ou mantêm uma relação amorosa. Mas Zárte não tem a chave, pelo que o relacionamento é menos sério do que todos julgavam.

Sucedem-se as conjecturas, os alarmes, as cautelas, talvez algum vizinho tenha a chave, não podemos entrar-lhe em casa sem autorização, e se ontem à noite lhe deu algum ataque e estiver morta na cama?

— E se estiver com um gajo na cama depois de uma noite de sexo? — diz Mariajo com brutalidade, como que para arrumar a questão. — Para abrir a porta de forma legal, é necessária a autorização de um juiz. E não no-la vão dar só porque a Chesca não atende o telemóvel.

— E não apareceu no tribunal, não te esqueças disso.

— Mesmo assim, é pouco, Zárte.

Ele assente com a cabeça. Sabe que é impossível conseguir o mandado. Mas a preocupação instalou-se profundamente, a angústia embrulha-lhe o estômago.

— Ontem era o Ano Novo chinês na Usera — informa Orduño. — Ela disse-me que ia dar uma volta.

Antes de falar, Buendía corrobora a informação com um gesto.

— A mim também. Estava com os olhos irritados, mas não era nada de grave, recomendei-lhe um colírio.

— Que mania de se automedicarem. — Orduño abana a cabeça.

— Sou médico. Embora me tenha especializado mais nos mortos do que nos vivos, sou capaz de prescrever um colírio, se for necessário.

Zárate entra no gabinete de Chesca. Esquadrinha cada recanto, como se pudesse descobrir a chave do que está a acontecer em algum grão de poeira.

Reyes repara em como o ambiente se adensa à medida que as horas vão avançando. Por enquanto, a sua chegada à unidade — depois de ter sido tão difícil convencer o tio, para quem não bastava ela ter o melhor currículo na Academia — não está a ser como imaginava. Sabia que iriam olhá-la com desconfiança por ser sobrinha de Rentero, o chefe de todas as unidades operacionais, mas isso não a preocupa, tem a certeza de estar totalmente preparada para trabalhar ali e não tardará a demonstrá-lo. O que não esperava era experienciar esta espécie de assombro que o desaparecimento de Chesca causou a todos.

— Suponho que já te terão explicado o que fazemos na Brigada de Análise de Casos. — Orduño não sabe de que mais há de falar com a nova colega.

— Já me explicaram, mas prefiro que sejas tu a dar-me a tua versão. Se não te importas.

— Vamos lá ver como te posso explicar. Somos um departamento que serve um pouco para tudo, desde casos que ficam pendurados, investigações mal feitas ou inspetores que não estão a ser lá muito profissionais no seu trabalho, até processos antigos que se abrem novamente por algum motivo. Ou seja, aqui podes investigar uma rede de tráfico de mulheres em León num dia e um homicídio de 1984 no dia seguinte.

— Muita ação?

— Nem por isso. Se querias ação, devias ter pedido outras unidades.

— Não, estou bem aqui — responde Reyes, enigmática. — Há dias em que preciso de ação, mas noutros prefiro sossego.

Zárate foi dar uma volta à Calle Usera, fazer umas perguntas aqui e acolá. Paco, o dono do bar que Chesca frequenta, viu-a por lá, a tomar uma cerveja. Não notou nada de estranho. Pergunta aos vizinhos, ao dono do bazar onde compra lâmpadas, pilhas e coisas do género. Mas não obtém nenhuma pista.

Decide regressar à BAC e ir direto ao assunto.

— Quero entrar na casa da Chesca.

Solta a frase sem preâmbulos nem saudações. O semblante é firme, passaram-se algumas horas e continuam sem notícias. Desta vez, não haverá debates éticos sobre se será ou não invasão de propriedade alheia.

— Preparo um pedido para o juiz? — oferece-se Orduño.

— Não. Prefiro o Rentero. A autorização dele é suficiente. É um caso especial. Mas eu liguei-lhe, e não está no gabinete, e também não atendeu o telemóvel.

Todos os olhares se voltam para Reyes. Mas é Zárate quem avança na sua direção.

— Sabes onde está o teu tio?

— Essa é a tua forma de me cumprimentares no meu primeiro dia de trabalho?

Zárate fita-a e tenta conter um surto de ira. Quem é esta pirralha a falar-lhe neste tom quando há uma colega desaparecida? Reyes sustém-lhe o olhar. Percebe que Zárate pode estar nervoso, mas isso não lhe dá o direito de ser malcriado com ela. Além disso, tem de se defender, tem de erguer barreiras, ou nunca deixará de ser a sobrinha de Rentero.

— Onde é que está o teu tio? — insiste Zárate.

— Não faço ideia, sou polícia, não sou sobrinha de ninguém.

Mariajo disfarça um sorriso discreto e decide intervir antes que a coisa dê para o torto.

— Já vou saber da agenda dele.

Depois de uns quantos telefonemas e de falar com outras tantas secretárias do Ministério da sua idade, como se houvesse uma rede de sexagenárias que se ajudassem umas às outras, Mariajo chega com a resposta.

— O Rentero está no Casino de Madrid, o da Calle Alcalá. Há um evento para angariar fundos para escolas em Mianmar.

— Vou ao casino buscar a autorização — diz Zárate. — E tu vens comigo.

Aponta para Reyes.

— Eu?

— Sim. Quero que me ajudes a amaciar o teu tio.

## Capítulo 3

Chesca tem um sonho estranho, um sonho em que cheira a esterco. Não consegue acordar, mas lembra-se, no estado de semiconsciência, da noite anterior: o desfile dos chineses, as cervejas com Julio, a viagem de mota até à Plaza de las Comendadoras e, infelizmente, os outros três homens que descobriu a espreitar enquanto ela e o seu acompanhante faziam sexo. Acha que a violaram, mas não consegue lembrar-se. Por instantes, a única coisa real é o cheiro, aquele cheiro a porco.

Consegue finalmente abrir os olhos, ardem-lhe, dói-lhe a cabeça, a conjuntivite agravou-se, mas isso não é o pior: está nua e algemada à cama pelos pulsos e tornozelos. Puxa os braços e as pernas, obscenamente abertas, mas até o menor esforço lhe causa uma dor intensa. A estrutura da cama é forte e mal se mexe com o balanço que ela tenta provocar.

Fecha os olhos e, embora pareça impossível, volta a adormecer. Quando acorda, não sabe quanto tempo decorreu, se foram alguns segundos ou algumas horas. Continua a não ser capaz de processar tudo o que lhe aconteceu desde que aquele rapaz bonito, mas vestido como um jovem dos anos setenta, a abordou na Calle de Marcelo Usera. Quando chegou ao apartamento, depois de ter entrado na casa de banho para pôr o colírio, ele estava à espera dela com um copo de vinho. Pensar no vinho provoca-lhe náuseas, pelo que, embora não seja um método nada científico, supõe que era aí que estava o sedativo ou o que quer que lhe tenham dado. O ardor nos olhos é insuportável, mas sabe que, neste momento, a conjuntivite é o menor dos seus problemas.

Olha em redor, erguendo-se tanto quanto as amarras e os músculos doloridos lhe permitem. Encontra-se numa espécie de cave, há janelas altas, mas



estão tapadas com cartões. O pouco que se vê é graças à luz que entra pelas frinchas que ficaram quando as taparam. Na penumbra, distingue alguns contornos, talvez caixas e móveis antigos. A alguns metros das pernas da cama há uma escada que sobe e uma porta acima. É essa porta que tem de alcançar se quiser sair dali viva.

Tenta concentrar-se na região da vagina. Sente dor, irritação? Talvez assim possa saber com certeza se a violaram ou não, mas não nota nada de especial. Talvez o que lhe deram a tenha feito abandonar-se tanto que não tiveram de forçá-la minimamente, talvez se contentassem em vê-la a fazer sexo com Julio. Não há nada na sua mente desde o momento de terror ao ver aqueles três homens em redor da cama até acordar presa. Há uma palavra que lhe ocorre como uma avalanche: «manada». Mas, com o cheiro que se faz sentir — o cheiro não fazia parte do sonho —, deveria dizer «vara».

À medida que se acalma, embora a dor de cabeça não esmoreça e os olhos continuem a arder, começa a pensar com mais clareza. Como pôde ser tão pouco cautelosa, como pôde ignorar todos os sinais de alerta? Julio aproximou-se dela e contou-lhe uma cena de um filme como se fosse uma ideia sua, como se trouxesse um guião preparado; na casa de banho do apartamento para o qual a levou, não havia objetos pessoais, e agora apercebe-se de que na sala também não. Julio não a levou para sua casa, mas sim para um apartamento arrendado, provavelmente um apartamento turístico onde os outros três já estariam à espera. Inventa uma teoria: são quatro homens que mandam o bonitão engatar uma mulher qualquer, depois violam-na entre todos e desaparecem. Calhou-lhe a ela como poderia ter calhado a outra. E se caiu na armadilha foi pela raiva: estava tão obcecada em esquecer que Zárate lhe prometera acompanhá-la e a deixara pendurada que esqueceu as cautelas mais elementares. A raiva e o ódio não deixam pensar, sempre o soube; tudo o que lhe correu bem na vida foi quando fez as coisas de forma consciente, até as mais extremas.

A história do bonitão engatatão e dos horrendos violadores é uma teoria que seria boa, que teria lógica. Quando as coisas têm lógica e se entendem, são tranquilizadoras. Mas não é o caso. Se a intenção deles fosse unicamente violar Chesca, não a teriam trazido para este sítio que cheira a esterco, não a teriam prendido assim, nua, à cama. O que pretenderão fazer-lhe?

Não pode misturar a raiva e o ódio com o medo; se o fizer, não terá qualquer possibilidade de sair dali.

## Capítulo 4

Reyes já esteve muitas vezes no Casino de Madrid, sempre em festas e celebrações. Na verdade, o seu pai, o irmão de Rentero, é sócio. Quem se percebe não estar habituado a esses ambientes é Zárate, que olha, um pouco impressionado, para a magnífica escadaria de honra.

Assim que o porteiro se aproxima, mostra-lhe o seu distintivo.

— Sou o subinspetor Ángel Zárate, da Brigada de Análise de Casos da Polícia Nacional.

— Vou chamar o diretor.

— Não é preciso incomodá-lo, só quero falar com o comissário Rentero, que está num evento de angariação de fundos.

— Peço desculpa, subinspetor Zárate, mas não estou autorizado a deixá-lo passar. Se falar com o diretor, não haverá nenhum problema.

Reyes dá um passo em frente.

— Basilio, tenho de falar com o meu tio. É só um momento.

— Sabes que não estás certo entrares assim, Reyes — protesta o porteiro.

— Não te zangues, não tarda nada saímos, e não vamos roubar os cinzeiros.

O pedido de desculpa vem acompanhado por um sorriso encantador que contraria a rudeza do seu fato masculino e do corte de cabelo agressivo.

— Estão no Salão Real. Não me faças arrepender de te deixar entrar.

— Não te preocupes.

O porteiro afasta-se, e agora é Zárate que segue Reyes, enquanto esta vai indicando o caminho para o local da receção.

— Porque é que não disseste que o conhecias?

— Não me perguntaste.

Assim que entram no Salão Real — o melhor do casino, de estilo neorrocó, com imponentes vitrais, candeeiros, um friso de mármore de Benlliure e valiosas pinturas, entre elas uma de Julio Romero de Torres —, Zárate avista Rentero a falar com uma mulher mais velha. Estão num coquetel de palavras murmuradas, com alguma risada que levanta voo de vez em quando sem atrapalhar o tom civilizado e um tanto irreal das conversas. Reyes não entende por que razão não se aproximam sem mais delongas do comissário. Zárate ficou no limiar, paralisado, como se um acesso de medo ou pudor o impedisse de entrar na sala. Ou como se tivesse visto um fantasma. E, de certa forma, é isso: enquadrada entre uma escultura grega de Palas Atena e um homem rechonchudo de colete com uma corrente de relógio, está Elena Blanco. Enverga um elegante e longo vestido creme, e o sorriso tenso e artificial que mostra ao seu interlocutor descontrai-se de imediato ao avistar Zárate, convertendo-se num semblante espontâneo de surpresa, um semblante risonho, curioso e feliz, o dos reencontros com os velhos amigos. Aproxima-se de Zárate abrindo os braços, uma efusão que, naquele ambiente de expressões comedidas e lacónicas, parece quase obscena.

— Que surpresa!

— Eu que o diga. Não estavas a viver em Itália?

— Só durante uns tempos. — responde ela. — Já tinha saudades de voltar a Madrid, e a minha mãe convenceu-me a organizar um evento de beneficência, para angariar dinheiro para umas escolas em Mianmar.

Ao dizê-lo, aponta para a mulher que acompanha Rentero, uma senhora de extrema elegância. Apesar da idade, é uma mulher bonita, com a beleza ativa que só os ricos têm. O comissário faz um esgar quando vê o agente da BAC e a sobrinha, que conseguiu ganhar terreno com astúcia e se posicionou ao lado de Zárate. O faro de Rentero diz-lhe que há problemas, a última coisa que deseja quando acabam de lhe servir um requintado *amontillado*, um Versos 1891 de Barbadillo. Aproxima-se deles.

— Não esperava encontrar-te aqui, Reyes — diz Rentero sem dissimular o enfado. — Nem a ti.

Zárate tenta sufocar um sentimento de desgosto. Vinha com uma necessidade imperiosa de falar com o comissário e, de repente, sente-se agastado com ele por lhe ter interrompido a conversa com Elena. É apenas um segundo de perplexidade, mas um segundo muito intenso, no qual se produz um reajuste imediato das prioridades: é preciso encontrar Chesca quanto antes. Conta-lhe o que aconteceu, a não comparência no tribunal, a falta de notícias, a preocupação geral de que algo lhe possa ter acontecido. Rentero ouve com impaciência, e

talvez seja o seu mau humor a falar mais alto quando desvaloriza o assunto. Atribui a circunstância à pressão do cargo — «embora Chesca seja a coordenadora, e não a chefe», faz questão de sublinhar, como que deixando bem claro que nenhum deles está à altura da direção da brigada — e está convencido de que ela irá aparecer a qualquer momento.

— Não é normal que não tenha comparecido no tribunal. Foi um caso de que tratou pessoalmente, e agora os arguidos poderão sair em liberdade — discorda Zárate.

— Não vamos invadir uma residência, aceder ao registo de localização do telemóvel ou entrar nas contas de *e-mail* só porque conheceu um homem e está na borga — conclui Rentero, sem a mínima delicadeza.

Reyes percebe que, com esta frase, pretende dar o assunto por encerrado, pois já dá mostras de querer retirar-se. Agarra-o pelo braço.

— Tio, é só para entrar em casa dela e verificar se está tudo bem. Não vamos virar o apartamento do avesso.

Rentero olha para ela com as pupilas a brilhar de indignação. Não há assomo de parentesco naqueles instantes, não é o seu tio, é um superior que não vai consentir o menor contacto físico com uma estagiária.

— Peço-vos que nos deixem prosseguir com o evento. Fico feliz por a minha sobrinha Reyes estar na brigada, de certeza que vai ser uma agente excecional.

Rentero afasta-se.

— Que filho da puta — murmura Zárate. Repara que Reyes franze o sobrolho. — Peço desculpa.

— Não te preocupes comigo, tenho a minha própria opinião sobre ele.

— Então, és sobrinha do Rentero.

— E tu, a mítica Elena Blanco.

— Não tenho nada de mítica, acredita.

— Nem sabes o que dizem de ti na Academia.

— Prefiro nem saber.

Zárate clareia a garganta. Está inquieto.

— Elena, ajuda-me. Sei que aconteceu alguma coisa grave à Chesca.

— Já não sou polícia, Ángel.

— Mas és amiga dela. Ou, pelo menos, foram colegas durante anos. Será que isso não significa nada?

Elena vê a mãe a chamá-la com um gesto.

— A única coisa que posso fazer é dar-te a minha opinião. A Chesca jamais teria faltado a uma obrigação com o tribunal. Sempre foi muito responsável. E

também não é normal não dar sinais de vida durante um dia inteiro.

— Dizes-me isso e ficas com essa calma toda?

— Queres que faça o quê?

— Ajuda-me a encontrá-la. Preciso de ti.

Elena esquiva-se de um novo olhar da mãe, frio como aço, um olhar que transmite uma mensagem muito clara: pára de falar com esses dois maltrapilhos e volta às tuas obrigações sociais.

— Entra em casa dela — diz Elena, resoluta. — Não liguês ao que diz o Rentero. Vai agora a casa da Chesca e entra.

— Sem autorização?

— Sem perder um segundo.

— Não és nada assim. Sempre foste escrupulosa com as regras.

— Só que já não sou polícia. E é a Chesca, tu próprio disseste. É uma colega.

Zárate assente com a cabeça.

— E agora vais desculpar-me, estão a reclamar a minha presença.

— Vem comigo. Vamos procurar a Chesca. Os dois juntos.

— Não posso.

Zárate fita-a, como se assim pudesse penetrar naquela resistência que ela ergueu.

— Desculpa. Não tarda ela aparece, de certeza. Gostei muito de te ver. — Elena volta-se para Reyes. — E a ti, desejo-te tudo de bom. Para aprender, estás no melhor sítio de toda a Polícia.

Reyes sorri com gratidão. Elena junta-se ao grupo da mãe, sob cujo sorriso pode adivinhar-se uma censura amarga que aguardará o momento de ser verbalizada.

Zárate e Reyes atravessam a sala em direção à saída. Ela sorri, conheceu finalmente a famosa inspetora Elena Blanco, e esta não a dececionou. Ele caminha carrancudo, tentando assimilar o impacto que lhe causou o reencontro com a antiga chefe da BAC.

Elena pega num copo de vinho branco e lamenta que, nestes eventos tão elegantes, tenha de beber com goles curtos. Esvaziaria o copo de uma só vez para tentar sufocar o incêndio que lhe provocou o aparecimento de Zárate. Devido à sua presença retumbante, ao seu cheiro, à sua voz. Devido aos problemas que lhe relatou. Problemas que fazem parte da sua outra vida, aquela que já superara. Essa vida voltou de repente, com todos os seus contornos. Agora, só estendendo a mão pode tocar com os dedos num passado que considerava deveras remoto.

## Capítulo 5

O primeiro procedimento ao chegar à Calle Usera é inspecionar a garagem. Já o fez à tarde: estava lá o *C3* de Chesca, mas não a sua moto, uma *Honda CBR 500R*. Nada mudou. No lugar número dezasseis, só o carro está estacionado. A BAC já emitiu o mandado de busca da moto, mas por enquanto não há notícias. A inspeção da garagem obriga a reconstruir os passos de Chesca com uma perspetiva que Zárate se mostra renitente em admitir. Ela queria passear pelo bairro e celebrar o Ano Novo chinês. E não há dúvida de que o fez, ou, pelo menos, houve uma testemunha que a viu por ali. Sendo assim, por que razão terá levado a moto? Que imprevisto terá surgido para a fazer mudar de planos? Por que motivo terá sido necessária a moto se a intenção era passear pelo bairro e desfrutar do ambiente?

O apartamento de Chesca poderia albergar as respostas. É imprescindível invadir aquele espaço privado, Zárate sabe disso. Também sabe que deverá entrar sozinho. É notório que Reyes está empolgada com a aventura, com a perspetiva aliciante de se ver imersa num drama logo no seu primeiro dia de trabalho, mas não quer metê-la em apuros.

— Vou entrar sozinho. Não quero que sobre para ti, vai para a BAC.

Reyes fica a olhar para Zárate, como se este tivesse acabado de proferir um chorrilho de insultos.

— Não me trates como se eu fosse uma criança. Vou entrar contigo.

— Acredita em mim, um processo não é benéfico para nenhum currículo.

— Vou arriscar. O meu currículo já é bastante bom.

Zárate suspira, demonstrando paciência. Não tem tempo para explicações, cada segundo pode ser relevante.

— Estou a dar-te uma ordem. Volta para a BAC e fica à espera de que eu te ligue.

Reyes afasta-se com as mãos nos bolsos das calças, andando em ritmo acelerado e fazendo ângulos para a esquerda e para direita a cada passada. Zárate tem a impressão de que, a qualquer momento, vai pontapear um caixote do lixo ou um sinal de trânsito. Mas não o faz.

Da garagem, há um acesso à escada que ele usou várias vezes. A porta do apartamento não está blindada. E também não há um ferrolho que atrapalhe a manobra de Zárate com a gazua. Chesca deve ter saído tão zangada de casa que nem sequer se preocupou em fechar a porta à chave.

Zárate pisa o *hall* de entrada e percebe imediatamente que aquele lugar está vazio. Diz-lho o instinto, mas também o silêncio e o recolhimento estranho, como que expectante, dos objetos. As almofadas amassadas, a manta pendurada no sofá, as duas latas de cerveja consumidas à tarde.

É um apartamento pequeno, com móveis do Ikea, com poucos adornos pessoais à vista e quase nenhum livro. Existem vários troféus de corridas de motos e um saco de boxe a um canto. Zárate percorre aquele lugar que visitou tantas vezes e tenta conter o surgimento das lembranças que, apesar de todos os esforços, se lhe vão acumulando na cabeça. O tapete sobre o qual se divertiram na primeira tarde que ele lá esteve, a cozinha onde prepararam juntos alguns pimentos recheados, que acabaram por ficar queimados no forno, a casa de banho com polibã que os acolheu tantas vezes quando decidiram desafiar o acanhamento do espaço. O quarto, a cama com os lençóis amarfanhados, o seu lado da cama — porque ele já tinha um lado da cama — muito mais alisado, aquela metade da cama a esperar o seu retorno, como a mulher ansiosa que aguarda o regresso do soldado. Nem quer pensar nas muitas horas que passou naquele lugar, nas ilusões que começaram a forjar-se ali, numa conversa na cama depois de fazerem amor. Agora só importa encontrar alguma pista, algo que lhe indique o caminho que leva até Chesca. Há uma garrafa de vinho francês sobre a mesa de jantar, com um laço roxo como enfeite. Uma garrafa fechada para comemorar algo que nunca aconteceu. No armário da entrada, atrás dos casacos, está a pistola de Chesca. Não saiu de casa para nada relacionado com trabalho, pensa Zárate. Tê-la-ia levado.

Não há nada no apartamento que leve a pensar numa cena de violência. Nem o olho mais treinado encontraria ali algo suspeito. A garrafa de vinho francês só poderia chamar a atenção a alguém que conhecesse bem Chesca, que não gostava de vinho e mal bebia álcool, tirando uma ou outra cerveja. Aquela

garrafa de vinho francês, porém, não contém a resposta a um possível ato criminoso, contém as lágrimas de uma desilusão amorosa.

A campainha toca, e Zárate imagina Reyes a afastar-se pela rua, a andar como um pato e, de repente, a virar-se para regressar à missão da qual fora injustamente relegada. Acha que não vai ficar incomodado com essa desobediência. O apartamento está repleto de memórias e fantasmas, quase agradece alguma companhia. Mas não foi Reyes quem tocou à campainha. Quem entra é Elena Blanco.

— Algo suspeito?

Zárate sorri e deixa-a entrar.

— É bom ver-te.

— Não a encontraste morta na casa de banho com um ataque cardíaco, o que já é uma boa notícia.

— Estou muito preocupado, Elena.

Ela entra e fixa-se nos detalhes decorativos, nas fotografias que adornam a parede da sala, lembranças de alguma viagem exótica e também de alguma reunião de motoqueiros. Numa das fotos, Chesca está abraçada a Zárate, com uma paisagem de cerejeiras em flor.

— Isso foi no Jerte — explica Zárate.

Elena mantém-se em silêncio. Continua a inspecionar a sala. Fixa-se nas duas latas de cerveja vazias e aponta para elas com um ar interrogativo.

— Ontem estivemos juntos um bocado à tarde.

Dirige agora a sua atenção para a garrafa de vinho. Zárate abana a cabeça, não sabe por que razão está uma garrafa tão cara sobre a mesa de jantar. Elena prossegue a inspeção do apartamento. Os detalhes, as descobertas e as conjeturas vão formando um magma no seu interior. Não tardará a solidificar-se, não tem pressa para formular as suas deduções. Na casa de banho há um copo com duas escovas de dentes.

— Uma dessas escovas é tua?

— Elena...

Zárate sente-se desconfortável com a situação, quer alinhar alguma explicação que não sabe se vai sair como uma frase de desculpa ou como um pedido de respeito ao seu couro privado.

— Não me interessa coscuvilhar a tua intimidade — interrompe-o Elena. — Só quero saber se alguém poderá ter entrado aqui. É importante.

— Essa escova é minha — responde Zárate.

— A azul ou a verde?



— Elena...

— Deixa lá.

Elena já não se conforma com a inspeção visual. Abre armários, levanta almofadas, afasta móveis. Na gaveta de uma cómoda encontra um *tablet* sem palavra-passe.

— Dá-me cá isso. — Zárate tira-lhe o *tablet*.

Com um clique, abre a galeria de fotos e começa a apagar imagens.

— O que é que estás a fazer? — pergunta Elena.

Zárate não responde. Continua com o olhar fixo no ecrã. Elena tira-lhe o *tablet*.

— Dá-me isso, não quero que vejas o conteúdo — protesta ele. — É privado.

— A Chesca desapareceu ontem à noite e tu estiveste com ela a beber cerveja ao final da tarde. Se queres que te ajude, tenho de saber tudo.

Zárate resigna-se a que ela veja as fotografias. Elena não comenta as imagens que vai passando. Zárate nu numa pose grotesca, Zárate na cama com uma planta a tapar-lhe as partes íntimas, Zárate nu com uma garrafa de sumo de laranja na mão e a porta do congelador aberta.

Um telefonema quebra o momento de desconforto, e ele não perde tempo a tirar o telemóvel do casaco. É Mariajo. A mota de Chesca apareceu tombada perto da M-30, num descampado junto ao Ruedo.

— O Orduño que vá lá e descubra como é que lá foi parar. E que leve a nova colega.

Desliga. Elena continua a ver as fotografias, agindo como se não estivesse interessada na descoberta da investigação.

— A mota da Chesca apareceu num descampado — diz Zárate.

— Eu ouvi. Não estou a gostar nada disto.

— Referes-te às fotos?

Elena olha-o com assombro. Estende-lhe o *tablet*.

— Ouve bem o que tenho para te dizer, Ángel. Não me interessa se andavam a pensar em casar e ter filhos ou se davam apenas uma queca de vez em quando, a única coisa que quero é descobrir o paradeiro da Chesca. Fala-me do último caso em que trabalharam.

Zárate tenta fazer um resumo rápido. Há catorze anos, apareceu uma mulher esquartejada num aterro de Valladolid. A investigação do caso não deu em nada, mas, quando a BAC o retomou, voltaram a examinar as autópsias e os dados do caso e encontraram um fio condutor: a vítima era casada, mas tinha um caso

extramatrimonial; até conseguiram saber o nome do amante, Alejandro Cesa. Era dono de um bar na altura, mas o vício das drogas fez com que todos os seus negócios fossem por água abaixo. Até há algumas semanas, estava enredado numa rede de tráfico de mulheres do Leste. Não era um manda-chuva na organização, mas sim um subalterno que se encarregava de vigiar as mulheres para estas não denunciarem nada. Chesca encerrou assim dois casos de uma assentada: a detenção de Alejandro Cesa pelo assassinio daquela mulher e o desmantelamento da rede. Libertaram mais de quinze mulheres que estavam sob o seu jugo.

— Achas que pode estar relacionado com o seu desaparecimento? — pergunta Elena.

— Não sei.

— De qualquer forma, pede todos os processos dos acusados e estuda-os um por um.

— Ela não saiu de casa por nada relacionado com trabalho. Senão teria levado a arma.

Mostra-lhe a arma de Chesca.

— Onde estava?

Dirigem-se ao armário da entrada, repleto de sobretudos e casacos. Elena apalpa as roupas, procura nos bolsos. Tira um telemóvel de um deles.

— É o telemóvel dela — informa Zárate.

Elena tenta ligá-lo, mas está bloqueado.

— Sabes a palavra-passe?

— Por quem me tomas? Não sou nenhum desses ciumentos de merda que espiolham o telemóvel da namorada.

— Vou levá-lo — diz ela, guardando-o no bolso. — Tenho de ir, se não voltar ao casino, a minha mãe dá cabo de mim.

— Espera, em que casaco estava esse telemóvel?

Elena tira uma gabardina creme. Zárate remexe nos bolsos. Há algo num bolso interior. Um DNI.<sup>[1]</sup> Examina-o com interesse e fixa o olhar na colega. Ela percebe que alguma coisa não bate certo.

— Olha só para isto. Um DNI falso. A foto é da Chesca. Mas o nome...

Elena pega no documento.

— Leonor Gutiérrez Mena. Quem é essa mulher?

— Não faço ideia.

— Porque é que a Chesca tinha um DNI falsificado com outro nome?

Zárate não é capaz de responder à pergunta de Elena.

— Leva-o à BAC e dá-o à Mariajo para ela investigar.

Zárate assente com a cabeça e guarda o DNI.

— Há alguma coisa que não me tenhas contado, Ángel?

— Não.

Elena prefere não dizer que não acredita nele.

---

[1] O DNI (Documento Nacional de Identificación) corresponde ao Cartão de Cidadão em Portugal. (*N. do T.*)

## Capítulo 6

O Ruedo é um edifício famoso em Madrid, à vista de todos os que percorrem a M-30 e impondo respeito por esse muro de tijolos com pequenas janelas, que mais parece uma prisão do que um sítio onde morar. Mas de perto, nomeadamente de dentro da espiral que forma, assusta menos. Aí, parece colorido e paisagístico, com varandas e parques infantis, com reformados sentados em bancos à sombra e casais de namorados à conversa de mão dada. Quando foi construído, no final dos anos oitenta, serviu para realojar famílias de parques rendimentos, embora, com os anos, tenha perdido a sua fama de lugar proibido e perigoso, daqueles que convém evitar. Continua a não ser o melhor sítio de Madrid para viver, mas já não está conotado com marginalização e tráfico de drogas, como nos seus primórdios.

A mota de Chesca apareceu num descampado próximo, deitada no chão e com menos peças do que tinha quando a tirou da garagem. Mas mantinha a matrícula, e isso fez soar os alarmes assim que um morador do Ruedo telefonou à Polícia para anunciar a sua descoberta.

Dois agentes da Polícia Municipal guardam a mota até à chegada dos agentes da BAC. Com eles, está o morador que a encontrou, um reformado agastado com a atuação policial.

— Já disse aos seus colegas que a culpa é dos romenos que montaram o acampamento lá em baixo. Mas, enfim, aqui a Polícia só intervém quando uma pessoa é espanhola; aos de fora estendem-lhes uma passadeira vermelha. E ainda lhes dão uma mesada e um apartamento novo.

— Não se irrite e conte-me lá, porque nós não temos nada que ver com o acampamento — acalma-o Orduño. — Viu quem deixou aqui a mota?

— Já lhe disse, um desses romenos. Mas depois vão deitar as culpas para cima de nós, que moramos no Ruedo. Uns ficam com a fama, e outros com o proveito. Aqui, em vez de um descampado, o que era preciso era um campo de futebol.

— Não te estou a ver a jogar futebol com essa idade, ainda te dá uma coisa e esticas o pernil, avozinho — atira-lhe, inopinadamente, Reyes.

Tanto o morador como Orduño olham para ela com estranheza. Para quê aquela falta de respeito? Orduño não quer fingir que não ouviu.

— Peço desculpa pela falta de educação da minha colega. Estava a dizer-me que tinha visto chegar um morador do bairro de lata...

— Olhe, nós, os moradores do Ruedo, fomos realojados de Vallecas, do Pozo del Huevo, e o bairro recebeu-nos de pé atrás. Sabe como se chama este bairro? La Media Legua, onde tudo se esquece. Mantínhamo-nos à margem, embora alguns andassem metidos em falcatruas, mas isso já passou. Agora somos pessoas normais, até há uma equipa de futebol, havia de ver como jogam bem alguns dos miúdos... Mas os romenos são outro tipo de gente. Não sei porque é que não os devolvem à terra deles assim que chegam à fronteira.

Orduño, como forma de pedir desculpa pela grosseria de Reyes, vê-se obrigado a ouvir a ladainha do morador, até que o interrompe.

— Agradeço-lhe tudo o que me conta e farei saber aos meus superiores, mas agora preciso que me ajude. Seria capaz de identificar o homem que atirou a mota para aqui?

— Identificá-lo? Não, eu não me meto em sarilhos com essa gentalha. É que são romenos, não são como nós. Não os viu? São arruaceiros. Se eu for com vocês ao acampamento deles e me apanharem, não saio de lá vivo.

— Está bem, pelo menos diga-nos como é que ele era.

— Igual a todos os outros.

Até Orduño começa a duvidar da sinceridade da testemunha.

— Chegou montado na mota?

— Como é que hei de saber?

Não parece uma testemunha muito fiável, tem mais vontade de expulsar os romenos do que de ajudar a esclarecer seja o que for sobre a mota.

— Vamos ao acampamento dos romenos — declara Orduño —, para ver o que nos dizem lá.

Enquanto se afastam, continuam a ouvir a voz indignada do morador.

— É mandá-los de volta para o país deles sem bilhete de regresso, era isso que deviam fazer-lhes. Quando os prendem, entram por uma porta e saem por

outra. Que país este...

Depois de dar instruções aos dois agentes da Polícia Municipal para retirarem a mota do descampado, Orduño e Reyes dirigem-se para o acampamento de romenos.

— Que seja a última vez que faltas ao respeito a alguém. E muito menos a uma testemunha — diz ele, encarando-a.

— Desculpa. É que fico fodida...

— Ninguém quer saber se ficas fodida ou não. Foi a última vez, se quiseres continuar na BAC, seja o teu tio o Rentero ou o rei de Espanha. Ah, e quando falamos com um cidadão que não queremos pressionar, não o tratamos por tu. São cidadãos, são eles que te pagam o ordenado.

O assentamento é igual a muitos outros em que estiveram: barracas, fogueiras acesas, homens e mulheres esquivos, crianças que os rodeiam atentas à novidade. Vem um homem recebê-los. Fala um espanhol muito correto.

— Vêm cá por causa da mota, certo?

— Sim. Um morador disse-nos que viu um romeno a deixá-la lá.

— Pois eu digo-lhe que é mentira, os moradores, para nos expulsarem daqui, diriam que comemos as crianças cruas. Acha mesmo que, se a tivéssemos roubado, íamos deixá-la num descampado a duzentos metros das nossas casas?

— Não me admirava nada.

— Somos pobres, mas não imbecis. Foi uma carrinha branca que a trouxe, já antiga. Quem vinha a conduzir trazia um fato-macaco azul.

— Mais alguma coisa?

— Sim, as letras da matrícula eram GFP. Fixei-as porque me pareceu que diziam Grande Filho da Puta.

Orduño e Reyes não têm outra opção a não ser sorrir.

— Isso já ajuda bastante. Obrigado.

Reyes não consegue deixar de pensar no erro que cometeu com o reformado. Não vai ficar sossegada se não pedir desculpa, o que faz assim que entra no carro, um dos *Volvos* da brigada.

— Desculpa lá aquilo do velhote.

— Nunca sabes que testemunha te pode dar o que precisas.

— Tens razão, desculpa.

— Outra coisa — atreve-se a dizer-lhe Orduño. — Andas sempre vestida assim, de fato e gravata? Não tenho nada contra, mas talvez não seja a melhor

forma de pores as testemunhas à vontade para falarem contigo.

— Não, não ando sempre assim.

Reyes não dá mais explicações, e Orduño não lhas pede.

— O que é que achas que terá acontecido à Chesca?

— Como é que hei de saber? Não a conheço — defende-se Reyes.

— Isso não importa, muitas vezes é preciso seguir o instinto. O que te diz o teu instinto?

Reyes pensa durante alguns segundos. É verdade que há algo que lhe anda a dar voltas à cabeça, o que não sabe é se lhe convém dizê-lo. Acha que não conhece Chesca e que nunca a virá a conhecer.

— Nada, o meu instinto não me diz nada. Talvez os novatos não o tenham assim tão desenvolvido — responde por fim.

## Capítulo 7

Quando Elena regressa ao casino, a receção já terminou. Tem no telemóvel várias chamadas não atendidas da mãe e três mensagens que não quer ouvir, prefere ir até casa e dar a cara. Foi o que sempre fez quando a chefe — como o pai lhe chamava — tinha razão: não se esconder. Percebe que a mãe estará zangada por ela ter saído à francesa num evento de uma organização de beneficência a que a própria Elena preside, tendo sucedido à mãe.

Isabel Mayorga, a viúva de Blanco, a mãe de Elena, fica horrorizada com aquelas grandes moradias nos arredores, para onde muitos milionários foram viver. Para ela, é preciso fazer uma destrição: quem vive em Madrid mora num apartamento — pode ficar no bairro de Salamanca, no de Chamberí ou junto ao Retiro, nada mais; quem quer jardins, piscina e ar livre que se mude para a sua quinta, que é para isso que a tem. Passa umas temporadas no apartamento de Chamberí, na granja de Toledo e no seu lugar preferido, a casa em Itália, na margem do lago de Como. De facto, cada dia há mais coisas que a ligam a Itália e menos que a liguem a Espanha. Uma dessas coisas não é a sua filha Elena.

O apartamento da Calle Zurbano é espetacular, pouco mais de quinhentos metros quadrados que ocupam um andar inteiro de um edifício senhorial que se livrou do flagelo dos escritórios. Foi nele que Elena cresceu, dele são algumas das lembranças mais agradáveis da sua infância, embora pareça mais um museu do que uma casa de família.

Desde que deixou de lá morar, Elena não tem acesso a nenhum aposento da casa, é uma visita e deve comportar-se como tal. Só o respeito que a família tem pela tradição lhe permite supor que o seu quarto continua exatamente igual a como ela o deixou e que do escritório do pai, onde este morreu de enfarte, não



tiraram nem uma caneta de tinta permanente da sua grande coleção.

A mãe — «Chama-me Isabel, filha, não suporto que me chamem mãe» — recebe-a na sala verde. Não é nem a sala de visitas, a principal, nem a destinada à vida familiar, a salinha. Um meio-termo que indica a forma como a consideram na casa dos Blanco Mayorga: nem uma desconhecida, nem uma residente. Pode parecer uma tolice, mas Elena tem a certeza de que a mãe levou várias horas para tomar aquela decisão, depois de pesar os prós e os contras.

— Vou falar sem rodeios, Elena. O que fizeste é uma vergonha.

— Eu sei, mãe, e peço desculpa. Fiquei muito preocupada com o desaparecimento daquela agente. É preciso ver que trabalhou comigo, que é minha amiga.

— Não quero meter-me na tua vida. Sei muito bem que não vale a pena e que vais fazer o que te apetecer. A única coisa que te peço é que cumpras com as tuas obrigações. Estive a conversar com aquele cavalheiro alemão, o Weimar, até que não tive outra opção senão reconhecer que não ias voltar. Que vergonha...

Jens Weimar é um abastado herdeiro alemão, recheado de títulos nobiliários e de dinheiro; também de ex-mulheres. A sua família fez fortuna com a siderurgia no século XIX. Restam daqueles tempos tantos milhões de euros, de dólares e de francos nos bancos suíços que não serão capazes de os gastar em várias gerações. Só que, além disso, Jens dedicou-se, na sua juventude, aos investimentos tecnológicos e está por trás de muitas das empresas que lideram o setor. Isabel Mayorga conseguiu convencê-lo a fazer uma doação significativa para as escolas de Mianmar. Mas não quer que a presa escape.

— O Jens vai ficar mais dois dias em Madrid. Está no Villamagna. Disse-lhe que irias ligar-lhe para combinar um almoço ou um jantar, não me deixes mal.

— Não te preocupes, mãe.

— Já te disse milhentas vezes para me chamares Isabel.

Na verdade, esse compromisso não é um sacrifício. Jens é um homem atraente, e Elena acha-o divertido. Talvez, se Chesca não tardar a aparecer, dê ouvidos à mãe e lhe telefone. Há vários meses que não está com nenhum homem, desde os distantes dias dos todo-o-terreno no parque de estacionamento de Didí na Plaza Mayor. Talvez não saiba comportar-se num encontro, se é que vai mesmo encontrar-se com Jens.

Decide ir a pé do apartamento da mãe até casa, na Plaza Mayor. Quase inevitavelmente, pensa em Chesca. Lembra-se de um dos primeiros casos em que trabalharam juntas, o de um vigarista que mudara de identidade. Quando o apanharam, para comemorar, foram a um bar de *karaoke* e beberam até ficarem

todos a cair para o lado. Todos, exceto Elena e Chesca, que se atreveram a cantar. Chesca odiava as canções italianas. Estava mais virada para cantores brasileiros, não entendia a paixão da chefe por Mina. Naquela noite riram, ficaram amigas, cantaram «Sozinho», de Caetano Veloso. Ficou admirada por Chesca ter escolhido uma canção tão doce.

No bolso, traz o telemóvel que encontrou na gabardina. Gostaria de poder devolver-lho em mão, sem lhe examinar o conteúdo. Todos temos segredos que importa respeitar; quando uma pessoa fica sem segredos, perde tudo.

Já em casa, Elena pensa que a maior parte dos seus segredos e das suas memórias pertencem a outra vida, ou mesmo a outra pessoa. São de longa data, quando o filho ainda não tinha desaparecido, quando Zárate ainda não tinha entrado na sua vida. É acometida momentaneamente por um ataque de ciúmes ao pensar em Zárate e Chesca juntos. Imaginava que podia haver alguma coisa entre eles. Mas... que direito tem de se sentir envolvida nessa relação, de sentir sequer a menor inquietação? Para continuar viva, precisava de virar as costas aos que eram seus amigos e à BAC. Fez bem em pedir a ajuda da mãe, em entrar para a fundação: está a realizar uma boa obra, e isso é que é importante, não é? Ser boa pessoa.

Por que razão olha para o relógio, como se contasse as horas para ir para a BAC? Aquela já não é a sua vida. Já não é polícia.

## Capítulo 8

Ardem-lhe os olhos, sente a boca seca e todo o corpo está dorida. Precisa urgentemente de água, sente que o atrito da língua no palato ou nos dentes pode causar feridas. Voltou a puxar os braços e as pernas, mas já percebeu que é impossível soltar-se, e a única coisa que consegue é magoar-se nos pulsos e tornozelos. Pensa, além disso, que deve reservar forças para quando puder usá-las para se libertar. Há de aparecer alguém, não acredita que vão deixá-la morrer, sem mais nem menos. Será Julio, ou será um dos outros três homens?

Se se abstrair da dor, conseguirá pensar na situação, e há algo que não entende. O que teria acontecido se tivesse levado Julio para o seu próprio apartamento? Nada, talvez: uma queca e cada um iria para sua casa. Quer isto dizer que ele não estava preparado. Ou, se estava, que fazia tenção de a levar fosse como fosse para aquele andar da Calle Amanuel, muito perto da Plaza de las Comendadoras; ela só facilitou as coisas.

Abre-se a porta à sua frente, no cimo das escadas. A luz cega-a. Desce uma silhueta que, a princípio, não reconhece, mas depois, sim. É Julio.

— Olá — saúda ele.

Apetece-lhe insultá-lo, mas contém-se: sabe que é preferível manter-se afável.

— Vais soltar-me?

Quis imprimir um tom neutro, como se não tivesse medo, mas o resultado foi patético, a voz fraquejou-lhe e, em vez de fria, parecia a de uma criança suplicante.

Julio, porém, não responde, limitando-se a sentar-se ao seu lado.

— Tens sede? — pergunta-lhe.

— Sim.

Ele vai até um móvel fora do campo de visão de Chesca. Regressa e senta-se novamente ao seu lado com um copo de água na mão. Deixa-lhe cair o líquido na boca, paulatinamente, com cuidado, como se desse de beber a um doente convalescente.

— Porque é que me estás a fazer isto? — Assim que consegue humedecer a boca, ela tenta novamente fazer transparecer serenidade.

— Porque te desejo, e ontem não conseguimos terminar o que tínhamos começado. E agora, por favor, cala-me essa boca, não me apetece ouvir-te.

Chesca tenta resistir, mas ele tapa-lhe a boca com fita adesiva.

Julio começa a despir-se; tem, como Chesca pôde apreciar no dia anterior, um corpo atraente e musculado. O pénis está ereto, besunta-se com gel.

— Não digas que não sou delicado contigo. Desde ontem que tenho estado a pensar nisto e não quero causar-te mais sofrimento do que o necessário.

Julio coloca-se em cima dela e penetra-a. Chesca aguenta a dor. A lubrificação não serve para a mitigar. Tenta parecer entregue. Ele deixa-se levar, treme sobre ela, excitado. Chesca acredita ter encontrado o momento certo quando ele se está a vir e se deixa cair sobre ela, e então, com um gesto brusco do pescoço, dá-lhe uma cabeçada.

É um golpe contundente, que lhe abre um lanho e o afasta por um instante. Longe de ficar irritado, Julio sorri: o sangue escorre-lhe pela face. Vai lá com a língua e lambe-o. O sangue não lhe aplaca o desejo, deixa-o mais excitado.

— Assim até gosto mais.

Tem uma nova ereção e viola-a pela segunda vez. As tentativas de Chesca de resistir-lhe revelam-se infrutíferas: presa, não consegue mover os braços nem as pernas. A violação arrasta-se, parece não ter fim. Julio, quase animal, continua a sangrar, mas não quer saber. Geme sobre ela. Ao terminar, tira-lhe a fita adesiva. Chesca grita, desesperada.

— Podes gritar à vontade, ninguém te vai ouvir. E, se te ouvirem, vai ser pior, porque vais excitá-los, e vêm cá ter. E não serão tão delicados como eu.

Julio molha um dedo no seu próprio sangue e começa a escrever algo sobre o corpo de Chesca, algo que ela não consegue ver.

— Queres saber o que é que diz? *Zhuniáng Jíxiáng*. Boa sorte para o ano do porco.

## Capítulo 9

Orduño ergue os olhos com surpresa quando Reyes entra. Deixou o fato masculino da véspera e apareceu com um vestido florido, pouco decotado. Também mudou a maquilhagem, do estilo agressivo e marcado do dia anterior passou para um mais natural, que lhe suaviza os traços. Já ontem o pensou ao vê-la, mas hoje ainda mais: é uma mulher lindíssima.

— Pedi à Brigada de Trânsito que me localizasse todas as carrinhas brancas com a matrícula GFP — informa. — Assim que a lista chegar, vamos à procura da carrinha. Não pode haver assim tantas, a matrícula FP já é antiga, já devem ter sido quase todas canceladas.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? — oferece-se Reyes.

— Pensar no que vimos no descampado. Qualquer pormenor pode ser uma tolice, mas também pode constituir o rastilho que leve outro colega a aperceber-se de alguma coisa.

Passados alguns minutos, tem início uma reunião, na qual todos devem contribuir com ideias e os dados que tenham conseguido descobrir. É um caso pessoal para todos eles, mas vão tratá-lo como se fosse mais um da BAC, o primeiro para Reyes.

— Vou dizer o que sei. — Zárate toma a iniciativa. — Estive com a Chesca até às oito e meia da noite. Tínhamos combinado ir ver o desfile da comunidade chinesa no bairro dela, mas surgiu um imprevisto e fui jantar com uns amigos. Se alguém quiser verificar, posso dar-vos os nomes, números de telefone e os sítios onde estivemos.

Ninguém pensava que Zárate pudesse ser o culpado pelo desaparecimento de Chesca, pelo que ninguém lhe pede esses dados.

— Falaste com ela durante a noite? — pergunta Mariajo.

— Não, se quiseses, dou-te o telemóvel para verificares. Tínhamos combinado encontrar-nos no tribunal da Plaza de Castilla de manhã, para o depoimento contra a rede de tráfico de mulheres. Quando vi que ela não aparecia, comecei a ficar preocupado.

Nesse momento, Elena entra na sala, e surge um alvoroço de saudações e exclamações de surpresa. Buendía, Mariajo e Orduño não a veem há mais de um ano. Mas não há tempo para pôr a conversa em dia; ela própria reconhece quão inoportuna é a sua comparência na brigada. É necessário suspender toda a curiosidade sobre o que terá feito neste último ano, a vida de uma colega corre perigo. Com um gesto, instiga-os a prosseguir com a reunião, enquanto se senta à mesa.

— Espero que não se importem que eu me junte a vocês. Os responsáveis pela brigada, na ausência da Chesca, continuam a ser o Zárate e o Orduño. Vou limitar-me a observar e, se vos parecer bem, a sugerir alguma ideia se achar oportuno.

— Sabes que és sempre bem-vinda — recebe-a Orduño. — Mais alguém falou com a Chesca ontem?

— Eu falei com ela à tarde, antes de ela sair daqui. A única coisa que a preocupava era o depoimento no tribunal, mas tinha-o muito bem preparado — informa Mariajo.

Buendía clareia a garganta antes de tomar a palavra, como faz quase sempre.

— Eu também a vi. Entrou-me no gabinete para me dizer que tinha os olhos irritados, uma conjuntivite. Recomendei-lhe um colírio. Disse-lhe que não estamos em época de alergias, que podia ser do *stress*, mas ela riu-se, disse-me que o *stress* era para executivos, que ela era apenas uma polícia que punha a vida em perigo dia sim, dia sim.

Todos sorriem, e Reyes deduz que era algo próprio do sentido de humor de Chesca.

Orduño tenta aplacar os sorrisos com um gesto. Não quer distrações.

— Bem, vamos lá ver o pouco que temos de concreto. A mota da Chesca apareceu num descampado no bairro da Media Legua. Quem a atirou para ali foi um homem de fato-macaco azul que vinha numa carrinha branca já antiga, com matrícula GFP. Pedi à Brigada de Trânsito que localizasse a matrícula.

— Ótimo. Tirei várias impressões digitais da mota — interveio Buendía.

Elena vai tirando apontamentos de tudo num bloco de notas. Reyes fixa nela a sua atenção, foi por aquela mulher que insistiu tanto com o tio em entrar na

BAC, acha que é com ela que mais pode aprender.

— O que sabemos do DNI falso que encontramos em casa dela?

Elena ergue o bloco de notas e agita-o. Acaba de contradizer a sua intenção de se limitar a ouvir.

— Já investiguei: está em nome de Leonor Gutiérrez Mena, que aparentemente é alguém que não existe — responde Mariajo. — Não é falso, quer dizer, acaba por ser, por ter a foto da Chesca e apresentar outro nome, mas não é uma falsificação, é um DNI oficial.

— Não seria a primeira vez que um de nós pede um DNI como disfarce — esclarece Orduño. — É provável que a Chesca tenha feito isso. Temos de indagar.

Mariajo confirma essa suposição.

— Já verifiquei, e foi isso mesmo. Também pesquisei quando é que o documento poderá ter sido usado. Até agora só encontrei uma reserva na pousada de La Granja: foi no fim de semana de 11 a 13 de janeiro.

— Sabes alguma coisa sobre esse fim de semana, Zárate? — interessa-se Buendía.

Elena agradece a intervenção do médico-legista; ela própria se preparava para lançar a pergunta, que iria denotar alguma indiscrição da sua parte.

— Não... Quer dizer, sei, mas eu não estive com ela.

Todos os olhares se concentram em Zárate, e este percebe que, naquela investigação, a sua vida pessoal vai ser devassada.

— Porque é que a Chesca foi à pousada de La Granja com uma identidade falsa? — pergunta Orduño.

— Não sei.

— Não te contou?

— Isto é algum interrogatório? — Não lhe agrada nada o rumo que a reunião está a tomar.

— É importante, Zárate, nenhum de nós está interessado na tua vida íntima.

Elena tenta amenizar a situação. É óbvio, porém, que a recordação daquele incidente é dolorosa para Zárate. Ele respira fundo e leva alguns segundos a compor a narrativa.

— Não sei porque é que a Chesca esteve nessa pousada. É a primeira vez que estou a ouvir falar disso. A mim o que me disse foi que ia participar numa corrida de motas em Huesca. Não me lembro do que é que aconteceu na BAC, mas tive de lhe ligar para pedir um esclarecimento; não consegui apanhá-la no telemóvel, por isso entrei em contacto com a organização da corrida. Disseram-me que a Chesca não estava inscrita.

— Tinha-te mentido — diz Elena.

— Parece que sim. E garanto-vos que mentiu muito bem. No domingo à noite, quando voltou, contou-me pormenores dessa corrida e do circuito. Não lhe disse que sabia que era mentira.

— Parece que não conhecíamos a Chesca tão bem como julgávamos — conclui Elena Blanco.

— Porque é que achas que te mentiu? — pergunta Buendía.

— Não sei.

— Algum motivo teria.

— A suposição óbvia é que tinha um amante.

Mais uma vez, Mariajo atalhou a questão sem rodeios.

— Foi o que eu pensei.

Zárate esforça-se por parecer natural, um homem mundano a quem um deslize da namorada não afeta mais do que o necessário.

— Para mim essa história da identidade falsa não faz sentido — comenta Elena. — Acho que vou dar uma volta até à pousada.

Entra o comissário Rentero. Nem sequer cumprimenta a sobrinha, limita-se a assinalar a presença de Elena com um gesto breve e aproxima-se de Zárate.

— Alguma novidade sobre a Chesca?

— Não.

— Acho que ontem me mostrei insensível a este respeito. Quero que saibas que estou preocupado e que tens todos os meios à tua disposição. É uma colega.

— Obrigado.

— Ainda bem que estás de volta, Elena. Vou preparar a documentação para o teu reingresso na unidade.

— Não te iludas, Rentero. Não voltei para a BAC. Só estou a dar uma ajuda para encontrarmos a Chesca.

— Muito bem. Quando tiver a documentação, entrego-ta, para assinares. Quero-te a liderar esta equipa.

Elena nem se dá ao trabalho de discutir. Conhece muito bem a teimosia do comissário. Também se conhece a si própria. Aceitará trabalhar com o distintivo e a arma regulamentar, que podem vir a ser necessários. Mas não vai assinar aquela documentação.

— E cuida da minha sobrinha: está aqui para aprender.

Reyes não disfarça um suspiro de desagrado. Não vai ser fácil escapar da síndrome da cunha. Orduño atende um telefonema. Há notícias da matrícula da carrinha branca. Está em nome de um criminoso habitual conhecido como



Penas.

## Capítulo 10

A oficina de mecânica da Calle de la Industria não tem nome na porta, e o fecho metálico está meio para baixo, apesar de os agentes terem chegado em horário de expediente. Alguma trapaça devem fazer lá dentro. O local parece saído de outra época: calendários com mulheres seminuas nas paredes, um rádio ligado sintonizado num programa de desporto, fatos-macaco antigos e sujos pendurados em pregos, peças de motor sebatas por todo o lado e um *Renault Laguna* desmontado, no qual Penas está a trabalhar quando os agentes entram. É melhor não pedirem os documentos do carro, certamente que não os tem.

A carrinha branca, de matrícula GFP, encontra-se à entrada do pavilhão, aberta. Lá dentro, estão várias peças. Orduño tira um tubo de escape. Penas sai do fundo do pavilhão.

— O que é que estás a fazer?

— É de uma *Honda*, certo? Uma *CBR 500R*.

— Larga lá isso — diz Penas com arrogância, enquanto pega numa chave-inglesa e a brande com ar ameaçador.

— Larga essa chave, Penas, ainda te aleijas.

Ao ouvir a sua alcunha, o homem hesita.

— Como é que sabes quem eu sou?

— E como é que a Fada dos Dentes sabia que te tinha caído um? Há coisas que se sabem e pronto.

Antes de saírem da BAC, Buendía confirmou-lhes que as impressões digitais de Guillermo López Morillas, conhecido como Penas, estavam na mota. Consultaram o seu registo criminal: condenado várias vezes, passou curtos períodos na prisão, sempre por crimes contra a propriedade, nunca agravados

pelo uso da força. A alcunha vem-lhe da falta de sorte, porque, quando se envolve em alguma coisa, lá começam os problemas, os quais atingem limites que se assemelham mais a uma comédia do que à realidade: roubo de uma carrinha de transporte de valores que estava completamente vazia, tentativa de entrada num banco através de um buraco na parede errada, irrompendo numa pizzeria, tentativa de burla em que abordaram um guarda-civil... Penas perdeu três dedos da mão esquerda num acidente de trabalho, há mais de vinte anos, quando trabalhava na linha de montagem de uma fábrica de carros.

— Penas, sou o subinspetor Orduño. Venho falar contigo, e é melhor prestares-me atenção.

— Não me lixes, que estou limpo e não me meto em sarilhos.

— Porque é que todos dizem isso? Deve ser de algum filme. Tens a certeza de que estás limpo? Tens a documentação desta oficina?

— Vá lá, meu. Vais-me entalar por arranjar o carro aos vizinhos sem fatura? Isto é um bairro operário, aqui temos de nos valer uns aos outros — defende-se Penas.

— Dá-me aí as fotos, Reyes.

A mota de Chesca, atirada para o descampado ao lado do Ruedo, aparece em todas elas, de todos os ângulos.

— Queres a lista das peças que lhe faltam? — pergunta Reyes, divertida.

— Não, aqui o meu amigo Penas pode dizer-mas uma a uma, não é verdade? Procurámos impressões digitais na mota, e as tuas estavam em todo o lado. E isso é porque te faltam dedos, senão, não sei o que teríamos encontrado. Ou nos dizes o que sabes ou apanhas uma entaladela valente.

— Por causa de uma mota?

— Porque tens tanto azar, Penas, que mesmo que roubes uma mota arranjas mais problemas do que outro qualquer que assalte o Banco de Espanha.

— Está bem, digo-vos tudo o que sei, mas não me metam em sarilhos, que estou a tentar portar-me como deve ser, pois tive um filho e quero dar-lhe uma vida boa.

— Desembucha. E que não fique nada por dizer.

— Roubei a *Honda* por acaso. Ontem fui à Calle del Limón ver uma motoreta que um rapaz tinha para vender, uma merda. Uma *Vespino*, há quanto tempo não vês uma *Vespino*? Não se veem, porque já ninguém as quer, mas o rapaz jurou-me que estava como nova, e pensei que, se calhar, conseguia encaminhá-la para algum colecionador.

— Penas, não fijas ao assunto. A *Honda* — pressiona-o Orduño.

— Estava estacionada na Calle Amaniel, ali, no cruzamento com a Calle del Cristo. Não tinha cadeado nem nada.

— Não me mintas, Penas. Vais na rua e, por acaso, vês uma mota e, por acaso, olhas para ela e, por acaso, não tem cadeado.

— Foi mesmo assim, caralho!

— Reyes, trouxeste as algemas? Acho que aqui o nosso amigo vai deixar o filho crescer sem o pai por perto. Diz-me a verdade, porra!

— Está bem, meu, mas que conste que eu não fiz nada. Vi um casal a chegar na mota, um gajo e uma gaja, era ela que vinha a conduzir. Quando pararam, começaram aos linguados, parecia que iam dar uma queca ali mesmo, em cima da mota.

— Como é que ela era?

— Alta, morena, com calças de ganga e um blusão de cabedal castanho.

Reyes olha para Orduño e não precisa que este responda para saber que pode mesmo ser Chesca.

— E ele?

— Normal, alto também, com uma dessas canadianas verdes por fora e cor de laranja por dentro. Há muitos anos que não via uma, como as *Vespino*. Mas estava escuro, não lhe vi a cara.

— Está bem, continua.

— Quando acabaram os amassos, meteram-se num prédio, e reparei que não tinham posto nada na mota. Não demorei nem um minuto a desbloqueá-la e a levá-la dali para fora.

— Em que prédio é que se meteram?

— No do lado, não reparei no número. Esperei um pouco e, quando vi que não saíam, meti a mota na carrinha e pisguei-me.

— Que horas eram?

— Não era muito tarde, meia-noite e meia, no máximo uma. Não sei exatamente, porque não ando com relógio. Depois vim para aqui, para a oficina, e desmontei as peças que podia vender facilmente. De manhã, ainda de madrugada, liberei-me da mota, atirei-a da carrinha perto da M-30.

Orduño pega no telemóvel e marca um número.

— Zárate, acho que localizámos um sítio onde a Chesca esteve. Um apartamento na Plaza de las Comendadoras. Vai lá ter com o Buendía, nós levamos a testemunha.

Desliga. Penas ouviu a conversa e abana a cabeça.

— Eu não vou a lugar nenhum, tenho imenso trabalho, olha só como está a

oficina.

— Toca a andar, Penas — limita-se a dizer Orduño.

## Capítulo 11

Zárate e Buendía aguardam na Plaza de las Comendadoras, um local resguardado pelo convento que lhe dá o nome, baloiços no centro e esplanadas, agora vazias devido ao frio.

— Este é o Penas. Conta-lhes o que nos contaste — diz Orduño.

Penas aproxima-se do cruzamento da Calle Amanuel com a Calle del Cristo.

— A mota estava aqui. E eles meteram-se naquele prédio.

— Quem? — pergunta Zárate. — Porque é que ele está a falar no plural?

É a pergunta que Reyes temia. A história de Penas prova que Chesca estava com outro homem. E os cornos aguentam-se melhor quando há apenas suspeitas. Zárate escuta o relato sem mover um músculo.

— Tens a certeza de que entraram ali? — pergunta, resolutivo. Uma forma de deixar as desilusões pessoais fora das investigações.

— Foi aí, porra! Já me posso ir embora?

Deixam-no ir.

Um raparigas com o fardamento de uma empresa de limpeza entram no prédio que ele lhes indicou. Os polícias entram atrás delas. Mais levados pela intuição do que por qualquer outra coisa, perguntam-lhes para que andar se dirigem. O seu trabalho é fazer a limpeza em vários apartamentos turísticos na zona, e, naquele prédio, compete-lhes fazer a limpeza do 3.º B.

— Somos polícias, estamos numa investigação importante — explica Zárate.

— Abram a porta do apartamento, por favor.

Uma das funcionárias apressa-se a fazê-lo.

— Esperem aí fora — diz Orduño.

O chão de madeira range sob os passos dos quatro agentes. É um

apartamento acanhado. Uma sala com *kitchenette*, uma casa de banho de dimensões reduzidas e um quarto espartano, mobilado apenas com uma cama grande e uma mesa de cabeceira com um pequeno candeeiro. Uma confusão de lençóis sobre o colchão. Manchas de lama no chão. Um copo com restos de vinho sobre a mesa de cabeceira.

— Não toquem em nada — pede Buendía.

Zárate circula em silêncio pelo aposento. Repara nos lençóis, num resto de batom no vidro do copo.

— Venham ver isto.

Reyes entrou na casa de banho e encontrou no lavatório um frasquinho de plástico. Não se atreve a tocar-lhe.

— Porra, é o colírio que lhe receitei. A Chesca esteve aqui.

Buendía guarda o frasco num saco de provas.

Zárate estuda o local. Uma toalha amarrotada pendurada num gancho ao pé do lavatório. Imagina Chesca a usar aquela toalha para secar algumas gotas de colírio que lhe escorriam pelo rosto. É melhor não pensar, deter o carrossel de imagens que se lhe aglomeram na cabeça. Fica a olhar para a cama, imagina Chesca enredada no novelo de lençóis, parece-lhe ver o seu rosto desenhado na almofada amassada, como uma máscara mortuária.

Buendía está a falar ao telemóvel, pede reforços da Polícia Científica. Orduño, também ao telemóvel, transmite a Mariajo os dados do apartamento turístico, pedindo-lhe que descubra quem é o proprietário e a quem o arrendou. Conversas cruzadas que se cravam no cérebro de Zárate como alfinetes.

Inspecionam agora a sala, a *kitchenette*.

— E isto? — Orduño aponta para um *blister* de medicamentos que encontrou na cozinha, junto ao lava-louça.

Buendía pega nele, usa as luvas para não contaminar nenhuma prova.

— *Azaperoni!*? Parecem ampolas... Não faço ideia do que seja. Espera.

Consulta o telemóvel e não demora a obter a resposta, uma resposta que não entende.

— É um medicamento para porcos — explica finalmente.

Reyes, como se fosse um apache, quase deitada no chão, cheira os pequenos torrões de lama.

— Acho que é esterco.

— Como é que sabes?

— Porra, Orduño, porque cheira a merda!

— Não tarda nada ficamos a saber — diz Buendía. — Procurem no caixote

do lixo e em todos os cantos, tem de haver uma cânula com um reagente.

— Um reagente? — Orduño está a leste.

— Venham.

Leva-os até ao quarto e aponta para o copo.

— Reparem bem no vinho, tem um tom meio azulado. — Aproxima o nariz do copo. — Não há dúvida, juntaram-lhe um reagente.

— Quando dizes um reagente, referes-te a...?

É Zárate quem quer entender o que o seu colega está a insinuar.

— Um veneno. Ou um narcótico.

— Achas que a Chesca foi envenenada?

— Porque é que só há um copo de vinho? — pergunta Reyes. — Se eles estavam em plena sedução, o normal é que houvesse dois copos.

— Partilharam um — sugere Orduño.

— O Buendía tem razão, deitaram alguma coisa no vinho para a pôr a dormir — atalha Reyes.

Zárate assiste ao debate, mas não se pronuncia.

— Não nos precipitemos. Quando é que chega a tua equipa, Buendía?

— Estão a caminho, calma.

Algumas vozes no patamar tornam-se cada vez mais audíveis. Uma vizinha está na conversa com as raparigas da limpeza, que se sentaram num degrau e aguardam calmamente.

— Devia ser proibido arrendarem as casas como se fossem hotéis — reclama a vizinha. — Os turistas fazem sempre barulho, mas o que aconteceu no outro dia foi pior do que nunca, acho que se juntaram lá mais de meia dúzia de pessoas.

Zárate saiu para o patamar e aproximou-se da vizinha.

— Viu as pessoas que estavam aqui?

— Eu não as vi. Mas ouvi-as.

— O que é que ouviu? Vozes? Ruídos?

— Barulho, muito barulho. Pancadas. E, acima de tudo... Ai, mãe, não faço ideia do que é que andaram a tramar neste apartamento.

A mulher benze-se, como se lhe fosse insuportável a lembrança do que aconteceu.

— Diga-me o que ouviu, por favor.

— Havia porcos no apartamento.

— Porcos, como?

Uma das raparigas da limpeza solta uma risada, e Zárate fulmina-a com o olhar.



— Ouviam-se grunhidos — continua a vizinha.

— Não pode ser, minha senhora — raciocina Zárate. — É possível que houvesse uma televisão ligada ou que a senhora tivesse confundido os ruídos com outra coisa?

— Chame-me louca, chame-me surda e tudo o que quiser. Mas eu digo-lhe que há duas noites havia mesmo porcos nesse apartamento.

Zárate vira-se para os seus colegas, que estão tão perplexos quanto ele.

— Que porra é que aconteceu aqui? — pergunta.

Ninguém sabe responder-lhe.

## Capítulo 12

Chesca sente vontade de urinar. Está sebesta, nota grumos de sangue coagulado por todo o corpo, os olhos picam-lhe e os lábios, depois de Julio lhe ter tirado a fita adesiva com um puxão, ardem-lhe. A única coisa, porém, que a mantém confortável é o tapete acolchoado estendido na cama à qual está presa com abraçadeiras; felizmente está seco; se não aguentar e urinar, nem isso terá.

Tenta mexer-se ritmicamente, como fazia quando era criança, mas assim só aguentará mais uns minutos. Decide, então, parar de resistir e relaxa, começa a notar a humidade, bem como o alívio de esvaziar a bexiga. Não vai cheirar pior do que já cheira, aquele cheiro a porco tão presente que praticamente já nem o nota.

Ouve a porta a abrir-se novamente. Será outra vez Julio? Vai voltar a violá-la? Tem a impressão de que saiu há muito pouco tempo e, que ela saiba, violou-a duas vezes: não pode ter recuperado tão depressa. Mas, se não for ele, serão os outros... Chesca sempre se gabou de ter força e coragem, mas agora está morta de medo, sente-se verdadeiramente em pânico.

Tenta soerguer-se para ver quem está a chegar, mas não consegue levantar muito a cabeça e não vê ninguém. Então, de repente, sente que estão a tocar-lhe e ouve miar, é um gato que começou a andar pela cama. Aproxima-se do seu corpo, sente-lhe as lambidelas, a língua áspera. Supõe que o sangue de Julio, com o qual ele escreveu sobre o seu ventre, lhe terá chamado a atenção e será do seu agrado. Mas não tem ilusões: intui que a novidade do gato será algum tipo de jogo macabro. Alguém abriu a porta para o animal aceder à cave, e esse alguém também está no quarto, Chesca apercebe-se da sua presença. Não se mexe, não quer exteriorizar medo e prefere esperar que o visitante mostre a cara.

— *Gata*, sai daí.

É a voz de uma menina. Chesca pergunta-se se não estará a delirar. O que faz uma menina naquela casa, independentemente da sua localização? Por que razão fala com aquela naturalidade, quando ela está sequestrada?

— Quem és tu? — pergunta-lhe com a voz frouxa.

A menina coloca-se no seu campo de visão. É loira, de cabelo comprido, pequenina, terá sete ou oito anos. Traz um vestido de favos de mel e pegou na gata ao colo.

— Sou a Nina.

— O que estás a fazer neste lugar?

— Vivo aqui.

Não há nenhum indício de desconforto no olhar da menina.

— Vai-te embora, por favor.

— Fizeste chichi na cama. — Chesca esboça um sorriso nervoso. — A mim, castigam-me quando faço chichi na cama. Já há muito tempo que não faço. Tenho um truque: a última coisa que faço, antes de ir dormir, é fazer chichi. Sento-me na casa de banho e não me levanto até fazer, com ou sem vontade.

— Vai-te lá embora, não fiques aqui. Deixa-me sozinha.

— Não queres que te faça companhia?

Chesca reprime a vontade de chorar. No seu universo moral, uma miúda não pode testemunhar certas coisas. Discutiu muitas vezes com amigas demasiado relaxadas em relação a impor limites aos filhos, sobretudo com certos programas de televisão que os deixam ver. Não consegue suportar a ideia de que uma menina tão pequena seja testemunha do seu cativeiro, da sua degradação, das torturas que está a sofrer.

— Não tenho nada para fazer — diz Nina.

— Não me parece que seja muito divertido veres-me assim.

— Não, não é divertido.

O esgar de pesar da menina parece real. Chesca percebe, então, que deve deixar-se de pruridos e que é melhor não a expulsar dali. Não sabe por que motivo a rapariga vive naquela casa, mas, de repente, vê uma oportunidade de sair dali viva. Aquela miúda poderá ajudá-la a escapar.

— Vives aqui com os teus pais? Foste raptada?

A menina encolhe os ombros.

— Como é que te chamas mesmo? Nina não é um nome.

A menina não responde.

— Não me vais dizer? Queres saber como é que eu me chamo? — insiste

Chesca para ganhar a confiança dela.

— Prefiro que não me digas.

— Chamo-me Chesca.

— Nããão, não me digas, tola.

Nina cruza os braços em protesto.

— Queres saber de onde vem o nome Chesca?

— Não.

— Porque não? Não queres ser minha amiga?

— Não.

— Porquê?

— Porque, se ficarmos amigas, vou ter muita pena quando te matarem.

## Capítulo 13

O dono do apartamento turístico da Calle Amanuel chegou à sede da BAC acompanhado pela sua advogada. É um homem já de idade, com mais de sessenta e cinco anos, bem vestido, elegante; ela é uma jovem que não passa dos vinte e cinco ou vinte e seis, loira, muito bonita. Assim que Zárate entra na sala de interrogatórios, antes mesmo de se apresentar, começam as queixas.

— O meu cliente não sabe por que razão o mandaram vir.

— O seu cliente? Não percebo — diz Zárate com ironia. — Ninguém o está a acusar de nada. E não o mandámos vir, pedimos-lhe gentilmente que viesse às nossas instalações para lhe fazermos umas quantas perguntas, mas não tinha obrigação, também podíamos ter ido às suas. Não me disse como se chama.

— Lola Rojas.

— Muito prazer — o polícia estende-lhe a mão —, sou o subinspetor Ángel Zárate. Esta é a agente Reyes Rentero.

O proprietário do apartamento, Ernesto Agudo, não tirara os olhos do telemóvel, sem prestar atenção aos polícias.

— Sr. Agudo...

— Um momento, é importante.

Durante alguns segundos, todos os presentes na sala ficam atentos ao homem e ao telemóvel. Até que este ergue os olhos e pousa o aparelho na mesa.

— Era um assunto urgente.

— Queremos interrogá-lo sobre o apartamento turístico que tem arrendado na Calle Amanuel.

— Lola, temos algum apartamento na Calle Amanuel? Hão de entender que não consigo lembrar-me de todos os apartamentos que tenho. São sessenta ou

setenta em toda a cidade de Madrid.

Os polícias olham para Lola, esperando que esta responda.

— Temos dois, Sr. Ernesto.

Ernesto lança-lhes um olhar desafiador.

— Ouviram o que ela disse, temos dois. Vão começar a pedir-me licenças? Está tudo em ordem, mas para isso é melhor falarem com a minha advogada, e eu posso ir-me embora.

— Não estamos interessados na papelada, mas sim em quem arrendou um deles. Peço-lhe que fique mais uns minutos.

O telemóvel do proprietário dos apartamentos começa a tocar, ele olha para o aparelho. É claro que vai atender; seja o que for, é mais importante do que o que os polícias possam querer dele, mas Reyes adianta-se-lhe.

— Vou deixá-lo fora da sala.

— Ei, espere.

Ela ignora-o. Sai e volta a entrar sem o telemóvel.

— Não se preocupe, aqui ninguém vai roubá-lo, e assim podemos falar mais tranquilamente. Esta história dos telemóveis é uma chatice.

O homem olha para ela, surpreso, sem saber o que fazer. A advogada também, parecendo esperar que ele reaja. Sente-se obrigada a dizer alguma coisa.

— Vamos apresentar queixa.

Mas Ernesto Agudo desautoriza-a.

— Deixa-te de queixas e tolices, Lola. Vamos acabar com isto, o que querem saber sobre os apartamentos?

— Só queremos saber quem o arrendou no dia 5 de fevereiro, se foi a primeira vez que o arrendou e como é que pagou — diz Zárata antes que o homem se arrependa.

— Lola, dá os dados a estes dois agentes da autoridade e vamos embora, que não tenho o dia todo.

A advogada tira uma pasta da carteira.

— O que estiveram a inspecionar foi arrendado por uma mulher.

— Viu-a?

— Não, arrendou-o através de uma plataforma, com um *nick*, Serena23. O apartamento tem uma fechadura com um código numérico, que é entregue ao cliente depois de este fazer o pagamento. Não precisamos de estar lá para abrir a porta.

— Não pedem nenhuma documentação?

— Uma digitalização do DNI, mas não somos rigorosos. Ela não nos enviou

o documento, apenas o cartão de crédito, em nome de Yolanda Zambrano García. Arrendou o apartamento por uma noite, para terça-feira, dia 5, pagou cento e vinte euros. Aqui está uma cópia do pagamento.

— Foi a primeira vez que ela usou os vossos serviços?

— Sim, nunca tínhamos arrendado nada àquela mulher. E, levando em conta as queixas recebidas, não voltaremos a fazê-lo.

— Que tipo de queixas?

— Uma vizinha diz que entraram porcos no apartamento.

Ernesto Agudo considera que é suficiente a atenção que lhes deram e levanta-se.

— Se não precisam de mais nada, por favor, devolva-me o telemóvel, menina.

Zárate faz um gesto de assentimento e Reyes sai para ir buscar o aparelho.

— Gostei da sua demonstração de carácter — diz o homem. — Se algum dia precisar de trabalho, aqui tem o meu cartão. Estou farto de lambe-botas que se limitam a obedecer a ordens.

Sem se voltar para se despedir de Zárate, sai da sala. Nem sequer espera pela advogada, que guarda os papéis à pressa e sai disparada atrás dele.

Assim que ela sai, Reyes ri-se.

— Já arranjei trabalho, de certeza que pagam melhor do que na Polícia.

— Também podia ter apresentado queixa contra ti, tem cuidado. Temos de dar à Mariajo os dados do cartão dessa mulher, da Yolanda Zambrano, para nos dizer o que se sabe sobre ela.

Em menos de cinco minutos já têm resultados: Yolanda Zambrano García, de origem equatoriana, nacionalizada espanhola há quatro anos. Vive em Cuenca. Têm a morada e o número de telefone, um telemóvel que ela não atende. Buendía também entra na sala.

— Acabei de receber uma resposta da Agência Espanhola de Medicamentos. Os frasquinhos de *Azaperonil* que encontrámos no apartamento da Calle Amaniel são de um lote vendido numa farmácia de Cuenca.

— Tudo nos leva a Cuenca. Quanto tempo demoramos a chegar lá?

— Menos de duas horas.

— Vamos.

## Capítulo 14

El Real Sitio de La Granja de San Ildefonso fica muito perto de Segóvia, a pouco mais de dez quilómetros. Apenas a uma hora e um quarto de Madrid — um pouco mais, uma hora e meia, quando se viaja num carro velho de fabrico soviético, como o *Lada* da inspetora Blanco. Elena foi a ouvir, e a cantar, um álbum com canções famosas de Caetano Veloso, que lhe fazem lembrar Chesca.

Há muitos anos que Elena não vinha a La Granja, tem quase a certeza de que a última vez foi numa excursão da escola, embora ache isso quase inacreditável, deve ter havido alguma outra ocasião de que agora não se recorda. Arrepende-se quando chega, é um lugar muito bonito, faz a promessa de voltar assim que puder.

Ao lado do Palácio Real, no que antigamente era a Casa dos Infantes, mandada construir por Carlos III para albergar a criadagem dos infantes Gabriel e Antonio de Bourbon e Saxónia e o Quartel-General da Guardia de Corps, fica o Parador Nacional del Real Sitio de La Granja de San Ildefonso.

O edifício é impressionante, apesar da sua sóbria fachada. Logo que sai do carro e se aproxima do local, a inspetora Blanco não pára de se perguntar o que terá levado Chesca a ficar ali hospedada um fim de semana, em secretismo, se terá ido sozinha ou acompanhada... Não lhe parece um lugar que a sua colega escolhesse para um fim de semana de paixão sexual; para um de introspeção, talvez. Leu que há um bom programa de *spa* na pousada, talvez Chesca quisesse apenas passar um fim de semana tranquilo.

Elena entra na pousada e deixa-se envolver pela sumptuosidade um pouco decadente daquele género de lugares. Aproxima-se da receção, apresenta-se como inspetora da Polícia e indaga sobre uma hóspede que passou ali um fim de



semana em janeiro.

— Não estou autorizada a dar-lhe essa informação — diz a rececionista.

— Entendo e faz bem em cumprir a sua obrigação. Faça o favor de pedir ao seu diretor para me receber.

Elena agradece a discrição, não gostaria que divulgassem dados sobre ela numa pousada; consegue que o diretor aceda em falar com ela, mas não sem antes dar explicações e mostrar várias vezes o seu distintivo. Sentam-se a uma mesa baixa do vestíbulo, iluminada por um candeeiro com um grande sino. Em frente a Elena, há uma tapeçaria que representa uma caçada numa cena medieval.

— Leonor Gutiérrez Mena ficou aqui alojada duas noites, 11 e 12 de janeiro. Pouco mais lhe posso dizer.

O diretor solta a informação entre pigarros, como se quisesse realçar a sua dificuldade em quebrar a privacidade dos seus hóspedes.

— Sabe se veio acompanhada?

— Veio sozinha.

— Tem a certeza?

— Só se registou a ela, e não foi vista acompanhada. Jantava e almoçava aqui.

Elena obriga-se a rever as suas conjeturas. Estava quase convencida de que Chesca teria passado um fim de semana romântico com algum amante, à revelia de Zárate. Surpreende-se ao lamentar que não tenha sucedido isso, como se uma infidelidade comprovada pudesse desmontar de uma só vez a farsa de que Chesca e Zárate se amavam.

— Como é pagou?

— Em dinheiro. Achei estranho, já quase ninguém o faz. Mas não dei grande importância.

— Posso ver a conta dos seus almoços e jantares? Quero verificar se estava sozinha.

— Vou procurar. Mas estava sozinha, tenho a certeza.

— Muito bem. Então, não o incomodo mais. Se se lembrar de algum pormenor, não hesite em ligar-me. — Entrega-lhe o seu cartão, e o diretor guarda-o na carteira. — Obrigada por tudo.

Dirige-se para a saída com uma sensação familiar de impotência, a de voltar de uma investigação sem nenhum desenvolvimento. Quando se apresta para entrar no *Lada*, vê o diretor a atravessar o parque de estacionamento com grandes passadas, na sua direção.

— Lembrei-me de uma coisa. Não sei se é importante, mas disse-me que

qualquer pormenor lhe pode interessar.

— De que se trata?

— Ela pediu os serviços de uma massagista. Fê-lo quatro vezes no fim de semana.

— Queria relaxar. Não vejo nada de estranho nisso.

— Insistia que as massagens fossem dadas pela mesma pessoa.

— Sempre a mesma massagista?

— Sim, sempre a mesma.

— Posso falar com ela?

— Lamento, essa rapariga tinha começado a trabalhar connosco há menos de um mês. Demitiu-se na segunda-feira seguinte.

— Segunda-feira, 14 de janeiro?

— Isso mesmo.

— Deu alguma explicação sobre a razão que a levava a demitir-se?

— Não, mas achámos todos muito estranho. Parecia estar bem integrada na equipa.

Elena assente com a cabeça, a fervilhar de suspeitas.

— Como é que posso entrar em contacto com ela?

— Chamava-se Rebeca Campos, não era daqui, acho que morava em Segóvia. Se esperar um momento, dou-lhe o endereço e o número de telefone.

Ninguém atende o número que o diretor lhe deu, Elena só consegue falar com um atendedor automático, que lhe pede para deixar mensagem. O endereço de Rebeca fica no centro de Segóvia, na Calle Juan Bravo, quando se chega à Plaza del Platero Oquendo, não muito longe do Aqueduto, num belo recanto onde se ergue o palácio do conde Alpuente.

— A Rebeca? Ficou muito pouco tempo no apartamento, nem chegou a um mês. Chegou no final das férias de Natal e partiu no início de fevereiro.

O apartamento onde Rebeca morava é agora partilhado por várias estudantes. A que atende Elena mal a conhecia, mas assegura-lhe que outra das colegas, Alicia, se dava bem com ela e que de certeza sabe onde pode encontrá-la.

— Agora está nas aulas, mas sai às duas, pode falar com ela.

Elena tem pela frente uma hora, que aproveita para passear pela Calle de la Alhóndiga, mas está nervosa e não tarda a regressar ao prédio onde Rebeca morava, deseja falar com Alicia quanto antes. Não quer ligar para os colegas da BAC, não lhe apetece andar em cima deles. Apesar de estar a colaborar, os tempos da brigada acabaram para si, agora é outra gente que está no comando.

— Pois não sei o que quer que lhe diga da Rebeca, era uma rapariga normal.

Aconteceu-lhe alguma coisa? — inquieta-se a amiga, quando chega finalmente.

O número de telefone que Alicia tem é o mesmo que o diretor da pousada deu a Elena, para o qual ela ligou várias vezes sem sucesso.

— Sabes o que lhe aconteceu na pousada de La Granja? É estranho que tenha saído assim tão de repente, não é?

— Sei que teve uma chatice com uma cliente, mas não me contou mais nada. Disse-me que estava farta, que tinha estudado fisioterapia para poder ir viver para Madrid e que era isso que ia fazer.

— E não sabes onde mora em Madrid?

— Arrendou um estúdio no centro. Ontem publicou fotos no Facebook.

Elena não tarda a encontrar o perfil de Rebeca Campos. O primeiro passo é pedir-lhe amizade. Em seguida, enviar-lhe-á uma mensagem para explicar a situação e para se reunir com ela nessa mesma tarde.

## Capítulo 15

A Calle de Tiradores Bajos, em Cuenca, é daquelas que são um labirinto para os que vêm de fora e não conhecem bem a cidade. No mesmo bairro juntam-se a Tiradores Bajos A, a Tiradores Bajos B, C, D e, ao lado, Tiradores Altos, também com várias letras. Não há GPS que valha, ninguém encontra um endereço sem precisar de perguntar a algum morador. É uma zona desfavorecida, muitas ladeiras e escadarias, um bairro de casas baixas e mal asfaltado, repleto de fissuras e buracos. Uma nódoa na tela de uma cidade sedutora e bem cuidada como Cuenca.

A casa de Yolanda Zambrano García é mais uma do bairro, de um único piso, com uma certa elegância já marcada pelo desgaste acumulado dos anos. A caixa de correio, situada ao lado da porta, está cheia. Uma mensagem inequívoca para ladrões, vizinhos e qualquer pessoa que tenha capacidade de observação: o morador da casa já não passa por ali há bastante tempo.

Orduño olha através dos vidros, mas não se vê praticamente nada. A única coisa que lhes chama a atenção é o ladrar de uns cães.

— Estão lá dentro?

— Não, parece que é lá atrás.

Dão a volta ao quarteirão. Há ali um terreno que mais parece um aterro do que um jardim. O olhar de Reyes é fotográfico e vai retratando o que vê em diferentes *flashes*: uma máquina de lavar velha e escangalhada, uma banheira, um carrinho de mão das obras a que falta a roda, uma bola de futebol vazia. Uma paisagem em ruínas que pode induzir à nostalgia; Reyes, pelo menos, tem a percepção de pairar no local um halo romântico, que três cães vadios, magros e pulguentos rasgam com os seus latidos.

— Cuidado — avisa Orduño.

Ela ri-se.

— Não me digas que te metem medo.

Mas também não se aproxima, os cães parecem cada vez mais agressivos. Ouve-se um morador da janela.

— Um dia vou pegar na caçadeira e enfiar um balázio em cada um desses cães de merda. O dia inteiro a ladrar, a darem-me cabo da cabeça. E a culpa é da Yola, foi ela que os habituou a virem comer aqui.

Após uns minutos, já estão na conversa com o morador e com a mulher dele na sala de estar, humilde, com um velho televisor de tubo ligado, sem som. São vizinhos de Yolanda. Passam os dois dos cinquenta, ela tem um aspeto normal, mas ele não consegue esconder a sua condição de ex-toxicómano que soube escapar a tempo da morte.

— Polícias? Não me venham foder a cabeça, que eu estou limpo. Desde que saí da choça, nunca mais me meti em nenhuma alhada. Não é verdade, Caro?

Carolina, a esposa, assente com a cabeça sem convicção, como se não tivesse a certeza, como se considerasse impossível que o marido não se tivesse metido em alhadas.

— Não se preocupe, que não nos diz respeito o que tenha andado a fazer — tranquiliza-o Orduño. — Só queremos informações sobre a sua vizinha, a Yolanda Zambrano.

— É amiga dela, minha é que não.

Como se a conversa tivesse deixado de lhe interessar, o homem levanta-se e deixa-os com a mulher. Antes disso, demonstra a sua hospitalidade.

— Vai uma pinga?

— Não, obrigada. Estamos de serviço — responde Reyes, sem reparar no sorriso de Orduño.

— Você é novata, não é? Nunca tinha ouvido essa frase fora do cinema. Como se eu nunca tivesse visto tipos da bófia com uma carraspana que mal se aguentavam de pé.

Carolina, que não está tão habituada a lidar com polícias, como o marido, mostra-se tensa, mantendo-se sentada com uma postura de grande rigidez.

— Eu da Yolanda não sei muito, tínhamos o comportamento típico dos vizinhos, que nos cumprimentamos e, se acaba alguma coisa a um, o outro empresta. Fez alguma asneira?

— Não, esperemos que não, mas precisamos de falar com ela.

— Há um mês que não aparece em casa.

— Disse-lhe se ia viajar ou algo assim?

— A mim não me disse nada. Se calhar foi para o país dela; está em Espanha há muitos anos, mas é do Equador.

— Sabe se tinha família?

— Em Espanha não; pelo menos, ninguém vinha vê-la a casa. No Equador suponho que terá alguém, além da mãe, que já morreu. Mas ela meteu-se em alguma alhada? Digo isto porque estava há meses sem trabalhar, desde que fecharam a fábrica de móveis que havia em Palomera, como agora fazem tudo na China...

— Sabe se tinha problemas de dinheiro?

— Nunca falámos sobre isso, mas acho que andava a receber subsídio de desemprego. Trabalhava há muitos anos e vivia sozinha, sem luxos, embora as mulheres destes países, já se sabe... Se calhar sustentava toda a família no Equador. Além disso, devem ter-lhe dado uma indemnização quando a despediram, digo eu.

— Sabemos que, há alguns dias, a Yolanda arrendou um apartamento em Madrid. Viajava muito?

— Não me parece... Mas, enfim, cada um sabe de si. A mim nunca me disse que tinha estado em Madrid. Desde que mora aqui, que eu saiba, só foi ao Equador uma vez, e foi porque lhe morreu a mãe. Foi há quatro anos, pelo menos.

— Por acaso não tem a chave da casa dela, não?

— Não, mas o meu marido abre-a num abrir e fechar de olhos, foi o que fez a vida inteira para roubar, e com mais razão o fará se um polícia lho pedir.

Orduño recusa a proposta. Mais tarde, quando se dirigem para o automóvel, Reyes levanta uma dúvida que a atormenta há algum tempo.

— Porque é que não entrámos em casa dela?

Orduño pára e vira-se para ela, olhando-a como se ela tivesse enlouquecido.

— Não podemos, sem um mandado judicial.

— Mas o vizinho ofereceu-se para o fazer.

— Um ex-presidiário. Reyes, se queres fazer carreira na Polícia, tens de respeitar as regras.

— A Yolanda Zambrano arrendou o apartamento onde a Chesca esteve antes de desaparecer. Talvez essa mulher a tenha raptado. É essencial entrarmos em casa dela.

— Vou agora mesmo falar com o Rentero, para ele pedir um mandado judicial. Vamos fazer as coisas como deve ser, de acordo?

Um telefonema interrompe a discussão: é Buendía.

— Tenho os resultados das amostras que recolhemos no apartamento da Calle Amanuel. Há pegadas da Chesca na casa de banho, temos a certeza de que esteve lá, já não precisamos de nos fiar apenas no frasco de colírio.

— Mais alguma coisa?

— Recolhemos impressões digitais de mais quatro pessoas, mas a comparação com a base de dados é negativa. Nenhum dos que estiveram no apartamento tem antecedentes criminais.

— E a história dos porcos?

— Isso é um mistério. Recolhemos pelos, mas são humanos. Também esterco, o que pode indicar que vieram de alguma localidade rural. Mas, a meu ver, não entraram porcos no apartamento.

— E os grunhidos que a vizinha ouviu?

— Não sei, não tenho as respostas todas, Orduño.

— Muito bem. Precisamos de um mandado judicial para entrar em casa da Yolanda Zambrano. É urgente.

— Eu falo com o Rentero.

Orduño desliga e encara a colega com jactância, como que a deixar claro o modo correto de fazerem as coisas. Antes de entrar no carro, porém, põe-se a observar a casa degradada. O céu ficou nublado, e, de repente, parece-lhe que há algo sinistro no telhado com um beiral partido, nas janelas escuras.

— Para que serve o *Azaparonil*?

O farmacêutico tem na mão o *blister* do medicamento e brinca com o plástico. Ou melhor, torce-o em sinal de nervosismo. É um jovem alto, com uma maçã de Adão proeminente e um rosto pontilhado com marcas de acne. Parece acabadinho de sair da faculdade.

— É um tranquilizante muito forte, dá-se aos porcos antes de os transportar, ou num parto. Coisas do género.

A mente de Zárate trabalha depressa. O *Azaparonil* tranquiliza os porcos antes de serem transportados. Se um louco quisesse meter porcos no apartamento da Calle Amanuel, precisaria de ter esse medicamento à mão. Tudo se encaixa. Tudo menos as razões que levariam alguém a querer meter uma vara de porcos num apartamento no centro de Madrid.

— Quem é que comprou este medicamento? Lembras-te?

Zárate está convencido de que é melhor tratar algumas testemunhas por tu.

É uma forma de afirmar autoridade.

— Era um homem muito gordo. E um bocado estranho.

— Estranho? Explica-te.

— Estava muito sujo. E pareceu-me que tinha um atraso. Não falou. Não disse uma palavra, nem sequer retribuiu o meu cumprimento. Pousou a receita no balcão e, quando lhe dei o medicamento, pagou e foi-se embora.

— Já o conhecias de outras vezes?

— Sim, já cá tinha vindo antes. Sempre com aquela receita. Mas não lhe vou vender mais.

— Porquê? Por causa do atraso?

— Não, por causa da receita. O veterinário que as passa tem má fama.

— Tem fama de quê?

— Olhe, eu não quero problemas. Não posso dar-lhe essa informação.

— É mais ao contrário — responde Zárate com um ar sério. — Se não me deres a informação, aí é que vais ter muitos problemas.

A maçã de Adão do farmacêutico move-se como uma bola a subir e a descer numa corda.

— Vive numa povoação próxima.

— Como é que se chama o veterinário?

— Existem medicamentos para animais que se usam como drogas, e ele gosta de os prescrever.

— É o caso do *Azaperonil*?

— Não sei.

— O nome.

— O quê?

— O nome do veterinário; olha que não tenho o dia todo.

— Jure-me que isto não vai sair daqui. Esse homem não é flor que se cheire, e eu não quero problemas.

— Como é que ele se chama?

A voz do farmacêutico sai embargada, como se uma mão forte lhe apertasse o pescoço.

— Emilio Zuecos. Não lhe diga que fui eu a dar-lhe a informação, peço-lhe encarecidamente.



## Capítulo 16

Rebeca Campos não tem mais de vinte anos. O cabelo curto e escuro acaricia-lhe o pescoço robusto, sombreado por uma papada incipiente. É uma mulher com excesso de peso, atraente. O olhar inquieto pode dever-se ao nervosismo do momento; Elena Blanco não tem dificuldade em imaginá-la como uma rapariga calma. Combinaram encontrar-se no Café de Ruiz, no bairro de Malasaña, após uma breve troca de mensagens.

— Só vim porque me disse que é urgente e que há uma vida em perigo — explica Rebeca. — Não me apetece nada falar daquele fim de semana.

— Agradeço-te por teres vindo, garanto-te que é importante. A pessoa que ficou alojada na pousada de La Granja naqueles dias é uma colega da Polícia. E desapareceu.

Rebeca assente com um gesto mecânico. Nem sequer tirou o blusão ao sentar-se a uma mesa com Elena. Uma forma de assinalar o seu desejo de que a conversa seja o mais breve possível.

— Conta-me o que aconteceu naquele fim de semana, por favor.

— Está bem. — Deixa escapar um suspiro. — É melhor começar pelo princípio, suponho. Ela chegou na sexta-feira e, nessa mesma manhã, pediu os serviços de uma fisioterapeuta.

Fala com fadiga, como se lhe custasse deveras desenvolver o relato. Elena acena com a cabeça, não quer interrompê-la.

— Na altura, estava eu e o Roberto. Mas ela pediu que a massagem fosse dada por mim. Fiquei contente, claro, trabalhava ali há muito pouco tempo, e isso queria dizer que alguém que eu tinha atendido lhe tinha dado o meu nome, que me tinha recomendado. Essas coisas são levadas em conta, que as pessoas

peçam os nossos serviços, que façam uma avaliação positiva... É garantia de mais trabalho.

— Deste-lhe a massagem no quarto?

— Sim, e foi normal. Ela manteve-se calada o tempo todo. Disse-me que tinha uma contratura nas costas e deixou-me tratar disso. Não detetei nenhuma contratura, o que ela tinha era as costas carregadas, as cervicais muito tensas, presumi que teria um trabalho muito stressante. As pessoas que vão àqueles sítios caros costumam trabalhar muito.

— Achaste-a estranha, de algum modo?

— Ao princípio, não. Mas, na massagem da tarde, foi diferente, não se calava. Perguntou-me se eu gostava do meu trabalho, se tinha sido boa aluna, até se tinha namorado.

— Não é habitual um cliente meter conversa?

— Pareceu-me um bocado bisbilhoteira, embora não tivesse sido desagradável. A única coisa que me incomodava era que, assim que tinha a oportunidade, se punha a olhar para mim. Cheguei a pensar que se queria atirar a mim. Mas, bem, também não me fez nada, não me tocou, não fez nenhum comentário impróprio...

— Certo. Continua, por favor.

— No sábado de manhã, voltaram a ligar-me a dizer que aquela mulher queria que eu a atendesse, e aí comecei a desconfiar. Disse que estava ocupada, mas ela insistiu e eu não tive outro remédio a não ser ir. E já à tarde, quando entrei no quarto dela, percebi logo que não queria uma massagem. Em vez de esperar por mim de roupão, estava vestida. Tinha uma garrafa de *whisky* aberta, e acho que tinha bebido demasiado. E... foi então que...

Rebeca tem a voz embargada. Uma lágrima escorre-lhe pela face. Elena agarra-lhe na mão com ternura.

— O que é que aconteceu, Rebeca?

Rebeca sorri e, ao fazê-lo, mesmo com as lágrimas, o rosto torna-se muito mais radiante.

— Disse-me que era minha mãe.

## Capítulo 17

A dor de Chesca por ficar tanto tempo amarrada na mesma posição começa a tornar-se insuportável. Também tem fome, não comeu nada desde o pacote de batatas que compraram ao chinês à porta do bar de Paco. Irão deixá-la morrer à fome?

O cansaço e a dor impedem-na de pensar, embora saiba que pensar é a única maneira de sair dali. Deve concentrar-se para tentar encontrar uma escapatória. Nina. Tem de ganhar a sua confiança, seja como for. Por mais monstruoso que possa parecer o facto de aquela miúda saber o que está a acontecer naquela cave, é a sua única possibilidade de escapar com vida. Sente que é assim. Sabe que é assim. É uma verdade absoluta. A sua vida está nas mãos daquela miudinha estranha. Mas não voltou a entrar na cave desde o primeiro encontro. Tenta convocá-la com a mente, num jogo infantil e absurdo, um jogo que parece dar resultado quando a porta se abre muito devagar. Será ela?

Não. São passos de homem. É Julio. O homem que a seduziu. Ou o homem que ela escolheu para espiaíreer uma noite.

Sabe que é Julio, mas este não fala, limita-se a sentar-se num degrau e a acender um cigarro. Fica assim quase um minuto, ela também não diz nada.

— Não fumas, pois não? — Ele quebra por fim o silêncio.

— Não.

— Fazes bem, fumar é péssimo. Eu devia deixar de fumar.

— Não me vais dar de comer?

— Na devida altura.

— O que é que querem de mim?

Julio não responde.

— Porque é que não me matam de uma vez por todas?

— Na vida é preciso ter paciência.

— Filho da puta, mata-me. Ou fode-me. Não fiques aí quieto como um idiota. Desce daí! Quero ver-te.

Julio mantém-se em silêncio. Ela percebe que ele está a desfrutar do seu desespero. Acende mais um cigarro. Fuma-o até ao fim.

— Olha, tens uma visita.

Chesca não ouviu o rangido leve da porta. Também não ouve passos na escada, deve ser alguém muito furtivo. Será Nina? Não é Nina. É um homem na casa dos cinquenta, de tez morena do trabalho no campo. Traz umas calças de bombazina.

— Como está ela? — ouve o homem a dizer.

— Tem fome — responde-lhe Julio.

— Ninguém morre por ficar uns dias sem comer.

O visitante, por fim, senta-se ao lado de Chesca.

— Não te lembras de mim?

Só então Chesca o encara. Reconheceu-o, mas a comoção que sente ao vê-lo é tal que fica sem palavras.

## Segunda parte

*Valentina nunca pensou que pudesse ter saudades de Ramona. Mas é o que acontece, não só por ser ela agora a arcar com todas as tarefas domésticas, mas também porque, à sua maneira, apesar da sua brusquidão, era o único ser humano, além dela e do seu filho, que vivia na quinta. Era com Ramona que se sentava todas as tardes depois de comer, quando os homens saíam com os porcos e o bebé estava a dormir. A sogra gostava de ver televisão, só para reclamar de tudo o que passava no ecrã, mas gostava. Principalmente das telenovelas sul-americanas: Huracán, Leonella, Luz María...*

*— Elas também são de onde tu és, só que não são tão feias.*

*— A senhora gosta muito de histórias de amor, ainda vai dar em romântica — respondia Valentina, ignorando a fărpa, sabendo que aquela era a sua forma de se relacionar com os outros.*

*— Claro, gosto porque nada disso existe.*

*Quando Valentina conseguiu finalmente entender-se com ela e até sentia algum afeto pela sogra, Ramona começou a sentir-se mal. Nenhum médico a veio ver, ela também não pediu. Simplesmente, foi para a cama e deixou-se morrer sem que o marido ou o filho lhe prestassem qualquer cuidado nas três semanas de agonia. Valentina sentava-se ao seu lado, tentou interrogá-la sobre a sua vida, mas a velha não falava. Só lhe contou uma vez por que razão tinham ido buscá-la, por que razão Dámaso foi ao clube de alterne na estrada e lhe propôs casá-la com o seu filho Antón. A história era tão terrível que Valentina não quis acreditar, preferiu pensar que eram delírios de uma velha às portas da morte. Valentina, por outro lado, contou-lhe a sua infância na Bolívia, o que esperava quando chegou a Espanha, o que teve de fazer para ganhar a vida.*

*— Se soubesse, tinha ficado lá, olhe que tinha.*

*Quando Ramona morreu, Valentina foi a correr ter com Dámaso e Antón às pocilgas.*

*— Já vamos, quando acabarmos de distribuir a ração aos porcos.*

*No dia do enterro de Ramona, quando voltaram para casa, Valentina entrou no*

seu quarto para amamentar o filho. Quando ergueu a vista, Antón estava a olhar para ela. Era a primeira vez, desde que ela viera morar para aquela casa, há um ano e pouco, que aquele homem a fitava, e não tirava o olhar do mamilo do qual o pequerrucho mamava. Valentina não conseguiu perceber se aquele olhar era de nojo ou de desejo. Ele continuava sem lhe tocar. Para Valentina, o marido era um ser indecifrável.

Nessa tarde, depois de o ter apanhado a olhar para si enquanto amamentava, Antón saiu do quarto. Valentina não sabia aonde ia, até que começou a ouvir os gritos de dor de um porco. Os gritos desesperados do animal, aqueles que às vezes ecoavam pela casa nos dias de matança. Saiu da casa e viu Antón diante da eira: pendurara o porco e abrira-o com um golpe, ainda vivo. O sangue jorrava, mas ele não o recolhia. Parecia que, pura e simplesmente, desfrutava de matar o animal, que gostava que o sangue o salpicasse e lhe manchasse os braços, o peito, o rosto. Alertado pelos guinchos do porco, Dámaso também correu ao local.

— O que é que estás a fazer?

Deu uma bofetada ao filho e atirou-o ao chão. A seguir começou a insultá-lo: acusou-o de ser um meio homem, de não cumprir como devia.

— Como é que devia cumprir? Como tu fizeste? — gritou Antón a Dámaso. — Para trazer dois anormais a este mundo?

— Valem mais do que tu!

Era a primeira vez que Valentina os ouvia a discutir, também a primeira vez que falavam dos irmãos de Antón, os dois que viviam nas pocilgas, trancados numa jaula como os animais. Valentina levava-lhes comida, mas nunca se atrevera a mencioná-los à frente deles.

Nesse momento, com o porco ainda aos guinchos enquanto sangrava e de cutelo nas mãos, Valentina voltou a ver o olhar perdido de Antón, o mesmo com que ficara a observá-la a dar de mamar ao filho, mas agora dirigido a Dámaso. Foi rápido: Antón deu uma passada, pôs-se à frente do pai e enfiou-lhe o cutelo no pescoço. Dámaso levou as mãos à gorja, num gesto inútil, enquanto o sangue jorrava. Caiu ao chão, ao lado do porco, e os seus sangues misturaram-se.

Antón não perdeu a compostura em nenhum momento. Ficou a observar o pai a contorcer-se no chão com os últimos estertores. A seguir, encarou Valentina.

— Anda cá, agarra-o pelos pés.

Ela estava apavorada. O odor a sangue, o do porco e o de Dámaso, espalhava-se por todo o lado. Fez o que Antón lhe ordenou: arrastaram Dámaso até à oficina onde às vezes faziam os enchidos. Tinha uma máquina para cortar os ossos. Antón não hesitou um segundo: colocou o pai diante da máquina e chegou a cabeça dele à frente.

*Cortou-a pelo mesmo sítio onde lhe cravara o cutelo.*

*— Quando vierem buscá-lo, diremos que foi um acidente. Que andava a trabalhar na oficina e que, quando viemos vê-lo, estava assim. Que talvez se tenha suicidado por causa do desgosto de ter enterrado a mulher.*

*Valentina não achou que alguém fosse acreditar numa história daquelas, mas foi o que aconteceu, e a morte de Dámaso não chegou a ser investigada. O homem timorato com quem Valentina casara desapareceu completamente. Agora era um monstro. Valentina percebeu que o que a mãe dele lhe contara era verdade, já sabia por que razão a casaram com ele, e deverá abster-se de cometer erros, ou será a próxima vítima.*

*Antón ordenou-lhe que fosse às pocilgas e tirasse de lá Serafin e Casimiro. Que os alojasse em casa. Se viessem os da funerária ou quem tivesse de vir, não queria que vissem que tinham os dois irmãos atrasados a viver com os porcos. Ainda chocada, Valentina dirigiu-se à pocilga. Ali, na sua jaula, estavam Casimiro e Serafin. Os dois a babar-se, sujos de esterco, quando Valentina lhes abriu a jaula.*



## Capítulo 18

Seria possível que Chesca tivesse uma filha e que nem a sua anterior chefe na BAC, que deveria saber tudo sobre ela antes de a admitir na unidade, nem o homem com quem namorara nos últimos tempos soubessem? Talvez só Orduño soubesse alguma coisa, sendo ele o seu grande amigo. Ou poderia ser que ninguém, absolutamente ninguém, conhecesse realmente Chesca. Essa evidência paira insidiosamente entre Elena e Zárate. Não conhecem Chesca, e isso dificulta enormemente a tarefa de a encontrar.

Ele acudiu ao pedido de Elena. «Vem imediatamente, descobri uma coisa importante.» Apenas isso. Uma simples mensagem que poderia ter merecido uma chamada de verificação ou um primeiro impulso de curiosidade. Mas Zárate confia plenamente em Elena. Deixou Orduño e Reyes em Cuenca com uma missão urgente: localizarem Emilio Zuecos, o veterinário, e apertarem com ele até ele contar tudo o que sabe sobre o *Azaperonil*, sobre os porcos e sobre o apartamento da Calle Amanuel. Regressou a Madrid e não perdeu tempo a ir ao encontro de Elena.

Ao atravessar a Plaza Mayor, avistou a varanda de Elena Blanco, o lugar onde, durante tantos anos, ficara situada a câmara que fotografava a praça. Agora não há nada, é mais uma varanda daquele prédio. Parece mentira que aquela simples varanda, aquele edifício, aquele lugar, contenham tantas recordações: a primeira vez que ali esteve, quando entrou na brigada, quando aquela mulher, para sua surpresa, o levou até ao seu apartamento no primeiro dia em que o conheceu para fazer amor com ele; o bar de *karaoke* em que estiveram, na Calle Huertas, as canções italianas que ela cantou, a grapa que tomava e que aparentemente não voltou a beber; a noite que passou a guardar o seu filho Lucas

e a investigação para dismantelar a Rede Púrpura; o passeio que deram juntos naquela mesma praça, um Natal, com as bancas do mercado instaladas, quando ela lhe disse que ia deixar a brigada. Houve momentos bons e maus, mas os maus talvez tenham sido em maior número.

— Se Rebeca tem vinte anos, Chesca foi mãe aos quinze. — Zárate faz as contas.

— Zárate, diz-me a verdade. Tu não sabias?

— Não!

— Será possível que a tua namorada andasse à procura da filha secreta e tu não soubesses de nada?

— Eu não sabia de nada, Elena. Nunca me passou pela cabeça. A Rebeca também não sabia de nada?

— Sabia que era adotada, os pais disseram-lhe quando fez doze anos. E não quer saber nada da Chesca.

— Disseste-lhe que está desaparecida?

— Sim, mas nem isso a amenizou. Enfiou uma couraça. Pediu-me que, se a encontrarmos, não lhe disséssemos onde é que vive. Não a quer ver.

— De certa forma, até a percebo. Foram os pais que ficaram com ela e que lhe deram tudo o que ela tem na vida, foram eles que estiveram sempre ao seu lado e não a abandonaram.

— A questão é sabermos o que aconteceu à Chesca quando tinha quinze anos. Quem é o pai dessa filha e porque é que a abandonou?

— Temos de falar com alguém da família.

— Os pais dela morreram há vários anos.

— Tem uma irmã — diz Zárate. — Mas elas nunca se deram muito bem.

— Em El Escorial? Lembro-me de a ouvir dizer que passava lá os verões.

— Não, em El Escorial tinha uma avó ou uma tia-avó, que era de uma aldeia de Segóvia.

— Nem sabia que ela não era de Madrid — reconhece Elena. — Toda gente diz que fui uma boa chefe da BAC, mas não é verdade, nunca me preocupei com os problemas de ninguém além dos meus. Qual é a aldeia?

— Turégano, em Segóvia. Conheces?

— Não, mas vamos ficar a conhecê-la hoje mesmo. Se sairmos já, não chegaremos assim tão tarde. Espero que a irmã da Chesca não tenha o hábito de se deitar muito cedo.

Saem do prédio e atravessam a praça; Zárate veio a pé, pelo que irão no carro de Elena, no bom, o *Mercedes*, que está no parque de estacionamento por baixo

da casa dela, o mesmo para onde ela, noutros tempos, levava os amantes nos seus todo-o-terreno. Preparam-se para descer, mas Elena pensa em algo antes.

— Anda comigo.

Zárate segue-a sem saber para onde se dirigem, até que, a cerca de duzentos metros da Plaza Mayor, entram numa *call shop* mal-amanhada. Atrás do balcão está um magrebino.

— Olá, Allou, lembras-te de mim?

— Boa tarde, D. Elena. Bons olhos a vejam.

Elena pousa sobre o balcão o telemóvel de Chesca, o que trouxe de casa dela no dia em que lá entraram.

— Quero que o desbloqueies e tires o que lá estiver.

— É legal? — pergunta o magrebino.

— Não, já sei que a tarifa é mais alta. Amanhã de manhã venho buscá-lo.

Elena deixou no balcão duzentos euros, que Allou recolhe juntamente com o telemóvel.

— Amanhã de manhã estará pronto.

Já dentro do carro a caminho de Turégano, Zárate decide perguntar:

— Porque é que não o entregaste à Mariajo?

— Não me agrada ter de abrir o telemóvel da Chesca; ao menos que a sua intimidade não fique exposta a mais pessoas do que o necessário. Sei que ela teria feito o mesmo por mim.

## Capítulo 19

Está escuro lá fora, e não entra nem uma réstia de luz pelas frestas das janelas altas. O silêncio é quase absoluto. Só se ouve, ao longe, um rumor que não desaparece. Acha que identificou o que é, grunhidos de porcos, mas talvez seja outra coisa, talvez esteja apenas sugestionada pelo cheiro. Nua como está, acha estranho não sentir frio. Deve haver uma estufa algures.

Nesse momento de calma irreal deixa-se embalar pelo sonho. A porta abre-se. É Julio outra vez e traz uma tigela com comida. Chesca tem tanta fome que sente o cheiro do conteúdo antes de ele acabar de descer as escadas. Seja o que for, leva carne.

— Estás com sorte, vais comer.

Julio solta-lhe os pulsos e entrega-lhe uma colher de plástico. Também lhe mostra uma espécie de pistola.

— É para porcos, deixa-os atordoados. Não sei o que te faria a ti, se calhar matava-te, é melhor não experimentares.

Chesca não pensaria em atacá-lo, mesmo que a colher fosse de metal. Só pensa em comer o caldo com pedaços de carne e batatas que vem na tigela.

— Água, dá-me água.

Julio dá-lhe água num copo de plástico. Quando ela acaba de comer, coloca-lhe primeiro algemas nas mãos, depois solta-lhe os pés. Ajuda-a a levantar-se, mas Chesca está sem força nas pernas.

— Estás prontinha para fugir — comenta ele, rindo-se. — Vai lá cagar.

— Onde?

— Não me vais pedir que te leve à casa de banho. Num canto qualquer, há por aí um ralo.

Não a perde de vista enquanto ela procura a sua latrina. Apesar da vergonha que sente, Chesca obedece às ordens do seu amo. É ele que decide quando se come e quando se caga. De cócoras, doem-lhe muito as pernas; para não cair, apoia as costas na parede. Nessa posição, duvida muito que consiga levantar-se. Olha em redor, é uma divisão grande e escura, cheia de equipamentos e móveis velhos. Há, como ela julgara, uma estufa acesa. Quando acaba, vê que Julio lhe aponta uma mangueira. Um jato de água atinge o corpo de Chesca, que perde o equilíbrio.

— Metes nojo. Na festa dos chineses não parecias tão porca.

A água sai com muita pressão e arranha-lhe a pele entorpecida. A sensação, porém, é vivificante. Não dura muito. Julio corta a água da mangueira, o que significa que a hora do banho acabou.

A seguir volta a prendê-la à cama, nua, molhada, na mesma posição em que estava, pulsos e tornozelos abertos em aspa. Pega na tigela, na colher e no copo de plástico e leva tudo num tabuleiro, como um bom enfermeiro. Sobe as escadas sem se despedir. Chesca sabe que, em algum momento, irá soltá-la novamente. Se conseguir reunir forças, talvez possa atacá-lo então e escapar.

Tem sido humilhante, mas já comeu, evacuou, lavaram-na, e sente-se mais limpa. Adormece e só acorda quando ouve barulhos ao lado dela.

— Olhem, já acordou. Chesca, apresento-te o Casimiro e o Serafin, os meus tios.

É novamente Julio, acompanhado por dois homens de idade indefinida. O aspeto sebento e os sinais óbvios de atraso mental nos traços e na fisionomia dificultam o cálculo da idade. Talvez uns cinquenta anos. Um deles, o que Julio apresentou como Casimiro, é meio calvo e particularmente anafado; o outro, mais baixo, também gordo, com olhos pequenos e dentes protuberantes, é Serafin. Antes de se aproximarem dela, Chesca deteta um cheiro a suor azedo e esterco. No escuro, as pupilas dos dois irmãos brilham como se fossem de vidro. Estão acesas de desejo, de ansiedade. De repente, começam a grunhir como se fossem porcos. Põem-se a andar à roda de Chesca, fossando a cama, o cabelo, os pés. Ela tenta convencer-se de que esta dança macabra faz parte de um pesadelo, mas não é o caso.

— Dão grunhidos quando estão excitados — explica Julio. — Não me digas que não te despertam ternura?

Os grunhidos tornam-se mais intensos. Chesca está aterrorizada. Cada vez se aproximam mais dela com os seus farejos, não serão capazes de se conter por muito mais tempo. O estalido de uma correia que Julio usa como chicote

interrompe o assédio.

— Já chega, só vos trouxe para a Chesca vos conhecer e perceber que se vai divertir a valer com vocês. Mas hoje ainda a quero para mim.

## Capítulo 20

Quando chegam a Turégano, já é noite, uma noite escura, sem luar. Vão diretos à morada que Mariajo obteve e lhes deu quando já iam caminho: a Calle Real.

A casa de Juana Olmo, a irmã de Chesca, é a mesma em que a família sempre viveu. Foi lá que nasceram as duas irmãs. Zárate e Elena observam-na à luz de um candeeiro de rua: uma casa rústica baixa, bem conservada, revestida de pedra e com duas belas varandas. No caminho, ligaram a Juana, para esta não se ir deitar antes de eles chegarem. Recebe-os à entrada, o típico saguão das casas castelhanas que impede que escape o calor e que se infiltre o frio.

— O que é que aconteceu à minha irmã? Que história é essa de ter desaparecido?

— Se nos deixar entrar, explicamos-lhe tudo.

Juana Olmo tem ligeiras parecenças com Chesca; os olhos são iguais, mas os anos — Juana anda muito perto dos cinquenta, enquanto Chesca mal passa dos trinta — deixaram a sua marca, rodeando-os de rugas. Além disso, não tem o corpo tonificado da polícia da BAC; é uma mulher rechonchuda, com um olhar triste e o cabelo encanecido. A sala é iluminada unicamente por um pequeno candeeiro colocado sobre uma mesinha a um canto. Sentam-se, para conversar, a uma mesa de madeira envelhecida. O aposento é fresco, austero. Um quadro com a imagem de uma virgem é a única pintura que decora as paredes. Antes de ouvir os detalhes do que aconteceu, Juana tira as suas conclusões.

— Já sabia que ia acabar mal, que a Polícia não era para ela. Pobre Francisca.

Francisca... Era assim que lhe chamavam ali na terra. Provavelmente terá querido esquecer tudo quando saiu dali, até o nome pelo qual a conheciam.

— Quando foi a última vez que viu a sua irmã? — Zárate quer ir direito ao assunto.

— Estive muitos anos sem a ver, mas há alguns meses regressou e ultimamente passava aqui um ou outro fim de semana, às vezes até vinha uma tarde durante a semana. Antes, desde que abalou, só tinha vindo para o enterro da nossa mãe. No do nosso pai nem sequer apareceu. — Dá a impressão de que ela própria se surpreende, passado tanto tempo. — A Francisca nunca se deu bem com o pai. Desde criança que era muito revoltada, via-se que a aldeia não era para ela.

— Disse que, de uns meses a esta parte, regressava de vez em quando.

— Sim. Mas mal falávamos. Vinha um dia, fechava-se no quarto e saía no dia seguinte. Quando muito, dava um passeio pela aldeia. Deve ter feito isso três ou quatro vezes.

— Sabe ao que vinha?

— A minha irmã era muito reservada. Dizia que tinha saudades da terra, mas eu não acredito. Nunca gostou deste lugar.

Tanto Elena como Zárate repararam que Juana fala de Chesca no passado, como se nunca fosse aparecer.

— Sabia que a Chesca tem uma filha? — pergunta Elena, de chofre.

Juana fica gelada, até faz um gesto com os braços, como se estivesse a pôr um xaile, como se a simples referência a esse episódio lhe provocasse calafrios. Fala em gaguejos.

— Isso foi há muito tempo, quase nem me lembrava. A menina foi dada para adoção, e eu não soube mais nada.

— Há um mês, a Chesca foi à procura dela e reencontrou-se com ela. Não sabia?

— Eu não queria que a dessem para adoção. — Juana fala em surdina, como se quisesse proteger a informação de alguma testemunha. — Nem a minha mãe, mas o meu pai é que tomou a decisão, e fez-se o que ele mandou.

— E a Chesca?

— A minha irmã estava ausente, catatónica. Acho que nem sabia o que se passava. Não voltou a ser a mesma depois disso; assim que pôde, abalou para Madrid para entrar na Polícia.

Abana a cabeça. Nem Elena nem Zárate sabem se o que mais desaprova é a gravidez da irmã ou o facto de ter entrado na Polícia.

— O que é que aconteceu, Juana? — pergunta Elena. — Como é que a Chesca engravidou?



Juana assente com a cabeça, como se estivesse à espera do momento dessa pergunta. Emociona-se ao recordar, os olhos enchem-se-lhe de lágrimas, que ficam como que represadas. Não lhe escorrem pelas faces.

— Foi nas festas da aldeia, no primeiro fim de semana de setembro. Festas em honra do Doce Nome de Maria. — Sorri com sarcasmo. — A Chesca tinha catorze anos. Os meus pais eram rigorosos, muito religiosos e não a deixavam sair até tarde. Mas a Chesca fugia. Naquela noite, foi ao bailarico e, quando voltava para casa, uns homens atacaram-na. Quando chegou, a Chesca nem se lembrava do que tinha acontecido.

— Que história é essa de a atacarem? — pergunta Zárate.

Juana encara-o, a recordação é penosa. Estão a pedir-lhe que pronuncie uma palavra que prefere manter oculta. Elena procura um atalho, quer um relato completo, sem eufemismos, sem expressões delicadas. Quer entender o que se passou naquela noite.

— Juana, tem a certeza do que nos está a contar? A Chesca foi violada quando tinha catorze anos?

Fala com firmeza, quase com raiva, indignada com a revelação, com o pesadelo que Chesca teve de viver, com o silêncio que manteve na ignorância todos os que a rodeavam.

Juana assente com a cabeça apertando os lábios. Abre e fecha as mãos num tique nervoso, ou como se sentisse falta de brincar com as contas de um rosário.

— Contou quem eram?

— Só disse que eram três homens. Deve ter sido horrível. Contou aquilo ao chegar a casa e depois esforçou-se por esquecer tudo e andar para a frente como se nada tivesse acontecido.

— É impossível esquecer uma experiência tão traumática. — Elena abana a cabeça.

— Sobretudo porque teve consequências. Algumas semanas depois, os meus pais descobriram que ela tinha engravidado. Imaginem o impacto. A menina grávida. Na minha família não passava pela cabeça de ninguém a possibilidade de abortar, por isso teve de dar à luz a filha e, assim que nasceu, entregaram-na para adoção.

— E a Chesca concordou com essa decisão? — pergunta Zárate.

— A Francisca estava destroçada, enfiada no seu mundo. Deixou que fossem os meus pais a decidir por ela.

Um rangido de madeira, seco, bestial, assusta os dois polícias. É como se a casa estivesse a reagir às revelações daquela noite. Juana, por outro lado, não fica

perturbada. Parece habituada aos ruídos.

— A Chesca queria encontrar a filha — diz Elena. — E não só, queria conhecê-la. Porquê?

— Não sei.

— Nunca lhe falou desse desejo?

— Nunca. Garanto-vos que nunca, em todos estes anos, a minha irmã Francisca se referiu àquilo, nunca fez o menor comentário. Eu até pensava que se tinha esquecido.

— Mas não, não a tinha esquecido, uma filha é impossível de esquecer. Até encontrou uma maneira de a localizar.

Juana leva as mãos ao rosto e sufoca assim o pranto que a domina de repente. As lágrimas banham as memórias que emergiram como um géiser.

— Será que podemos ver o quarto da sua irmã?

Elena fica admirada com aquele pedido de Zárate, não sabendo se deve atribuí-lo ao âmbito profissional ou ao emocional. Ainda se questiona a esse respeito enquanto sobem as escadas de madeira que conduzem ao primeiro andar. Mas, ao entrar no quarto, que mantém a decoração infantil de muitos anos atrás, percebe que Zárate precisa de se sintonizar com a adolescente que, naquela noite infeliz, se deitou naquela cama para chorar de raiva, dor e impotência depois de ter sido violada. Talvez os dois cães de peluche pousados sobre a almofada tenham sido, então, o seu único consolo. Está tudo arrumado, preservado, como se fosse a sala de um museu. Os utensílios, os livros, os móveis, a cama, a mesa, a cadeira e o tapete fazem parte de um espaço sagrado. Até o pó parece suspenso no tempo. É um lugar muito triste.

É quase uma hora quando saem da casa da irmã de Chesca. Já é tarde para se lançarem novamente à estrada, mas também para procurarem um hotel onde possam ficar alojados.

— Não me apetece nada, mas é melhor regressarmos a Madrid.

Enquanto Zárate conduz, Elena finge estar a dormir. Durante a conversa com Juana, veio-lhe à memória o seu filho Lucas, raptado quando era criança. Oito anos desaparecido. Não, não se consegue esquecer um filho. Nem sequer quando este se tornou um monstro, como aconteceu ao seu. O filho perdido, o filho encontrado, o filho morto. Quer cortar o fluxo dos pensamentos, erguer uma barreira, interpor um corta-fogo que lhe permita pensar apenas em Chesca, recordá-la, questionar-se como foi possível conhecerem-na tão pouco. Se conseguirem encontrá-la, tentará remediar a situação. Na sua mente, sem mover os lábios, cantarola uma das suas canções preferidas de Caetano, uma que

Chesca conhecia com certeza: «Coração Vagabundo».

## Capítulo 21

Dez minutos antes das oito, a hora a que Allou abre a *call shop*, Elena está à porta para recolher o telemóvel de Chesca. Muito perto — a apenas trinta ou quarenta metros — fica o bar onde tomou o pequeno-almoço durante anos a fio, o bar onde conversava todas as manhãs com Juanito. Desde que decidiu mudar de vida, não voltou lá. Além disso, o seu empregado preferido deixou de trabalhar ali. Quando entra, porém, encontra-o atrás do balcão.

— Inspetora! — exclama o romeno, mostrando-se verdadeiramente contente.

— O que é que estás aqui a fazer? Não tinhas ido para um bar de Pueblo Nuevo?

— Uma desgraça, um sítio horrível, não entrava lá vivalma. Havia dias em que fazia só uma tortilha e levava metade para casa. Aqui estou bem. Uma baguete com tomate como sempre, não é?

— Como sempre, Juanito. Mas sem grapa, que os anos não passam em vão.

— Continua bonita como antes, mas estamos a ficar velhotes, inspetora. Já nem o Messi é o mesmo. Se calhar ainda mudo para o Atlético.

— Não me desiludas, Juanito.

Allou abre o estabelecimento com dez minutos de atraso, mas cumpriu a sua promessa e entrega-lhe o telemóvel de Chesca desbloqueado.

— Pagamento a dobrar, inspetora. O telemóvel tinha cartão duplo, e o segundo era quase impossível de abrir.

— Conseguiu?

— Demorou bastante tempo.

Elena paga o extra que lhe pede o magrebino, mais cem euros. Antes de sair,

pergunta-lhe se viu alguma coisa de estranho.

— Sou profissional, inspetora. Desbloqueei-o, mas não andei a bisbilhotar. Quero que me encomende mais trabalho.

— Assim é que eu gosto, Allou, assim é que eu gosto.

Na portaria da Calle Barquillo, onde ficam situados os escritórios da Brigada de Análise de Casos, encontra-se com Zárate.

— Dormiste?

— Quase nada. Não conseguia parar de pensar na Chesca.

— Vamos encontrá-la — promete Elena.

— A tempo?

Já não responde a esta pergunta, porque ao saírem do elevador dão de caras com Rentero.

— Bons olhos te vejam, Elena. Os teus papéis já estão prontos, basta assiná-los e passas a ser novamente a chefe da BAC.

— Não vou voltar para a Polícia, Rentero.

— Vais continuar a arranjar escolas para os roingas ou lá como é que se chamam? Deixa isso para a tua mãe, Elena. Isso não é para ti, o teu lugar é aqui.

— Não vou mudar de ideias.

— Então não poderás aceder à BAC, não me obrigues a isso.

A ameaça de Rentero acaba por impacientar Zárate.

— Porque é que não resolvem isto quando a Chesca aparecer? Agora é a única coisa que interessa.

— Pensa nessa história dos papéis — são as últimas palavras de Rentero ao entrar no elevador.

Os semblantes na reunião não poderiam denotar mais surpresa quando Elena e Zárate relatam o que descobriram na noite anterior, a filha e a violação de Chesca aos catorze anos. Nem Orduño, o mais próximo dela de todos eles, estava a par.

— Poderá estar relacionado com o seu desaparecimento?

— Não fazemos ideia, é uma das coisas que temos de descobrir — reconhece Elena.

Zárate aproxima-se de Orduño.

— Alguma novidade em relação ao veterinário?

— Sabemos que trabalha num matadouro, num complexo industrial perto de Cuenca. Se não houver nada mais urgente, vamos falar com ele esta manhã.

— Leva a Reyes contigo. E aperta bem com esse tal Zuecos.

Os olhos de Reyes brilham; está ansiosa por entrar em ação. Hoje traz um

vestido preto, de cabedal, muito curto e bastante decotado, que mostra as pernas e o peito para lá dos limites do decoro.

— Já temos o exame toxicológico — diz Buendía. — No copo de vinho havia vestígios de barbitúricos.

Agora sim, não restam dúvidas: puseram Chesca a dormir. Elena vira-se para a *hacker* da BAC.

— Mariajo, já soubeste mais alguma coisa do DNI falso?

— Sim, foi utilizado para uma inscrição na Feira de Pecuária de Zafra. Em meados de setembro do ano passado.

— Zafra? — Orduño não esconde a surpresa. — O que andaria a Chesca a magicar numa feira de pecuária? Era muito cidadina, fugiu da aldeia, tinha vergonha da sua origem rural.

— Vou continuar a investigar. Sei que isto parece um quebra-cabeças, mas é o que tenho. Tirei todas as informações que consegui do cartão da Yolanda Zambrano, a mulher equatoriana que arrendou o apartamento da Calle Amaniel, embora saibas bem que não é fácil os bancos colaborarem. É estranho, há bastantes operações, todas elas de baixo valor, até algumas semanas atrás. Depois apenas uma, o pagamento do apartamento. A única coisa que me ocorre é que lho tenham roubado.

— E ela onde é que anda, que não o anulou?

— Não faço ideia.

— Temos o mandado judicial para entrar em casa dela? — pergunta Zárata.

Orduño procura Buendía com o olhar. Ele ficou de tratar desse assunto.

— Por enquanto, não. Calhou-nos o juiz Oncina, o mais conservador. Diz que não há motivo para entrarmos naquela casa.

— Essa mulher está desaparecida e arrendou um apartamento para raptarem a Chesca. Não é motivo suficiente? O que é que ele quer mais, porra? — exalta-se Elena.

— Vou acrescentar ao pedido a prova de substâncias tóxicas do copo de vinho. Pode servir para o empurrão final.

— Boa ideia. Hoje mesmo, Buendía. Vamos lá, quero toda a gente a trabalhar.

Elena ergue-se e chama Zárata com um gesto. Entram no gabinete que sempre foi da inspetora até Chesca a substituir, embora de forma provisória, como chefe da BAC.

— Já tenho o telemóvel da Chesca, agora é um livro aberto. Só estive a ver as mensagens dela trocadas no dia em que desapareceu.

Zárate assente com a cabeça, sério.

— Não tens nada a dizer? — pergunta Elena.

— Dispara, já que sabes tudo.

— Olha, Zárate, tive a delicadeza de não levantar este assunto na reunião à frente de toda a gente. Agora quero que me contes o que se passava entre ti e a Chesca.

— Isso é privado, como sabes.

— Era privado até eu ver que a última mensagem que a Chesca escreveu foi para ti. — Consulta o telemóvel para a ler com precisão. — Nove e quarenta e três: «Não vens? És um cabrão.» Deixaste-a pendurada, Zárate.

— Não a deixei nada pendurada.

Elena volta a manusear o telemóvel, procura outra mensagem.

— Nove e dois: «Quero que venhas para casa para brindarmos ao início da nossa vida a dois.» Nove e dezoito: «Não me respondes?» Nove e trinta e um: «Onde é que andas?»

— Eu tinha combinado encontrar-me com uns amigos, e ela queria que eu cancelasse tudo para passar a noite com ela. — Zárate desespera. — Porra, nem sei porque é que estou a falar disto. É privado, Elena, não tem nada que ver com a investigação.

— Tinham falado em viver juntos?

— Ela queria, eu não.

— Oferece um brinde à vossa nova vida. Ou a Chesca estava maluca ou então não percebo.

— Se calhar estava mesmo um bocado maluca.

— Não te admito isso. Ela estava à tua espera, e, como não vinhas nem respondias às mensagens dela, foi dar uma volta e espairecer um bocado. E a partir daí não sabemos mais nada dela. Alguma responsabilidade terás, não te parece?

— Raptaram-na e agora a culpa é minha?! Vai à merda.

Zárate sai do gabinete batendo com a porta. Elena respira fundo. Está irritada, mas sabe que o arrependimento não tardará. Não deveria ter ido tão longe com as suas suposições. Buendía bate à porta e espreita discretamente.

— Está tudo bem, Elena?

— Sim, tudo bem, obrigada.

Buendía assente com a cabeça, não muito convencido, e vai-se embora. É claro que em toda a brigada se ouviu a porta a bater quando Zárate saiu. Elena tem a sensação de ter sido injusta para com o colega. O telemóvel toca. É a mãe

dela, que é como um tubarão a cheirar sangue. Telefona-lhe precisamente quando ela se sente mais vulnerável.

— Sim, mãe, diz-me... Sim, desculpa, não volto a chamar-te mãe, não fiques enxofrada por causa disso, por favor.

A mãe diz-lhe que, na semana que vem, há um jantar de beneficência em Berlim, presidido por Jens Weimar, e que ela deveria ir.

— Em que dia é?

— Dia 14. Terias de ir a 13.

Elena mantém-se em silêncio. Dormiu mal nessa noite, a exaustão fustiga-lhe as têmporas. O telemóvel de Chesca está pousado na mesa, com as mensagens sem resposta que enviou a Zárate.

— Estás aí, filha?

— Sim, estou aqui. Vou contigo, está bem? E vou jantar com esse alemão. Podes pedir à secretária da associação que me trate do bilhete e da reserva do hotel? Sim, fico no mesmo que tu...

Desliga e respira fundo. Não sabe se fez bem em deixar-se persuadir pela mãe, não sabe se foi demasiado dura com Zárate. Não sabe nada. Sente-se perdida. Mas tem trabalho pela frente. Allou falou-lhe num segundo cartão SIM no telemóvel de Chesca. É estranho. Decide inspecionar o conteúdo desse cartão. Algo lhe diz que vai aceder a um mundo secreto e escuro, que o conteúdo lhe vai causar um forte abalo. Antecipa cenas de sexo com Zárate, imagens pornográficas que lhe vão ficar na memória para sempre. Mas o que encontra ultrapassa todas as suas previsões. Sai do gabinete e vai ao encontro de Zárate, que a recebe com enorme seriedade.

— Anda comigo, tens de ver isto.

Há tanta determinação em Elena que Zárate nem se digna a discutir a ordem. Acompanha-a até ao gabinete, e ela, sem mais delongas, liga o telemóvel de Chesca ao computador. No ecrã pode ver-se o que parece um quarto de hotel. A gravação foi feita de um canto com uma câmara angular. É como se fosse uma câmara de segurança ou algo do género. Não há som. Um homem na casa dos cinquenta entra no aposento, bem vestido. Parece ligeiramente alcoolizado, mas feliz. Senta-se na cama com uma cerveja na mão. Está a sorrir e a conversar com alguém que se encontra fora do plano. Quem será aquele tipo? Porque é que Chesca teria aquele vídeo? De repente, um tiro atinge a cabeça do homem, que cai morto na cama. Os lençóis ficam encharcados de sangue. O vídeo interrompe-se.



## Capítulo 22

No carro, a caminho de Cuenca, Orduño decide, por fim, falar com Reyes para lhe perguntar o que talvez todos querem saber.

— Posso fazer-te uma pergunta?

— Só se, em troca, eu te puder fazer uma também — responde Reyes, sem hesitar. Como se a ousadia da indumentária lhe contagiasse a personalidade.

— É justo. Sou o mais veterano dos dois, pelo que decido eu a ordem, começa tu — exige Orduño.

— Porque é que andamos sempre de um lado para o outro em vez de telefonar?

— As pessoas têm de ter a noção de que estão a falar com a Polícia, isso ainda impõe respeito. Além disso, assim podemos manter o contacto visual enquanto falam.

— Achas que, nos olhos das pessoas, se vê se dizem a verdade ou não?

— Essa é uma segunda pergunta, à qual responderei quando chegar a tua vez, agora é a minha vez. Porque é que te vestes assim? Não me parece mal, note-se, cada um veste-se como quer, mas não entendo tanta mudança.

— Já ouviste falar do *gender fluid*, o género fluido?

— Nunca. É o quê?

— Segunda pergunta. Quando voltarmos para Madrid, procura na Internet. E, quando souberes o que é, esclareço-te todas as dúvidas.

O destino é um matadouro. Nenhum dos dois alguma vez estivera num sítio assim, mas pouco difere de outro pavilhão de um complexo industrial dedicado a qualquer atividade. Chama-se Polígono La Montonera, e a empresa, Incacuesa.

— Andamos à procura do Emilio Zuecos, o veterinário.

Aparentemente, não há nenhum controlo de acesso, a pessoa com que se depararam à entrada aponta para um corredor.

— Segunda.

Batem os dois à porta, mas ninguém vem abrir. Reyes decide abri-la, sem mais. Emilio está meio adormecido na sua cadeira de escritório e sobressalta-se ao vê-los entrar. É um tipo de cinquenta e poucos anos, careca, com olheiras e a aparência de ter passado muitas noites bem complicadas, sendo a de ontem uma delas.

— Quem são? O que querem?

— Polícia.

O anúncio e o distintivo assustam tanto o veterinário que este por pouco não cai da cadeira.

— Podemos entrar?

— Claro que sim; queiram sentar-se.

— Viemos por causa de uma receita de *Azaperonil* que passou recentemente.

O veterinário fica atordoado, como se ainda não estivesse desperto ou não entendesse a importância da pergunta. Talvez esperasse ser interrogado sobre outro assunto qualquer.

— É um medicamento normal para porcos. Serve para lhes controlar a libido e relaxá-los. Passo muitas receitas de *Azaperonil* aos suinicultores que trazem os porcos para abate.

— Não há controlo?

O homem bufa, puxa as calças até à barriga e aponta para o computador com um gesto de desdém.

— Sim, mas tive um acidente. O meu ficheiro foi-se. Tenho a certeza de que a culpa foi minha, não me ajeito nada com máquinas.

— Que coincidência — exclama Orduño. — O cliente era muito gordo, não cheirava bem e era atrasado mental. Foi o que o farmacêutico nos disse.

— Não me lembro de todos os suinicultores, há muitos nesta zona. E não é gente vistosa, quase nenhum deles.

— Porque é que me está a dar a sensação de que não quer colaborar?

Orduño decidiu passar ao ataque, mas nem assim desmonta a resistência de Zuecos.

— A essa pergunta não posso responder. Conto-lhe o que sei, nem mais nem menos.

— Pois.

Pouco mais conseguem sacar do veterinário. Saem do gabinete com ar de

derrota, mas Reyes tirou um calendário de cima da mesa do gabinete sem que nem Orduño nem o veterinário se apercebessem.

— El Shangay River, adoro os nomes que dão às casas de putas; onde é que terão ido buscar a ideia de que em Xangai há um rio? — Mostra-o a Orduño. — Embora haja disso em todas as cidades, não é? Parece que o nosso amigo é frequentador. E se formos até lá? Fica neste complexo, La Montonera.

— Não podes tirar coisas das mesas das pessoas com quem falamos.

— Não? Não sabia — escarnece Reyes. — Não se podem abrir portas a pontapé, não se podem roubar calendários... É uma seca ser polícia.

O El Shangay River fica a escassas ruas do matadouro. Por trás, e em linha reta, não deve haver mais de cinquenta metros entre um sítio e o outro. De facto, ao entrar pela estrada, se tivessem estado atentos, tê-lo-iam visto. Quando chegam, ainda é hora do almoço e o clube está fechado, mas há um bar mesmo ao lado, o Juanfer. Um bar de estrada num sítio onde a rodovia principal deixou de passar há anos. O bar está vazio, tirando o dono e um homem que se entretém a enfiar moedas numa *slot machine*.

— O Emilio Zuecos, sim, conheço-o, trabalha ali no matadouro. Mas, se quiserem saber mais sobre ele, onde têm de perguntar é no Shangay. Ele vai lá todas as tardes e às vezes só sai de lá à hora de pegar no trabalho.

Regressam ao parque de estacionamento e ficam a olhar para o clube de alterne.

— Já alguma vez estiveste num sítio destes? — pergunta Reyes.

— Numa casa de putas? Nunca na vida.

— Que seca, uma vez fui a uma na estrada de Burgos.

— Vestida como estás hoje?

— Não, nesse dia ia muito sem graça. É pena estar fechada, gostava de entrar assim vestida, para ver o que acontece.

— Ainda te confundiam com uma das meninas. — Orduño atreve-se a escarnecer dela.

Não continua a falar porque se aproxima deles o homem que estava a jogar na *slot machine* do Juanfer.

— Andam à procura do Emilio Zuecos, certo? Um filho da puta.

O tipo bebeu em excesso, mas isso não significa que o que tem para lhes dizer não seja interessante.

— Conhece-o? — pergunta Orduño.

— Esse é o seu carro? Vamos, vou levar-vos a um sítio que fala por si mesmo.

O bêbedo guia-os por uma estrada rural, enquanto murmura coisas ininteligíveis.

— Esse cabrão é um vendido. Quem tem dinheiro abafa o que devia ser denunciado. Gente como esse filho da puta é que faz o mundo ser a merda que é.

Chegam a uma cerca e manda-os sair do carro, é a parte de trás de um pavilhão. Cheira a esterco. Na fachada lateral do pavilhão podem ler o nome da empresa: Aljibe S. A. Ouvem-se grunhidos de porcos.

— Não deve estar ninguém, mas vamos entrar pela porta das traseiras.

— É legal?

— Claro que não, nada é legal, isto é um pesadelo, porra. Se tomaram o pequeno-almoço, vão gregar. Vou mostrar-vos o que comem por causa do filho da puta do veterinário.

O homem procura um sítio onde a cerca está partida, nota-se que já ali esteve outras vezes e sabe por onde se pode ter acesso. Entram os três no terreno da empresa. A poucos metros há uma portinhola que não tem cadeado. Os grunhidos dos porcos são ensurdecedores.

Ao empurrar a cancela, o que veem deixa Orduño e Reyes paralisados. É um espetáculo arrepiante: porcos deformados, corcovados, alguns sem patas, há uns que se mordem mutuamente, olhos inflamados a ponto de explodir e um cheiro penetrante a merda... Reyes resiste mais ou menos bem, mas Orduño tem de fazer um esforço para não vomitar.

— Nojento, não é? Pois bem, estes porcos passam no exame do veterinário. Do cabrão do Zuecos. Claro que a ele basta-lhe ter dinheiro para a pinga, para a coca e para as rameiras do Shangay River. Vamos ver se vocês conseguem que fechem esta pocilga e tirem a cédula a esse grande filho da puta.

## Capítulo 23

«Se quiseres ver a segunda parte do vídeo, deixa vinte e cinco mil euros no cacifo da estação de Burguillos del Cerro. No dia 1, divulgo-o.»

Elena lê a mensagem que encontrou no telemóvel de Chesca. Uma mensagem tosca, um procedimento de filme antigo. Não há pagamento em *bitcoins* nem contas encriptadas. O dinheiro em numerário num saco de desporto, um cacifo de uma estação, tudo isto cheira a criminoso amador. Mariajo e Buendía estão a par da existência do vídeo. Ao visioná-lo, não conseguiram disfarçar o choque. A inspetora Blanco não quer conjecturas, apenas dados.

— O chantagista é novato, quero saber de onde vem esta mensagem.

Mariajo pega no telefone e põe mãos à obra.

— Burguillos del Cerro fica a vinte quilómetros de Zafra. — Buendía fez uma pesquisa rápida no Maps.

— A Chesca inscreveu-se na Feira de Pecuária de Zafra com aquele nome falso — recorda Zárate.

— Vou seguir essa pista.

Buendía também abandona o gabinete. Ficam Elena e Zárate, frente a frente. O silêncio é tangível.

— Armaram-lhe uma cilada, Elena.

— É possível.

— Não concebo outra hipótese.

Ela mantém-se em silêncio durante alguns segundos.

— Não achas? — insiste Zárate.

— Porque é que não respondeu?

— Como assim?

— A chantagem é muito imprecisa. Não diz quando deve deixar o dinheiro, não diz em que cacifo.

— Subentende-se que a Chesca devia deixar o dinheiro num cacifo e depois comunicar os detalhes.

— Imaginas a Chesca a receber esta mensagem e a engoli-la sem questionar?

— Não.

— Uma agente experiente como ela teria respondido, teria tentado obter informações do chantagista. Esse silêncio não é nada natural.

— E, ao que parece, não pagou o montante. Tinha até 1 de outubro, já passaram vários meses.

Mariajo entra no gabinete com dados.

— A mensagem foi enviada de um telemóvel desbloqueado com cartão pré-pago. É obrigatório pedirem o DNI a qualquer pessoa que compre um cartão, mas não o fizeram. Alguns vendedores são bastante permissivos em relação à lei.

— Ou seja, o chantagista não é tão amador quanto isso — resume Elena. — Quero que investigues a conta da Chesca. A ver se há algum movimento estranho de dinheiro.

Entra Buendía.

— Isto está a ficar interessante.

Todos olham para ele. Traz o portátil na mão e pousa-o em cima da mesa. Há uma notícia aberta do jornal estremenho *Hoy*, de 16 de setembro: «Um homem assassinado num hotel de Zafra.» E abaixo: «Segundo fontes policiais, a vítima foi baleada na cabeça.»

— «O morto chamava-se Fernando Garrido, era morador de Seseña, onde vivia com a mãe, e dedicava-se ao negócio dos suínos, razão por que se deslocara à feira» — lê Buendía. — A Guarda Civil desta localidade estremenha está totalmente perdida. O negociante não se envolveu em nenhuma confusão nos dias em que esteve na localidade; era um comerciante conhecido entre os outros criadores de gado, com reputação de pessoa séria e cumpridora.

— Fala com a Guarda Civil de Zafra, para te informarem sobre o processo.

Buendía não tem dificuldade em cumprir a ordem de Elena.

— Tinha feito um bom negócio e comemorou-o com outros participantes da feira. Foram jantar a um restaurante na localidade, o Acebuche — informa-o por telefone o sargento da Guarda Civil responsável pelo caso. — Interrogámos todos os que jantaram com ele e todos disseram a mesma coisa: que estava feliz e que queria ir tomar uns copos antes de ir dormir. No hotel ninguém o viu chegar.

Encontraram o cadáver de manhã, quando a empregada da limpeza entrou no quarto.

— Ninguém ouviu o tiro?

— Ninguém. Falámos com todos os hóspedes. Provavelmente o assassino terá usado um silenciador, embora sejam apenas suposições: não temos a arma, nem o cartucho, nada de nada.

A pedido de Buendía, o guarda-civil envia-lhes uma lista dos hóspedes do hotel naquela noite. Veem os seus presságios confirmados: um dos nomes é Leonor Gutiérrez Mena. O nome do DNI falso encontrado na casa de Chesca.

— Mariajo, quero que vasculhes este telemóvel, liga-nos quando tiveres alguma novidade — diz Elena, levantando-se e pegando no casaco.

— Aonde vais?

— A Seseña.

Elena dirige o seu *Mercedes*, e Zárate viaja ao seu lado, incapaz de digerir a nova linha de investigação.

— Percebes alguma coisa? — pergunta.

— Percebo pouco. É claro que a Chesca andava a investigar alguma coisa. E fazia-o em segredo. Uma investigação que a levou a uma feira de pecuária.

— Também sabemos que andava à procura da filha e que a encontrou. Como é que essas peças se encaixam?

— E sabemos que foi vítima de chantagem.

— Insisto, Elena. Armaram-lhe uma cilada. Nenhum hotel tem câmaras de segurança nos quartos, onde é que já se viu uma coisa destas? A câmara foi colocada por alguém com a intenção de fazer chantagem.

— Alguém que sabia que ia haver um homicídio?

— Não sei.

— Nem eu. Importas-te se ficarmos em silêncio? Preciso de pensar.

Elena tenta encaixar as peças, mas não consegue. Pensa em Chesca, foi Elena que a selecionou para a brigada, estava no departamento de homicídios e um inspetor recomendou-lha veementemente: inteligente, preparada, trabalhadora, com sentido de humor. Nunca se arrependeu. Sorri ao pensar no afeto sincero que ela lhe devotava. A perda do filho obrigou-a a distanciar-se completamente da sua vida anterior, o que implicava cortar os laços de amizade, separar-se da família que criara na BAC, incluindo Chesca. Por mais doloroso que fosse.

Zárate, por sua vez, pensa na noite em que Chesca desapareceu. Ainda não

sabe que esse pensamento está a aderir aos seus órgãos internos, ao esófago, à traqueia, às meninges. Ao coração. *Se tivesse respondido às mensagens dela, ter-me-ia convencido a voltar para casa. Se não me tivesse ido embora, a Chesca estaria sã e salva. Se tivesse sido um homem atencioso e sensível, teríamos partilhado uma garrafa de vinho naquela noite e talvez me tivesse contado por que razão andava tão estranha ultimamente.*

Tenta truques para sair do círculo vicioso, pensar nas preocupações de algum dos amigos, trautear em silêncio uma canção cativante, evocar a última risada sincera que soltou. Nenhum dos truques se mostra eficaz, todos eles são engolidos pelo círculo vicioso. *Se eu tivesse sido uma pessoa melhor, a Chesca estaria aqui agora. A culpa é minha. A culpa é minha. A culpa é minha.*



## Capítulo 24

Quando Orduño e Reyes regressam ao matadouro, Emilio Zuecos já se foi embora.

— Estará no Shangay River?

— Finalmente, vou ter a sorte de entrar e conhecer o sítio. Não descarto a hipótese de ficar a trabalhar lá — graceja Reyes.

O El Shangay River acaba de abrir e não recebeu muitos clientes. É ainda mais foleiro do que parecia visto de fora: espelhos manchados, sofás vermelhos, prateleiras com garrafas de álcool adulterado, um par de clientes a conversar com outras tantas raparigas enquanto bebem, eles em copos altos e elas de coquetel. Nenhuma das raparigas está trajada como Reyes, não trazem vestidos, apenas tangas, cintas-ligas, meias, *soutiens*... Uma mulher com pouco mais de quarenta anos, sentada perto do balcão, observa a entrada de Reyes com curiosidade. Orduño aproxima-se dela. Nem tem tempo para falar antes de a mulher protestar.

— Por acaso levas comida para os restaurantes? Então não tragas a tua puta para um clube de alterne.

Orduño mostra o distintivo.

— Sou polícia, tal como a minha colega, por isso vou fazer de conta que não ouvi.

— Não te zangues, Orduño. Adoro que ela me tenha confundido com uma colega.

— Com essa carinha laroca, não estarias numa espelunca como esta — diz-lhe a que deve ser a madame lá do sítio. — Ainda para mais espanhola, que tem mais procura.

— Onde é que estaria? — Reyes formula a pergunta com um certo orgulho.

Agrada-lhe a conversa.

— Em Madrid ou em Barcelona, mas não posso dizer-te muito mais. Há tantos anos que ando a cirandar pelas províncias que nem sei às quantas anda o negócio. Chamo-me Osiris e sou a responsável.

Reyes, apesar da impaciência de Orduño, aproxima-se para a cumprimentar com dois beijos.

— Eu sou a Reyes. Um dia que tenha mais vagar venho até cá, gosto de saber como funciona tudo.

Orduño decide cortar o falatório pela raiz.

— Venho à procura do Emilio Zuecos.

— Aqui ninguém diz o seu nome. Achas que me chamo Osiris?

— O veterinário — explica Reyes.

— Ah, esse? Está num dos quartos, foi chegar e subir com a Valkiria, que é nova aqui. Vamos ver se paga ou faz o habitual, que é armar banzé.

Quando abrem a porta do quarto, no andar superior do Shangay River, surpreendem o veterinário sentado na cama com uma mulher ajoelhada diante dele, a fazer-lhe sexo oral. Para sua surpresa, a mulher é negra.

— Pira-te. — Orduño mostra o distintivo.

Reyes não tem tempo para explicar à negra que as valquírias são loiras, porque, antes de conseguir abrir a boca, a rapariga desaparece dali. Emilio Zuecos sobe as calças e olha para os polícias, assustado.

— Vou mostrar-te um vídeo, a ver se continuas tão caladinho como esta manhã. A empresa vai ficar entalada, haverá uma inspeção sanitária e, provavelmente, sairás prejudicado.

Senta-se na cama ao lado de Zuecos e passa-lhe a mão pelo ombro, como se ele fosse o seu melhor amigo. É uma maneira de lhe direcionar a vista para o vídeo que já está a passar no seu telemóvel. Os porcos aos guinchos, as corcundas, a pocilga inabitável.

— Eu faço o que me mandam — murmura o veterinário Zuecos.

— Estás metido numa alhada, e não sou eu que te vou safar. Só que, se me disseres a quem passaste a receita do *Azaperonil*, pode ser que fale bem de ti e apanhes menos anos do que mereces.

— Era um tipo muito gordo. Careca, com os dentes saídos. Mas não sei como é que se chama.

Orduño levanta-se.

— Safa-te sozinho.

— Espere. Não sei como é que se chama, só sei que às vezes vem cá, dá-me

cem euros e eu passo-lhe a receita. Ele nunca fala, não sei se é mudo ou atrasado mental.

— A matrícula?

— Aham que me ponho a olhar para a matrícula dos carros?

— O que nos estás a dar é pouco ou nada — intervém Reyes, de repente. Já estou a perder a paciência.

Pega na arma e diverte-se a passá-la de uma mão para outra. Orduño fica estupefacto com a atitude inusitada da colega, mas agora não há tempo para repreensões.

— Juro que não sei o nome desse tipo. Não é daqui. Talvez seja da província, mas não da cidade, Cuenca. Deve ter uma quinta, mas não é nenhuma daquelas onde presto serviço.

— Com que frequência vem?

— Uma vez por mês, às vezes duas. A última vez foi há quinze dias.

— Vai ao matadouro buscar a receita?

— Não, vem aqui. Fica à minha espera no parque de estacionamento e aborda-me quando estou a entrar. Lá fora não há câmaras nem nada disso.

— Da próxima vez que o atrasado mental vier buscar a receita, vais retê-lo com uma história qualquer e vais avisar-nos. Se tudo correr bem, eu apago este vídeo e esquecemos o assunto. O que achas deste acordo, Zuecos?

Estende-lhe o seu cartão. O outro pega nele.

Já no parque de estacionamento, Orduño vira-se para Reyes.

— Que história foi aquela de puxares da arma?

— Correu bem, ele ficou acagaçado. Não viste como tremia? Saio-me bem a fazer de louca.

— Vamos comer qualquer coisa e vais-me explicar de uma vez por todas o que é que se passa contigo; não quero trabalhar com uma demente, seja ela sobrinha do Rentero ou da puta que o pariu.

## Capítulo 25

Toda a gente já ouviu falar de El Quiñón, em Seseña, a urbanização do Pocero, esse monstro erigido no meio do campo, que foi tomado como exemplo da desmesurada febre do tijolo no início do milénio. Mas, tirando os que lá compraram um apartamento, poucos foram os que passearam pelas suas largas avenidas impessoais ou por aquele parque onde até um lago puseram. Há anos dizia-se que era uma cidade-fantasma, vazia; agora dá a impressão de ter vida e de que a existência dos moradores é muito melhor do que a que levariam em alguns bairros de Madrid, onde tiveram de ir muitas vezes como polícias: os bairros dos mais pobres da sociedade.

— Estava à espera de pior — comenta Elena —, tu não?

— Não. Um dos meus colegas da esquadra de Carabanchel veio viver para cá e convidou-nos uma vez para almoçar num domingo, já conhecia isto. O que queres que te diga? Eu não viria morar para cá, porque assim que saís daqui é tudo campo, mas já estive em lugares piores.

O prédio em que vive Felisa Álvarez, a mãe de Fernando Garrido, o homem assassinado em Zafra, fica na Calle del Greco. É igual a todas as outras ruas do bairro.

— Acho que, se morasse aqui, perdia-me e não seria capaz de encontrar a minha casa.

— Nunca viste as moradias geminadas de Las Rozas? Daria para uma história de terror: uma pessoa leva o cão a passear e morre de fome antes de conseguir localizar a sua casa. Ninguém se apercebe porque é a única pessoa a andar a pé pelas ruas, todas as outras se deslocam de carro.

Se não estivesse tão preocupado, Zárate sorriria.

A sala da casa de Felisa está na penumbra. A um canto, como um altar, há uma foto do filho rodeada por estampas religiosas e duas velas apagadas.

— Era um bom homem, muito religioso, muito cumpridor...

Ficou contente por receber a visita dos polícias, acha que isso significa que avançaram na investigação do caso e que em breve descobrirão o autor do homicídio do filho.

— Bem sei que a vingança não é um sentimento cristão, mas não consigo evitar. Quando vou para a cama, só desejo que apanhem o traste que o matou e que a família dele sofra tanto como eu tenho sofrido. A seguir arrependo-me e vou à igreja e peço perdão, mas à noite volta-me o mesmo pensamento. Além de me terem tirado o filho, também me tiraram a compaixão.

A mulher faz questão de lhes servir café antes de começar a falar. Tanto Zárate como Elena se sentem como dois impostores: estão ali, com a mãe do defunto, fazendo-se passar por polícias interessados em resolver o caso do filho, quando a única coisa que procuram são informações que lhes permitam localizar Chesca.

— Fiquei viúva há mais de vinte anos. Desde então, só tinha o Fernando para me fazer companhia. Era um filho maravilhoso, sempre ao meu lado, sempre com a preocupação de que não me faltasse nada. Agora não sei o que hei de fazer. Era ele que me levava ao médico, que se lembrava que eu tinha de tomar os medicamentos. Nos últimos tempos dava-lhe para cozinhar, e aos domingos preparava-me uma *paella*, nem imaginam a delícia que era. Acho que nunca mais vou ser capaz de comer *paella*.

Felisa conta que o seu Fernando sempre trabalhou no campo e que, recentemente, abriu o seu próprio negócio. Criava e comercializava porcos. Foi por isso que participou na semana suinícola de Zafra. Nunca se metia em alhadas. Não sabe o que terá acontecido por lá, a Polícia diz que talvez tenha sido para o roubarem, mas não regressou a casa.

— Alguém o matou, e só de o imaginar, coitado, morto no quarto do hotel... — Felisa, que até agora o evitara, desata a chorar.

— Sabe se o seu filho tinha algum inimigo?

— Inimigos? Impossível, o Fernando era um verdadeiro paz de alma.

— Algum concorrente que lhe quisesse mal?

— Ninguém. O Fernando não tinha a ambição de enganar ninguém, só queria andar com o negócio para a frente, para podermos viver os dois. Dizia-me sempre: «Não tive filhos, para que é que hei de ganhar mais dinheiro do que precisamos, para sermos os mais ricos do cemitério?»

— Nunca se casou?

— Nunca. Teve uma namorada, mas isso foi há mais de vinte anos. Desde então, não lhe conheci mais nenhuma.

Elena tira da mala uma foto de Chesca, mostra-a a Felisa.

— Conhece esta mulher?

Felisa pega na foto, observa-a com atenção, devolve-lha.

— A cara dela não me é estranha, mas não sei de onde. Porque é que me estão a mostrar o retrato dela?

Não podem dar-lhe nenhuma explicação coerente, apenas evasivas.

Quando já estão de saída, enquanto vestem os casacos no patamar, Elena solta um último comentário.

— Estes apartamentos são bastante novos, têm muito bom aspeto.

— São as famosas casas do Pocero. Estão muito bem feitas, mas tiveram uma reputação tão má no início que o bairro levou tempo a encher.

— Sim, já ouvi falar disso. Onde é que vivia antes com o seu filho, era aqui em Seseña?

— Não, em Turégano, em Segóvia. Embora sejamos de Madrid, foi lá que colocaram o meu marido, quando o Fernando era pequeno, e foi lá que morreu.

— Lembra-se, então: — Claro, é de lá que conheço a mulher da foto. É a irmã da Juana, só que não me lembro do nome dela.

Com um ruído intolerável que quebra a calma do ambiente, o *fax* cospe um papel que Buendía aguarda. Pega nele e aproxima-se de Mariajo.

— Finalmente. O juiz Oncina autoriza-nos a entrar em casa da Yolanda Zambrano.

Mariajo não lhe responde. Está concentrada no vídeo de Zafra. As imagens encontram-se ampliadas no ecrã do seu computador.

— Ouviste o que eu disse? Temos de avisar a Elena.

Mariajo esfrega os olhos e olha para Buendía com um temor que este identifica imediatamente. É o prelúdio de más notícias.

— Encontrei um reflexo num quadro da parede. Tirei-lhe o brilho com um programa de tratamento de imagem. Já tenho o resultado.

Buendía fita o ecrã.

— É uma mão.

— Repara bem no relógio que tem no pulso — diz Mariajo.

Tem a voz rouca, como se estivesse há dias sem falar.

— É um *Swatch* vulgar. Há milhares como esse.

— É o relógio da Chesca. Fomos nós que lho oferecemos no seu último aniversário, fui eu que o fui comprar.

Buendía fica a olhar para a imagem. Não arranja forma de refutar a certeza da sua colega. O mandado judicial treme-lhe na mão.

## Capítulo 26

Chesca sonhou com o pai. Um sonho estranho em que os dois discutiam, o pai acusava-a de nunca ter ido vê-lo quando ele estava doente, mas depois passava a ser a mãe, que dizia para não lhe dar ouvidos, que nunca falavam dela e não tinham saudades dela, que o pai não queria saber se ela ia vê-lo ou não. Estavam num carro, era o pai que ia a conduzir, mas, quando passava a ser a mãe, aparecia no banco de trás.

Já acordada, na cama da cave, na mesma posição em que se encontra há pelo menos dois dias, lembra-se de quando a mãe lhe ligou e lhe disse que tinham detetado um cancro com metástases ao pai e que, embora não pudessem fazer nada por ele, o tratariam com radioterapia e quimioterapia. Chesca estava nos escritórios da BAC, investigavam então um enfadonho caso de burla. Desligou o telefone, e ao seu lado estava Orduño, que lhe perguntou se se passava alguma coisa. Ela disse-lhe que não, que não era nada, e perguntou-lhe porque é que não iam tomar uma cerveja. A seguir, à noite, no seu apartamento, reparou que não sentira a menor pena do pai ou da mãe. Para si, estavam mortos há muito tempo, morreram quando a obrigaram a dar a filha para adoção, embora então não se tivesse apercebido disso. Desde que a mãe lhe contou sobre a doença do pai até a irmã lhe ligar a dizer-lhe que ele morrera e a dar-lhe conhecimento da hora do funeral, caso quisesse ir até Turégano, não voltou a ouvir falar deles nem teve vontade de lhes telefonar.

— Tens sede?

Chesca pisca os olhos e sorri, cansada, ao ver que Nina está na cave com a gatinha ao colo. Postou-se no seu campo de visão, para ela não se ver obrigada a torcer o pescoço ao tentar vê-la.



Nina traz-lhe água e verte-lha na boca. A seguir deita-se ao seu lado. É como se tivesse carinho por Chesca, mas, quando esta menos espera, morde-lhe um braço.

— Ai! Porque é que me fizeste isso?

Nina ri-se como se lhe tivesse pregado uma partida. Embora lhe tenha doído a mordidela, Chesca fica agradada por a menina se ter deitado ao seu lado. Pensa em Rebeca, na filha abandonada, em como teria gostado que esta corresse a abraçá-la quando lhe disse quem era. *Fui tão ingénua*, pensa. Essas cenas só acontecem nas telenovelas baratas. O normal é o que Rebeca fez, perguntar-lhe se estava louca e sair do quarto.

— Quem são aqueles dois homens que vieram aqui antes?

— O Serafín e o Casimiro. São irmãos do Antón. Às vezes eles são um bocado brutos, mas gosto muito deles.

— Mas não são normais, pois são?

— São bonzinhos. O Serafín traz-me guloseimas sem que o Antón perceba.

Chesca fica espantada com a informação. Pareceram-lhe duas pessoas com um atraso mental severo, não consegue imaginá-los a irem às compras ou em qualquer ato de natureza social.

— Então saem à rua...

— Muito pouco. Só saem para ir à farmácia comprar remédios.

— E tu nunca estiveste fora daqui?

— Não.

— Não te aborreces?

— Um bocadinho.

— Queres jogar um jogo comigo?

— Siiim! — responde Nina, acometida por uma súbita felicidade. — A que é que podemos jogar? Tu estás amarrada.

— Há muitos jogos. Podemos dizer palavras que comecem por... por «a», por «b», por «c»... Sabes o alfabeto?

— Já sei ler, tenho lido histórias. Foi o Julio que mas trouxe.

— Muito bem, então podemos jogar. Quem perder paga um castigo.

— Como assim?

— Quer dizer que tem de fazer o que a outra lhe disser. Por exemplo, se ganhares tu, posso deixar que me mordas.

— Está bem. Começo eu. Posso dizer a palavra que quiser?

— Alguma coisa que estejas a ver e que comece por «a».

— Água — diz Nina, sorrindo.

— Muito bem. Agora eu, por «b». Botão.

Diz a palavra apontando com a cabeça para um botão lateral no vestido da menina.

— Agora eu, por que letra?

— Por «c».

— Por «c»... Casa. Isto é uma casa.

— Muito bem, eu por «d». Dedo. Tu por «e».

— Escadas.

Nina ri-se, eufórica, por ter dado tão depressa com uma palavra adequada.

— Excelente! Ena, jogas mesmo bem. Eu por «f»... Fogo. O fogo da estufa.

— Estufa era outra palavra por «e»!

— Sim, mas agora é a tua vez, por «g».

— Por «g»...

A menina não encontra nenhuma palavra. Levanta-se, deambula pela cave, nada.

— Não sei mesmo...

— Oh, oh — anuncia Chesca, com uma voz infantil. — Parece-me que perdeste. Tens de pagar um castigo.

— O que é que tenho de fazer?

— Uma coisa fácil, por ser o primeiro castigo. Tens de colocar um papel no bolso do Serafín da próxima vez que ele for à farmácia.

— Isso é canja.

— Mas sem que ele perceba. E tem de ser um papel com um desenho meu.

— Mas aqui não há nada para fazer desenhos.

— Não há nada para fazer desenhos? Tem de haver um lápis, uma esferográfica ou um marcador em algum sítio.

Nina abana a cabeça.

— Bem, não tem importância. Traz-me uma folha de papel e eu tento fazer um desenho. Está bem? E outro dia tiramos a desforra e de certeza que me irá calhar a mim pagar um castigo.

— Vamos jogar a outra coisa!

— A seguir. Primeiro traz-me um papel.

— Está bem.

Nina sai aos saltinhos. De repente, detém-se, leva a mão à boca. Volta para junto de Chesca.

— *Gata* começa por «g», não é?

— Sim.

— Que tonta. Perdi por causa do «g», e afinal *Gata* começa por «g».

Sobe as escadas lamentando o seu esquecimento. Chesca fica enternecida com a miúda, mas não quer perder tempo com essas emoções. Precisa de enviar uma mensagem para o exterior e agarrar-se à esperança remota de que os seus colegas a encontrem. A um primeiro vislumbre de entusiasmo segue-se um acesso de tristeza: é quase impossível que a recebam. É como lançar uma garrafa ao mar.

## Capítulo 27

Juana Olmo desata a chorar quando vê o retrato de Fernando Garrido e toma conhecimento de que está morto.

— Assassinado, alguém lhe rebentou os miolos em Zafra, há uns meses — atira-lhe Elena com crueza.

— Há muitos anos que não sabia nada do Fernando. Desde que ele e a mãe deixaram Turégano.

Elena contém um surto de impaciência. Quer remover a lentidão proverbial daquela mulher, encontrar atalhos na conversa. Não tem tempo para efusões sentimentais.

— Juana, isto é muito importante. Precisamos de saber que relação é que a Chesca tinha com este homem.

— A minha irmã não tinha nenhuma relação com ele — afirma com estranha languidez. — Eu é que tinha.

Elena e Zárate entreolham-se fugazmente. A narração de Juana é serena, fluida, como se a tivesse ensaiado dezenas de vezes ao longo dos últimos vinte anos.

— O Fernando foi meu namorado. Se é que se pode chamar assim. Eu era muito católica, e nunca ficámos sozinhos, para evitar a tentação. Embora ele nunca me tenha tocado, foi o único homem da minha vida. Depois dele não houve mais nenhum. Ele casou?

— Não, ainda morava com a mãe — responde Zárate.

— Se calhar continuava a pensar em mim. Como eu nele. Será possível?

— Não sabemos, Juana, só queremos que nos conte o que está a tentar não dizer — pressiona Elena, agora sim, com impaciência.

— É difícil contar, foi naquele verão há vinte e um anos, quando a minha irmã Francisca tinha catorze anos.

Embora a música da rádio ou as revistas nunca entrassem em casa, muito menos a Internet, Chesca conseguia estar a par de tudo. A canção do verão era «Salomé», de Chayanne, e o cantor iria estar na aldeia, nas festas, ela não podia perder a oportunidade, quer o pai a deixasse ou não. Fazia sempre o mesmo, esperava que Juana e os pais se fossem deitar, o que faziam muito cedo, e fugia pela janela do quarto, que dava para o pátio. Juana ouvia-a a sair, mas não dizia nada, apenas rezava por ela, para que um dia fosse obediente e cumprisse as ordens do pai e o que se esperava dela.

— Foi nessa noite que aconteceu a violação. Sempre pensei que, de alguma forma, Deus a tinha castigado.

— Não sabemos o que é que tudo isso tem que ver com o Fernando Garrido, agradecia que fosse direto ao assunto, Juana — diz Zárate.

— A Francisca nunca acusou ninguém da violação, sempre disse que estava tudo escuro, que não os reconheceu, que mal se lembrava do que tinha acontecido. Mas eu sempre suspeitei de que tinha sido o Fernando, o meu namorado. Só que fui egoísta, não queria perdê-lo, sonhava em casar com ele, dar-lhe filhos, por isso não disse nada.

— Porque é que suspeitou dele?

— A minha irmã começou a evitar o Fernando, deixou de falar com ele. Dizia-me que ele era má pessoa, que não me amava, que eu nunca casaria com ele e que, se o fizesse, seria muito infeliz.

— E afinal não casou.

— Pois não, ele deixou-me e saiu da aldeia. E, um dia, a Francisca confessou-me que tinha sido ele.

— Porque é que nunca o denunciou?

— Sentia-me muito culpada. Se eu lhe tivesse dado o que ele desejava, talvez ele não o tivesse tirado da minha irmã.

— Quem eram os outros violadores? — pergunta Elena.

— Não sei quem eram os outros dois. Havia festa na aldeia, muitas pessoas de fora. Talvez feirantes, talvez visitantes de outras aldeias.

— Nunca perguntou ao Fernando?

— Nunca falei disto com ele. Eu queria que ele continuasse comigo. Estava disposta a perdoar, a dar-lhe o que até então lhe tinha negado. Mas ele deixou-me. Já não me queria ver. Acho que precisava de guardar distância do que tinha acontecido.

— E culpou a sua irmã por isso. — Zárate não pergunta, afirma.

— Limitei-me a ficar na aldeia, nesta casa, a cuidar dos meus pais, enquanto a minha irmã foi para Madrid e não voltou.

Há uma nota de ressentimento nas palavras de Juana. As relações entre irmãos são por vezes indecifráveis, há complicitades absurdas e queixas que nunca são esquecidas. Sentada numa cadeira de baloiço, Juana parece ter no regaço uma meada de rancor que nem a caridade nem a fé cristãs conseguem desenredar.

De regresso a Madrid, no carro, Zárate não pára de atacar Juana. Como é que alguém pode ficar calado em relação a uma violação? Como é que pode antepor o seu relacionamento seco de virgem à dignidade da irmã? Se as coisas tivessem sido feitas de outro modo há vinte anos... Tentativas estéreis de mudar o tempo, o curso dos dias. A nostalgia de um mundo mais feliz em que não existe crueldade. Elena permite-lhe o desabafo. A seguir pouisa a mão na dele, que repousa sobre a alavanca das mudanças. Ele pediu que o deixasse conduzir, como se precisasse de uma distração. O telemóvel de Elena toca, é Mariajo, que os informa da sua terrível descoberta. Ouvem a revelação com um aperto no coração.

— Tens a certeza? — limita-se a perguntar Elena.

— Quando chegarem, mostro-vos a prova.

Já não há dúvidas, o que suspeitavam desde que viram o vídeo, o que nenhum dos dois queria verbalizar, confirma-se agora. Chesca assassinou um homem, que, muito provavelmente, era um dos seus violadores.

— Já localizámos a Rebeca, a filha da Chesca. Pelo ADN poderemos saber se o Fernando Garrido era o pai ou se é um dos outros dois — diz Elena.

Quer meter Zárate na conversa, quer que ele saia do mutismo em que caiu. Mas este mantém-se em silêncio.

— Sinto muito por ela — prossegue, então. — Estava muito esquiua, não queria colaborar. Mas vai ter de o fazer.

Elena olha para o colega. Tem os olhos postos na estrada, conduz como um autómato.

— Já admitiste a possibilidade de a Chesca não ter sido raptada? Pode andar fugida, matou um dos seus violadores e agora anda atrás dos outros dois.

— Sabes que não é assim.

Elena olha para ele, surpresa. Não lhe parece que a sua conjectura deva

descartar-se de ânimo tão leve.

— Sabes que, se a encontrarmos, temos de a deter, certo?

— Vamos a Zafra? — pergunta Zárate. — Preciso de saber o que é que aconteceu naquele quarto de hotel.

## Capítulo 28

Dois gatos uivam de forma lastimosa do outro lado da porta. Orduño e Reyes aguardam que o serralheiro da Polícia abra a fechadura. O estômago faz-se ouvir, acabaram por não ter tempo para comer nada. Buendía informou-os das novidades, do mandado finalmente emitido pelo juiz Oncina, da urgência de verificar se Yolanda Zambrano está por detrás do rapto de Chesca ou se o seu desaparecimento a torna uma vítima.

A casa cheira a chichi e está cheia de cotão. Os gatos estão magros e nervosos. Tiveram a sorte de uma torneira ter ficado meio aberta, libertando um fio mínimo de água, o suficiente para os manter vivos. Na cozinha há um saco cortado com restos de ração.

Nas paredes há fotografias de Yolanda, uma mulher na casa dos quarenta. A cama do quarto está por fazer, uma almofada retorcida após uma noite de sono, talvez. Os lençóis amarfanhados, a ponta do edredom a arrastar pelo chão. Os roupeiros cheios. A casa de banho é a de uma pessoa que contava regressar a casa: artigos de higiene pessoal por todo o lado, um creme facial com a tampa aberta. Reyes reprime o impulso de tirar um pouco com um dedo, de cheirar o creme, de o espalhar pela pele do rosto, que está a ficar seca com o frio e com a falta de sono.

— Se o juiz quiser saber se esta mulher é uma raptora ou uma vítima, acho que a resposta é evidente — diz Reyes.

— Porque é que tens tanta certeza?

— Não levou a roupa nem os artigos de higiene pessoal, há uma nota com um íman no frigorífico que é um lembrete de uma consulta médica. Continuo?

— Não te esqueças de que arrendou o apartamento em que a Chesca esteve



na noite em que desapareceu.

— Alguém pode tê-lo arrendado com o cartão dela. O raptor.

— É possível. Mas também pode ter sido ela. Raptou a Chesca e agora mantém-na em cativeiro algures, por isso é que não voltou para casa. Ou melhor, voltou.

Orduño consegue intrigar Reyes.

— Voltou?

— Pelo menos uma vez. Para dar comida aos gatos. Trouxe-lhes ração para vários dias e deixou uma torneira aberta, só um bocadinho, o suficiente para beberem e para não provocar uma inundação em casa.

— Pode ter sido o raptor a fazer isso.

— O que será mais lógico: um raptor com consciência felina, ou a dona dos gatos a preocupar-se com eles?

Reyes resmunga em sinal de desagrado.

— Pode ser que tenhas razão, Reyes, mas não lances hipóteses de ânimo leve. A única coisa que sabemos é que o apartamento da Calle Amaniël foi pago com o cartão da Yolanda. E que ela está desaparecida. Pode andar fugida à justiça ou ser uma vítima. As duas hipóteses estão em aberto.

Inspecionam o resto da casa, mas nada permite vislumbrar que tipo de pessoa era Yolanda. Segundo Mariajo, no seu perfil no Facebook chegou ao limite de cinco mil amigos. Só que ninguém parece sentir falta dela. Ninguém denunciou o seu desaparecimento. As fotografias da parede, nas quais ninguém a acompanha, a decoração impessoal, a despensa mal abastecida, tudo aponta para o perfil de uma mulher solitária.

— Como a Chesca — resume Reyes.

Orduño fica admirado, pois não lhe parece que Chesca seja uma mulher solitária.

— Vivia sozinha, num apartamento impessoal, a vida dela era a brigada, e andava com um colega a quem nem sequer tinha dado a chave de casa. Tu eras um grande amigo dela e não sabias que ela tinha uma filha fruto de uma violação quando tinha catorze anos. Mal se dava com a irmã e nem foi ao funeral dos pais. Se quiseres, continuo a explicar-te porque é que digo que era uma mulher solitária.

— Não, não, talvez tenhas razão. Mas sempre me pareceu que era uma mulher com uma vida muito preenchida.

Agora, a sensação de Orduño é estranha: esteve ao lado de Chesca muitos anos, partilharam momentos muito difíceis e, embora ele tivesse confiado nela

para falar de questões íntimas, ela nunca expôs nada da sua vida pessoal. Era um *bunker*. A sua atitude e carácter davam a sensação de uma extrema fortaleza, tornando impensável acreditar que, por baixo, havia algo mais.

— Todos nós pomos máscaras, inventamos personagens com as quais nos protegemos — diz Reyes. — Há muito que decidi libertar-me e, por isso, já não hesito em mostrar-me tal como sou: por vezes feminina, por vezes masculina.

— É isso o género fluido de que me falaste?

— Sim, mas não é só a roupa ou a maquilhagem. A minha atitude também muda. Às vezes sinto-me mulher, e às vezes, homem. Não tenho uma identidade sexual definida.

Orduño encara-a sem perceber nada.

— És a colega de trabalho mais estranha que já tive até hoje.

Liga para a BAC para contar o resultado da inspeção da casa: não há sinais de violência ou fuga precipitada de Yolanda Zambrano. Há dois gatos em mau estado, mas alguém se preocupou em alimentá-los.

— Dois? Deveria haver três. — É Mariajo quem está do outro lado da linha. — Nas fotos do Facebook aparecem três gatos. E são fotos recentes.

Orduño e Reyes procuram o terceiro gatinho. Poderá estar escondido debaixo do sofá ou da cama. Mas não. Na casa só há dois gatos. Um mistério que não conseguem resolver.

A preocupação na BAC com a vida de Chesca subiu de tom. É preciso procurá-la sem desanimar. Não deve ser assim tão difícil dar com um homem muito gordo, quase calvo, com os dentes saídos e a cheirar mal. Dão a descrição desse homem a alguns vizinhos, mas aparentemente nenhum deles o conhece. Desanimados, Orduño e Reyes voltam ao Juanfer e pedem uns petiscos.

— Género fluido — diz Orduño.

— Sim.

— Ou seja, não há maneira de eu saber se estou com uma mulher ou com um homem.

— Exatamente.

— Depende de quê? Da tua disposição ao levantar?

— Não é assim tão simples — diz Reyes. — Às vezes mudo de um minuto para o outro.

— Agora já estás a fazer pouco de mim. Podes começar a comer o *morteruelo* que pedimos como mulher e, ao terminá-lo, ser homem?

— É pior ainda. — Ela faz uma careta divertida. — Imagina que damos uma queca. Podias estar a foder com uma mulher e, antes de te vires, estar a foder

com um homem.

Orduño encara-a, muito sério.

— Prefiro o exemplo do *morteruelo*.

## Capítulo 29

Em Zafra, o caso da morte de Fernando Garrido, ainda em aberto, está a cargo do sargento Mariano Pérez, um homem que parece competente e disposto a colaborar.

— Embora não tenhamos os mesmos meios que vocês em Madrid, fizemos a investigação de acordo com o protocolo, e não me parece que tenha havido falhas.

— Não viemos para corrigir ninguém, sargento, apenas para ajudar. — Elena sorri, habituada à relutância dos colegas sempre que a BAC assume um caso, mas o sargento mostra o seu caráter.

— Façam o que tiverem de fazer, o que interessa é que o culpado vá parar atrás das grades, e não que eu fique mais ou menos satisfeito.

Nem Elena nem Zárate lhe dizem que eles já sabem quem é o culpado e que dispõem de um vídeo que o prova, que só pretendem perceber o que terá levado Chesca a matar aquele homem. Algo lhes diz que só percebendo isso é que serão capazes de a encontrar.

— O sargento esteve no levantamento do cadáver?

— Sim, leram o relatório?

— Lemos, mas gostaríamos que nos mostrasse o local do crime.

O quarto 223 do Hotel Guadalupe, na Calle de la Virgen de Guadalupe de Zafra, está ocupado quando os polícias chegam, pelo que se veem obrigados a aguardar que o diretor do hotel consiga desalojar o hóspede.

— Tive de lhe dar uma *suite* para ele não apresentar nenhuma reclamação — protesta.

— Ficamos-lhe muito agradecidos, este ano no Natal enviamos-lhe um

cartão-postal da Guarda Civil — diz-lhe o sargento Pérez com ironia.

Foi necessário trocar a alcatifa do quarto, os colchões e mais alguns móveis que tinham ficado manchados de sangue, mas o diretor do hotel assegura que são idênticos aos que se encontravam anteriormente e que a disposição é a mesma. Em seguida, localizam com o olhar o local de onde foi feito o disparo, algo que o sargento confirma, e, acima de tudo, o sítio onde poderia estar a câmara que gravou a cena.

Pérez, de forma eficaz e solícita, vai respondendo a todas as perguntas e satisfazendo os seus pedidos.

— Na autópsia não apareceu nada fora do normal. Tinha bebido vinho ao jantar e não tinha consumido drogas. E a morte foi, como já sabem, devido a um tiro na cabeça. Há orifício de entrada e de saída. Pela ferida deduzimos que era de um calibre de nove milímetros.

— Quem é que encontrou o corpo?

— A empregada que andava a limpar este andar. Tinha o aviso de não incomodar na maçaneta da porta, por isso foi um dos últimos quartos que ela abriu. Já eram quase três da tarde quando entrou. A morte ocorreu entre a meia-noite e a uma da manhã.

— Câmaras de segurança no hotel?

— Não, não havia nenhuma instalada. Nem nas ruas próximas, pouca sorte.

— Disse-me que tinha interrogado os clientes do hotel. Lembra-se de ter falado com esta mulher?

Elena mostra-lhe uma fotografia de Chesca no telemóvel. Zárate cerra os maxilares, não lhe agrada que a inspetora seja tão exaustiva.

— Sim. Falei com ela. Disse-me que, naquela noite, tinha chegado tarde ao quarto, não ouviu nem viu nada de anormal. Deixei-lhe o meu cartão para o caso de se lembrar de algum pormenor.

— Quem é que estava na receção naquela noite?

O guarda-civil consulta novamente os seus apontamentos.

— Sebastián Horrillos. Despediram-no pouco depois.

— Porquê?

— Não sei. Sobre isso terão de ir falar com o diretor do hotel.

O diretor do Hotel Guadalupe, Luis Díaz, não trabalhou naqueles dias, pois estava de baixa devido a uma operação a uma hérnia.

— Vejam só, a semana de mais trabalho do ano em Zafra, a da Feira de

Pecuária, e tive de ser operado de urgência. E, ainda por cima, assassinaram aquele desgraçado. Uma catástrofe. Ainda bem que a empresa não me despediu, já me estava a ver na rua.

— Disseram-me que o senhor despediu o Sebastián Horrillos.

— O Sebastián era um bom homem, até que a mulher se divorciou dele. Conhecem aquela história dos filmes antigos, em que a mulher se vai embora com um viajante? Foi parecido, a mulher fugiu com um criador de gado. Desde essa altura, o Sebastián ia de mal a pior: bebedeiras, drogas... Tentei ajudá-lo, mas a última coisa que fez não tinha defesa possível: tentou chantagear um cliente com um vídeo no qual era visto com uma mulher que não era a esposa dele. Pusemo-lo no olho da rua.

— Um vídeo?

— Tinha instalado uma câmara oculta no quarto. Teve sorte que o cliente preferiu não o denunciar, para não haver mais confusão e não envolverem a Polícia. Mas, no nosso hotel, não podia continuar.

— Em que quarto é que estava instalada a câmara? — pergunta Elena.

A questão parece cair como uma pedra sobre o diretor do hotel. Primeiro fica tenso, depois começa a bufar, movendo as mãos com espalhafato.

— Sabe, isto é um negócio modesto. Custa tanto a recuperar depois de um acontecimento daqueles.

— A câmara estava no quarto do crime?

O homem detém o movimento das mãos, a sua expressão torna-se resignada. Assente com a cabeça.

## Capítulo 30

Tentou por todos os meios soltar-se das abraçadeiras que a retêm, mas é impossível e, puxando com força, a única coisa que consegue é fazer feridas nos pulsos. Não sabe se Nina vai pagar o castigo e trazer-lhe um papel, e, caso o faça, interroga-se se essa mensagem chegará a algum sítio. Não sabe se Julio voltará a desatá-la nem se teria forças para o deixar fora de combate com uns pontapés bem dados. Pensa, pensa muito, e não consegue imaginar uma maneira de sair dali.

A porta ao cimo das escadas abre-se. Uma cadeia de suspiros e grunhidos anuncia a presença de Serafín e Casimiro, que descem como dois bisontes. Desta vez não vêm farejar a presa, Chesca não se ilude nem por um instante. Fecha os olhos e tenta refugiar-se nos seus pensamentos.

Lembra-se daquela noite de setembro de 1998, uma noite em que ainda cheirava a verão. Lembra-se de como se divertiu com a sua amiga Sandra nos carrinhos de choque, lembra-se do enjoo e das risadas no polvo gigante, uma das atrações da feira. A desilusão quando Sandra lhe disse que tinha de chegar cedo a casa, que tinha compromissos com os pais e não queria problemas, e a decisão de Chesca de ficar mais tempo, assistir ao concerto durante algum tempo e deixar-se contagiar pela alegria das pessoas.

Sente uma dor aguda na virilha, como se a estivessem a partir ao meio; sente uma corrente elétrica a percorrer-lhe o corpo e a concentrar-se no cérebro, tem a impressão de que vai morrer de dor. É difícil evocar as recordações daquela noite quando Serafín lhe está a arranhar as costas, os braços, o pescoço, com umas unhas enegrecidas que parecem garras.

Só tinha de caminhar dez minutos até casa, deixar para trás a feira, os

geradores elétricos, os caminhões estacionados, afastar-se da música, das buzinas e das risadas, percorrer só um troço da estrada e depois entrar pela rua da fonte e subir até à tabacaria. De onde é que eles vieram? Estariam escondidos à espera dela, ou foi um mero acaso?

Sempre soube do paradeiro do primeiro, e nunca o denunciou. Durante muito tempo pensou que o seu silêncio era escravo de um sentimento de culpa e de humilhação. Com o passar dos anos, porém, percebeu que não era assim: não queria que o metessem na cadeia porque queria matá-lo com as próprias mãos. Fernando Garrido, o namorado da irmã, um homem que comia em sua casa com os seus pais aos domingos. Aproximou-se dela um dia e pediu-lhe perdão, disse que estava bêbedo e cheio de raiva, que lamentava imenso, mas Chesca não estava disposta a perdoar. Agora está morto, como deve ser. O que mais lhe chamou a atenção quando entrou no quarto de hotel em Zafra e lhe apontou a arma foi que ele não lhe pediu clemência, apenas sorriu e aguardou, como se soubesse que um dia ela iria chegar e vingar-se, como se, pura e simplesmente, fosse aquele o dia. Disse-lhe que, no fundo, se sentia aliviado, acabavam-se-lhe os remorsos. Até lhe disse, antes do disparo, que a perdoava.

Durante muitos anos, os sentimentos de Chesca em relação à noite da violação ficaram adormecidos. Tinha consciência de que devia cumprir a promessa de vingança, mas era mais confortável continuar com a sua vida, ir adiando. O que a terá feito reagir? Tem a certeza de que foi a experiência de Elena com o filho Lucas na Rede Púrpura. Viu Elena a lutar para o recuperar e lembrou-se de que também tinha uma filha que nunca chegara a conhecer.

Foi quando começou tudo de novo, quando usou os meios da BAC para encontrar Rebeca, que voltou a sentir o desejo de fazer aqueles três homens pagar pela sua violação. A respiração ofegante de Serafín aumentou de tom e Chesca percebe que a boca dele está mesmo junto ao seu ouvido e que o homem está a atingir o orgasmo. Os gritos são ferozes, insuportáveis. Quase agradece que Casimiro o afaste com um empurrão, embora isso signifique que deve preparar-se para um novo pesadelo. Logo a seguir tem o outro homem em cima dela.

Chesca pensa em Zárata, na aversão que ele lhe despertava no início, quando ela entrou na BAC, no quanto se divertia a rir-se dele e a provocá-lo. Ainda não consegue perceber em que altura terá realmente começado a gostar dele. Como pôde baixar a guarda para que isso acontecesse, ela que tanto se gabava de saber estar sozinha e de não precisar de ninguém?

Casimiro começou a morder-lhe os mamilos. Ela esvazia a mente de tudo o que não seja a lembrança de Zárata, o seu sorriso pela manhã, o modo natural



que tinha de acordar, de passar do sono à atividade sem interlúdios de preguiça, como fazem os animais. Em que momento se apaixonou por ele? Casimiro rosna, grita, move a cabeça para cima e para baixo de forma espasmódica e, ao fazê-lo, atinge o nariz de Chesca uma vez, duas vezes, três. Está a vir-se.

Ouve-se a voz de Julio a chamar lá de cima. Casimiro e Serafín sobem rapidamente as escadas. Chesca não quer abrir os olhos ainda, prefere preservar um pouco mais a lembrança de Zárate, isolá-lo da debandada final e dos gritos que se ouvem vindos da casa. Com a língua, recebe o sabor pungente do sangue que jorra do nariz. Quando abre os olhos, Nina está sentada no chão, a sorrir.

— Magoaram-te?

Chesca assente com a cabeça.

— A esta hora não posso vir cá abaixo — diz a menina —, mas quero pagar o meu castigo.

— Trouxeste papel?

Nina tira do bolso um pedaço de papel de embrulho.

— Despacha-te, que amanhã vão buscar remédios. Ouvi-os a falar nisso.

Chesca sente-se exausta, mas o instinto de sobrevivência agita-se dentro de si.

— Preciso que me ajudes. Não consigo escrever.

— Mas não há marcadores.

— Com o meu sangue — explica Chesca. — Tira sangue do meu nariz e molha-me este dedo com ele.

Nina fita-a com um semblante divertido. Quase lhe parece uma brincadeira molhar o seu dedinho com o sangue e usá-lo como pincel para molhar o indicador de Chesca.

— Agora aproxima o papel do meu dedo.

— Onde é que o ponho?

Chesca vai orientando a menina. E, com o dedo, consegue pintar dois losangos unidos.

— Mostra-me o desenho — pede ao terminar.

Nina mostra-lho. Não é o melhor desenho que já fez na vida, mas talvez sirva.

— O que é? — quer saber a menina.

— Um desenho muito bonito que tens de guardar no bolso do Serafín. Diz-lhe que é um presente da tua parte para o farmacêutico.

— Está bem.

— Mas sem que os outros te ouçam.

Ouve-se a voz de Julio.

— Nina, estás aí em baixo? Anda cá para cima.

Nina guarda o papel e sobe as escadas a correr.

## Capítulo 31

Elena e Zárate estão entediados dentro do carro, estacionado numa rua de casas baixas. Mantém-se o silêncio entre os dois. Ela sabe que as vigílias policiais dão azo a confidências. Também sabe que ele está com vontade de dizer alguma coisa, talvez algo que deveria ter-lhe contado desde o primeiro dia.

— No último dia discutimos. Quando eu disse que ia com os meus amigos, a Chesca ficou fula.

Elena vira-se para ele. Tenta imprimir ao seu olhar mais calor humano do que impaciência. Tem a intuição, desde o início, de que Zárate está a omitir informações que podem ser importantes.

— Por causa da festa do fim de ano chinês?

— Essa era a desculpa. Andava a insistir há muito tempo que eu fosse morar com ela. Mas eu não queria.

— Porque é que não querias?

— Não sei. A verdade é que não queria. Eu com a Chesca divirto-me, e pronto. Não preciso de mais.

Zárate sorri com nervosismo, como se pedisse perdão por ser um homem comum, o *cliché* da fobia ao compromisso.

— Foi por isso que nunca tiveste a chave da casa dela.

— Cheguei a ter. Só durante uma semana.

— Porquê?

— Porque ela ficou paranoica. Um dia acusou-me de ter entrado no apartamento durante o dia, de lhe ter vasculhado as coisas, de a espiar, como se eu fosse um ciumento de merda.

— A Chesca acusou-te disso? Não é nada dela.

— Não andava bem, Elena. Agora que penso nisso, é evidente que havia algo que a transtornava. Comportava-se de forma estranha, às vezes parecia que me queria na vida dela a toda a hora e, outras vezes, preservava a sua solidão e tratava-me como se eu fosse um intruso.

— Mas queria que o intruso morasse com ela.

— Sim, esse era o assunto principal das últimas semanas. Naquela tarde...

Para Zárate é penoso prosseguir. Elena procura o seu olhar. Conhece a dificuldade que os homens têm para se abrir, para expressar os seus sentimentos, e não quer deixar escapar aquela oportunidade. Zárate está muito afetado pelas últimas descobertas sobre Chesca, e é agora, neste momento vulnerável, que ela pode arrancar-lhe um relato completo. Em prol da investigação ou por curiosidade pessoal? Não sabe. Neste momento, tanto faz. Está tudo misturado, o desaparecimento da sua amiga, o reencontro com Zárate após um ano inteiro, a raiva de ele nunca lhe ter ligado, a evidência de ter sido substituída sem problemas pela mulher que ele tinha mais à mão, a certeza de que ele nunca lhe teria voltado a ligar, uma mulher de cinquenta anos com feridas muito profundas na alma...

— O que é que aconteceu no último dia?

Zárate ganha fôlego. A recordação é-lhe dolorosa.

— Fui um covarde. — Abana a cabeça, como se negasse aquele instante, como se fosse intolerável saber que essa atitude terá levado Chesca à perdição. — Andávamos às voltas e íamos sempre dar ao mesmo. Ela queria que eu fosse morar com ela, eu ia arrançando desculpas, evitava responder. Naquele dia, ela explodiu: disse-me que eu não gostava dela, que só andava a brincar com ela. Que estava apaixonado por outra e não ligava peva ao nosso relacionamento.

— E era verdade?

Zárate deixa escapar um olhar furtivo em direção a Elena. Ainda não está preparado para responder a essa pergunta. Prefere prosseguir com a narração.

— A seguir, pediu-me desculpa. Disse-me para jantar lá em casa, que se tinha passado dos carretos sem razão. Eu disse-lhe que tinha combinado sair com uns amigos, mas ela suplicou-me que não a deixasse sozinha naquela noite. «Anda lá, e resolvemos isto tudo. Prometo-te.» Só lhe disse que ia tentar. Mas, assim que virei costas, soube que não iria jantar com ela naquela noite. Ia ser a minha forma de lhe fazer ver que a nossa relação tinha terminado. Foi por isso que não respondi a nenhuma das mensagens que me enviou. Era por isso que ela tinha uma garrafa de vinho caro em cima da mesa; para brindarmos à nossa relação.

Não lhe rolam lágrimas pelas faces porque está a contê-las, pensa Elena. Não

tanto por querer armar-se em forte, mas por não se permitir ser a vítima desta história.

— Eu conheço-te, Ángel. Não és nenhum covarde. Porque é que não tinhas coragem de lhe dizer a verdade?

— Porque não queria assumi-la, Elena.

As pupilas de Zárate têm um brilho especial, cintilam como duas gotas de mercúrio. Haverá alguma declaração de amor por ela naquelas palavras? Elena mantém-se em silêncio, tem de dizer alguma coisa e não sabe o quê. Ou talvez saiba.

— Não achas que já é tempo de dizer as coisas cara a cara?

— Não podes pedir-me isto agora.

— Porquê?

— Porque tu própria deixaste bem claro há muito tempo que eu não podia esperar nada de ti. Lembras-te da última noite no hotel sobre a Baía de Las Canteras?

— Claro.

— Estive à tua espera quase até amanhecer.

— Vou contar-te a verdade. Naquela noite, fui até à praia, despi-me e meti-me no mar. Depois voltei e vesti um roupão. Fui até à porta do teu quarto. Estive prestes a bater, mas decidi voltar para o meu quarto.

— Devias ter batido.

— Não queria que esperasses nada de mim. Só pensava em encontrar o Lucas, sabendo que estava perto e que era a única coisa que dava sentido à minha vida, e em deixar a brigada quando o encontrasse.

— Agora estás aqui outra vez.

— Por pouco tempo. — Ela sorri com tristeza.

A chegada de um carro velho, um *Seat Ibiza*, interrompe a conversa. É o carro de Sebastián.

— Ali está ele. Vamos.

Zárate vai atrás dele, interpõe o pé para o impedir de fechar a porta e exhibe, ao mesmo tempo, o distintivo.

— Sebastián Horrillos, queremos falar contigo.

O homem vem visivelmente enfrascado, parece impossível que tenha conseguido conduzir até ali. É muito fácil fazê-lo sentar-se e contar tudo. No dia em que aquilo aconteceu, tinha a cabeça mais lúcida do que nesta tarde. De facto, instalou uma câmara num quarto de hotel, local de encontros amorosos para homens de negócios de Zafra e de outras cidades da região. Sacava uma boa

maquia à conta de extorsões, nenhum adúltero quer arruinar a vida conjugal por ter pulado a cerca. Naquela noite, porém, ao ver a gravação, ficou estupefacto: as imagens captavam um homicídio. E o melhor de tudo é que ele conseguia identificar a assassina. Tratava-se de Leonor Gutiérrez Mena, uma hóspede do hotel cujos dados ele próprio recolhera. Fizera a reserva por telefone e, ao procurar a chamada nos registos, encontrou um número de telemóvel. Era muito simples enviar uma parte do vídeo para esse número e pedir um primeiro pagamento pelo seu silêncio.

— Onde está o resto do vídeo?

— Tenho-o aqui, no meu telemóvel.

Elena pega no aparelho e guarda-o.

— Pagou-te os vinte e cinco mil euros?

— Não, nunca me pagou, a cabra. Eu não sabia o que fazer com o vídeo. Uma coisa é um adultério, que uma pessoa envia à esposa, mas um homicídio... Não ia apresentar-me na esquadra com o telemóvel e dizer-lhes: vejam só o que tenho aqui... Além disso, eu não ganhava nada em fazer isso.

Ao visionar as imagens, assustou-se e desmontou a câmara oculta. Mas não lhe serviu de nada. Um dos hóspedes que ele andava a extorquir fartou-se de pagar e denunciou-o à gerência do hotel. Foi por isso que o despediram.

— Estás detido — diz-lhe Elena, enquanto pega nas algemas.

Zárate faz um aparte à colega assim que esta as coloca.

— Elena, se o detiveres, vais ter de mostrar o vídeo. Se o mostrares, comprometemos a Chesca.

— A Chesca assassinou um homem, e nós somos polícias. Não te esqueças disso — responde Elena com dureza e sem deixar outra opção.

## Capítulo 32

Chesca aproxima-se de Garrido com a arma fumegante na mão. Não precisa de verificar o pulso dele para saber que está morto. As imagens não são nítidas, mas é possível ver a massa encefálica derramada sobre o lençol branco da cama. Impressiona notar a sua frieza, o gesto seguro, quase mecânico, ao limpar o cano da arma com um lenço. Tem luvas calçadas para evitar vestígios de parafina na mão e para não deixar impressões digitais. Comporta-se como uma profissional, como um sicário que conta com vários homicídios na carreira e não se apressa após o disparo, nos segundos cruciais para não deixar provas. O lenço também serve para passar sobre a cómoda, a mesa de madeira e as superfícies em que poderá ter tocado na sua breve estadia no local. Faz uma incursão à casa de banho, que a câmara não capta, certamente para limpar impressões digitais e para uma inspeção final. Sai do quarto sem dedicar ao morto um olhar de despedida. O vídeo é interrompido passados poucos segundos, mas os membros da BAC continuam a olhar para o ecrã, como se fosse impossível voltarem à rotina depois de terem visto aquilo. Dois minutos e treze segundos de emoções vertiginosas.

— Que barbaridade. Não há dúvida de que é a Chesca — quase graceja Rentero. — De onde é que veio este vídeo?

Não é habitual que Rentero participe numa reunião de trabalho da Brigada de Análise de Casos, mas a ocasião torna-o imprescindível. Foi a própria Elena que lhe pediu para estar presente. As implicações daquelas imagens não escapam a ninguém.

Elena põe-no a par de tudo o que descobriram: a violação de Chesca há vinte anos, a filha secreta, a chantagem a que o rececionista do turno da noite do hotel a quis submeter...

— Sabemos que os violadores foram três, mas só temos a identidade deste, do morto. — Zárate completa a informação.

— Será possível que a Chesca tenha empreendido uma caçada como vingança?

Ninguém quer responder à pergunta, que fica a pairar alguns segundos pela sala. É Elena quem toma a palavra.

— Por algum motivo que desconhecemos, a Chesca decidiu recuperar nos últimos tempos aquele momento da sua vida: encontrar a filha, que tinha sido entregue para adoção, e pelo menos um dos seus violadores. Tinha-o muito perto: era o namorado da irmã mais velha naquela época. O homem que vimos morrer no vídeo.

— Preciso de um teste de ADN da filha da Chesca para o comparar com o do morto. Pode dar-se o caso de ser o pai dela — indica Buendía.

— A Rebeca não quer saber nada da mãe. Não sei se vai ajudar-nos de bom grado.

Elena imagina o obstáculo sabendo o que vai acontecer a seguir. Conhece bem Rentero e antevê a sua irritação, a resolução com que se sai sempre nestes casos. O comissário é um homem muito previsível.

— Só que não vai ter outro remédio. Se não colaborar, teremos um mandado do juiz já esta manhã. Será que a Chesca desapareceu voluntariamente depois de consumir a vingança?

— Foi raptada, comissário — diz Zárate. — Tenho a certeza.

— Porque é que tens tanta certeza?

Elena reprime um impulso de irritação. Não lhe agrada que Zárate defenda Chesca a todo o custo, sobretudo depois de ter testemunhado imagens tão claras.

— Há razões pessoais que me levam a pensar isso.

— Não quero razões pessoais, quero factos comprovados — exclama Rentero. — O que é que temos até agora?

Encara Elena para que seja ela a fazer o resumo.

— Sim, comissário. Tanto quanto sabemos, a Chesca foi à festa do fim de ano chinês, num plano improvisado, pois o que na verdade lhe apetecia fazer naquela noite era jantar com o Ángel Zárate e beber uma garrafa de vinho francês. Se não o fez, foi porque o Zárate a deixou pendurada.

Todos olham para Zárate, incluindo Rentero, como se não tivesse conhecimento anterior da relação entre eles. O agente limita-se a baixar o olhar, sem dizer nada, embora certamente lhe apetecesse estrangular Elena por esta o ter deixado mal visto. Era necessário dar tantos detalhes?



— Por algum motivo que desconhecemos — prossegue a inspetora Blanco —, a Chesca foi parar a um apartamento na Calle Amaniel. Era um apartamento turístico arrendado na Internet com o cartão de crédito de uma mulher chamada Yolanda Zambrano García. Orduño, tu é que o investigaste.

— A Mariajo investigou o cartão de crédito, no último mês só foi usado para arrendar o apartamento. Ontem conseguimos uma autorização para entrar em casa dela, que fica nos arredores de Cuenca. Não havia sinais de violência, mas havia dois gatos que teriam morrido se não tivéssemos lá entrado. A Yolanda era uma mulher muito afeiçoada aos animais, como vimos nas suas publicações nas redes sociais e como nos confirmaram os vizinhos. Há algo de anormal, os gatos tinham água e um saco de ração espalhado pelo chão da cozinha. E falta um gato, o mais pequeno dos três que ela tinha. A nossa teoria é que ela terá deixado a casa, provavelmente contra a sua vontade, e que posteriormente alguém terá ido lá deixar comida para os gatos e terá levado o gatinho. Talvez o seu raptor, se é que foi raptada.

— Estranho, mas vamos aceitar que assim foi. Isso dá-nos a possibilidade de haver outra mulher desaparecida, a tal Yolanda — deduz Rentero.

— No apartamento turístico encontrámos um *blister* de frascinhos de um medicamento para porcos chamado *Azaperonil* — acrescenta Buendía. — Serve para os acalmar e para lhes diminuir a libido, é muito usado quando é preciso transportá-los. Não seria relevante se os vizinhos não tivessem declarado que, naquela noite, dava a sensação de haver animais no apartamento. Uma vizinha mencionou expressamente porcos.

— Porcos num apartamento turístico em Madrid? É o que eu estou sempre a dizer, o mundo está todo fodido. Sabem alguma coisa sobre esse medicamento?

Zárate assume a liderança no relato.

— Segundo a Agência Espanhola de Medicamentos, tinha sido vendido numa farmácia de Cuenca. Chamou-nos a atenção por ser onde mora a mulher do cartão de crédito, a dos gatos, e então também fomos até lá. O farmacêutico lembrava-se do comprador, um homem com um forte atraso e dentes saídos.

— Fomos ter com o veterinário que tinha passado a receita — prossegue Orduño —, um tipo muito manhoso que, segundo consta, faz vista grossa nas inspeções das explorações suínícolas. Não lhe arrancámos grande coisa, mas dissemos que o comprador que vinha com as receitas de *Azaperonil* ia ter com ele uma ou duas vezes por mês, sempre de surpresa e sempre no parque estacionamento de um clube à beira da estrada. O veterinário está sob vigilância, caso o comprador apareça novamente.

Orduño olha para Reyes, talvez esta queira acrescentar alguma coisa. A jovem, porém, limita-se a assentir com a cabeça. Traz umas calças de ganga, uma *t-shirt* branca e um casaco de lã. Um traje discreto, conforme a avaliação feita por Orduño. O género fluido tê-la-á feito acordar esta manhã como uma rapariga tímida?

— É tudo o que sabemos sobre a noite da Chesca. — Elena volta a tomar as rédeas. — Depois de ter saído daquele apartamento, não sabemos mais nada. Só suspeitamos que possa estar algures em Cuenca e julgamos que tem que ver com porcos, talvez com uma exploração pecuária.

— Quanto à chantagem do Horrillos, sabemos que a Chesca não a levou a sério — informa Mariajo. — Não há movimentos estranhos na conta dela.

Rentero passeia pela sala com as mãos entrelaçadas atrás das costas. Conhecem-no bem, não se pode esperar nada de bom daquela pose de homem meditativo. Está à procura das palavras antes de largar a bomba.

— Pelo que me contaram e pelo que vimos, devemos tratar a Chesca como uma assassina e não como uma vítima.

— É uma colega de trabalho. Não merece que a apoiemos? Nem sequer lhe damos o benefício da dúvida?

— O vídeo não deixa lugar para dúvidas. E não vou permitir que me interrompas, Zárate, nem que me fales nesse tom. — Rentero faz uma pausa antes de continuar a falar. — Elena, tenho a dizer-te que vou disponibilizar este vídeo ao juiz. É possível que ele emita um mandado de busca e detenção contra a Chesca.

## Capítulo 33

— Porque é que não disseste nada? — Zárate sai disparado atrás de Elena após a reunião. Agarra-a pelo braço e obriga-a a encará-lo. — Não podemos tratar a Chesca como a assassina, ela é a vítima.

Elena tenta entender a posição do colega. Na verdade, acha que demonstrou muito autocontrolo perante Rentero. Temia uma explosão da sua parte que lhe custasse a demissão.

— Tu próprio viste o vídeo, Ángel. Não há dúvidas.

— Não nego que a Chesca tenha matado aquele homem, mas tinha os seus motivos, ele violou-a aos catorze anos.

— Não vou ficar aqui a ouvir disparates. Um homicídio é um homicídio. Não há nada que justifique isso. Se não concordas, talvez seja melhor tirares uns dias de folga enquanto encerramos o caso.

— Não me faças isso, Elena. Não me podes afastar.

— Tu é que decides, mas, se ficares, quero que procures a Chesca e, quando a encontrarmos, que sejas tu a algemá-la.

Zárate afasta-se, irritado. Toda a gente o ouve a bater com a porta quando sai da BAC. Elena, porém, não tem tempo para distrações. Aproxima-se da mesa de Mariajo.

— Quero que averigues se houve mais mortes em qualquer sítio de Espanha durante as feiras de pecuária. Eu sei que é difícil, Mariajo.

— Difícil não, é impossível — protesta a especialista em informática. — Às vezes dá-me a sensação de que achas que ponho as perguntas no Google e obtenho a resposta.

— Ah, não é assim que fazes? — Elena sorri-lhe.

— Vou tentar, mas não te garanto nada.

Buendía entra, com mais um problema.

— Elena, chegou a Rebeca, a filha da Chesca. Recusa-se a deixar-nos uma amostra de ADN.

— Já vou.

Rebeca apresentou-se acompanhada do pai adotivo. É um homem educado, bem vestido, que não faz o menor esforço para esconder o seu desconforto.

— A minha filha tem pais, que sou eu e a minha mulher. Não lhe interessa aquela mulher que a assediou na pousada de La Granja.

Elena sabe que é preciso lidar com cuidado com a resistência daquele homem.

— Se a sua filha se sentiu assediada, peço desculpa. Garanto-lhe que não queremos criar-lhe inconvenientes, pedimos apenas que nos ajude a encontrar a Chesca Olmo.

— E para que é que querem o ADN dela?

— Para verificar se corresponde ao de um homem que morreu.

— O meu pai é ele! — explode a jovem. — Não quero saber quem é o meu pai biológico e preferia nunca ter conhecido aquela mulher que diz ser a minha mãe. Não percebem isso? Ela abandonou-me uma vez, e agora sou eu que a abandono.

— Rebeca, lamento estarmos nesta situação, mas garanto-te que podemos pedir a um juiz um mandado para obter a tua amostra de ADN. Iríamos obrigarte, e todos nós perderíamos tempo, isso te garanto.

Rebeca procura a aprovação do pai com o olhar. Deve haver algum código secreto entre eles, porque não é preciso nenhum gesto específico da parte dele para ela deixar de resistir.

— Acompanha-me, por favor — diz Buendía.

O pai dela vê-a a ir e dirige-lhe um olhar de ternura, de apoio incondicional. Elena aproxima-se dele.

— Chegou a conhecer a mãe biológica dela?

— Não, seguiu tudo as vias legais, e disseram-nos que a mãe da Rebeca era solteira e adolescente.

— Tinha quinze anos.

— Lamento imenso. Espero que a encontrem e que ela esteja bem. Mas eu e a minha mulher fizemos tudo pela nossa filha, pela Rebeca. Demos-lhe educação e estudos, passámos as noites ao lado dela quando esteve doente. Isso é que é ser pai. Essa mulher não pode vir agora e dizer-lhe que é mãe dela e pedir-lhe que a

abrace, que a ajude a recuperar o tempo perdido.

— Percebo a vossa posição, mas também percebo a mãe. Uma mulher violada com essa idade passou por momentos muito difíceis.

— Desengane-se, a mãe dela é a minha mulher. A outra mulher abandonou-a e agora só quer aproveitar o trabalho que fizemos com a Rebeca. Nem nós nem a minha filha precisamos dela. E não queremos saber mais nada deste assunto.

— Tentaremos não voltar a incomodar-vos.

Elena refugia-se no seu gabinete para tentar pensar e pôr as ideias em ordem. No seu *e-mail* está a confirmação do voo e do hotel de Berlim. Foi um impulso que a levou a aceitar a pressão da mãe, mas, ainda assim, sente que tomou a decisão certa. Quer esquecer a BAC e viajar para Berlim, conhecer o alemão e convencê-lo a financiar a construção de escolas em Mianmar. Anseia por essa vida tranquila de problemas amenizados, a que tem vivido nos últimos meses, e deixar que Zárate e os outros procurem Chesca.

Orduño entra-lhe pelo gabinete adentro. Deve ser algo urgente, não é habitual não bater à porta primeiro.

— Acabei de falar com o Emilio Zuecos, o veterinário. O atrasado mental foi buscar uma receita de *Azaperonil*. O veterinário disse-lhe que não tinha o bloco de receitas à mão e combinou encontrar-se com ele esta tarde no terreiro em frente ao bordel.

— Vai já para lá com a Reyes. Organiza a operação com a Polícia de Cuenca. Ele não nos pode escapar, Orduño.

## Capítulo 34

Chesca está sem forças. A falta de comida, a tortura física e a impossibilidade de fugir minaram-lhe o estado de espírito. Caiu num torpor febril do qual só recupera a espaços.

Depois de um desses períodos de sono, ao acordar, sente a presença de alguém. Não consegue ver quem é.

— Quem está aí?

Quem quer que seja prefere manter-se em silêncio. Deixa que Chesca pergunte várias vezes, que se esforce por levantar a cabeça, que estique o pescoço até este ranger, que se magoe novamente nos pulsos, nos tornozelos, que sinta mais uma vez os músculos doridos.

— Sou eu, o Julio. Os meus tios magoaram-te? Lamento imenso, têm dificuldade em controlar-se.

— Que grande filho da puta me saístes!

— Não insultes a pobre da minha mãe. Fazes ideia do que ela sofreu nesta casa? Nem quero imaginar o que terá pensado quando chegou e viu onde se tinha metido. Não deve ter sido nada fácil para ela.

— Porque é que têm uma menina a viver aqui? Quem é ela?

— Não quero falar da Nina, agora estamos a falar da minha mãe. Vocês têm muito em comum, sabes? Tu abandonaste a tua filha, e a minha mãe abandonou-me a mim. Duas desalmadas, é isso que vocês são. Porque uma mãe que abandona o filho é uma desalmada.

Chesca cerra os dentes num gesto de raiva. Nada lhe agradaria mais do que poder soltar as abraçadeiras com um puxão e investir a pontapé contra aquele homem. Está exausta.

— Porque é que não me matas? — suplica-lhe.

— Porque ainda é cedo. Antes disso, o meu pai ainda tem de se divertir contigo.

— Impossível — diz Chesca com ódio. — O teu pai nem consegue levantá-la. Já estive com ele.

Chesca não viu o golpe a chegar, um soco que a faz lembrar-se de que tem o nariz partido.

— Não sabias? O teu pai tentou violar-me quando eu era criança. É isso que o teu pai é: um violador de meninas.

— Achas que não sei? Porque é que achas que estás aqui? Quando te conheci na festa dos chineses, andava a seguir-te há vários dias. Até entrei em tua casa uma vez. Queria saber se era verdade o que o meu pai me contou, que tinhas enlouquecido com o que aconteceu há vinte e um anos.

— Como é que entraste em minha casa?

— Isso é fácil, não me subestimes. Entrei e pronto. Dei uma volta por lá, tens um apartamento bem catita. Muito bem decorado. Vasculhei um bocado aqui e acolá. Encontrei o teu DNI falso, a prova que nos faltava para saber que eras tu, que te tinhas inscrito na feira de pecuária de Zafra para matar o desgraçado do Garrido. E pensei: que mau feitio tem esta miúda para querer acabar com três homens só por causa de uma noite de bebedeira.

— Achas bem que o teu pai seja um violador?

— Eu cá acho bem tudo o que o meu pai fizer. Foi ele que me criou, que me proporcionou educação, o homem que me ajudou a seguir em frente quando a minha mãe me abandonou.

— Então é isso, agora percebo — diz Chesca. — Tem domínio sobre ti. Deu-te a volta à cabeça, e tu fazes tudo o que ele te manda.

— Fui eu que tive a ideia de te trazermos para aqui. Mas ele achou bem. É a minha forma de o proteger, de lhe retribuir o muito que me deu. Porque tu pretendias matá-lo.

— És um merdas, não pensas pela tua própria cabeça. Tens medo do teu pai.

— Não admiravas o teu pai?

— Nem sequer fui ao funeral dele.

— Eu também não iria. Se o meu pai morrer, mato-me logo a seguir. Achas que isso quer dizer que tem domínio sobre mim? Não: quer dizer que aquele homem é tudo o que tenho no mundo.

Chesca sente-se incomodada a ouvir Julio. Vê-o como um iluminado, um louco perigoso que teria de ser retirado de circulação quanto antes. Como é

possível que se tenha deixado seduzir por aquele homem? Como pôde ser tão estúpida? Se pudesse, guardaria uma bala na recâmara para Julio. Quando transpomos a linha vermelha, torna-se fácil funcionar fora da lei. Percebe, com tristeza, que os seus colegas da BAC já devem saber o que ela fez, que tomou a justiça nas próprias mãos. Nada será como dantes. A vida que conheceu já se acabou. E, no entanto, consegue sentir o instinto de sobrevivência a latejar-lhe no íntimo, um impulso que lhe diz «Foge agora ou já não poderás fazê-lo», um impulso que se vai esfumando paulatinamente.



## Capítulo 35

Quando Reyes e Orduño chegam ao terreiro do Shangay River, os agentes que fazem parte da operação já estão a postos. Um deles cumprimenta-os com um ar marcial.

— Localizámos um suspeito que corresponde à descrição. Alto, corpulento, desgrenhado, com um ar de atraso mental impressionante.

— Onde é que ele está? — pergunta Orduño.

— Está ali, atrás daquele pavilhão. Passou a manhã a rondar o matadouro.

— Não poderá fugir?

— Só pode sair por aqui ou pela parte de trás, onde temos outra patrulha.

Orduño avalia a situação, foi uma sorte aquele homem ter levado tão pouco tempo a aparecer.

— Queremo-lo vivo. Se tiverem de disparar, tentem fazê-lo de modo a não pôr a vida dele em perigo. É crucial podermos falar com ele para salvar a vida de uma colega.

Reyes e Orduño discutem se devem ir já ter com ele ou esperar que o veterinário apareça e o suspeito o aborde, mas a discussão deixa de fazer sentido quando Emilio Zuecos estaciona o carro e sai rumo ao Shangay River.

— Ali está ele.

Tudo acontece muito rapidamente, Serafín sai do esconderijo e caminha até ao veterinário. Só que então avista um dos polícias e fica paralisado.

— Alto, Polícia!

O grito e a arma erguida causam o efeito oposto ao desejado. Serafín desata a correr como um doido. Parece mentira que, com o seu volume, consiga fazê-lo àquela velocidade. Todos os agentes arrancam no seu encalço. Reyes demonstra

que a sua fragilidade é apenas aparente, é a única a quem Serafín não ganha distância.

— Cuidado! Não dispare — avisa Orduño.

Serafín chegou ao pavilhão do matadouro de Incacuesa e meteu-se lá dentro. A primeira a chegar é Reyes, atrás dela vem Orduño. Um funcionário com um ar assustado indica-lhes:

— Entrou ali.

A sala é enorme e está refrigerada. Não tem nada que ver com o local aonde o sujeito das *slot machines* os levou, aquele pavilhão em que os porcos se encontravam em condições lamentáveis. Aqui tudo parece limpo, assético. Há dezenas de carcaças de porcos abertas ao meio, penduradas em ganchos, suspensos, por sua vez, em calhas que permitem movê-las como se fosse uma correia. Não veem Serafín em lado nenhum.

— Há mais saídas? — perguntam ao funcionário.

— Não, não há mais nenhuma, só por aqui.

Orduño dá a ordem aos dois agentes que estão de vigia para não saírem da porta. De pistola em punho, Reyes e o colega entram no pavilhão.

— Não tens escapatória — grita Orduño no vazio. — É melhor entregares-te. Só queremos falar contigo.

Vão avançando pelo pavilhão, junto às enormes carcaças. Lavaram os animais antes do abate, o cheiro é pungente, mas não desagradável, igual ao que haveria numa câmara frigorífica de um talho.

De repente, de algum lugar entre as carcaças, voa um gancho na direção de Orduño. Reyes empurra o colega para se esquivar dele, mas não consegue impedir que lhe bata num braço e que a pistola caia ao chão.

— Magoaste-te?

— Foi só o impacto.

Orduño pega na arma. Apontam as pistolas para o sítio de onde Serafín atirou o gancho, mas ouvem-no a correr.

— Vai para ali — diz Reyes.

Avançam com cuidado, entre vísceras, chispes, focinhos. Vão esbarrando com as carcaças abertas.

— Se te entregares, não te vai acontecer nada de mal.

Começam a mover-se todas as carcaças. De alguma forma, o mecanismo da instalação foi acionado.

— Cuidado!

Reyes agacha-se para evitar ser atingida por uma carcaça que vinha para cima

dela. Com o movimento das carcaças, Orduño vê Serafín numa sequência intermitente, como se estivesse atrás de um carrossel ou como a figura de um diorama.

— Alto!

Serafín desata a correr. Orduño aponta para a perna dele e dispara. O grito de Serafín ressoa no pavilhão, reverbera por cada recanto até se diluir num eco final. O disparo, porém, não o impede de correr, mesmo que a coxear.

— Está a sangrar, vai naquela direção — diz Reyes.

Um rasto de sangue, traçado gota a gota, indica-lhes o caminho que ele seguiu pelas imaculadas instalações do matadouro. O rasto, porém, perde-se junto a uma pia de pedra com um balde para lavar vísceras. Onde estará Serafín? As carcaças continuam a mover-se na correia de ganchos. Orduño e Reyes exploram o pavilhão, outros polícias já vasculharam os corredores, uma patrulha guarda a única porta de acesso ao local. É impossível que tenha escapado. Orduño aproxima-se rapidamente de um dos polícias.

— Tens a certeza de que só há uma saída?

— Só há uma.

— Ele tem de estar aqui. Escondeu-se.

Veem-no, então. O corpo de Serafín vem pendurado num dos ganchos, que lhe atravessa a cara da boca até ao queixo. Do rosto desconjuntado desprendem-se fios de sangue. Precisamente quando chega ao sítio onde se encontram, o mecanismo pára.

Baixam-no do gancho. Serafín está morto.

— Merda, merda, merda — lamenta-se Orduño.

— Vou revistar-lhe os bolsos, para ver se traz algum documento — anuncia um agente num tom protocolar.

Tira duas notas de vinte euros, uma de cinco e um pedaço de papel pardo, dobrado ao meio, com dois losangos desenhados a vermelho.

— Este desenho foi feito com sangue — garante Reyes.

— De porco?

— Não faço ideia.

Orduño aproxima-se para examinar o desenho.

— Guarda-o, vamos mandar analisá-lo.

Reyes pega num saquinho de plástico, sacode-o para ganhar volume e guarda a prova com esmero.

— Não traz identificação — informa o agente ao dar por terminada a inspeção.

Orduño acena com a cabeça, tristemente. Fica a olhar para o corpo. A boca aberta, despedaçada, os dentes grandes e descuidados, a roupa rústica, de aldeão, o cheiro pestilento.

*De onde é que saíste?*, diz para si.

## Capítulo 36

Chesca abre os olhos e tenta habituar-se à escuridão da cave. Numa cadeira dobrável está uma camisa e umas calças. E outra coisa. Apura a vista e distingue umas cuecas.

— É incrível consegues dormir assim.

Ergue a cabeça na direção da voz. Antón está agachado ao pé da cama, como um jogador de golfe a medir as ondulações do *green* antes de executar um *putt*. Ergue-se e Chesca vê que está nu.

— Não servirias para trabalhar na quinta. Aqui dormimos pouco, madrugamos muito. Tu és uma dorminhoca.

Há algo sinistro na entoação afetuosa que Antón imprime às suas palavras.

— O que queres de mim?

Chesca tem medo da sua própria voz. Soa rouca, sem alma. Interroga-se se a voz não será a primeira coisa que morre dentro de uma pessoa.

— Tu é que querias alguma coisa de mim. Andavas a perseguir-me.

Acaricia-lhe a bochecha com um dedo. Chesca repara nos calos, nas rugosidades daquele dedo. As mãos de Antón não parecem estar revestidas de pele. São feitas de crateras e areia, de esterco e ração.

— Onde é que eu estou?

— Na minha casa. És a minha convidada de honra.

Sorri expondo uma fileira de dentes podres.

— Nesta casa foderam-me todos. Todos menos tu. Será que não consegues? — pergunta Chesca. Quer provocá-lo, acelerar a explosão daquela violência contida que se esconde em frases amáveis e conversa superficial. Quer que o monstro saia de uma vez por todas.

— Queres que te foda? Nem sabes o que estás a dizer.

Chesca fica calada, está muito assustada, queria provocá-lo, e agora abre-se um abismo a seus pés. O olhar de Antón tem um brilho arrogante e chocarreiro que deixa todas as possibilidades em aberto. O que estará disposto a fazer-lhe?

Acaricia-lhe um seio com a mão calejada.

— Os teus seios não me excitam, nem o teu corpo nu, mas não é por não seres uma mulher atraente. Sabes porque é? — Baixa a cabeça até esta ficar ao nível da de Chesca. Dá-lhe a resposta ao ouvido. — É porque não sou como os outros homens. Sou diferente.

Começa a lambe-lhe o rosto, mas não é um ato de lascívia. São os preparativos asséticos de uma enfermeira que besunta a pele com álcool antes de espetar a seringa.

Chesca não vê a mordidela a chegar. Ao princípio ouve um ronronar, como se ele estivesse a desfrutar de antemão, depois nota uma lambidela muito breve, com a ponta da língua, que é a que marca o lugar da incisão, e por fim os dentes a cravarem-se-lhe na pele e a rasgarem-lhe um pedaço de carne. Chesca grita perante a dor inesperada, e volta a gritar ao ver que, da boca de Antón, pende um pedaço da sua bochecha, uma iguaria que ele sorve e saboreia entre exclamações de prazer.

## Terceira parte

*Valentina quer que o filho cresça como uma criança normal, mesmo sabendo que é impossível. Como poderá ser normal uma criança que nasceu numa casa onde vivem dois homens que são como animais, que têm de estar sempre amarrados, reclusos e encharcados em comprimidos para não saltarem um sobre o outro, para não arrancarem a roupa e passarem o tempo a masturbar-se, para não tentarem acasalar com ela? Como poderá ser normal uma criança quando o homem que se faz passar por seu pai matou o seu com uma faca e o decapitou numa máquina para cortar ossos de porco?*

*Mesmo assim, quando Valentina vai até à povoação, compra para o filho contos infantis dos Teletubbies, uns bonecos coloridos que estão na berra. Também brinquedos para crianças: carrinhos, puzzles e até um triciclo. Se ela puder impedi-lo, Julio não irá viver sempre rodeado de porcos, como Antón e como ela, como Serafin e Casimiro.*

*Valentina sente pena da vida que o destino traçou aos dois irmãos do marido, sempre drogados e meio zombies. Mijam-se e cagam-se, e depois ela é que tem de ir limpar, com nojo e medo. Ninguém de fora da quinta sabe deles, é como se não existissem, têm nome, mas não têm documentos nem possibilidade de ir a um médico, nada. Às vezes, encontra Antón a observá-los e sabe que pensa em matá-los e livrar-se deles. Seria tão fácil. Ela não se importaria se ele tomasse essa decisão e os matasse. Se ainda estão vivos é porque são fortes, só assim conseguiram resistir, sem vacinas, sem médicos, sem higiene... Tornaram-se dois animais com uma força formidável, Valentina tem pânico de que lhe façam mal, sobretudo Serafin, com aquele pénis enorme, que mostra sempre que pode. Com Julio são diferentes, não representam nenhum perigo, tem a certeza de que os dois o protegeriam até à morte.*

*Já pensou muitas vezes em fugir com o filho. Mas para onde poderia ir? Antón encontrá-la-ia para onde quer que fosse e, se a apanhasse, tirar-lhe-ia Julio e matá-la-ia. Acha que, se fugisse sozinha, ele o permitiria, desde que ela deixasse o filho para trás. Precisa dele, nunca vai ter um filho seu, e mais ninguém pode cuidar daquela quinta, é assustador tudo o que lá acontece. Quando há feiras de pecuária em alguma*



povoação, Antón passa vários dias fora de casa. Quando regressa, geralmente mostra-se mais irritado do que o habitual, tenha ou não feito bons negócios. Alguma coisa acontece naquelas feiras que ele nunca lhe conta e que o altera. Ela desconfia do que seja, mas prefere nem pensar nisso.

Uma noite, depois de voltar de um desses mercados, ele entrou na casa e sentou-se sem os cumprimentar, quer a ela quer ao rapaz. Valentina percebeu que a melhor coisa a fazer era passar despercebida, até que Antón se acalmasse e voltasse ao seu comportamento habitual, frio e preocupado apenas com os porcos. Naquela noite, porém, quando Valentina já estava na cama, ele entrou no quarto e, em vez de adormecer em silêncio, como sempre, despiu-se e despiu-a a ela com violência. Era a primeira vez, nos mais de três anos em que ela ali vivia, que o marido a solicitava sexualmente. Tentou fazer amor com ela, mas não conseguiu que o pénis ficasse ereto. Ela procurou ajudá-lo, fez-lhe sexo oral, acariciou-o, mas nada resultou. Ele acabou por lhe dar uma bofetada, que lhe abriu uma ferida no lábio. Só então, sugando o sangue que jorrava do corte, conseguiu ter a ereção necessária para a penetrar.

Enquanto o fazia, Valentina lembrou-se daquilo que a sogra, Ramona, lhe contara pouco antes de morrer. Algo em que, nessa altura, não sabia se poderia acreditar, pensando que não passariam dos devaneios de uma mulher tão doente como os homens que a rodeavam. Contou-lhe que, uma tarde, antes de Valentina vir morar para a quinta, saiu para passear e deparou-se com Antón. Ele tinha dezassete anos, faltavam poucas semanas para ser maior de idade. Estava com uma rapariga da povoação, em cima dela, a fazer amor, deitados num socalco, perto das pocilgas. Ramona pensou em ignorá-lo, mas viu que havia sangue na terra. Aproximou-se e apercebeu-se de que a rapariga estava morta e ele a penetrava tresloucado. Separou-os com puxões, aos gritos. Levou-o para casa sem saber muito bem o que fazer, era um monstro, mas era seu filho. Antón jurou que não tivera culpa. Que aquela miúda — que morava na povoação — se tinha rido dele, tinha escarnecido dele dizendo que ele era impotente. Antón não queria magoá-la, mas deu-lhe um empurrão. A rapariga caiu ao chão e bateu com a cabeça numa pedra. Começou a jorrar sangue e, não sabe porquê, aquele sangue excitou-o. Era como se algo o tivesse possuído.

Ramona contou ao marido, e este trancou-se com o jovem na cave da casa. Deu-lhe uma sova, mas nada mais, não ia entregar o filho à polícia. Era o único que servia para trabalhar na quinta; os irmãos — Serafin e Casimiro — eram pouco mais do que animais. Quando a rapariga foi encontrada morta, ninguém conseguiu relacioná-la com Antón. Por isso, o pai apressou-se a casá-lo, e Valentina, uma desgraçada que fazia limpezas num bordel, foi a oportunidade perfeita. Estava confiante de que aquela mulher lhe acalmaria os apetites e o afastaria da violência.

*Ramona, porém, não partilhava daquela confiança. Tinha a certeza de que o que acontecera iria repetir-se. O filho precisava do sangue, da carne, para ser um homem, e um dia, mais cedo ou mais tarde, iria precisar que Valentina lho desse. Esse dia chegou, então, com o sangue do lábio, mas repete-se muito raramente. Por algum motivo, Antón respeita Valentina. Ela tem a certeza de que ele não respeita de igual modo as mulheres com quem se encontra nessas viagens, suspeita de que se trate disso.*

## Capítulo 37

— A causa da morte é a que se esperava: perfuração da traqueia e da artéria carótida esquerda com o gancho do matadouro.

Buendía apresenta os resultados da autópsia aos seus colegas da BAC. O ambiente é tenso, um manto de consternação envolve-os a todos.

— Não o conseguiram apanhar, porra, era a única pista para chegarmos até à Chesca — diz Zárate.

Elena pousa-lhe a mão no braço, a maneira mais rápida que encontra de lhe aconselhar calma. As palavras, porém, já foram proferidas, e a chama acende-se.

— A operação estava bem montada, o protocolo foi respeitado — defende-se Orduño.

— Três unidades, caralho! Três unidades para vigiar um atrasado mental, e ele consegue escapar.

— Zárate, já chega. — Uma nova tentativa de Elena para estancar a discussão. Também cai em saco roto.

— O atrasado mental tinha pernas, sabes? — diz Reyes. — Corria que nem uma lebre.

— Porque é que não fomos nós? — atira Zárate a Elena.

— Também podiam tê-lo deixado escapar.

— Reyes, deixa estar — intervém Orduño. — Não adianta estarmos com lamentos. Perdemos-lo, já não há nada a fazer.

Buendía solta um dos seus pigarros.

— Posso continuar?

Zárate cobre o rosto com as mãos. A sua respiração pesada preenche o silêncio da BAC. Com um breve gesto, Elena pede a Buendía para prosseguir.

— O corpo apresenta um rasgão no fémur devido a ferimento por bala.

— Mandei-o parar e tive de disparar — justifica-se Orduño. — Espero que esse tiro não tenha sido mortal.

— O teu tiro não teve nada que ver com a morte dele. — O médico-legista foi taxativo. — O tipo sabia o que tinha de fazer para morrer numa questão de segundos, não é daqueles enforcados desajeitados que esperneiam e se esforçam por obter oxigénio até os salvarem. Era alguém disposto a suicidar-se antes de responder a qualquer pergunta.

Ninguém o diz em voz alta, mas todos pensam no que aquele homem queria esconder, que segredos levaria para o túmulo, o que poderia ser tão grave para preferir a morte a um interrogatório policial. Mariajo intervém.

— Sabemos quem é o morto?

— Receio que não — esclarece Buendía. — Não há documentos, não há telemóvel, não há nenhuma tatuagem que nos diga seja o que for sobre ele. As impressões digitais do cadáver correspondem a algumas das encontradas no apartamento da Calle Amanuel. Mas não constam de nenhum arquivo.

— Pelo menos sabemos que é um dos raptos da Chesca.

— Com efeito. — Buendía concorda com Orduño. — E há outro dado que aponta nessa direção. A análise mostra azaperona no sangue. A azaperona, como o próprio nome indica, é o principal composto do *Azaperonil*.

— Esse homem tomava um medicamento para porcos? — Reyes nunca ouvira nada do género.

— Parece que sim. E não tem sinais de injeções, pelo que o devia beber. É um medicamento muito forte; se o tomava, é porque precisava de relaxar, ou alguém precisava de o fazer relaxar, de forma muito imperiosa.

— Estás a dizer que o atrasado mental era um animal selvagem? — pergunta Zárate.

— Limito-me a transmitir-vos os resultados da autópsia. Há outro dado que permite fazer conjeturas. O pénis apresenta uma irritação considerável, com marcas de balanite, uma inflamação do prepúcio e da glândula. É consequência da falta de higiene e da atividade sexual excessiva.

— Davam-lhe *Azaperonil* para lhe reduzir a libido — aventa Mariajo, e Buendía assente com a cabeça.

— É o que me parece.

No silêncio que se segue, quase se pode sentir a vibração da imaginação de cada um dos presentes, as horríveis imagens de Chesca nas mãos de um homem que toma medicamentos para porcos com o objetivo de controlar os seus

impulsos sexuais.

A vizinha do apartamento da Calle Amaniel afirmava ter ouvido grunhidos de porcos naquela noite. Teriam sido emitidos por aquele homem? Seria a sua forma de expressar desejo sexual perante a visão de carne fresca? Zárate acha insuportável aquela dança de fantasias. É ele quem quebra o silêncio.

— Aquela besta mantinha a Chesca sequestrada. Não me parece que não consigamos descobrir quem é e onde mora.

— Há algumas pistas — adianta Buendía. — Havia esterco nas unhas, nos sapatos e na roupa, tem mãos fortes, de quem está habituado ao trabalho duro, sinais de mordidelas por todo o corpo... Tudo me leva a crer que vivia numa exploração suinícola.

— Então, vamos varrer a zona e visitar as explorações suinícolas uma a uma, de que é que estamos à espera? Temos a fotografia do tipo, certo? Mostramo-la de casa em casa, alguém há de conhecê-lo.

— Podem não o conhecer — discorda Buendía.

— Ninguém o viu? — Zárate não concorda. — Vive trancado em casa?

— Se te acalmares um bocadinho, explico-te as minhas conclusões.

Zárate faz um esforço para se acalmar. Acena com a cabeça, e o médico-legista da brigada aproveita para clarear a garganta.

— Não lhe encontrei sinais de vacinas no corpo, embora, na idade dele, devesse ter a cicatriz da tuberculose no braço ou na coxa. Também não encontrei sinais de operações nem obturações nos dentes. Faltam-lhe alguns, mas há lacerações nas gengivas, o que indica que lhe foram arrancados à bruta, com pinças e puxando com força.

— Estás a querer dizer que este homem nunca esteve num médico? — pergunta Elena.

— Acho que o primeiro médico que o tratou fui eu.

Todos o olham fixamente, esperando que prossiga com as suas conjecturas.

— Vou contar-vos um episódio que me veio à cabeça enquanto examinava todos os dados da autópsia. Na aldeia da minha mulher, havia um casal que morava numa casa isolada no centro da povoação. Era um casal exemplar, que nunca deu problemas: boas pessoas e bons vizinhos. Até que morreram num acidente de viação; descobriu-se, então, que tinham um filho que ninguém conhecia, um daqueles a quem, nessa altura, chamavam atrasado mental. Tinha mais de vinte anos e estava em perfeitas condições, mas tinham-no mantido sempre escondido de toda a gente. Morava na casa e nunca tinha saído de lá, os pais tinham vergonha dele. Receio que isso tenha sido comum no campo, em

algumas épocas.

— É verdade, eu também conheci um caso ou outro. — Mariajo acena com a cabeça.

Elena fica a olhar para ela, estupefacta. Interroga-se por que razão não conhecia aquele costume.

— Achas que pode tratar-se de algo desse género?

— Talvez. Embora saibamos que este homem pelo menos saía para obter receitas de *Azaperonil*.

— Talvez alguém saiba onde morava — insiste Zárate. — Temos de ir de porta em porta. Agora temos uma fotografia para mostrar aos moradores.

Pega na fotografia do cadáver. Orduño franze o sobrolho, não é o melhor retrato para andarem a perguntar de porta em porta. O rosto amassado, deformado, a mandíbula desconjuntada. É difícil reconhecer a boca, seguir o traço dos lábios. Mas é melhor do que nada.

— Esperas que alguém consiga identificar este homem com essa fotografia? — pergunta Reyes.

— Espero que tirem o cu da cadeira e me tragam uma pista, porra, que é por vossa causa que estamos num beco sem saída.

Orduño levanta-se, atirando a cadeira para trás num gesto ruidoso. Fá-lo temendo uma reação agressiva de Reyes, que hoje vem novamente vestida de cabedal e que, apesar de ter o cabelo curto, fez um pequeno topete com gel. Quer antecipar-se à colega e ser ele a mostrar a sua indignação a Zárate.

— Se voltares a lançar as culpas para cima de nós, vou-te à cara.

Zárate lança-se contra ele. Nem precisou de se levantar, saltou diretamente da cadeira.

— Ángel! — grita Elena.

— Parem os dois, caralho, parecem crianças! — Buendía tenta separá-los.

Mariajo limita-se a sorrir com ironia e a assistir ao espetáculo dos dois bodes.

Reyes consegue desfazer o abraço de lutadores em que os dois já estavam envolvidos. Fá-lo com uma força inesperada, que chama a atenção de Elena.

— Pronto, cada um a um canto — diz. Este toque de humor também é surpreendente. Rentero tem uma sobrinha mesmo estranha.

Zárate e Orduño entreolham-se com fúria, mas já é metade real e metade fingida, um epílogo no seu impulso masculino.

— Não vou tolerar mais nenhuma briga — avisa Elena. — Se não nos mantivermos unidos, não vamos encontrar a Chesca.

Uma das auxiliares de Buendía entra na sala. Discreta, como sempre, dirige-

se a ele e entrega-lhe um papel, que este consulta. Troca umas palavras com a jovem em voz baixa antes de anunciar o seu conteúdo.

— O papel que o morto trazia no bolso, o dos dois losangos entrelaçados, foi feito, efetivamente, com sangue humano.

— Da Chesca? — pergunta Mariajo.

— Não sabemos. É preciso fazer o cotejo.

Elena pega no desenho dos dois losangos. Levanta-se de supetão.

— Zárate, vamos a casa da Chesca. Vamos trazer uma amostra de ADN, imediatamente.

— De onde? — Zárate tem a impressão de que ela só quer puni-lo, tirá-lo da reunião sob qualquer pretexto.

— Tanto faz, pode ser a escova de dentes ou um cabelo que esteja num pente. Mas tem de ser já. Se este sangue é da Chesca, isso quer dizer que ela está viva e que está a enviar-nos uma mensagem.

— E nós, o que é que fazemos? — pergunta Orduño.

Elena pega na fotografia do morto. Estende-a ao colega.

— O que o Zárate disse. Vão até Cuenca e encontrem-me alguém que saiba quem é este tipo. Começando pelo veterinário, pode ser que saiba mais do que vos contou.

— Toca a andar — diz Orduño a Reyes.

Antes de sair, vira-se para Zárate.

— Vamos encontrá-la, companheiro. Garanto-te.

## Capítulo 38

Dói-lhe o corpo todo. O simples ato de respirar provoca-lhe espasmos e ataques de tosse. Tem a garganta cheia de catarro, poeira e humidade. Entretém-se a desfazer coágulos de sangue com a língua. Precisaria de um espelho para observar o rosto. Acha que lhe falta metade. Sente um formigueiro no que antes era a sua bochecha esquerda. Não sabe se são insetos ou se é uma infeção galopante a destruir fibras e mucosas. A porta abre-se e entra ar frio, uma corrente que a penetra até aos ossos do nariz. Chegam-lhe gritos do andar de cima, como se alguém estivesse a abater um porco no dia da matança.

Nina está a chorar. Senta-se na cama e derrama um mar de lágrimas. Chesca gostaria de ter forças para a consolar, mas não consegue. Limita-se a observar o pranto da menina.

— O Julio diz que o Serafín morreu. — Nina soluça. — Ele estava no carro à espera dele e teve de se ir embora porque, entretanto, chegou a Polícia.

— O que é que se passa lá em cima? — sussurra Chesca. Não é capaz de falar mais alto.

— É o Casimiro. Ficou louco e pôs-se a dar cabeçadas na parede. É que eles andavam sempre juntos, e está desconsolado.

— E o meu desenho?

— Não teve tempo de ir à farmácia. Pouca sorte.

Chesca não se sente capaz de falar mais. Tem de poupar forças se quiser sair dali viva. Agora o seu inimigo não é Antón, nem Julio. É a exaustão. Faria mais perguntas a Nina para obter todas as informações, mas acha que não é necessário. Sente-se capaz de elaborar a narrativa do que terá acontecido, e as conclusões são positivas. O seu plano era pôr um desenho nas mãos do farmacêutico, na



esperança insensata de que ele percebesse que era feito de sangue e chamasse a Polícia. Nina fez a sua parte, meteu-o no bolso de Serafín. Não lamenta não ter conseguido fazer isso; lamenta que ele não tenha chegado à farmácia. Se Serafín, porém, morreu num encontro com a Polícia, o desenho já estará nas mãos da BAC. Só falta deciframos a mensagem.

— O Julio diz que temos de ir embora.

— Agora?

— Não sei. — A menina faz beicinho. — Eu não quero ir, sempre vivi aqui, tenho medo de sair à rua.

Chesca avalia esta novidade como muito negativa. Se eles fugirem com medo de serem descobertos, ela tem os dias contados. Não vão carregados com ela, isso é evidente.

O pranto da menina intensifica-se. Um minuto a chorar, como se estivesse a meio de uma birra. Dois minutos. Três. Chesca ganha fôlego. O pranto aloja-se-lhe nos tímpanos, mistura-se com os gritos que vêm de cima, e a mescla é demolidora para a sua fraca resistência. De repente, o choro cessa. Agora resta apenas uma respiração agitada. Ouvem-se portas a bater, passos, gritos, perseguições. Nina olha para as escadas, assustada. A gata desce a correr, quase deslizando pelos degraus. Aproxima-se da menina, que treme como varas verdes.

— *Gata*.

A gata aproxima-se para farejar a ferida de Chesca.

— No outro dia perdi por causa do «g». Mas agora é um novo jogo. *Gata*.

Chesca leva tempo a perceber que a menina quer jogar. Quem lhe dera poder entrar no jogo com alegria, mas está azamboada, e a simples escolha de uma palavra parece uma tarefa que ultrapassa a sua capacidade.

— É a tua vez! — insiste Nina.

— Hematoma.

Querida apontar para a maçã do rosto pisada. Mas não é preciso, pois a menina, surpreendentemente, aceita a palavra.

— Que letra é que me calha a mim?

— O «i».

— Por «i»...

A menina olha para um lado e para o outro, ergue-se, percorre o aposento. Não lhe vem nada à cabeça. De repente, repara num animal que tem estampado no vestido.

— Hipopótamo!

Diz a palavra com tanto entusiasmo que Chesca, que estava a fechar os

olhos, se sobressalta.

— Hipopótamo está certo — diz a menina.

— Hipopótamo é com «h».

— Oh, que pouca sorte. Então, perdi.

Chesca só quer dormir. Já não consegue participar na atividade da menina, quer entregar-se a um sono longo e profundo. E não acordar mais.

— Tens de me dar um castigo. — Nina repara que Chesca fechou os olhos. Aproxima-se dela aos saltinhos e sacode-a. — Já disse que perdi, qual é o meu castigo?

— Que me ajudes a fugir — murmura Chesca.

— Está bem.

Chesca fecha os olhos novamente. No limiar do sono, a voz de Nina soa como um chocalho.

— Está bem, eu ajudo-te a fugir. Como é que vamos fazer isso?

Um peso e uma escuridão que parecem vir de outro mundo esmagam Chesca e não lhe permitem sequer responder.

## Capítulo 39

— O sangue é da Chesca.

A informação de Buendía é clara, concisa e previsível.

— Obrigada, Buendía. Vai descansar — diz Elena.

Buendía ficou até tarde no escritório apenas a aguardar o resultado do teste. A sua voz denota cansaço. Na verdade, estão todos esgotados.

Está frio e ameaça chuva quando Elena se aproxima da varanda. A Plaza Mayor ficou deserta. Durante o dia é raro vê-la sem turistas, mas à noite quase não tem vida. Nas arcadas, sim, há sempre uma espécie de acampamento de pessoas sem-abrigo que demarcam o seu território com caixas de cartão, edredons velhos e colchões sebotados, que ninguém sabe de onde vêm e onde ficam guardados durante o dia; ao amanhecer, alguns dos que dormem por ali carregarão os escassos pertences em carrinhos roubados em algum supermercado. Durante a noite, certamente passarão por ali voluntários com termos com café quente, pacotes de bolachas, dois dedos de conversa para os sem-abrigo. Elena pensa, por vezes, que também ela deveria fazê-lo, só teria de descer alguns andares para os ajudar, mas nunca se decide, dominada pelo egoísmo e pela sensação de que eles escolheram a sua vida e devem arcar com ela. Provavelmente será falso, nenhum dos que dormem a céu aberto escolheu tal vida, só que foram incapazes de fugir ao seu destino.

Tem várias chamadas perdidas da mãe, mas não pensa em retribuí-las nesse dia. Não se arrepende de lhe ter confirmado que iria com ela a Berlim. Na reunião da brigada, surgiram os primeiros desentendimentos na equipa. Brigas, acusações, desconfiança, impotência. O trabalho policial é muito duro. É frustrante. Já não é trabalho para ela.

Regressa à sala quando se cansa de olhar para a praça, pensa que devia ligar a televisão por um bocadinho e procurar um programa que lhe descansasse a mente, um daqueles que falam de famosos a passar fome numa ilha ou qualquer outro desse género; mas, em vez de o fazer, abre o *iPad* e observa a fotografia do desenho que Chesca lhes fez chegar. Dois losangos entrelaçados.

Qual será o seu significado? Embora esteja exausta, tenta pensar com lógica. Se Chesca teve a oportunidade de escrever uma mensagem e não pôs um nome ou endereço, é porque não sabe quem é o raptor ou onde está presa. Mas porquê dois losangos? Era a classificação antiga dos filmes para adultos na televisão espanhola. Um losango, ver com cautela. Dois losangos, para mais de dezoito anos. Mas Chesca é de outra geração, nunca teria recorrido a um código que nem sequer chegou a conhecer. Além disso, que tipo de informação é que isso daria? Maiores de dezoito anos? Será que está a tentar fazer referência a um bordel, ou a algum território vedado a menores?

Não faz sentido. Elena está derreada, não é fácil resolver hieróglifos como este. Pela primeira vez em muito tempo, tem vontade de sair de casa, de entrar no bar de *karaoke* da Calle Huertas, de cumprimentar os seus conhecidos, pedir uma canção, deixar-se levar pela música, talvez conhecer um homem e perguntar-lhe se tem um carro grande, para voltar com ele ao parque de estacionamento debaixo da praça... Mas não pode, tem de estar alerta, deve-o à sua colega. Volta a observar a imagem, dois losangos entrelaçados.

Não acredita que Chesca tenha querido enviar-lhes uma mensagem filosófica; seria antes um pedido de socorro, pelo que descarta todos os significados religiosos, geométricos ou metafísicos do símbolo do losango. Tem de ser algo mais real, uma pista, algo que os levará até ela.

Assusta-se com o som da campainha. Vai ao intercomunicador e ouve a voz de Zárate.

— Desculpa incomodar-te, posso subir?

Zárate passou por todos os estados que lhe ocorrem: raiva, medo, incompreensão, ressentimento, mas naquele momento está apenas angustiado.

— Não consigo deixar de pensar na Chesca, no que terá sofrido, se estará viva, se terá sido violada por aquele monstro dos dentes podres...

— Tens de tentar afastar esses pensamentos. Agora a única coisa que interessa é encontrá-la.

— Tenho estado a matutar nos dois losangos. Não faço ideia do que poderão significar.

— O que é que te veio à cabeça? Diz em voz alta, a ver se conseguimos

chegar a algum lado.

— Um símbolo maçónico. Formas geométricas puras.

— Muito elaborado.

— Uma tatuagem. Alguém que tem dois losangos tatuados no corpo?

— Pode ser. Mas é uma pista difícil de seguir. Acho que a Chesca quis ser mais clara.

— Tens alguma ideia?

— Não podemos divagar. Vamos tentar pôr-nos na cabeça da Chesca. Estás amarrado e a sangrar, de alguma forma consegues um papel e tens a possibilidade de enviar uma mensagem. Tens de o fazer com o teu próprio sangue e não tens muito tempo — começa Elena.

— É possível que seja necessário ocultar o significado da mensagem. Quer dizer, não podes pôr algo que se entenda, porque aquele bruto não permitiria que chegasse a nenhum lado — continua Zárate.

— Não podemos esquecer que ele trazia o papel no bolso quando morreu.

— Achas que aquele homem tinha ideia do que levava, que não era apenas um papel?

— Ia a um veterinário buscar uma receita.

— Mas isso não significa que soubesse ler o que a receita dizia. — Zárate impacienta-se. — Lembra-te do que disse o Buendía: pode ter vivido fechado quase toda a vida. Acho que a Chesca arranjou maneira de lho enfiar bolso. Mas voltemos à mensagem. O que é que quereria transmitir?

— Está a indicar-nos um caminho. Na investigação do tráfico de mulheres encontraram esse símbolo?

— Não. Se assim fosse, eu já teria percebido.

— Em nenhuma outra investigação?

Zárate pensa alguns segundos antes de responder.

— Não. Eu iria lembrar-me, Elena.

— Tem de ser um símbolo fácil de interpretar. A Chesca não é parva, não pretende despistar-nos. Acho que temos a solução mesmo à nossa frente, mas não a vemos.

Passam quase uma hora às voltas com o símbolo. Sem sucesso.

— Já jantaste? — pergunta Zárate.

— Estou cheia de fome.

Descongelam uma lasanha para o jantar.

— Não sei há quanto tempo é que está aqui, mas acho que não se estraga, pois não?

— Amanhã saberemos; se continuarmos vivos, é porque não se estraga.

Acompanham-na com uma garrafa de vinho italiano, um *Canaletto Montepulciano d'Abruzzo*.

— Deve ser mesmo bom, pois foi a minha mãe que mo enviou no Natal. Sabes que não sou de beber vinho. Antes bebia sempre grapa, agora gosto mesmo é de água da torneira.

— Ena, e eu que sonhava em beber grapa contigo.

Por alguns momentos, jantam, conversam, acabam o vinho e esquecem-se de Chesca. Elena levanta-se e vai até à cozinha. Volta com uma garrafa de grapa e dois copos de *shot* nas mãos.

— Tinha esta garrafa guardada no frigorífico para alguma emergência.

Serve os dois *shots* de uma *Libarna Gambarotta*, envelhecida durante um ano em cascos de carvalho. Fala a Zárata do aroma da grapa, da sua cor, mas a ele sabe-lhe como todas as outras. Com o álcool, foi-se-lhe desenhando no rosto a tristeza.

— Sinto-me culpado por não ter aparecido naquela noite. E por lhe ter dito que não a amava. Às vezes penso que ela desapareceu para me castigar.

— Não te martirizes, amigo. Disseste-lhe o que sentias. Não tens culpa do que aconteceu a seguir. Não podes ter.

— Às vezes penso que a culpa é tua.

— Minha?

— Claro que sim. Eu não queria estar com a Chesca porque não parava de pensar em ti. Por isso tens a tua quota-parte de responsabilidade.

— Estás à espera de que eu acredite que, depois de um ano sem me veres, ainda pensavas em mim? — diz Elena enquanto mexe o licor no seu copo.

— Acredites ou não, é verdade.

— Não estás a dizer isso por te apetecer dar uma queca comigo esta noite?

— Não quero dar uma queca contigo. Nem me sentiria bem.

— Eu também não. — Elena esvazia o copo de um gole. — Ficas cá a dormir?

Deitados nas respetivas camas, separados por apenas uma parede, cada um deles pensa em percorrer a distância até ao outro. Tanto um como o outro decidem que é má ideia e tentam dormir. Mas não é fácil. Elena pensa em Zárata, no quanto gosta daquele homem, na distância que vai colocar novamente entre os dois. Ter-se-á tornado uma mulher que foge do amor? Integrará já o pelotão de gente amargurada que defende uma vida livre de paixões e de conflitos amorosos?

Levanta-se e serve-se de mais um copo de grapa. Deseja com todas as suas

forças que Zárate não tenha ouvido os seus passos, que não lhe apareça na sala e a surpreenda naquela situação tão pouco decorosa. De cuecas, com uma *t-shirt* velha que usa como pijama e agarrada à garrafa como uma bêbeda. Deita-se no sofá e pensa em Zárate, nas coisas que gosta nele. Sorri ao pensar que ele está a dormir do outro lado da parede, no quarto do seu filho Lucas. Ainda mantém a decoração infantil. Tal como o de Chesca na casa da aldeia. O quarto dela ficou congelado no tempo, é o santuário da menina que outrora foi.

Elena levanta-se de repente, passeia pela sala e tenta decifrar o nervosismo que lhe tomou conta do estômago. Não é que lhe tenha caído mal o álcool. É que acaba de descobrir o que significam os dois losangos entrelaçados.

## Capítulo 40

Já avistam a cidade de Cuenca. Nos últimos dias, Orduño e Reyes passaram algum tempo na localidade; já não é um nome que associem às Casas Colgadas, embora os impressione a visão dos edifícios à beira do desfiladeiro do rio Huécar.

Passam a manhã de um lado para o outro, mostrando a todos a fotografia do morto que Buendía lhes facultou depois de reconstruir ligeiramente o rosto após a autópsia. Cuenca não é uma cidade grande, é impossível que ninguém o tenha visto, mas estão sem sorte. Tentam igualmente descobrir alguma coisa sobre Yolanda Zambrano; ninguém denunciou o seu desaparecimento, estará com Chesca, as duas trancadas no mesmo sítio?

Já falaram com o gerente do banco onde ela tem conta, com o responsável da fábrica de móveis em que trabalhou até à altura em que implementaram um programa de reajustamento do quadro de pessoal e ainda com as vendedoras do mercado onde ia às compras diariamente. Não conseguiram que ninguém se desviasse da opinião unânime: era uma mulher discreta, solitária, sempre correta. Ninguém deu pela falta dela até os polícias perguntarem por ela, altura em que se apercebem de que não a veem há algum tempo.

— E no Facebook tinha chegado ao limite de amigos, cinco mil — comenta Orduño. — É por isso que não gosto nada dessa história das redes sociais; uma pessoa tem cinco mil amigos para dar um gosto à última foto que viram do seu gato e nenhum com quem possa ir tomar uma bebida.

— Estás muito desatualizado, Orduño, o Facebook é para os velhos. As pessoas que têm Facebook não vão tomar uma bebida, bebem um cafezinho — escarnece Reyes.

Enquanto passeiam pela Calle Carretería, mostrando a fotografia a



empregados de mesa, empregadas de lojas, simples transeuntes, Orduño recebe uma chamada no telemóvel.

— Espera, vou atender, é o veterinário.

Emilio Zuecos anda de um lado para o outro, nervoso. Orduño olha para o bilhete que lhe deixaram no para-brisas do carro, uma ameaça de morte por ter denunciado o estado em que se encontravam os porcos do pavilhão da Aljibe S. A.

— Vão matar-me, vêm atrás de mim.

— É bem feito. És o responsável pelo estado desses porcos. Queres voltar a ver o vídeo que gravámos?

O homem censura a dureza de Reyes, mas não quer defender-se, está assustado com a ameaça, e o perigo vem dos que lhe deixaram o bilhete.

— Como é que chegaram ao pavilhão?

— Encontrámos um homem que te conhecia num bar; foi ele que nos levou até lá.

— No Juanfer? O Pinto? De certeza que foi o idiota do Pinto. Bêbedo de merda... Sabem onde é que está o Pinto? No Virgen de la Luz. E com a tarefa que lhe deram não se sabe se vai acordar... Foda-se, e o próximo sou eu.

O Virgen de la Luz é o maior hospital de Cuenca. Pinto deu entrada na noite anterior, depois de o terem encontrado quase sem vida numa vala perto do Polígono La Montonera.

— Se estivesse mais uma hora ali caído sem o verem, não o traziam para aqui, levavam-no para a morgue — resume o Dr. Caudete. — Tem vários ossos partidos, mas o pior é um traumatismo craniano grave, com fratura craniana. Explicando de maneira simples, perdeu massa encefálica e, mesmo que sobrevivesse, não recuperaria a consciência. Por isso, e perdoem-me que seja tão cruel, é melhor morrer sem sofrer demasiado. Já ligámos a um irmão dele, que é frade numa povoação de Burgos, mas ninguém veio visitá-lo.

— Já se sabe o que aconteceu?

— Acho que levou uma tarefa, mas isso terão de ser os senhores a confirmar. Os médicos tratam, os polícias investigam o que aconteceu. Até agora, a distribuição de funções tem dado resultados moderadamente satisfatórios.

Um homem meio morto depois de ter levado uma tarefa por ter revelado irregularidades num pavilhão suinícola é algo que não vão poder deixar passar, por muito que andem à procura de uma colega. Pelo menos é o que Reyes pensa.

— Não é necessário sermos nós, pessoalmente, a tratar deste assunto, mas temos de pôr cobro a isto. Podemos avisar outros polícias. Viste como estavam

aqueles animais; se não tens pena deles, pelo menos tenta que não nos ponham aquilo na mesa. Acho que me vou tornar vegana, que vou deixar de comer carne para sempre.

Orduño sabe que Reyes tem razão, só tem dúvidas em relação ao momento. Foram até ao bar do hospital e pediram um café enquanto decidem o que fazer a seguir. Será melhor irem visitar quintas na zona ou continuarem à procura de algum morador que consiga identificar a fotografia?

— Posso sentar-me convosco?

Um homem de cerca de sessenta anos, envergando um fato algo antiquado e um sobretudo, aproximou-se deles.

— Faça o favor de se sentar — responde Orduño.

— Chamo-me Victoriano, Victoriano Alguacil. Sou advogado, só que não vim falar convosco na qualidade de advogado, mas sim para ajudar um amigo. E os senhores são Rodrigo Orduño e Reyes Rentero, se não me informaram mal.

— A informação que lhe deram está certíssima. Muito bem, agora que já sabemos todos como nos chamamos, porque é que não nos diz ao que vem?

— Os senhores são da cidade, não sei se me vão perceber, porque as coisas não se passam da mesma forma na cidade e no campo, por isso adianto que podem ganhar quinze mil euros para repartirem entre os dois como quiserem, metade para cada um, ou como costumam fazer.

— Não temos por hábito repartir dinheiro entre nós — diz Orduño.

— Mas quinze mil euros é uma boa maquia, certamente não se importarão de ouvir o que têm de fazer para ganhar esse dinheiro.

Reyes repara que Orduño está prestes a sacar da arma e das algemas e prender Victoriano por tentativa de suborno, por desrespeito à autoridade ou por qualquer coisa que lhe ocorra, sem lhe dar tempo para se explicar, pelo que intervém.

— Quinze mil euros! Por essa quantia ouço o que for preciso, até o Perales a cantar, já que estamos em Cuenca. Aliás, sou fã do Perales. Mas, como vê, o meu colega está a ficar nervoso, por isso é melhor despachar-se.

O homem vai direto ao assunto; revela que é um bom amigo do administrador da Aljibe S. A., a empresa proprietária do pavilhão em que estiveram com Pinto.

— O meu amigo sabe que cometeu algumas irregularidades na empresa, que os porcos não receberam todos os cuidados que deveriam, que não passaram por todos os controlos sanitários que a lei prescreve...

— O seu amigo não cometeu irregularidades, o seu amigo é um filho da

puta — atira Orduño. — O estado daqueles porcos era desumano.

Vitoriano mantém a calma.

— Importa não esquecermos que não eram humanos, que eram isso mesmo, porcos. Mas é por isso que o meu amigo está disposto a pagar quinze mil euros: se fossem apenas pequenas irregularidades, esperaria pela multa e não se pensaria mais nisso.

Reyes morde o lábio, pensativa.

— E o que é que devemos fazer para ganhar esse dinheiro?

— Essa é a melhor parte: não precisam de fazer nada. Absolutamente nada, apenas esquecer que estiveram naquele pavilhão. Não fazerem nenhuma denúncia. O meu amigo prometeu-me, e eu acredito nele, que as coisas vão mudar e que nunca mais terá os animais naquele estado.

— Que amável que o seu amigo é, fico enternecido — escarnece Orduño. — E o Pinto? Lembro-lhe de que neste hospital está um homem às portas da morte. E receio bem que tenha sido por nos ter dado a localização do pavilhão.

— Isso é falso, o meu amigo não tem nada que ver com isso. O Pinto bebia muito, se calhar caiu e bateu com a cabeça com força em algum lado. Infelizmente, já não podemos fazer nada por ele.

Para Orduño a conversa terminou.

— Diga ao seu amigo que há de vir uma inspeção. E também que será detido por eventual homicídio.

Victoriano mostra-se bastante agastado com a teimosia dos dois polícias.

— A menina parece ser mais sensata do que o seu colega. Porque é que não fala com ele para o convencer a mudar de ideias? Posso convencer o meu amigo a subir a parada para vinte e cinco mil euros. Que maravilha, ganhar vinte e cinco mil euros em troca de nada.

— O meu colega já lhe disse o que vamos fazer. Não esperava outra coisa, mas o senhor teve sorte de ser ele a mandar — responde Reyes. — Por mim, ficava já detido, e a seguir íamos buscar o seu amigo. Sem nos esquecermos do Zuecos.

— Lamento imenso, era muito melhor ganharem um bom dinheiro do que andar à procura de uma alternativa.

— Está a ameaçar-nos?

— Não, por amor de Deus, sou advogado, nunca ameaço ninguém. Se vissem a quantidade de vezes que tenho de refrear os meus clientes... Sem advogados haveria muito mais violência do que há.

Vitoriano afasta-se, confiante da sua elegância. Reyes fica a olhar para ele

com repugnância.

— O que é que fazemos?

— Vamos à procura da Chesca, que foi para isso que viemos — responde Orduño.

— Vais deixá-los escapar?

— Quando encontrarmos a Chesca, denunciemo-lo, agora não podemos meter-nos nisto, deixemos que a polícia que se encarrega destes assuntos faça o seu trabalho. E vamos continuar a perguntar sobre o Dentuças, não me parece que alguém o conheça.

Querem começar o mais rápido possível. Quando, porém, chegam ao parque de estacionamento, encontram os quatro pneus do *Volvo* cortados.

— Não me digas que não era melhor ganharmos quinze mil euros do que isto. — Reyes ri-se.

— Vinte e cinco, a última proposta foi de vinte e cinco mil, não te esqueças.

## Capítulo 41

Elena estaciona em frente à casa de Juana Olmo. Zárate é o primeiro a chegar à porta. Tocam à campainha com impaciência, mas ninguém vem abrir. Uma vizinha informa-os de que, àquela hora, Juana está sempre na missa.

A igreja não fica a mais de cinquenta ou sessenta metros da casa de Juana, e um dos lados dá para a Calle Real. Elena pensa nas diferenças que há entre a vida de Juana e de Chesca. Uma em Madrid, na Polícia; a outra numa aldeia, movendo-se entre a sua casa, a mesma onde nasceu, e a igreja, fazendo as compras possivelmente na padaria, no talho do Avelino ou na peixaria do Carlos, que ficam muito perto. Não imagina assim a sua colega; de alguma forma ela tinha de fugir dali, e tê-lo-ia conseguido sem necessidade do drama daqueles dias, embora quem sabe se não terá sido isso que lhe deu forças para o fazer.

A Igreja de Santiago, do século XIII, é um bom exemplo do estilo românico da época na zona. Não teve nada de peculiar até que, nos anos noventa do século passado, em trabalhos de restauração, encontraram, atrás do retábulo barroco do século XVIII que estava à vista, uma abside românica em pedra do século da construção da igreja. Agora, já restaurada, é um dos locais de visita obrigatória da província, sobretudo devido às suas figuras de pedra policromadas. Nela, está representada, segundo os estudos, a visita que o rei de Castela Fernando III, *o Santo*, a sua esposa Beatriz da Suábia e o bispo de Segóvia fizeram à Catedral de Santiago para se prostrarem aos pés do sepulcro do apóstolo.

Juana está ajoelhada num dos últimos bancos, junto à porta. Não parece dirigir as suas orações a nenhuma das figuras que adornam a nave da igreja. Assusta-se ao ver Elena.

— Vêm por causa da Francisca? Aconteceu-lhe alguma coisa, encontraram-

na?

Juana está com olheiras, abatida, como se o desaparecimento de Chesca a tivesse transportado de volta àqueles dias de pesadelo que tanto queria esquecer.

— Não sabemos se lhe aconteceu alguma coisa e ainda não a encontramos. Viemos aqui para ver se nos pode ajudar. Precisamos de entrar em sua casa. É urgente.

O quarto de Chesca na casa da aldeia não tem nada que ver com o seu apartamento na Calle Usera em Madrid. Aqui os móveis são antigos e pesados, feitos à medida por carpinteiros e ferreiros, ou pelo pai, que, sendo habilidoso, arriscava meter-se em trabalhos simples. As duas estantes da parede, peçadas de livros de coleções juvenis, foram feitas por ele. E o tampo da mesa foi ele que o lixou e desbastou numa tarde. Sobre essa mesa também há objetos infantis: um jarro em forma de elefante para colocar lápis de cor, uma bola antistress de borracha, que é um ouriço-do-mar. Duas tartarugas que mexem a cabeça ao ritmo do menor impulso de qualquer corrente de ar. Debaixo da mesa, uma mochila com um desenho de Oliver e Benji.

A cama é estreita, deve ter uns oitenta centímetros, e está guarnecida por uma colcha antiga, feita de croché, e uma cabeceira de ferro, primorosa, que tapa metade de um póster dos Héroes del Silencio. Dois cães de peluche estão encostados à almofada. Na mesa de cabeceira só encontram uma figura de Nossa Senhora de Fátima, uma lembrança de uma visita ao santuário português. Uma cruz nua destaca-se sobriamente numa das paredes. Assemelha-se às de qualquer cela de convento, que é o que seria o quarto sem a decoração infantil.

Elena relanceia o olhar pelo aposento e dirige-se para um pequeno tapete que jaz ao pé da cama. É mais como uma esteira e tem um padrão que não chamou a atenção da inspetora quando ali entrou alguns dias antes: dois losangos entrelaçados. Debaixo do tapete está o chão de mosaicos. Se a intuição de Elena estiver correta, um desses mosaicos deve estar solto e servir como esconderijo de alguma coisa. Primeiro pisa-o para detetar uma eventual oscilação, mas nada acontece. Agacha-se para poder apalpá-lo cuidadosamente. Não parece estar solto. Zárate pega num x-ato e passa-o pelos quatro lados. E, agora sim, o mosaico salta.

— O que é isso? — pergunta Juana ao mesmo tempo que se benze, como se o simples facto de ter algo escondido fosse um pecado venial.

Elena pega numa pequena pasta azul com fechos elásticos que tirou do esconderijo. Lá dentro há um recorte de jornal. É uma notícia de *El Adelantado de Segovia* de há vinte e um anos. «A Feira de Pecuária de Sepúlveda fecha com

um recorde de participação.» O texto dá conta da grande afluência que teve o evento, dos acordos que foram celebrados, da boa relação entre organizadores e autoridades municipais, das reivindicações do setor e de um público cada vez mais rendido. Nada a salientar numa notícia absolutamente enfadonha.

— O que será isto, Zárate? Porque é que a Chesca terá este recorte guardado? — pergunta Elena.

— Não sei. Mas a data coincide com a da violação.

Elena põe-se a observar uma fotografia no rodapé da página, pequena, dentro de uma caixa de publicidade de uma marca de enchidos. Três homens sorridentes seguram uma perna de presunto. A legenda diz: «Os vencedores do sorteio da perna de presunto, exultantes de felicidade.»

— A foto, Zárate. Quem é este homem? — Elena aponta para o sujeito do meio.

— Talvez seja o Garrido, o homem que foi morto no hotel de Zafra. Mas não se vê bem, é uma foto com alguns anos.

— Juana! — chama-a Elena.

Juana, que saíra para o corredor para os deixar à vontade, regressa ao quarto.

— Juana, preciso que me diga quem é este homem.

Juana pega no recorte. Esboça um meio-sorriso.

— É o Fernando. O meu namorado.

— Conhece os outros?

Juana volta a observar a fotografia. Abana a cabeça.

— Tente lembrar-se, Juana. De certeza que não lhe fazem lembrar ninguém?

— Não os conheço. Não são da aldeia.

Elena fica desesperada. Esperava uma pista direta e só encontra uma fotografia antiga. Serão aqueles três homens os violadores de Chesca? Além do recorte, há na pasta uma lista de feiras de pecuária em Espanha e um mapa dos arredores de Turégano, com cruzeiros marcadas com um marcador.

— Se precisarem de mim para alguma coisa, estarei na cozinha.

— Espere, Juana. — Elena pega no mapa com as cruzeiros. — Tem a certeza de que estes homens não são da aldeia?

— Não os conheço de lado nenhum.

— E dos arredores?

— Aonde é que queres chegar, Elena? — Zárate está intrigado.

— Olha para este mapa. A Chesca andava à procura de povoações e quintas perto daqui. Por isso é que vinha à aldeia de vez em quando, Juana.

— A verdade é que a mim não me ligava grande coisa.

Não há mais nada na pasta. Elena aponta para um enorme armário de madeira à frente da cama. Está fechado com um cadeado.

— Tem a chave deste armário?

— Nunca teve chave, foi a minha irmã quem o pôs aí, talvez numa das suas últimas visitas.

— Deixa comigo — diz Zárate.

Leva a mão ao coldre e saca da pistola. Juana fica assustada, pensando que vai dar um tiro no cadeado. Elena também não descarta a possibilidade de o colega o fazer. Contudo, só pretende usá-la como martelo. O cadeado mal aguenta duas pancadas até cair destroçado no chão. Dentro do armário há pouca roupa: um par de casacos de malha, umas calças e um blusão preparado para o frio invernal de Segóvia.

— É roupa da Chesca?

— Sim, costumava usá-la quando vinha cá.

— Obrigada, Juana. Deixa-nos inspecionar isto tudo?

Juana assente com a cabeça e sai do aposento. Elena e Zárate revistam o armário. Se Chesca lhe pôs um cadeado, algum segredo haverá lá dentro.

Nas gavetas encontram roupa interior, *t-shirts* velhas, peúgas... Parece que a inspeção vai ser infrutífera, até que Elena tenta puxar uma das gavetas.

— Aqui há qualquer coisa — anuncia.

Com mais esforço do que o esperado, conseguem tirar a gaveta. No fundo há um compartimento e nele descobrem um pacote embrulhado em plástico preto. É uma pistola pequena, uma *Glock 26* de quarta geração de nove milímetros Parabellum.

— Será a pistola com que matou o Fernando Garrido?

— É possível — reconhece Zárate —, vamos levá-la para a equipa do Buendía a analisar.

Elena fotografa o recorte do jornal, a imagem dos três homens sorridentes com a perna de presunto. Liga a Mariajo.

— Acabei de te enviar uma fotografia. Um dos que lá aparece é o Fernando Garrido, o homem do vídeo. Bem sei que te peço coisas impossíveis, mas quero que me digas quem são os outros dois. Ainda esta manhã, Mariajo, está bem?



## Capítulo 42

Nas duas horas que demoram a substituir os quatro pneus no carro da brigada, Reyes e Orduño fazem o mesmo que durante o resto do dia: vão mostrando a fotografia de Dentuças a uns e a outros. Finalmente, quando regressam à Calle Carretería, uma rua pedonal repleta de lojas, há uma rapariga, a empregada de uma loja de roupa, que afirma ter visto um homem parecido com o da foto que lhe mostram.

— Mas não era um, eram dois. E não foi em Cuenca.

— Onde foi, então?

— Numa estação de serviço na autoestrada, perto de Tarancón, ao lado de Santa Leonor. Eu ia com o meu namorado e parámos; enquanto ele abastecia o carro, fui até à loja. Estavam os dois dentro de uma carrinha. Quando passei, reparei neles, um estava a bater uma punheta e a olhar para mim. Por isso desatei a correr, antes que o meu namorado se apercebesse. Ciumento como é, podia ter dado confusão.

— Há mais alguma coisa que nos possas dizer? Sobre a carrinha, sobre eles.

— Não. Como vos disse, saí dali quase a correr. Nem da cor da carrinha me lembro. A única coisa que me vem à cabeça... Bem, pouco importa.

— Não, diz lá.

— O tamanho do pénis dele. Era enorme. Qualquer pessoa que o tivesse visto se lembraria. Mas é só isso. Eles estavam na parte de trás, nem sequer reparei no condutor, suponho que estivesse lá dentro a pagar.

— Quando é que foi isso?

— Não sei, perto do Natal. Um sábado de manhã, porque costumo ir com o meu namorado a uma casa que ele tem em Tribaldos. Foi num desses sábados, só

não sei dizer qual. Não quero que pareça que os estou a insultar, mas não me pareciam pessoas normais.

— Com alguma deficiência?

— Não, não é isso, é que tinham um ar animalesco, não consigo explicar.

Têm de apressar o mecânico que está a trocar os pneus para lhes entregar o *Vólvo* e poderem partir rumo à estação de serviço que a rapariga lhes indicou.

— Achas que guardam as gravações das câmaras de vigilância durante tanto tempo? — pergunta Reyes. — Ela disse que os viu antes do Natal.

— Não faço ideia, mas é a primeira pista fiável que encontramos.

A oficina fica num complexo industrial chamado La Cerrajera. Depois de recolherem a viatura, perdem-se ao tentar chegar à via rápida.

— É aquela rua, Camino de las Viñas.

— Sim, mas é de sentido contrário. Temos de seguir em frente e ver onde é que podemos virar.

— Perdemos-nos, é preciso sermos uns grandes nabos; com GPS e perdemos — goza Reyes, rindo-se. — Vá, vira aí.

A poucos metros, viram numa rua à esquerda, que em princípio os levará à via rápida. Atravessa-se-lhes um carro no caminho, e sentem a pancada de outro por trás. A força foi suficiente para acionar os *airbags* e para os fazer perder os segundos necessários para tomarem consciência da situação. Orduño, que vai ao volante, tenta manobrar a viatura, mas vê-se encurralado pelos carros dos seus atacantes. Quando se prepara para sacar da pistola, aparece um homem de cada lado.

— Nem pensem.

Apontam-lhes as suas armas e têm todo o ar de quem vai cumprir a ameaça.

— Toca a sair — diz um deles.

Aparecem mais homens, que lhes tiram as pistolas. Só depois de ficarem desarmados é que sai de um *Mercedes* antigo um velho careca, de fato, muito baixinho.

— Boa tarde.

— O que é isto? Olhe que somos agentes da polícia — diz Orduño.

— Sei perfeitamente quem são. Hoje mesmo estiveram a falar com o meu advogado e recusaram uma proposta que vos fiz chegar através dele. Foi uma má decisão, se quiserem que seja sincero convosco.

— Diga-nos o que pretende.

— Nada. O que eu pretendia já o meu advogado vos disse esta tarde. Não há mais propostas, perderam vinte e cinco mil euros. E isso não é a coisa mais valiosa

que vão perder. Tenho um negócio e uma família para sustentar e vou protegê-los.

— Estamo-nos a cagar para os seus porcos. — Orduño tenta ganhar tempo.

Todos os olhares estão concentrados nele, que é quem está a falar. Ninguém olha para a mulher de vestido vermelho que o acompanha, ténis *New Balance* e casaco curto de pele. Ninguém a viu a aproximar-se lentamente de um dos homens e a dar-lhe um soco brutal no pescoço. Quando se apercebem, já ela pegou na pistola que ele deixou cair e alvejou outro. Orduño, ao mesmo tempo, lançou-se sobre o chefe, o velho, e agarrou-o pelo pescoço. Restam dois homens armados, indecisos.

— Ou largam as armas, ou parto-lhe o pescoço.

Fazem os dois o que lhes manda. Reyes, sem deixar de apontar para eles, afasta as armas deles a pontapé.

— O que é que estás a fazer? Apanha-as — grita-lhe Orduño.

— Não consigo, acho que parti o pulso — desculpa-se Reyes, gemendo de dor na mão direita enquanto continua a apontar com a esquerda.

Orduño mantém o velho agarrado enquanto vai ter com ela. Apesar dos esgares de dor, Reyes parece estar a desfrutar da situação.

— Dá-me ideia de que as coisas mudaram, Sr. Fulano de Tal — zomba a novata, rindo-se.

O do soco no pescoço ainda está deitado no chão, embora respire; o outro tem um joelho desfeito por um tiro e grita de dor, engolindo poeira ao mesmo tempo; os outros dois foram desarmados e já estão a ser algemados por Orduño. Reyes aponta para o velho.

— Vamos negociar. Cinquenta mil euros. — O homem faz uma última tentativa.

— Não nos tinha dito que se tinham acabado as propostas? — escarnece Reyes.

— Não seja ridícula, menina.

— Há bocado menti-lhe — diz Orduño. — Estamos muito interessados nos seus porcos.

## Capítulo 43

Com os seus sessenta anos, Mariajo já se deixou de pruridos e deferências. É uma pessoa sem papas na língua e que odeia a linguagem politicamente correta. Enquanto trabalha no computador, desempenhando a tarefa de que Elena a incumbiu, não pára de praguejar. Buendía, já habituado aos modos dela, não se deixa impressionar.

— Quero resultados ainda esta manhã, caralho... Esta gaja julga que faço magia. Foda-se para isto.

— Dizer palavrões ajuda-te a concentrar-te? — pergunta o médico-legista.

— Já viste a porra da foto que ela me enviou? É minúscula, com vinte anos em cima, toda granulada. O que é que hei de fazer com isto, Buendía?

— Tenho a certeza de que consegues fazer alguma coisa.

— Estou mortinha por me aposentar.

Mariajo tenta melhorar a qualidade da foto. Insere-a num programa de envelhecimento facial. Adiciona vinte anos a cada um dos homens. Faz um teste com Fernando Garrido. A fotografia atual do homem saiu no jornal *Hoy*, de Badajoz, quando foi assassinado em Zafra. A foto virtual parece-se tanto com a real como um ovo com uma castanha. Uma série de impropérios precede a conclusão de Mariajo: não será possível encontrar os outros dois homens. Para o efeito, deveriam ter aparecido na comunicação social ou constar de algum arquivo oficial com uma fotografia. Qual é a possibilidade de um criador de gado aparecer num jornal?

Buendía está a ajudá-la nessa tarefa. Passou a manhã a consultar edições de *La Tribuna de Cuenca*, em busca de alguma notícia de algum acontecimento que lhes permita encontrar o rasto de Chesca. Matou um dos violadores, talvez tenha

matado os outros. E como as pistas de que dispõem apontam para Cuenca, achou por bem começar por um jornal local. Mas não encontra nada. Consultou os últimos cinco meses. Está a par dos protestos dos grupos ambientalistas contra as obras que querem empreender em zonas com espécies protegidas. Passou os olhos por problemas de vizinhança e escândalos de corrupção municipal. Na secção de eventos, deparou-se com a morte de um homem resultante de uma briga num bar, duas mulheres assassinadas pelos respetivos ex-companheiros, uma pessoa afogada num pântano e pouco mais. A polícia de Cuenca deve morrer de tédio, pensa.

Começa agora a consultar o *El Adelantado de Segovia*. Chesca ia visitar muitas vezes a irmã ultimamente, talvez andasse à procura dos violadores naquela região. Enquanto isso, Mariajo debate-se com os seus programas de tratamento de imagens, com os filtros, com os cotejos faciais. Hackear o programa do Centro Nacional de Inteligência pode levar várias horas, mas talvez valha a pena. O CNI dispõe da mais avançada tecnologia: são capazes de desmascarar um terrorista que, apesar de usar óculos escuros, boné e lenço, é denunciado pela forma pontiaguda de uma orelha ou pela geometria singular do nariz. Com que imagem, porém, poderá comparar os rostos envelhecidos e duvidosos que tem diante de si, passados vinte anos?

Buendía dá-lhe uma corda a que pode agarrar-se.

— Vem ver esta notícia. É de há três semanas. Um homem morre atropelado ao sair da Feira Pecuária de Sepúlveda.

Mariajo levanta-se imediatamente e lança-se sobre a secretária de Buendía. Ele tem aberta uma página de *El Adelantado de Segovia*. Há uma fotografia do morto, Manuel Sánchez. Mariajo compara-a com as imagens ampliadas da foto que Chesca tinha. Não há grandes parecenças. Mesmo assim, digitaliza a foto.

Duas horas depois, conseguiu entrar no programa de reconhecimento facial da CNI. Introduce as duas fotografias, a de Manuel Sánchez e a do único dos dois homens do presunto que se poderá assemelhar a ele. A ausência de insultos ou barbaridades que Mariajo costuma proferir leva Buendía a acreditar que terá descoberto alguma coisa.

— É ele. Foda-se para esta merda. É ele. Manuel Sánchez, o homem atropelado em Sepúlveda, é um dos que ganharam o presunto há vinte e um anos.

Elena e Zárate estão à beira do desespero. Deslocaram-se a Segóvia para

pedir uma lista das explorações suínícolas da região. Enfrentaram a velha burocracia das províncias, os obstáculos para conseguir qualquer papel sem importância que, no entanto, um funcionário protege como se fosse um segredo de Estado. Zárate está prestes a sacar da arma e a desatar aos tiros naquela triste repartição quando recebem o telefonema de Mariajo. Identificou o homem que está à direita na fotografia. Chama-se Manuel Sánchez, morreu atropelado há três semanas ao sair da Feira Pecuária de Sepúlveda; envia-lhes a foto atual do sujeito.

— Precisamos de mais dados, Mariajo — diz Elena. — Da morada. Talvez a viúva saiba quem é o terceiro homem na foto.

— Foi por isso que vos liguei imediatamente. Estão perto, a uns cinquenta quilómetros. O homem vivia em Riaza, para os lados de Segóvia.

— Vamos para lá. Envia-me a morada pelo WhatsApp.

— O Buendía diz que precisa de uma amostra de ADN dele, pois o corpo foi cremado. Um cabelo de um pente ou outra coisa qualquer já lhe serve; assim poderá saber se é o pai da Rebeca, a filha da Chesca.

— Ele que não se preocupe que alguma coisa lhe havemos de levar.

— Do terceiro homem da foto é que não vos consigo dizer nada; não tenho nenhum resultado, o rosto não se vê bem, está meio tapado pelo boné, além de ter uma sombra a escurecê-lo. Se a fotografia fosse atual, poderia fazer alguma coisa, mas já tem muitos anos, está toda granulada... Vou ligar para o jornal, para ver se a arquivaram; nesse caso, podia trabalhar com o negativo, mas não me parece. É uma foto muito antiga e sem importância.

— Faz o que puderes, Mariajo, mas não vais encontrar o terceiro homem na secção de eventos. É ele quem tem a Chesca.

Riaza recebe-os com o início de um nevão. À entrada da povoação, depois da rotunda, onde as placas indicam as direções do parque de campismo e da piscina municipal, há um grande parque que começa a ficar revestido de neve. Ainda está limpa e confere à vila uma bela imagem. Ao fundo, veem-se os telhados brancos.

— Assim fica bonito; em Madrid, a neve é tão suja, fica logo escura. Já tinhas vindo cá?

— Muitas vezes. De passagem e para fazer compras. Nos bons tempos, o Salvador, o meu mentor, tinha uma casa numa aldeia próxima, em Madriguera. Passávamos ali muitos fins de semana e, às vezes, ficávamos até às festas de São Pantaleão, no final de julho.

A Avenida de Madrid está pejada de moradias com grandes jardins, cada vez

mais revestidos de neve.

— Ainda ficamos aqui incomunicáveis — preocupa-se Elena.

— Tem calma, as estradas são boas e não trouxemos o teu carro, trouxemos um a sério. — Zárate ri-se, apesar da situação.

— Para sair da neve não há melhor do que um velho carro russo.

Estacionam em frente à moradia de Manuel Sánchez. A porta está aberta, uma mulher que deverá rondar os quarenta, de pá em punho, está a remover neve do caminho de acesso à sua propriedade. É uma mulher de feições bonitas, com mechas de cabelo arruivado a emergirem de um gorro de lã. Traz um casaco acolchoado que lhe engrossa a figura. Interrompe a sua tarefa ao avistar os polícias.

— Dona Ana Mencía? — pergunta Elena.

— Sim, o que se passa?

— Somos polícias e queremos falar consigo sobre o seu marido, Manuel Sánchez.

Ana remove um montículo de neve com uma pazada firme, como que para deixar claro que estão a interrompê-la. Em seguida, porém, deixa a pá no jardim, encostada à parede, e abre caminho aos visitantes.

No jardim há duas crianças com cerca de sete anos, ocupadas a fazer um boneco de neve.

— Miguel, veste já o casaco — grita Ana a um dos filhos. — Queres apanhar uma pneumonia?

— Estou com calor — protesta o rapaz.

— Faz o que te disse. E dentro de cinco minutos quero os dois à lareira, a aquecerem-se.

Ana empurra a porta da casa, e o cheiro de lenha queimada inebria Zárate e Elena.

— Manuel! — chama Ana, enquanto sacode as botas de neve no saguão.

Um homem faz a sua aparição no vestíbulo. Enverga uma camisola de inverno e traz uma menina de um ano ao colo.

— São polícias, querem falar contigo.

Manuel não esconde um esgar de surpresa. Mas é muito maior a surpresa, quase pasmo, de Elena e Zárate. Porque o homem diante deles é Manuel Sánchez, a vítima mortal de atropelamento da Feira Pecuária de Sepúlveda.

## Capítulo 44

Manuel leva-os até um pequeno escritório. Antes de começarem a falar, aparece Ana Mencia.

— Querem beber alguma coisa?

— Não se preocupe — responde Elena. — Só vamos conversar um bocadinho com o seu marido.

Ela acena com a cabeça e ainda leva alguns segundos a deixar o local. Primeiro, ajeita os cortinados para a luz da tarde não entrar diretamente. Dá a impressão de que gostaria de participar na conversa. Até ela sair, ninguém abre a boca. É Manuel quem quebra o gelo.

— Em que posso ajudar-vos?

— Vou direto ao assunto, para não andarmos aqui com rodeios — toma a iniciativa Ángel Zárate. — Segundo as nossas informações, o senhor está morto.

O homem franze o sobrolho.

— Suponho que estarão a referir-se ao atropelamento de Sepúlveda?

— O jornal publicou uma notícia que dá conta da sua morte.

— É um erro, obviamente. Daria para rir, se não fosse dramático; quem morreu foi o meu irmão Antonio.

— Como é possível um erro destes? — pergunta Elena.

Manuel explica-lhes, com toda a calma do mundo: estava credenciado para participar na feira, mas, no dia antes de sair, teve uma apendicite e foi internado para ser operado.

— Decidimos, então, que fosse o meu irmão, que me ajuda às vezes na fábrica de ração, mas não podíamos mudar as reservas de hotel, o pagamento da credencial para participar na feira e todas essas complicações. Por isso, como ele



era muito parecido comigo, levou o meu DNI, os meus cartões de crédito e até os meus cartões de visita. Quando o atropelaram, encontraram todos os meus documentos no bolso dele, e foi por isso que me deram como morto. Só que, como podem comprovar, estou vivo.

— A foto do jornal é sua ou do seu irmão?

— É minha, foram buscá-la à credencial.

— São parecidos a ponto não se reparar na diferença no jornal?

— Andavam sempre a confundir-nos. Não que fôssemos gémeos, mas por causa da idade e da complexão, sim, éramos parecidos.

Elena pousa na mesa a fotografia de há vinte e um anos, os três vencedores da perna de presunto.

— E este homem da fotografia é o senhor ou o seu irmão?

Manuel pega no recorte de jornal. Estuda-o com interesse.

— Esta foto foi tirada há séculos. Tenho dificuldade em reconhecer-me.

— Mas lembrar-se-á de que ganharam um presunto num sorteio — insiste Elena.

— Sim, lembro-me.

— Então é o senhor e não o seu irmão.

Manuel pousa a fotografia na mesa. O seu olhar tornou-se sombrio e os gestos, nervosos.

— Posso saber o que querem de mim? Não entendo porque é que estão a fazer essas perguntas.

— Sr. Sánchez, estamos a investigar um crime que ocorreu há cerca de vinte e um anos, uma violação.

— Uma violação?

— Sim.

Elena é lacónica e fita-o. É a melhor forma de perceber algum indício de remorso ou culpa no suspeito.

— E que tenho eu que ver com isso?

Zárate permanece em silêncio. Está a deixar que seja Elena a imprimir o ritmo do interrogatório, porque sabe que o faz com mestria. Além disso, não consegue deixar de pensar na última descoberta sobre Chesca. Na sua cruzada vingativa, matou um inocente. Interroga-se como será o relacionamento com ela se a encontrarem. A justiça teria de agir, isso é claro. Seria ele, porém, capaz de perdoar uma conduta tão extraviada?

— Aconteceu no início de setembro — relata Elena. — Um grupo de três amigos estava na Feira de Sepúlveda. Não só fizeram bons negócios, como

também ganharam um presunto num sorteio. Até saiu no jornal local.

Elena mostra novamente o recorte com a fotografia.

— Ganhámos um presunto, já lhe disse que me lembro, mas não violámos ninguém.

— Ainda não terminei, Sr. Sánchez. Para comemorar, foram a Turégano, a terra de um deles, onde havia festividades. E ali beberam, festejaram, libertaram a tensão... Enfim, estavam a divertir-se. E, de repente, viram uma miúda de uns quinze anos, muito bonita, que estava sozinha, um pouco perdida no bailarico. A rapariga tomou o caminho de regresso a casa e os três homens seguiram-na, abordaram-na no escuro, violaram-na e deixaram-na deitada num terreno à saída da povoação.

Elena descobre que, ao relatar os factos em voz alta, sente um acesso muito agudo de raiva. Tenta manter a calma, é altura de esperar pela reação de Manuel, que finge surpresa, ou talvez a sinta de verdade. Chegam do jardim as vozes dos filhos, que devem estar a atirar bolas de neve um ao outro. Ouve a voz de Ana a pedir a Miguel que vista o casaco. E, apurando o ouvido, consegue detetar o pranto da bebé, que deve estar num berço próximo, algures pela casa. Toda a sua vida familiar resumida naquelas vozes e naquele pranto infantil. Tudo o que conseguiu ao longo dos anos, e talvez o que mais ama, ameaçado de repente por uma acusação do passado.

— Está a falar-me de uma noite da qual não me lembro. Sei que bebemos muito. E garanto-lhe que eu não violei ninguém. De qualquer forma, já teria prescrito, certo?

— Lamento informá-lo, mas a lei foi alterada: as violações a menores não prescrevem até a vítima completar quarenta anos. E esta tem trinta e cinco.

— Mas isto é uma loucura. Que provas pode haver após tantos anos? Essa mulher diz que eu...?

— Quem é este homem?

Elena aponta para o indivíduo mais encoberto de todos os que aparecem na fotografia, o menos exultante, o do rosto tapado por uma sombra.

— Não sei. Não me lembro.

— Quem é?

— Não me lembro.

— Puxe pela cabeça. Quem é?

— Ouça, esta conversa deveria ser na presença de um advogado, caso me estejam a acusar de alguma coisa. E, se não é esse o caso, queiram retirar-se. É muito tarde e quero cuidar da minha família. Porque tenho uma família, caso não

tenham reparado. Não sei quem era aos vinte e poucos anos, mas garanto-vos que agora sou um empresário respeitável e um pai de família exemplar.

O eco do seu discurso fica a pairar no escritório durante alguns segundos. Um homem respeitável. Um pai exemplar. Uma vida erguida pedra a pedra. E, no outro prato da balança, uma remota noite de bebedeira. O que é que pesa mais na hora de marcar o destino daquele homem, daquela família? Vendo que Elena está a olhar para Manuel Sánchez, à espera de que este se deixe ir abaixo, o que não acontece, Zárate decide intervir.

— Poderia facultar-nos uma amostra de ADN?

— O quê?

— Ajudar-nos-ia muito. A violação daquela noite deu frutos, a menor ficou grávida e teve uma filha; temos de comparar o seu ADN com o dela para saber se o senhor é o pai.

— Eu nunca violei ninguém.

— Se está de consciência tranquila, não devia recusar-se a fornecer-nos uma amostra de ADN. Basta um fio de cabelo.

Manuel levanta-se, irritado.

— Não vou tolerar mais insultos. Peço-vos que saiam.

— Espere — diz Elena.

O homem, que já estava prestes a abrir a porta, detém-se.

— Se me disser quem é o homem da foto, esquecemos o ADN, e esta conversa não sai deste escritório.

Manuel parece considerar a proposta. Ou, pelo menos, leva alguns segundos a responder.

— Como é que vou saber se não me está a enganar?

— Não tem outro remédio a não ser confiar em mim.

— Não sei quem é o homem da foto. Não o conhecia. Não sei quem é.

— Está a mentir.

— A senhora também. Não pode fazer esse tipo de propostas, não são legais.

— Dou-lhe uma última oportunidade, Manuel. E faço-o porque é a vida de uma colega que está em jogo. Estamos em crer que o homem na foto a raptou e lhe quer fazer mal. Ou me diz quem é ele, ou levo-o daqui algemado à frente da sua mulher e dos seus filhos.

Zárate tem um sobressalto. Inclina a cabeça na direção de Elena, parece-lhe que ela perdeu as estribeiras.

— Elena...

Quer sussurrar-lhe que é uma infração extremamente grave deter alguém que

não esteja prestes a cometer um crime. É preciso um mandado de detenção, e eles nem sequer sabem se o ónus da prova disponível é suficiente para desconfiarem daquele homem.

Manuel lança um olhar desafiador a Elena.

— Pode mostrar-me o mandado de detenção?

Elena levanta-se e vira-o com uma agilidade surpreendente. Num ápice, tem o homem com o nariz encostado à porta e os dois braços atrás das costas. Saca das algemas e coloca-lhas.

— Está a meter-se numa embrulhada de todo o tamanho — ameaça Manuel.

— Toca a andar.

Com um gesto, pede a Zárate que lhe abra a porta. Atravessam a sala até ao vestíbulo, saem para o jardim. As crianças estão na brincadeira, a derrubar uns soldadinhos com uma bola de borracha. Ana sai a correr da casa. Escorrega na neve derretida e tem de improvisar um passo de dança para manter o equilíbrio.

— Manuel! O que é que se passa? Para onde o estão a levar?

Elena mete-o no carro. A seguir estende um cartão à mulher, que se mostra perplexa.

— Está detido. Ligue daqui a pouco e explicamos-lhe tudo.

— Mas o que é que ele fez?

O carro de Zárate arranca a todo o gás.

## Capítulo 45

Os médicos que atendem nas urgências são perfeitamente capazes de distinguir quando uma mão se lesionou numa queda ou a dar um soco. Assim que vê a radiografia da mão de Reyes, o Dr. Caudete, no hospital Virgen de la Luz, não tem dúvidas.

— Fratura do quinto metacarpo da mão direita. Fratura de pugilista ou frustração. Qual foi o caso?

— De pugilista — responde Reyes, orgulhosa. — O outro ficou pior.

— Já o vi, está noutra boxe, com um polícia que não arreda pé. Sabe como é que chamam a esta fratura em inglês? Fratura de taberna, é típica das brigas entre bêbedos nos bares aos fins de semana.

— Eu não estive envolvida em nenhuma briga num bar, nem estou bêbeda. Sou polícia. Nem sei onde lhe acertei, metade no maxilar, metade no pescoço.

— Um bom soco. Dói-lhe o pulso?

— Não, só a mão. Vai engessar-ma?

— Não quero que a fratura sare mal; imagine que a deixo torta e que, depois, nunca mais é capaz de voltar a apertar um botão na vida. Ficaria a odiar-me.

— Passaria a usar roupa com fecho-éclair.

— Por enquanto vou imobilizá-la e, quando o especialista a vir, será ele a decidir o tratamento mais adequado. Embora eu ache, se quiser saber a minha opinião, que teve sorte e não vai precisar de cirurgia. Vou deixá-la descansar um pouco, tente não mexer a mão.

Reyes fica sentada na boxe. Orduño está com a Polícia, a apresentar as queixas, a preencher toda a papelada necessária, a relatar o sucedido. É a primeira

vez que se vê sozinha desde a sua chegada à BAC. Nem sabe o que tem de fazer, se deve ligar para a central em Madrid e explicar o que aconteceu ou se é melhor aguardar. Está preocupada com a eventualidade de ser necessário operarem-lhe a mão e ter de ficar fora do caso. Quer ajudar os seus colegas a encontrar Chesca.

Orduño regressa finalmente.

— Ainda não te atenderam?

— Já, mas disseram que é preciso esperar que o especialista me veja. Como é que correu?

— Neste preciso momento, estão várias unidades a selar três quintas e a entrar em duas empresas de carne. A última coisa que me disseram é que já detiveram quinze pessoas.

— O Zuecos?

— Sim, o veterinário também. Creio que a rede está desmantelada, não vais ter de te tornar vegana.

— Ainda bem. Que eficiência.

— Eu não queria que perdêssemos tempo com esta história dos porcos, em vez de tentarmos encontrar a Chesca, mas o Victoriano e o cliente dele insistiram em atravessar-se-nos no caminho.

— Temos de ir à estação de serviço de Tarancón.

— Vamos ver se te dão alta.

— Será que ainda têm as gravações anteriores ao Natal?

— Duvido. Mas temos de ir, é a nossa única pista. Além disso, são ordens da Elena.

— Falaste com ela?

— Sim. Liguei para a BAC e contei-lhes o que aconteceu. Açam que estão prestes a conseguir alguma coisa. Localizaram o segundo dos violadores, vivo.

— Vivo?

— Foi um acaso, depois conto-te.

— Porque é que não vais à procura do médico? Estou farta de estar aqui.

— Tem lá paciência. Antes, quando fomos atacados, estiveste muito bem. Ainda bem que hoje te sentias homem.

— Porque é que dizes isso?

— Pelo soco.

— Ah, não, naquele momento até me sentia mulher. Mas, se não lhe desse aquele soco, acabavam connosco. E ao outro dei-lhe um tiro no joelho, mas estive quase a apontar mais para cima.

O Dr. Caudete interrompe-os com a notícia de que o osso está bem alinhado

e que não será necessária nenhuma cirurgia, apenas uma ligadura.

— Mas na semana que vem terá de ir à consulta.

— Isso é na próxima semana, agora ligue-me a mão, que estamos com pressa.

A estação de serviço indicada pela rapariga da loja fica perto de Tarancón, mas pertence a outra localidade, Santa Leonor. O gerente garante que nunca viu o homem da fotografia; informa também que não guardam as gravações de segurança durante tanto tempo.

— Caso não tenha havido nenhum incidente, reutilizamos os discos rígidos. Temos um disco de um *terabyte*, e o sistema está no modo de registo contínuo. Guarda praticamente um mês. É o que estabelece a lei de proteção de dados.

É mais uma pista que se fecha sem levar a lugar nenhum, mas, antes de sair, Reyes lembra-se de fazer uma pergunta ao funcionário da caixa.

— Por acaso não costuma vir aqui abastecer um homem com uma canadiana verde? daquelas com o forro cor de laranja, sabe?

— Um homem com uma canadiana verde? Sim... Costuma vir cá abastecer. Só que não sei o nome dele. Paga sempre em numerário. Tem uma carrinha vermelha, uma *Renault* ou uma *Citroën*. A única coisa que sei é que vive perto de Santa Leonor; uma vez vi-o num bar da praça, um que se chama Zarco e que tem umas almôndegas de comer e chorar por mais.

## Capítulo 46

Manuel Sánchez está na sala de interrogatórios, sozinho. Elena quer deixá-lo assim algum tempo, para ver se ele fica nervoso. Arrancaram-lhe um cabelo, do qual Buendía irá tirar uma amostra de ADN para o comparar com o de Rebeca. Um resultado positivo nesse teste facilitaria a conversa; Manuel não teria outro remédio senão admitir a violação, pelo que poderiam concentrar-se no único dado que interessa a Elena: a identidade do terceiro homem na fotografia. O problema é que o teste de ADN leva tempo, e isso é coisa que eles não têm.

Elena entra na sala e senta-se à frente de Manuel.

— Tenho andado a investigar, e toda a gente diz maravilhas sobre si. Acho que é boa pessoa.

Manuel permanece em silêncio. Mantém-se sério, talvez um pouco assustado, mas tenta disfarçar com uma camada de orgulho.

— Não quero destruir-lhe a vida. Só quero que me diga quem é este indivíduo.

Volta a pousar na mesa a imagem dos vencedores do sorteio.

— Não o conheço.

— E o outro, conhece-o? Chama-se Fernando Garrido, o nome diz-lhe alguma coisa? Morreu há cinco meses com um tiro na cabeça. E sabe quem o matou? A jovem que violaram há anos. Essa jovem tentou matá-lo a si, mas enganou-se na pessoa e atingiu um inocente.

Manuel baixa a cabeça. Dá a impressão de que, indiretamente, se sente culpado pela morte do irmão.

— Não tem medo de que ela tente novamente consigo? A sua vida corre perigo, Manuel, é melhor colaborar.



— Já lhe disse que não tenho nada que ver com isso. Tudo isto é absurdo. Não tenho antecedentes; aliás, nem muitas de trânsito tenho. Sou um cidadão exemplar e honrado.

— E, se nos ajudar, a primeira pessoa interessada em que continue com a sua vida exemplar sou eu. Quem é o homem de boné, o que tem a cara meio tapada?

Durante a transferência para os escritórios da BAC e no tempo de solidão dentro daquela sala desolada, Manuel pensou nas suas opções e delineou uma estratégia desesperada. Não pode admitir que violou uma adolescente há vinte e um anos. Isso destruir-lhe-ia a vida. Perderia tudo o que ama e o faz feliz e que lhe custou tanto a conseguir. E, muito provavelmente, iria parar à prisão, por mais que aquela inspetora raivosa o tentasse com propostas impossíveis de cumprir. Não tem dúvidas: tem de manter a sua inocência a todo o custo.

Arrancaram-lhe um cabelo e estão a analisar-lhe o ADN. Sabe o risco que aquele teste implica, mas tem cinquenta por cento de probabilidades de sair ileso, pois foram dois os que penetraram aquela jovem e ejacularam dentro dela. E, mesmo que a prova lhe aponte o dedo, pode sempre alegar que quem aparece naquela fotografia antiga do presunto é o irmão. Bem vistas as coisas, este já não pode revirar-se no túmulo. Ignora se o ADN de dois irmãos é exatamente igual, mas, nesta altura, isso não interessa.

Há uma segunda maneira de se safar, se for ele o pai daquela rapariga, que envolve contratar um bom advogado para invalidar toda a investigação devido às muitas irregularidades que foram cometidas. Nem sequer lhe propuseram assistência jurídica, e ele não a reclama, porque prefere que o atropelo aos seus direitos se torne mais evidente. Não deixa de perceber que a solução do advogado poderia permitir-lhe escapar à prisão, mas não às represálias pessoais. A sua mulher, perante um teste de ADN, não acreditaria nele, e a sua harmonia familiar seria destruída. Cruza os dedos, prende a respiração, reza por dentro e agarra-se à sua estratégia: não admitir que violou aquela jovem.

Sabe perfeitamente com quem estava naquela noite. Sabe que Fernando Garrido, velho companheiro de feiras de pecuária, foi assassinado há alguns meses. Antón, o terceiro homem que a polícia procura com afincos, não frequenta as feiras há anos, mas sabe onde ele mora. E também sabe que não pode revelar essa informação. Antón era uma pessoa muito estranha, por vezes parecia que sofria de um ligeiro atraso mental. Taciturno, sério, maníaco, tímido, mal falava e, de vez em quando, o seu olhar acendia-se de forma assustadora. Aquele homem não hesitaria um minuto em denunciá-lo, diria que não fez nada, que foi o único que não penetrou a jovem. E acusaria os que o fizeram. Só se fosse louco é que

Manuel facultaria à polícia os dados da única testemunha que pode relacioná-lo com a violação. O outro está morto e isso, no transe angustiante pelo qual está a passar, é uma bênção.

— Eu nunca violei ninguém. Sou um homem honrado, tenho família, uma casa bonita, uns filhos maravilhosos.

Buendía entra na sala.

— Elena...

Ela olha para Manuel com um sorriso que tem algo de sádico.

— Acho que já temos o resultado do teste de ADN.

Sai com Buendía, e Manuel fica a remoer as suas mágoas. À espera do resultado de um teste que vai marcar o seu destino, sente-se abatido e triste. Reconhece que, naquela noite, há vinte anos, se comportou como um vândalo. Lembra-se dela, porque são coisas impossíveis de esquecer; não é um homem habituado a agir daquela forma, sempre foi boa pessoa, respeitoso para com os outros — sobretudo para com as mulheres —, educado. Só perdeu o controlo uma noite na vida. Ganharam o presunto, beberam, Fernando disse-lhes que havia festas na sua aldeia, que ficava perto, e decidiram ir. Estiveram no recinto da feira, tentaram ganhar mais prémios nos postos de tiro, nos sorteios... Ganhou uma garrafa de *gin* barata e beberam-na até ao fim, um par de goles cada. Depois, continuaram a beber na zona dos grelhados: uma espetada de carne, uma mini de cuba-libre, uma sandes de *bacon*, uma mini de cuba-libre. E por aí adiante. Envolveram-se numa discussão com uns moçoilos da aldeia, tiveram o bom senso de se pôr a andar dali para fora, mas não encontraram o carro no parque de estacionamento, pelo que se fizeram ao caminho pela berma da estrada. Até que viram aquela miúda, novinha, muito bonita, e entraram em ebulição. Nem sabe quem começou, só sabe que ele e Fernando a violaram. O terceiro limitou-se a segurá-la e a tocar-lhe nos seios. Não conseguiu violá-la por falta de ereção. Ficaram um bom bocado a fazer troça dele. Voltaram para o parque de estacionamento, e desta vez encontraram o carro. Entraram na viatura e adormeceram. De manhã, quando acordaram, já não havia praticamente nenhum carro por ali; regressaram a Sepúlveda e separaram-se. Ele foi para a sua pensão, tomou banho, tomou o pequeno-almoço e saiu para a aldeia. Nunca falou daquilo a ninguém. É injusto que uma noite infeliz de há vinte anos o persiga.

Elena regressa à sala. Traz uma pasta com uns resultados.

— Comparámos o seu ADN com o da filha que nasceu daquela violação. O resultado é positivo, Manuel. O senhor é o pai.

Manuel fala mecanicamente, como se fosse um robô com a resposta programada.

— Se calhar foi o meu irmão. Também me substituiu naquela noite. É ele que está na foto.

Elena sorri com a desculpa grotesca. Pousa as mãos sobre a mesa e inclina-se para a frente.

— Sabe como é que funcionam os programas de reconhecimento facial? Eu cá não sei muito sobre essas coisas, mas temos na equipa uma pessoa que é perita nisso. Até já têm isso nas caixas automáticas de alguns bancos, veja só aonde chega a sofisticação dessa gente; é que eles não abrem os cordões à bolsa sem terem a certeza de que funciona corretamente. E a minha colega usou os melhores, examinou esta foto do jornal e as que lhe tirámos a si, tal como as que encontrámos do seu irmão, sendo verdade que são parecidos. Os programas analisam alguns traços da pessoa investigada, o formato do rosto, dos olhos, milímetros de separação entre as órbitas oculares, entre as orelhas... Não vou maçá-lo, porque não sou especialista e bloqueio assim que ouço a palavra «algoritmo». Sabe o que nos dizem todos esses programas? Que o tipo da foto é o senhor, e não o seu irmão.

— Nunca violei ninguém, já lhe disse e volto a dizer. E não sei quem é esse homem, quem está na foto é o meu irmão.

Elena percebe que está a falar com um androide; já não é um preso com quem possa argumentar.

— Não queria que me obrigasse a fazer isto. Volto já.

Zárate e Buendía, que acompanham o interrogatório do outro lado do vidro, são apanhados de surpresa, ficando sem saber para onde se dirige Elena. Zárate sai ao seu encontro, interceta-a quando se esta se encaminha para a sala da BAC onde a mulher de Sánchez espera notícias há duas horas.

— O que é que vais fazer?

— Este gajo vai falar.

Entra na sala onde Ana Mencía aguarda, nervosa, roendo as unhas, e fecha a porta.

— O que se passa? Quando é que me vão dizer alguma coisa? Deixei os meus filhos com uma vizinha.

— Tenho uma coisa para te contar — diz Elena. — Uma coisa horrível que o teu marido fez há vinte e um anos.

Manuel não pôde deixar de consultar os resultados do teste de ADN que Elena deixou propositadamente sobre a mesa. Confirma-se que é ele o pai de uma jovem chamada Rebeca. É o pior dos cenários previstos; a sorte não está do seu lado. Mas tem de se manter fiel aos seus planos.

Ergue a cabeça ao ver a porta da sala a abrir-se. Tenta manter firmeza no olhar para não dar argumentos àquela agente da Polícia. Mas quem abriu a porta e o encara com ódio é a sua mulher.

— Filho da puta, diz-me que não é verdade, diz-me que não violaste uma miúda há uns anos.

— Ana, por favor, não sei o que te disseram...

— Diz-me que não é verdade.

— Ana...

— Diz-me que não é verdade.

Manuel perde a compostura, leva as mãos ao rosto e desata a soluçar. Ana lança-se sobre ele.

— Filho da puta! Cabrão, tarado de merda! Como é que pudeste fazer uma coisa dessas?

Zárate entra na sala e agarra a mulher, que continua a bater no marido como se este fosse um saco de boxe.

Do outro lado do vidro, Elena nem se mexe.

## Capítulo 47

Nina segura numa faca de abate que é quase maior do que ela. Introduz a ponta entre o tornozelo de Chesca e a abraçadeira e usa-a como se fosse um serrrote. Ao fazê-lo, pica-lhe várias vezes o pé, que vai ficando salpicado de sangue. Mas ela não se queixa. Estará a dormir? A abraçadeira do pé direito salta, e a menina vê o estrago que provocou no pé. Olha para a prisioneira como se lhe pedisse desculpa e vê uma mulher derreada, imóvel, de cabelos ressequidos e pálpebras caídas. Nem sequer mexeu a perna ao sentir o membro solto. Um par de moscas escarafuncham a ferida que tem no rosto.

Chegam ruídos do andar de cima, passos e pancadas no chão. Antón e Julio devem andar por ali. Viu como arrastavam Casimiro lá para cima. Nina sabe que tem pouco tempo, é agora ou nunca, quer pagar o castigo e jogar mais uma vez com Chesca. Concentra-se em cortar a abraçadeira que lhe prende o pé esquerdo. Não quer fazê-la sangrar e, por isso, concentra-se mais do que deveria, muito mais do que a situação extrema exige. Consegue um movimento com a ponta da faca num ângulo que deixa a pele a salvo. Chesca também não se mexe quando se liberta da segunda abraçadeira.

Além dos passos, ouve os gritos de Casimiro. Prefere nem entender o que está a dizer. Soa uma pancada seca e, a seguir, um arquejo como o de um búfalo. Consegue identificar perfeitamente a respiração de Antón.

As abraçadeiras que prendem os pulsos de Chesca estão ligeiramente mais largas, provavelmente devido às tentativas dela para se libertar. Corta-as com facilidade, empurrando o gume para cima três vezes, sempre para cima, para não cortar as veias da desgraçada, que já nem tem fôlego. Estará a dormir?

Chegou a hora de o verificar. Nina aproxima-se do rosto de Chesca, as

moscas esvoaçam junto à ferida, afastam-se e aproximam-se, assustam-se com as mãozadas da rapariga, mas não querem perder o banquete.

— Acorda — murmura-lhe Nina.

Não há resposta, nem sequer um movimento reflexo ou a indolência daqueles que se ferram no sono e não querem ser perturbados. Nada.

— Acorda!

Ergueu a voz e, em seguida, olha para as escadas, com medo de que possam ter ouvido o grito. Chesca não se mexe. Nina não sabe o que fazer. Põe a ponta da faca no braço de Chesca e pressiona. Um ponto de sangue surge como uma gota promissora, mas a dor da picada não desencadeia nenhum grito nem espasmo, nem qualquer tipo de reação. Fica a olhar para o corpo flácido, exausto.

— Acorda, temos de sair daqui — implora com a sua voz infantil.

Nada. Nina começa a chorar baixinho. Chora de pena, de raiva, de impaciência. Sobe para cima da cama e deita-se ao lado de Chesca. Quer sentir o seu calor, se é que aquele corpo ainda o emana. Agarra-lhe a mão e resigna-se. Vai adormecer ali, naquela cama suja da cave, até que Antón acabe com o novo ataque de histeria de Casimiro e venha cá abaixo buscá-la. De repente, algo acontece. Notou uma pressão num dedo. Não sabe se são fantasias suas, se houve uma reação humana ou se o imenso desejo de ressuscitar aquela mulher a fez delirar. Aperta a mão para estabelecer uma correspondência, eu aperto-te e tu apertas-me, e nota de novo uma pressão muito leve, como de um recém-nascido. Encosta o ouvido ao peito de Chesca. Sente um murmúrio fraco, um batimento cardíaco distante. Está viva.

Nina senta-se sobre o abdómen da moribunda, sacode-a, dá-lhe bofetadas, suaves a princípio, depois mais fortes.

— Estás livre, soltei-te. Tens de te levantar.

Chesca abre os olhos e vê a rapariga desgrenhada em cima dela, com os olhos a brilhar de medo e esperança.

— Temos pouco tempo. O Antón e o Julio estão com o Casimiro, e depois vêm cá abaixo buscar-te. Tens de te levantar.

As instruções dançam na mente de Chesca como numa nebulosa. Uma galáxia de constelações que viajam à velocidade da luz e que roçam umas nas outras à beira da colisão. Precisa de um *big-bang*, de uma explosão que lhe permita levantar-se, pôr os pés no chão e verificar se é capaz de andar.

— Anda, eu ajudo-te.

Nina passa-lhe os braços por trás do pescoço e consegue fazê-la levantar-se. Chesca tosses com a manobra, o seu corpo não está acostumado ao plano vertical.

Sente-se tonta, arde-lhe a cara, as pernas são dois arames, pelo menos é assim que as sente. Quando desce da cama, dobram-se como duas molas e aterra no chão. Ali fica. Não entende o que está a acontecer. Não sabe por que razão está livre. Não processou a informação que Nina debitou tão apressadamente. Mas lembra-se da rapariga. Lembra-se do castigo, do jogo, de que *hipopótamo* se escreve com «h». As mãos da menina estão a fazer-lhe cócegas nas axilas. É essa a sensação que tem antes de perceber que está a tentar levantá-la. Quer ajudar, mas não sabe como. Porém, embora não tenha consciência dos seus esforços, de alguma forma terá colaborado, porque a verdade é que está de pé, e agora os seus músculos mantêm-na ereta, tal como um veado recém-nascido se levanta à segunda tentativa.

— Há um esconderijo. É o meu sítio preferido. Fica na oficina. É lá que me enfio quando quero ficar sozinha.

Chesca caminha até às escadas. Olha para cima. Sete degraus de pedra, que se lhe afiguram uma escalada impossível.

— Apoia-te nas minhas costas e vais subindo. Eu ajudo-te.

Nina levanta uma perna de Chesca com as duas mãos e depois a outra. Já estão no primeiro degrau. Suporta o peso que a moribunda lhe descarrega sobre as costas em cada manobra. É forte, tem trabalhado a vida inteira em tarefas físicas na quinta. Com três anos, carregava baldes a abarrotar de água, fardos de feno e sacos de ração. Aos cinco, agarrava um porco para lhe darem uma injeção. É uma miúda forte.

Estão no segundo degrau. São sete. Os gritos de Casimiro voltam a fazer-se ouvir. Perdeu o pouco discernimento que tinha ao saber que Serafín morrera. Desgraçados dos porcos. As pancadas, as tentativas de conter Casimiro recomeçam.

Terceiro degrau.

E, de repente, o estalido de um tiro. Um silêncio espesso. A respiração pesada de Antón, seguida da sua voz áspera.

— Nina! Onde estás?

— Já vou — responde a menina.

Não vai ser possível, não vão chegar a tempo lá acima, Antón vem buscá-la. Vai encontrá-las e fazer o que fez a Casimiro. Tem a certeza de que aquele tiro foi para silenciar para sempre o desgraçado do Casimiro. Alcançaram o quarto degrau, e algo acontece de repente. Como se o tiro tivesse injetado energia nos músculos de Chesca, esta começa a subir sozinha, sem ajuda, e numa questão de segundos chegam ao cimo das escadas.

— Espera — diz a menina.

Chesca encosta-se à parede de pedra. Os seus dedos ficam sujos de areia, e aquele simples toque desagradável intensifica-lhe a sensação de tonturas. Não tem forças nem ânimo para avaliar a situação em que se encontra. Ela, uma polícia aguerrida, a obedecer sem contestar a uma criança de sete anos. Nina volta a fazer gestos com a mão, instando-a a mover-se depressa.

— Ele foi à cozinha, foi buscar comida. Vamos, corre. O Julio ainda deve estar lá em cima.

Saem para um corredor escuro, de mãos dadas. Nina respira com medo. Chesca concentra as suas escassas forças em não se soltar daquela mãozinha dura como um pedaço de ardósia. É uma cega levada por um guia. Mas para onde? Valerá a pena fantasiar sobre a liberdade?

Nina empurra uma porta e, de repente, veem-se na sala de estar de uma casa de campo. Chesca aspira a frescura conhecida dos invernos de Turégano na casa dos pais. Os ruídos que Antón faz soam assustadoramente próximos. Nina encosta um dedo aos lábios de Chesca, pedindo-lhe silêncio. Puxa uma enorme porta de madeira, que emite um rangido denunciador. Chesca semicerra os olhos, ofuscada pela luz da tarde.

— Corre! — ordena Nina.

Chesca quer continuar agarrada àquela mão. Não consegue abrir os olhos, a luz incomoda-a, está tão cega como quando percorria o corredor escuro. Nina, porém, dera por certo que agora ela consegue ver e soltou-a para chegar mais rápido à oficina. De lá, vira-se para Chesca e vê-a parada no meio da eira, desorientada. Aproxima-se para a resgatar.

— Anda, dá-me a mão.

Chesca agarra aquela mão como se fosse a sua única tábua de salvação num naufrágio. Entram na oficina, e a menina abre um armário com um vão reduzido, mas suficiente para as duas. A porta da oficina ficou entreaberta, mas consegue fechar bem a do armário puxando uma ripa de madeira. É um antigo armário que deixou de ser utilizado, e a secção superior está decorada com uma estrutura reticulada. É o respiradouro delas.

— Onde é que ela está? Nina! Onde é que está essa puta?

As vozes, proferidas da cave, chegam com nitidez à oficina. Também se ouvem passos brutais nas escadas, o pontapé que ele talvez tenha descarregado na porta que conduz ao vestíbulo e umas passadas pesadas a esmagar a gravilha.

Nina agarra com força a mão de Chesca. A porta da oficina abre-se com um baque. Antón está lá dentro.



— Nina! Sai daí!

Ouvem-no a cirandar pelos recantos e a proferir um grito de dor. Deve ter tropeçado na maquinaria. Segue-se um lapso de silêncio, muito mais aterrador do que os gritos. Agora não sabem onde está Antón, se já percebeu onde fica o esconderijo e se está prestes a abrir o armário de surpresa. Nina sabe que é o melhor esconderijo da casa. Quando quer ficar sozinha, é ali que se refugia. Já a procuraram muitas vezes, como agora, e nunca a encontraram. A gata, essa, deve ter um olfato muito apurado, porque se aproxima sempre, ronqueira, e fica a miar junto à porta até que ela a abra, a meta lá dentro e lhe pegue ao colo. O miar transforma-se então num ronronar e Nina percebe que também ela precisa de se esconder da sua família, mesmo que seja apenas por um breve instante.

Chesca sabe que Antón ainda está na oficina, ouve a sua respiração ruidosa e sente a sua presença rotunda e vigilante. Chega-lhe um cheiro fétido a suor azedo e a esterco, mas talvez seja ela própria a emaná-lo. Agora ouvem passos no soalho, passos que se afastam. A porta bate, Antón saiu.

Soa uma miadela. A gata acabou de entrar na oficina.

Onde estará Antón? Ter-se-á afastado o suficiente? A gata aproxima-se do velho armário e detém-se em frente à porta. Mia. Nem Nina nem Chesca estão preparadas para tomar a decisão mais importante da sua vida. Abrir a porta e pegar no animal para trocar aquele miar por um suave ronronar ou não fazer nada, mantendo-se escondidas e torcendo para Antón não associar aquele miar ao seu esconderijo. A única que sabe o que tem de fazer naqueles instantes é a gata, que continua a miar junto ao armário.

## Capítulo 48

Santa Leonor é uma pequena povoação, situada num daqueles ermos que parecem pensados para os seus quinhentos habitantes sentirem frio no inverno e calor no verão. Ninguém sairia da A3 ao quilómetro cento e dez, cerca de setenta antes de chegar a Cuenca, se não houvesse ali perto um sítio arqueológico celta e romano. Os poucos visitantes que param na localidade aproveitam para comer almôndegas no bar da praça. Quando se vai à Internet e se pesquisa onde comer em Santa Leonor, a recomendação é unânime: o Zarco.

Apesar do seu sucesso, é um bar típico de pequena localidade, com garrafas de bebidas já desconhecidas nas prateleiras, um balcão de madeira repleto de cicatrizes, *slot machines* e expositores peçados de petiscos, incluindo as almôndegas que lhe dão fama.

Quando Reyes e Orduño entram, há apenas três clientes.

— O que desejam tomar?

— Duas *Coca-Colas* e uma dose dessas almôndegas de que toda a gente fala — pede Orduño à mulher que os atende atrás do bar.

— Vão gostar. Vou aquecê-las.

A empregada, uma senhora rubicunda na casa dos sessenta, move-se da vitrina de petiscos até ao micro-ondas como uma bola de *pinball*. Pele rosácea e brilhante. Parece besuntada em óleo, pensa Reyes enquanto vagueia o olhar pelo estabelecimento. Ao lado de um poeirento expositor de cassetes, uma mulher na casa dos cinquenta e com traços indígenas, possivelmente boliviana ou peruana, está absorta a ver um concurso televisivo. Desde que chegaram tem o café com leite a meio caminho da boca, como se fosse um robô que tivesse ficado sem bateria. Na outra ponta do balcão, dois homens que parecem vir de trabalhar no

campo aviam uns copos de vinho e uma fatia de tortilha. Embora finjam estar concentrados numa conversa, não tiraram os olhos deles desde que entraram no Zarco. Um deles, careca e com um melanoma que lhe ocupa boa parte do pescoço, examina Reyes quase sem disfarçar, tentando adivinhar-lhe as formas sob o vestido vermelho. Por um momento, ela sente um arrepio ao imaginar como teria sido a sua vida se tivesse sido criada numa terra como Santa Leonor.

Quando a empregada regressa com o pedido, Reyes pega num dos comprimidos que o Dr. Caudete lhe deu para o caso de lhe doer a mão.

— Como é que vai isso?

— Dói-me, mas é o que o médico disse que ia acontecer, nada de grave.

Uma nuvem de vapor eleva-se sobre as almôndegas; o primeiro a experimentá-las é Orduño.

— Estão muito quentes?

— Não, podes comer.

Reyes leva uma à boca, e caem-lhe as lágrimas.

— Porra, disseste que não estavam muito quentes, e estão a ferver.

— Não ia ser o único a queimar-me. — Orduño deixa escapar uma gargalhada. — Ainda bem que não te tornaste vegana, estão deliciosas.

— Gostava de saber como as fazem... Hão de vender aqueles porcos desgraçados do pavilhão em algum lado.

— Não é aqui, estão tão boas que só podem ser almôndegas de um porco feliz.

O humor como válvula de escape. Reyes ainda se sente algo culpada por estes momentos de leveza no meio de uma investigação. Logo perceberá como são necessários. Voltam a chamar a empregada. Quando Juliana — assim lhes disse que se chama — se aproxima, mostram-lhe a fotografia de Dentuças.

— Disseram-nos que este homem poderia ser aqui da zona. Conhece-o?

Juliana inclina a cabeça como se estivesse diante de um retrato cubista a procurar a perspetiva correta.

— Será o Serafín? Manchão, anda cá ver isto. — Com um gesto, pede a colaboração do homem com o melanoma no pescoço. — É o Serafín? Há pelo menos cinco anos que não o vejo.

Manchão leva o seu tempo a examinar a fotografia. Bufa e deixa escapar um ou outro grunhido. A Reyes parece-lhe que só está a aproveitar-se da situação para se chegar mais a ela e, depois, poder dizer ao amigo que lhe raspou a mão no traseiro. Se não se puser já a falar, Manchão vai para casa com mais um hematoma.

— Até pode ser. Tinha assim as dentolas, como um coelho.

A hesitação de Manchão exaspera Reyes, que pensa em perguntar à sul-americana que está à mesa. No entanto, quando a procura com o olhar, vê que a mulher já não está ali. O seu lugar está vazio, como a chávena de café, ao lado de algumas moedas.

— E um homem com uma canadiana verde? Disseram-nos que às vezes passa por aqui. É possível que tenha alguma relação com o da fotografia — insiste Orduño.

— O Julio? — Manchão ri-se e procura a cumplicidade da empregada. — Não há mais ninguém cá na terra que ande vestido dessa maneira; passa o dia entre porcos, mas parece um senhor. Ou é o que ele pensa.

Um tremor de excitação percorre Reyes e Orduño. Estão na pista certa.

— Sabe onde podemos encontrá-los?

— Porque é que andam à procura dele? São guardas? — A voz rouca do amigo de Manchão interrompe-os com desconfiança do outro lado do balcão.

O telemóvel de Orduño começa a tocar. Olha para o ecrã e vê que é Zárate. Pede a Reyes que atenda por ele enquanto tenta que algum dos clientes do Zarco lhe dê o endereço desses homens, aos quais, finalmente, pode dar um nome: Julio, Serafín.

— Sim, Zárate, diz... Estamos em Santa Leonor... O quê?... Claro. Manda-me a localização. Quanto tempo demoram a chegar?... Vinte minutos. Encontramo-nos à entrada.

Quando desliga, Orduño já conseguiu o que procuravam: quinta Collado. A cerca de dez quilómetros da povoação, é onde vivem.

— Estão a caminho de Santa Leonor, também têm o endereço da quinta — informa Reyes. — Vamos.

Juntamente com Zárate e Elena viajam três carros com agentes de operações especiais dispostos a tomar a quinta à força, se for necessário. Manuel Sánchez acabou por falar; desconhecia o apelido do terceiro homem da fotografia, mas sabia o nome dele, Antón, e da terra em que tem a quinta, Santa Leonor. Com a ajuda de Mariajo, descobriram um proprietário com esse nome e o endereço da quinta.

— Onde estão a Reyes e o Orduño? — Elena carrega a fundo no acelerador. Não pode ir mais rápido.

— Em Santa Leonor, chegaram ao mesmo lugar por outra via.

Os carros avançam pela estrada comarcal 310. Passam por um ou outro olival. O resto da paisagem é uma planície que se estende até ao horizonte.

Repetitiva, vulgar, esmagada sob um céu apagado em que a luz não passa de um brilho ténue. Deixam a estrada asfaltada para entrar num caminho de terra batida. Sabem que estão muito perto. Nem Zárate nem Elena são capazes de falar. Imaginam o mesmo silêncio no carro de Orduño e Reyes. Como um mantra, ecoa-lhes no cérebro uma única palavra: «Chesca.» Agarram-se àquele nome como se, ao pronunciá-lo, pudessem comunicar com ela. Querem dizer-lhe para continuar a lutar. Para resistir. Que hão de superar juntos tudo o que possa vir a seguir. Que não a deixarão sozinha.

## Capítulo 49

A quinta Collado é composta por três construções dispersas por um terreno ondulado que se estende nas quatro direções, vazio, desamparado. Um deserto de campos que poderiam ser férteis. A casa tem dois andares, com paredes caiadas cheias de rachas, como se estivesse prestes a dar início ao seu período de ruína. Um casebre de utensílios ou, talvez, uma oficina, e, ao lado, umas pocilgas: um pavilhão retangular de telhados de uralite e paredes sujas que aparentam estar a afundar-se na lama que a rodeia.

Quando chegam, têm Orduño e Reyes à sua espera. O primeiro impacto que Elena sente ao sair do carro é o odor penetrante a excrementos e sangue. Denso, tão pesado que se agarra ao terreno da quinta e nem sequer o vento consegue arrancá-lo.

— Não quisemos aproximar-nos, mas não há movimento. A quinta parece vazia. — Orduño é o primeiro a aproximar-se da inspetora.

Zárate, a poucos metros dos colegas, está paralisado. Os olhos, vidrados, fixos naquela quinta, e certamente, pensa Elena, um turbilhão de arrependimentos no seu íntimo. É o pânico que o retém, que congelou cada um dos seus músculos. Elena pensou que teria de o conter, de o obrigar a esperar até que o grupo de operações especiais assegurasse a zona, mas não foi necessário. Zárate está prestes a estilhaçar-se, como se fosse feito de vidro. O medo de que tenham chegado tarde percorre cada um dos membros da BAC, mas, no caso dele, se esse medo for confirmado, poderá ser demasiado. Até onde somos capazes de suportar? Qual é o limite da nossa dor? Elena julgava que transpusera todos os limites na busca do seu filho Lucas. Gostaria de pensar que assim é, que tem os sentidos adormecidos e que o que aquela quinta pode esconder não vai afetá-la.

Sabe que não é verdade e que, apesar de tudo, deverá conter-se, porque alguém terá de recolher os estilhaços de Zárate para o recompor, se tudo correr mal.

— Não vamos ficar aqui fora. — A voz de Zárate surpreende os circunstantes. Só conseguiu sair do seu isolamento quando ouviu o chefe do grupo de operações a dizer a Elena que entrariam eles primeiro e depois, quando tivessem a certeza de que tudo estava livre de obstáculos, poderiam entrar os restantes.

— Vamos atrás deles. Eu assumo a responsabilidade. — Elena não aceita que contestem a sua decisão. Também não quer converter-se numa espectadora.

Olha para o céu. Já é noite cerrada.

Os porcos estão abertos ao meio. Nas suas jaulas, deitados sobre uma pasta de sangue e esterco. Um leve gemido faz com que os agentes virem as lanternas para uma das pocilgas. Um leitão agoniza enquanto expelle bolhas de sangue pela boca. A sua dor é quase inaudível. O ar das pocilgas é tão espesso que quase não se consegue respirar. Os feixes das lanternas são a única iluminação que os agentes têm no interior do pavilhão. Caiu a noite e desenham canhões de luz que, ao pararem em cada uma das jaulas, revelam, uma após a outra, a matança de animais.

— Alguém pode fazer alguma coisa por esse animal? — atreve-se a murmurar Reyes quando vê o porco que ainda se debate pela vida.

Um tiro com silenciador rasga o ar. Alguém, não sabem quem, teve compaixão dele. Elena olha para trás; entre as sombras quer ver Zárate, verificar em que estado se encontra. Os olhos do seu colega não se detêm nos porcos: está à procura de outra coisa. Não quer interrogar-se por que razão todos aqueles animais, mais de trinta, terão sido abatidos.

Elena, por outro lado, não pode evitar: o que os terá levado a abater os porcos? Naquela quinta, eram o seu sustento. Matá-los só pode significar uma coisa: que não pensam regressar. Que o modo de vida que tinham acabou. E a resposta assusta-a. Se todas as suas suposições forem verdadeiras e Chesca tiver sido presa naquela quinta, não terá sofrido a mesma condenação? Cintila, então, uma esperança no seu íntimo: e se ela tiver conseguido fugir? Os donos da quinta, sabendo que seriam apanhados mais cedo ou mais tarde, talvez tivessem decidido fugir também. Talvez tivessem decidido transformar o que antes era o seu lar em terra queimada, e isso pode implicar o abate dos porcos.

— A zona está assegurada. Vamos sair.

Ainda com as imagens dos animais mortos na retina, como espectros, Reyes abandona as pocilgas seguindo o chefe de operações especiais. Estará preparada

para isto? Tem de estar, diz a si própria. Por mais duro que seja o que possam encontrar, será mais suportável para ela, que não chegou a conhecer Chesca. Sente Orduño em baixo desde que saíram do Zarco. Quando descobriram onde ficava esta quinta, a emoção de se saberem tão perto ficou obscurecida pelo medo de que fosse demasiado tarde. Ela está na BAC há poucos dias, mas já percebeu que as coisas que enfrentam fazem com que os laços entre eles se estreitem com muito mais força. Possivelmente, é essa a corda que lhes dá segurança. O que eles sabem que os salvará se um dia um deles cometer algum erro. Lá estarão Buendía ou Mariajo, Zárate, Orduño e Elena para segurar a corda e salvar-lhe a vida. É o que estão a fazer agora com Chesca, e Reyes deseja com toda a sua alma que consigam resgatar a colega do inferno em que aparentemente terá caído.

O casebre que fica ao lado das pocilgas tem apenas uns quarenta metros quadrados e uma pequena janela na parede do fundo; é uma oficina de charcutaria. Entre outras velharias, um antigo armário, umas cadeiras de vime partidas; uma mesa de aço inoxidável ocupa grande parte do espaço. Ainda tem em cima a carne que estavam a preparar. A maquinaria — uma máquina de enchidos, uma picadora industrial, as serras e as facas penduradas na parede — está suja, apresentando resíduos de ferrugem nas lâminas. Passam por um balde onde se acumula carne picada e sobre a qual, quando a iluminam com as lanternas, se vê uma nuvem de insetos. Deixaram o trabalho a meio. Fugiram à pressa, deduz Elena.

Dois agentes do grupo de operações especiais colocaram-se à porta da casa; outros, nas três janelas que há no piso térreo: observam o interior e, conforme suspeitavam, não veem ninguém. As passadas dos polícias na lama são o único som de uma noite sem luar, cada vez mais escura.

Não há necessidade de arrombar a porta, pois está aberta. Os agentes irrompem iluminando tudo com as lanternas que levam apoiadas nas armas. Os avisos que lançam aos gritos, «Polícia!», não têm resposta.

Elena e Zárate seguem-nos. A porta dá acesso a um *hall* de entrada: à direita, no final de um corredor, fica a sala. Ao fundo, uma cozinha e um quarto não muito grande. Elena indica a Orduño e Reyes que sigam os agentes que revistam a sala enquanto ela, juntamente com Zárate, avança para o resto da casa. Antes de chegarem à cozinha, há umas escadas que levam ao andar de cima. Ouvem as vozes dos colegas de operações especiais: não há ninguém na sala. O quarto e a cozinha também parecem vazios. Os degraus das escadas estão ligeiramente escorregadios. Quando a luz de uma lanterna os ilumina, descobrem a causa: estão manchados de sangue. Já sabem o que vão encontrar. Já o sabem desde que



chegaram à quinta. Mais morte.

Zárate tem as têmporas a latejar. Começa a sentir-se enjoado e precisa de se apoiar no corrimão enquanto segue os outros agentes escadas acima. De quem será aquele sangue? Será de Chesca? A imagem dela assalta-o como um relâmpago: zangada, os olhos húmidos de raiva, a última vez que a viu. Gritava-lhe que, se não queria saber dela, que não fosse procurá-la a casa. Queria parecer orgulhosa, mas só parecia triste. A coberto daquelas palavras, o que estava realmente a dizer a Zárate era «Dá-me um beijo», «Preciso de ti», «Não me deixes sozinha». Implorava-lhe. Zárate fecha os olhos por um instante; só quer ter a oportunidade de a abraçar e murmurar «Lamento imenso». Mais um degrau; dois agentes chegaram ao piso de cima. Vê como as suas lanternas se movem de um lado para o outro, nervosas, parecem serpentes.

Zárate sente uma mão no ombro. Não precisa de olhar para trás para saber que é a mão de Elena, que lhe quer infundir a força necessária para acabar de subir as escadas. Cerra o maxilar e sobe os últimos degraus. Entre os colegas de operações especiais, vê um vulto no chão. Um corpo flácido. Alguns passos depois, sente um estranho alívio. É um homem, embora seja difícil identificá-lo: um tiro rebentou-lhe parte do rosto, que se transformou numa massa informe. No entanto, pela roupa, pelos traços faciais que ainda são reconhecíveis, Zárate nota-lhe alguma semelhança com Dentuças — com Serafín, como Orduño e Reyes descobriram que o homem se chamava.

— Aqui em baixo! Venham cá abaixo!

Elena e Zárate voltam para trás a correr, guiados pelos gritos de Orduño. Zárate corre para a sala, enquanto Elena fica parada à porta da cozinha: pareceu-lhe ouvir alguma coisa lá dentro.

— Há uma cave. A Chesca esteve aqui de certeza — diz Orduño a Zárate.

Elena está convencida de que há alguma coisa na cozinha. Será um gato preso? Sem fazer barulho, fecha a porta e fica lá dentro. Quer fazer crer a quem ali estiver que não está lá mais ninguém. Que pode sair. Alguns segundos depois, ouve uma respiração a tornar-se mais presente. Alguém esteve a aguentar e, agora, recupera o fôlego. Pega na arma e, cautelosamente, aproxima-se do sítio de onde julga provir aquela respiração. Debaixo do lava-louça, num pequeno armário com a madeira aberta devido à humidade. Num movimento rápido, Elena abre-o e aponta a arma lá para dentro enquanto acende a lanterna. Um pequeno rosto de pânico aparece enquadrado na luz. É apenas uma menina de cabelo loiro. Tem um gato ao colo. Elena guarda a arma e agacha-se diante dela.

— Não tenhas medo, não te vamos fazer mal.

A rapariga, encolhida sob o lava-louça, abraça-se com mais força ao gato. Os seus olhos procuram alguma escapatória. Está apavorada.

— Somos da Polícia. Viemos para vos ajudar. Vamos tomar conta de ti. Percebes o que te estou a dizer? — O silêncio da rapariga é a resposta. — Andamos à procura de uma mulher. Chama-se Chesca, morena, de cabelo curto... Viste-a?

Alguns agentes entram na cozinha quando Elena está a ajudar a menina a sair.

— Inspetora Blanco, é melhor vir até à cave.

Elena deixa a menina sob a responsabilidade dos agentes e dirige-se à sala. É a maior divisão da casa. Ao fundo, há uma porta e umas escadas que descem. Quando chega à cave, os colegas de operações especiais já colocaram uns holofotes a iluminar o espaço: um piso de terra, tal como as paredes, como se nunca tivessem acabado de construir aquele lugar, e, numa extremidade, uma cama.

— Há umas abraçadeiras cortadas, e o colchão está manchado de sangue. Mas vem cá, tens de ver isto primeiro.

Orduño aponta para um pequeno aposento, de onde agora sai Reyes. Elena entra no compartimento, uma espécie de armazém contíguo à cave. Zárate vira-se ao ouvi-la entrar.

— Isto deve ter sido um inferno — diz com esforço. A seguir, com a lanterna, ilumina uma parede do aposento.

Pregadas na parede, há uma série de fotografias. Vinte e três ao todo. Vinte e três mulheres. Algumas são polaroides tiradas na própria cave. Uma mulher com sulcos de lágrimas no rosto, amarrada à cama que Elena viu antes. Outras são fotografias tiradas fora da quinta. Uma mulher sentada numa paragem de autocarro. Outra do lado de lá da vitrina de um bar, a tomar café. Não sabiam que estavam a ser fotografadas. A lanterna de Zárate pára, então, numa fotografia concreta. É a mais recente, a última, não está desbotada como outras. Nela aparece Chesca, à porta de casa em Madrid.

— Diz-me que todas estas mulheres não passaram por aqui. Diz-me que não é verdade — implora Zárate a Elena, mas esta não encontra forças para lhe responder.

## Quarta parte

*Valentina tem estado doente. Uma gripe que lhe trouxe febre e a deixou prostrada na cama sem que ninguém tomasse conta dela, tal como aconteceu a Ramona quando morreu. Sabe que, se continuar nesta casa, quando ficar gravemente doente, morrerá sem ter sequer a oportunidade de ser vista por um médico. E o mesmo pode acontecer ao filho Julio.*

*Passou os últimos dias num estranho estado de sonolência, preocupada com ele: Julio tem apenas seis anos e diverte-se a brincar com os «titis». É assim que lhes chama. Vê-os como dois câezinhos inocentes, sempre fáceis de enganar e irritar. Valentina não gosta que passe tanto tempo com eles. Não teme que lhe façam mal, mas quer que Julio tenha uma vida normal, que vá à escola, que faça amizades longe daquela quinta afastada de tudo e todos.*

*Por vezes, Valentina fustiga-se chamando-se a si própria estúpida, medrosa, inútil, mas o pânico que Antón lhe infunde é tão intenso que nunca se atreveu a contradizê-lo. Nem sequer quando ele se zangou com Julio e lhe deu uma bofetada. «O que acontece nesta casa fica nesta casa», avisou Antón mais de uma vez o rapaz, e, ao menor sinal de violação desta regra, agiu com dureza. Por que razão, apesar desse tratamento, anda Julio atrás de Antón como um cãozinho de estimação? Nota nos olhos do filho a devoção com que observa o pai, talvez seja o normal, talvez seja a lei da vida. Julio chama pai a Antón, e ela não lhe quis dizer que não o é; que Antón não é o pai dele e que ela nem sequer sabe o nome do verdadeiro.*

*Como é que chegou a esta situação? Será que alguém se lembra dela na Bolívia, ou tê-la-ão dado como desaparecida?*

*Faz essas perguntas a si própria no estado febril em que se encontra. Pareceu-lhe ouvir Antón a vociferar. Às vezes acontece: grita coisas sem sentido, tal como os irmãos, Serafin e Casimiro. Como se precisasse de descarregar a raiva que acumula no seu íntimo. Aprendeu a manter-se longe nesses momentos. Esta noite, porém, alguns minutos após os gritos, a casa fica em silêncio. Com esforço, consegue pôr-se de pé, tem um pressentimento, uma inquietação que a faz superar a sua fraqueza.*

*Espreita pela janela do quarto: é de noite, mas, estacionado lá fora, avista um*

*carro azul que nunca viu antes por ali.*

*Será que têm uma visita? Nunca tiveram visitas, como se fossem náufragos numa ilha.*

*Sai do quarto. O silêncio da casa deixa-a ainda mais nervosa. Não ouve os grunhidos que Serafin e Casimiro costumam emitir. Nem as corridas de Julio. Algo horrível terá acontecido, pensa. Quando chega ao andar de baixo, avista o filho; está sentado nas escadas que dão acesso à cave. Antón acumula tralha lá em baixo, é uma espécie de depósito de lixo, ainda com as paredes e o chão de terra. Mas para o que estará o rapaz a olhar? Um soluço subtil chega-lhe aos ouvidos. Será que provém da cave? Valentina aproxima-se da porta.*

*— O que se passa?*

*Julio, sorridente e feliz, faz-lhe um gesto para ela se calar, para não fazer barulho, como se fosse um jogo em que não podem ser descobertos. O que está a ver fascina-o, muito mais do que os desenhos animados que às vezes, muito poucas, vê na televisão.*

*Valentina chega às escadas e vê o mesmo que o filho. Tem dificuldade em encaixar as peças, como se fosse um puzzle desmontado. Após alguns segundos de confusão, entre as sombras, distingue Antón. Tem as mãos manchadas de sangue e, no chão, uma mulher está a sangrar. Valentina é incapaz de adivinhar onde poderá estar ferida, pois todo o corpo está encharcado de sangue. A expressão da mulher provoca-lhe um arrepio, para além da dor, como a das virgens que viu nas igrejas. A mulher deixa escapar novamente aquele soluço, pouco mais do que a sua respiração agónica, que, para Valentina, é um pedido a Deus para lhe acabar com o sofrimento.*

*Pega na mão de Julio, puxa-o, para ele deixar de testemunhar aquele horror, mas o rapaz nega-se a fazê-lo.*

*— Deixa-me! — grita, e bate-lhe para se afastar.*

*Antón vira-se ao ouvi-lo, e o seu olhar encontra o de Valentina. Ela sabe que a sua vida depende do seu silêncio.*

*Depois daquela primeira vez, houve outras. Mais mulheres chegaram à quinta para não sair. Mais «visitas». Antón nunca lhe falou do que ela descobrira na cave. Ela nunca perguntou o que fizera ele com o corpo da mulher. Uma vez, Valentina tentou falar com Julio; sabia que tinha de lhe explicar que aquilo que o pai andava a fazer não estava certo, mas o rapaz idolatrava Antón como se este fosse o deus da quinta perdida, e todos os outros, os seus servos. Talvez não estivesse enganado.*

*Houve uma miúda morena de cabelo encaracolado e calças de bombazina, parecia drogada quando a viu entrar na casa. Houve uma mulher de quarenta anos ou mais, de tez cinzenta e indumentária austera. Houve uma portuguesa doce e*

sorridente. Ouviu às vezes conversas no andar de baixo. Antón trouxera alguém, mas ela não tinha forças para ver o rosto da próxima mulher que ia morrer.

No início, passavam meses, ou mesmo um ano, entre uma mulher e outra. A seguir, Antón começou a trazê-las com mais frequência. Como se já não pudessem saciá-lo. E, após cada visita, Julio afastava-se mais da mãe.

Uma noite em que Valentina não conseguia dormir, desceu à cozinha para tomar um caldo. Olhou para a porta da cave; estava entreaberta. Desde a primeira vez, Antón deixava-a sempre com cadeado. O que haveria lá dentro? A curiosidade levou-a até àquele lugar proibido. Ao abrir a porta e acender a luz, viu as escadas que desciam. Havia manchas de sangue no chão, mas não foi isso que a assustou. Numa divisão contígua, havia uma parede com uma série de fotografias: a rapariga morena, a portuguesa risonha, a quarentona triste, até a primeira mulher que apanhou na cave, estavam ali retratadas. Algumas fotos eram tiradas à socapa, sem que elas percebessem, talvez Antón as tirasse enquanto as rondava, esperando o momento propício para as levar para a quinta. Outras foram tiradas na cave. Um panótico do horror. E, no meio daquele mural, Valentina pôde ver-se a si própria. Uma fotografia tirada quando estava na eira, sem que ela percebesse.

Um arrepio percorreu-lhe o espinhaço. Imaginou-se a si própria naquele chão, encharcada em sangue como aquela primeira mulher. Tomou consciência de algo que deveria ter sido evidente: mais cedo ou mais tarde, ela também seria uma vítima.

O medo infundiu-lhe coragem para fugir da quinta nessa mesma noite. Não levou nada consigo. Limitou-se a abrir a porta e a fugir pelos campos vazios de Cuenca. Sem rumo. Sem objetivo.

Temeu que Antón a perseguisse, mas ele não o fez. Encontrou refúgio numa povoação próxima, numa casa abandonada. Alguns dias depois, atreveu-se a sair novamente à rua. Pensou em chamar a Guarda Civil, mas isso não seria também condenar-se a si própria? Não fora partícipe de todo aquele inferno? Não o era também o próprio filho? Um agricultor da zona deu-lhe trabalho a limpar a casa. Valentina aceitou o emprego; não lhe pediam explicações sobre quem era ou de onde vinha. Pensou em juntar dinheiro e ir para bem longe, mas o dia de partir nunca mais chegava.

Um dia percebeu porque não o fazia. Um dia em que um aparente passeio a levou até à escola de Julio. Viu o filho através das grades do pátio, viu-o a jogar à bola com outras crianças e pareceu-lhe perfeitamente normal. Sorriu como não o fazia há muito tempo. Valentina quis sonhar que Julio seria mais forte do que Antón, que seria capaz de sair daquela quinta ileso.

Com o que conseguia amearhar em limpezas domésticas, arrendou uma casa

*modesta no Barrio del Río. Começou a levar uma vida tímida, sem amizades, uma vida que parecia um luxo ao lado do que sofrera. Sempre que podia, escapava à hora do recreio de Julio para o ver. Como ele crescia forte e bonito, ano após ano.*

*Uma tarde, ao voltar do trabalho, encontrou a porta de casa aberta. Já sabia quem iria encontrar lá dentro. Antón fumava no sofá um dos seus cigarros pretos.*

*— Fecha a porta. — Nem sequer olhou para ela ao pedir-lho.*

*Valentina fez o que ele lhe ordenava. Julgou que a mataria naquele momento, mas não era isso que Antón tinha em mente.*

*— O teu filho quer ver-te, e a mim parece-me bem; o Julio virá de vez em quando para estar um bocado contigo. Estás de acordo?*

*— Claro, é o meu filho, é o que mais desejo.*

*— Ele é teu filho, mas é como eu. É melhor não te esqueceres disso. Não lhe tremerá a mão se tiver de escolher.*

*Valentina assentiu, pois sabia que assim era.*

*— O Julio sabe tão bem quanto eu que o que acontece na casa fica na casa e ninguém de fora tem nada que ver com isso. E tu, sabes?*

*Valentina sabia qual seria a sua condenação se violasse essa ordem: a morte. Aceitou. Tê-lo-á feito por medo ou por ser idiota, por não ter frequentado a escola para além do que a obrigaram quando era criança, por ter pânico de denunciar o marido, por, embora tivesse fugido da quinta, se sentir tão presa como quando lá morava. Pouco importava. Não passavam de desculpas para justificar o seu silêncio. Não bastavam para fazê-la esquecer a verdade; também não era inocente.*

## Capítulo 50

Emitiram um mandado de busca e detenção contra Antón Collado. Mobilizaram todos os postos da Guarda Civil da província para fazerem controlos nas estradas. Ele não podia andar longe, não teve tempo. O porco que agonizava nas pocilgas é a prova de que não passou mais de uma hora desde que deixaram a quinta. Agora sabem que, provavelmente, junto a Antón também estará Julio. O homem da canadiana verde. Orduño e Reyes tomaram conhecimento do seu nome no bar de Santa Leonor. «O filho do Antón», disseram-lhes os fregueses. Foram também eles que lhes falaram dos irmãos de Antón: Serafín, a quem tinham dado a alcunha de Dentuças, e Casimiro. Deve ser deste o cadáver que encontraram no piso superior da casa. Um tiro na cara.

A Polícia Científica tomou conta da quinta e está a inspecioná-la minuciosamente. Começaram pela cave. Recolhem beatas de *Bull Brand*, uma marca de tabaco preto, copos com bebidas meio consumidas: *whisky*, *gin*, rum... Enfiam cabelos em pequenos envelopes de plástico, embebem cotonetes no sangue, numa mancha de urina da parede, em substâncias que nem sabem o que são.

Elena aproxima-se de Buendía.

— Encontram alguma coisa que nos interesse?

— Aqui há vestígios e impressões digitais suficientes para manter o laboratório ocupado durante meses a fio; nunca tinha visto nada assim, há manchas que parecem ter anos. Mas até amanhã não poderei dar-te nada.

No centro da cave, a cama com as abraçadeiras cortadas. Não é preciso que Buendía ou Elena digam em voz alta o que já sabem. Quando analisarem o ADN, verificarão que o sangue pertence a Chesca.



— Alguém cortou as abraçadeiras. Se estava amarrada, não conseguia fazer isso sozinha. Teve ajuda de certeza.

Buendía tenta transmitir esperança com essa teoria, e Elena quer acreditar nele. A fuga precipitada de Antón e Julio talvez se deva ao facto de Chesca ter conseguido escapar.

Um agente da Polícia Científica, usando roupa e óculos de proteção, aproxima-se deles.

— Tens de ver isto, Buendía.

Mostra-lhe uma caixa metálica de rebuçados repleta de dentes e conjuntos de chaves. Troféus.

— Dentes humanos, de adulto, não de uma mãe que guarde os dos filhos. Há aí dentro umas dez bocas...

— Podemos fazer alguma coisa com eles? — pergunta Elena. — Identificar a quem pertencem?

— Alguns sim, outros não. Vamos ver o que conseguimos fazer. Não posso esclarecer muito, estou sobrecarregado com tudo o que vejo — reconhece Buendía, enquanto dá uma olhadela às chaves misturadas com os dentes. — Gostavam de guardar lembranças. Deviam abrir esta caixa para reviver o que fizeram àquelas mulheres.

Elena sai da cave. Um agente desce do piso de cima com alguns cartuchos enfiados num saco de plástico. Foram os que acabaram com a vida de Casimiro, ainda não encontraram a espingarda que os disparou.

O que terá acontecido na quinta? Por que motivo terão abatido os porcos? Por que razão terão matado Casimiro? Onde estará Chesca? Um enigma ao qual apenas aquela menina que foi encontrada escondida debaixo do lava-louça pode dar resposta. Uma psicóloga deslocou-se à quinta e tentou, sem sucesso, ganhar a confiança da rapariga. Continua muda, abraçada ao seu gato. Zárate não pára de olhar para ela; sabe tão bem quanto a inspetora que têm de lhe vencer a resistência.

— Como é que estás? — A preocupação de Elena é sincera.

Zárate esboça um gesto difícil de interpretar. Elena não sabe se quis dizer-lhe que está bem ou se lhe pediu que o deixe em paz.

— Podem sair por um momento? — pede a todos os agentes que se encontram na sala. Diligentes, estes seguem as suas ordens, exceto a psicóloga. — A senhora também. Quero falar com a menina.

A psicóloga está prestes a contestar a ordem de Elena, mas Zárate antecipa-se.

— Faça o que a inspetora diz. — Com um gesto firme, Zárate pega-lhe no braço e acompanha-a para fora dali. — Boa sorte — murmura a Elena antes de sair e fechar a porta, para deixar a colega e a menina sozinhas.

Piso de barro cozido, algumas telhas quebradas, rachadas. Cicatrizes que também sobem pelas paredes da sala e cruzam o teto. A poeira do campo acumulada numa velha mesa de pinho, um televisor antigo, que já não pode receber nenhum sinal. Cadeiras de junco. Não há fotografias, não há mais decoração a não ser uma velha placa da localidade de Santa Leonor, desbotada. É este o lar daquela miúda que se abraça ao seu gato. Elena pega uma cadeira e senta-se à frente da criança, que está afundada no centro de um sofá de tecido sintético. O gato ronrona com as carícias da dona. Umas mãos de unhas roídas, sujas, como o cabelo e o vestido de favos de mel, rígido na saia. Que tipo de lar poderá ser este? Supõe que a menina terá ouvido os porcos a gritar quando foram abatidos. Terá visto também Casimiro a ser baleado?

— Gostava de ser amável contigo, querida — anuncia Elena —, mas não posso. Não sou aquela mulher que esteve aqui a falar contigo, a psicóloga. Sabes o que é uma psicóloga? Não sabes, pois não? Não interessa, terás tempo para aprender. Já sei que não queres falar, mas eu tenho de te obrigar, e, se ficar à espera de que cheguem os serviços sociais e comecem a tratar-te com toda a delicadeza, já não vais falar. Ou, se falares, será demasiado tarde para a minha amiga. Porque a Chesca é minha amiga. A mulher que estava amarrada naquela cave é uma das pessoas por quem tenho mais estima. Sabes o que é ter estima por alguém?

Os olhinhos da rapariga mergulham no chão. Elena vê como aperta o gato contra o peito. Gostava de não fazer o que tem de fazer.

— Ouviste os porcos a gritar? Acho que foi o Antón, mas a verdade é que não quero saber. Alguém os cortou do pescoço até às tripas e os deixou a sangrar.

Elena levanta-se e leva a mão ao gato, que se encolhe um pouco. A rapariga tenta afastá-lo, mas a inspetora segura-o com força na pele do cachaço. Sabe que a miúda não é burra, que percebe o teor da ameaça.

Zárate ergue o olhar para o céu. Não há Lua, nem sequer estrelas. Uma noite pesada, que se abateu sobre eles como chumbo.

— A Mariajo vem a caminho, para ver se consegue identificar as mulheres das fotografias — diz-lhe Orduño.

Receiam os dois que nenhuma delas esteja viva, mas a incerteza sobre o que

poderá ter acontecido a Chesca invade tudo, não deixando espaço para se preocuparem com o resto das coisas que descobriram na quinta. A Polícia Científica percorreu cada centímetro da casa e não encontraram o corpo dela, o que deveria dar-lhes esperança. Orduño chegou a pensar que Julio e Antón podem tê-la levado como refém na sua fuga. Quando partilha a sua teoria com Zárate, este assente, simplesmente. Dói-lhe a cabeça, parece-lhe que vai explodir, e não é capaz de pensar. Dentro dele repete-se sem cessar aquele instante em que a viu partir, quando olhou para ela pela última vez e decidiu que não iria a casa dela à noite. Seria a sua forma de lhe dizer que estava tudo terminado. Cobarde e egoísta.

A porta da casa abre-se. É a menina que aparece no limiar, seguida por Elena. Nem precisam de perguntar o que está a acontecer. Bastam alguns olhares para entenderem que a miúda decidiu guiá-los até Chesca. Como se fosse uma atriz que sobe ao palco sob o olhar do público, entra na eira abraçada ao gato. Alguns passos atrás dela, Elena. Os agentes de operações especiais e da BAC sustêm a respiração. Querem que faça uma longa caminhada. Que os leve para um lugar afastado daquela quinta de horror, mas a menina detém-se quando chega às pocilgas. Talvez só tenha parado para olhar para os porcos mortos. *Continua a andar*, diz Zárate para com os seus botões. Tem de conter o desejo de empurrar a miúda para esta retomar o caminho. No entanto, ela vira à esquerda. Aham todos que vai entrar no pavilhão onde estavam os animais, mas ela deixa para trás a pocilga e chega ao casebre, a oficina de charcutaria. Um agente postado à porta afasta-se quando ela se aproxima. Abre a porta. Atrás dela, Elena, Zárate e os restantes membros da BAC mantêm alguma distância, para não a perturbarem. O interior está iluminado por um holofote. O zumbido do gerador ao qual está ligada toda a iluminação rasga a noite. A rapariga vira-se para Elena antes de levantar o braço direito e, com o indicador, apontar para o balde de carne que viram quando inspecionaram a oficina. Está a transbordar. Os olhos inocentes da miúda pousam em Elena. O gato salta-lhe dos braços e mia quando atinge o chão. As primeiras palavras da menina são um sussurro:

— Está ali. A Chesca.

## Capítulo 51

A quinta, o campo que a rodeia, tudo negro como o céu da noite sem luar. Os rostos dos polícias, os carros e os holofotes. Tudo perdeu o sentido, até as palavras. Zárate cambaleia e não sabe se, ao tocar o chão, está a desmoronar-se ou se flutua, sem peso. Uma pontada no peito, como uma estaca espetada, impede-o de respirar. O seu sistema nervoso está em colapso, e é incapaz de entender os impulsos que o fazem estremecer, como chicotadas. Estará a chorar? Estará a gritar? Quem está ao seu redor?

— Levem-na para a casa! — grita alguém.

Quanto tempo pode suportar aquela dor? Quando é que vai parar de respirar? Alguém o agarra pelo braço e o puxa. Tenta ajudá-lo a levantar-se ou a pousar novamente os pés no chão. Já não sabe bem. Diante dos olhos, só consegue ver aquele enorme balde de carne picada e sangue. Os insetos a esvoaçar ao seu redor.

Alguém vomita.

Alguém chora.

— Está a fazer pouco de nós! A sacana da miúda está a fazer pouco de nós!

O céu continua tão escuro como antes. Como se estivessem dentro de uma boca que os vai engolir.

Chesca.

Na cabeça de Elena soa uma e outra vez a canção de Caetano Veloso, «Sozinho». Soa com a voz de Chesca. Está paralisada na oficina, não foi capaz de se mexer. Só arranjou forças para fechar os olhos e deixar-se levar por aquela música. Cheira a carne e a sangue. A carne e o sangue de Chesca. Os insetos.

— É uma loucura, não pode ser verdade!

Mais lágrimas. As de Orduño. Caminha sem rumo pela eira como um ferido após a explosão de uma bomba. Desorientado. Um zumbido na cabeça. Esperavam o pior, mas jamais poderiam imaginar algo assim.

— Estaria viva quando lhe fizeram isto?

— Não sabemos se a miúda não estará a inventar tudo.

Reyes sentou-se no chão em frente à oficina. Tem os ténis sujos de vômito e não se importa. Dentro do casebre, como uma esfinge, Elena. A poucos metros, socorrido por alguns colegas, Zárate é vítima de um ataque de pânico. A silhueta de Orduño esfuma-se cada vez mais, como se quisesse sair dali para não voltar. A menina entrou na casa, acompanhada pela psicóloga. Quanto tempo terá passado? Como numa daquelas exibições de cinema antigas, o filme saltou, e as imagens sucederam-se sem controlo.

— É preciso fazer um teste de precipitina para saber se o sangue é humano ou animal. E isso só se pode fazer em laboratório e com a ajuda de uma cobaia animal.

É Buendía quem dá estas explicações a Elena. Quando é que terá chegado toda aquela gente à quinta? Reyes perdeu a noção do tempo. Olha para o céu, e a noite persiste: será uma noite eterna? Ergueram uma tenda a cerca de cem metros da oficina. Um centro de operações. Ali trabalhará Mariajo. Onde está Orduño? Onde está Zárate?

— Todos sabemos qual será o resultado. — O murmúrio fúnebre da inspetora chega-lhe como um vento.

Reyes gostaria de reunir forças para se levantar. Para ajudar os colegas, dar-lhes um abraço e, em seguida, lançar-se em busca de Antón, o rei deste inferno. No entanto, ainda lhe tremem as pernas, e, pela primeira vez desde que chegou à BAC, sente que não está preparada para este trabalho. Uns gritos põem fim ao seu recolhimento: Zárate, à porta da casa, debate-se com alguns colegas.

— Tenho de falar com ela!

Não entende o que lhe respondem. A impotência de Zárate é evidente, embora a disfarce com raiva.

— Onde é que ela está? — pergunta Elena.

Alguém lhe responde que a menina se encontra no seu quarto, com a psicóloga. Avisaram os serviços sociais para se encarregarem dela. A inspetora entra na casa. Zárate segue-a até às escadas. Sobem em silêncio, deixando de lado o lugar onde Casimiro foi encontrado morto. O juiz de serviço deve andar por ali, porque já removeram o cadáver e só restam algumas marcações da Polícia Científica no chão, além do rasto de sangue. Ao fundo, há um quarto. Antes de

entrar, Elena olha para trás, encarando Zárate. Quer saber se conseguirá conter a dor, se estará em condições de entrar com ela. Sabe que ele precisa de entrar e, também, que procura obter uma confissão impossível da menina. De que aquela carne não é Chesca. De que a sua colega, a sua namorada, a sua amiga, conseguiu fugir. Elena tem consciência de que não deveria deixá-lo entrar, mas também não se sente com forças para o impedir.

— Como te chamas? — Elena senta-se diante da menina. Como esta não responde, procura uma explicação na psicóloga que tem estado a acompanhá-la.

— Não quer falar.

— Vais ter de falar. Vais ter de falar. — Embora tente, Zárate não consegue ocultar a sua tensão. — Quem é que fez aquilo à...? Foi o Antón?

— Sabemos que tens medo, mas, se o Antón voltar, será pior de certeza. Tens de nos contar o que aconteceu aqui.

— O que acontece na casa fica na casa — murmura a menina, uma ladainha repetida mil vezes.

— O Antón não vai voltar. Nem o Julio. Já não são eles que mandam. Quem manda somos nós, e tens de nos dar ouvidos. Diz-me como te chamas.

— Nina.

— Nina?

E a menina assente com a cabeça.

— E ela é a *Gata* — diz enquanto a acaricia. — Não gosto de nomes. Foi o que lhe disse a ela. Disse-lhe que não queria saber o nome dela.

— Disseste isso à Chesca? — Elena nota a perturbação na rapariga. Um tremor de mãos, que tenta aplacar nas costas do gato. A vida no meio daquele horror não cauterizou totalmente a sua capacidade de sentir, há laços entre a menina e o animal. Elena percebe que a perda de Chesca a faz sofrer, e essa é a abordagem que decide utilizar para conseguir que a pequena, aos poucos, revele o que aconteceu na quinta.

— É que descem todos. O Julio e o Casimiro e o Seraffín... todos... O último é sempre o Antón. É o último porque, depois, elas já não estão vivas. Foi por isso que lhe disse que não queria saber o nome dela. Morrem sempre, e eu tenho de chorar. O Antón diz que chorar pelas «visitas» é como chorar pelos porcos.

Elena tenta superar o significado da confissão de Nina. O inferno, as repetidas violações de que Chesca foi vítima. De repente, aquele papel manchado de sangue com o desenho do tapete do seu quarto afigura-se-lhe como uma mensagem numa garrafa lançada por um naufrago, consciente de que é quase

impossível que alguém venha a encontrá-la.

A descrição que Nina faz dos horrores é desarticulada, como se ela não estivesse habituada a usar as palavras, mas suficiente para terem uma ideia do que se passava ali dentro. Da vida, se é que poderia chamar-se-lhe vida, na quinta Collado. Elena não se vira para procurar o olhar de Zárte em nenhum momento, teme que a sua dor o faça chorar. Quando ouve a sua voz, fica admirada por esta soar com firmeza.

— O que é que aconteceu à Chesca?

— Soltei-a. Foi o castigo que me calhou.

A menina encolhe os ombros e mostra o respeito sagrado das crianças pelas regras de um jogo que eles desconhecem. À sua maneira, reconstrói a tentativa frustrada de fugir dali. Com uma faca, cortou as abraçadeiras que prendiam Chesca à cama. Não sabe bem onde estava Julio. Talvez com Antón, a tentar acalmar Casimiro. Ficara fora de si a partir do momento em que soubera que Serafín morrera. Antón estava a discutir com ele, ouviu-se um tiro. Era a altura de fugir, mas Chesca, há vários dias sem comer, estava muito fraca. Conseguiram chegar à oficina e esconderam-se dentro de um armário. Antón, porém, descobriu-as. Ficou furioso, começou a bater em Chesca, e a menina aproveitou para pegar na gata e esconder-se na cozinha, debaixo do lava-louça.

Não se atreveu a abrir o armário em que estava escondida quando Antón voltou a entrar em casa e o ouviu a dizer que tinham de se ir embora.

— Disse para onde tinham de ir? — pergunta Elena.

— Tinham de sair da quinta. Foi o que ele disse.

— Como é que sabes que aquela carne que está na oficina é da Chesca? — Zárte agarra-se desesperadamente à esperança de que haja um erro na narrativa.

— É sempre assim.

— É o que faziam às mulheres que traziam para aqui? Sabemos que a Chesca não foi a primeira. Vimos as fotografias — prossegue Elena.

— O Antón levava-as para a oficina. Partia-as, umas iam para o baú e outras, para a picadora... A carne. Juntava-lhe vinho branco... e a massa...

— De que é que estás a falar? Que massa? Dava-a aos porcos? — quer saber Zárte.

Nina olha pela primeira vez para ele. Mesmo sem saber porquê, a menina percebe que alguma coisa não está bem. Não é só o facto de Antón ter ficado furioso por terem matado Casimiro. Nem sequer o facto de todas aquelas mulheres, como Chesca, já não existirem. Há alguma coisa que não está bem. Percebe-o nos olhares de Elena e Zárte.

— O que é que faziam à carne, Nina? — pergunta-lhe Elena.

— Comíamos-la.



## Capítulo 52

As vinte e três fotografias com que se depararam no compartimento anexo à masmorra onde Chesca esteve detida já estão no computador de Mariajo. Instalou um projetor e agora podem ver o ecrã da *hacker* na parede branca da tenda que ergueram na quinta. Polaroides tiradas na cave, fotos tiradas à socapa na rua. Orduño não demorou a reconhecer a mulher que precede Chesca naquela ordem macabra das fotografias na parede do compartimento.

— Yolanda Zambrano. A equatoriana desaparecida. Foi no nome dela que arrendaram o apartamento em Madrid.

— Provavelmente, todas estas mulheres morreram como Chesca — murmura Reyes.

A luz do amanhecer infiltra-se na tenda quando Elena entra. Ninguém dormiu nem vai dormir até encontrarem Antón e Julio. Mesmo depois disso, prefeririam não o fazer. Todos eles sabem o que irá povoar-lhes os futuros pesadelos.

— Estou a usar programas de identificação facial e a verificar as participações de mulheres desaparecidas nos últimos anos, concretamente nas duas últimas décadas; é dessa altura que julgamos serem as mais antigas — explica Mariajo à inspetora.

— Da mesma época que a violação da Chesca. Talvez nessa altura ela tenha conseguido não ir parar à quinta e o Antón Collado tenha andado à procura dela desde então. — Orduño procura um sentido para tudo o que aconteceu.

— Não. Foi a Chesca que fez com que o Antón Collado tentasse encontrá-la, depois de ela ter matado o Fernando Garrido e o irmão do Manuel Sánchez. O Antón sentiu-se encurralado e pôs-se à procura dela.

Elena não deixa espaço para dúvidas. Não é fácil supor que tivesse sido Chesca a meter-se na boca do lobo. De qualquer forma, não estão em condições de analisar os detalhes morais de tudo o que aconteceu. É possível que se tivesse tornado uma assassina, mas isso não pode apagar completamente que também era sua amiga. Ninguém merece um fim como aquele.

— Achas que a Nina está a dizer a verdade?

— Não tem motivos para mentir. Pelo menos numa coisa destas.

Ninguém se atreveu ainda a dizer em voz alta a palavra: canibais.

— De momento temos o nome de seis delas: Chesca, Yolanda Zambrano e mais quatro. Já os mandei para o vosso *e-mail*, tal como as participações do desaparecimento que foram feitas na altura.

A *hacker* explica que as vinte e três mulheres partilham certos traços: são atraentes — sem se poder dizer que sejam bonitas — e têm entre trinta e quarenta anos. As que foram fotografadas ali, na masmorra, têm um esgar de terror: sabiam o que lhes ia acontecer.

— Em todas as participações há um nexo, exceto no caso da Chesca: mulheres solitárias, cuja falta ninguém sentiu depois do seu desaparecimento, desempregadas ou sem um emprego que as obrigasse a sair de casa para se encontrarem com outras pessoas, também turistas de passagem por Espanha. Uma turista mexicana em Madrid, três mulheres desempregadas (duas delas de Valência e a terceira, Yolanda, de Cuenca), uma presidiária recentemente saída da cadeia, que deixou um saco com os seus escassos pertences numa pensão de Castellón...

É fácil situar num mapa a área de proveniência das mulheres: fica entre Madrid, Cuenca e o norte da Comunidade Valenciana, os lugares mais próximos da quinta. É aí que poderão procurar com mais insistência participações de desaparecimentos. Mas isso pode esperar.

— Alguma notícia do Antón? — pergunta Elena, sem esperança.

— Temos as estradas cortadas, e saiu um helicóptero de Madrid para fazer batidas aéreas. Procuramos uma carrinha vermelha, uma *Renault Kangoo*. Foi a Brigada de Trânsito que nos deu os dados.

A luz da manhã, leitosa, banha a quinta. Buendía continua a trabalhar na recolha de provas da casa. Uma tarefa cujo processamento levará dias. Os agentes da Polícia e da Guarda Civil que se deslocaram à quinta vão deambulando com os olhos postos no chão; tentam esquecer o que viram e evitar que a imaginação se ponha a especular sobre o dia a dia daquele inferno. Concentram-se nas tarefas que lhes foram confiadas, metódicos. Têm de se agarrar ao mais imediato, para os

fantasmas não se apoderarem deles.

Canibais. Vinte e três vítimas. A quinta do horror.

O balde onde a carne se acumulava.

Chesca.

— Porque é que não regressas a Madrid?

Zárate sentou-se numa das pedras que delimitam a eira e tem o olhar perdido naquele campo infinito que se estende até ao horizonte. Nem sequer encara Elena quando esta o interroga.

— Lamento o que aconteceu há bocado. — Pede desculpa pelo seu ataque de pânico, envergonhado.

— Não tens nada que lamentar.

— Quanto conseguimos suportar, Elena? — E, quando ele ergue o olhar, esta percebe que tem os olhos humedecidos. — Cada caso... é como se nos arrancassem um pedaço de alma. Chegará um dia em que não nos restará mais nada.

Elena gostaria de encontrar palavras que confortassem Zárate, mas não consegue. Pensa o mesmo. A cada dia que passa, afundam-se mais um pouco. Talvez já tenham chegado mesmo ao fundo. Talvez, como diz Zárate, já não lhes reste alma. Capacidade de sofrimento. No entanto, lembra-se de que pensou o mesmo ao perder Lucas: a morte do filho não pusera cobro ao resquício de humanidade que havia nela? A resposta é negativa. Agora, perante a morte de Chesca, a dor é tão intensa como então. Oxalá tivesse perdido a capacidade de sofrer. Seria, sem dúvida, mais feliz. Mas a realidade é outra: tem dificuldade em pensar na morte da amiga, no abismo em que todos eles se estão a afundar neste momento. Orduño, Mariajo, Buendía e até Reyes, que acaba de chegar. Mas, acima de tudo, Zárate. Nota que ele está a deixar-se cair num poço do qual ninguém o poderá salvar. Um poço inundado de rancor, sentimento de culpa e raiva. Deveria insistir em afastar Zárate da investigação, mas como? Como dizer-lhe que não quer que ele esteja presente quando encontrarem Antón? Como confessar-lhe que tem receio de que a sua reação lhe possa arruinar a vida?

Buendía quer colocar aquele tom de normalidade que sempre usa quando descreve aos colegas o resultado das suas análises. Hoje, sob a tenda, a sua voz soa forçada. Conta que, na casa, viviam cinco pessoas: Antón, Julio, Casimiro, Serafín e Nina. Na falta de análise de ADN, e com base no testemunho da rapariga, supõe que Antón era irmão biológico dos dois homens com atraso mental, Casimiro e Serafín. É provável que Julio fosse filho dele. Não tem a certeza se existirá algum parentesco entre Nina e os restantes membros da casa. A

descrição dos habitantes é completada por Mariajo.

— De acordo com o registo civil, Antón Collado contraiu matrimónio com uma mulher de origem boliviana, Valentina Quispe, há vinte e seis anos. Tem residência na quinta.

— Aqui não vivia nenhuma mulher. — Buendía tem a certeza disso.

— Conseguiu confirmar a proveniência dos restos que encontrámos na oficina?

Elena fez a pergunta em que todos pensavam e que ninguém se atrevia a formular.

— Há uma arca congeladora na qual encontrei mais pedaços de carne. Peças completas, talvez as melhores para consumo. São indubitavelmente humanas. Além disso, havia quarenta e oito quilos de carne picada.

— No registo da conta bancária de Antón aparecem pagamentos de vários talhos da zona e de alguns restaurantes.

Reyes desperta do estado de letargia em que estava mergulhada. A possibilidade apontada por Mariajo e Buendía revira-lhe o estômago. Será que vendiam aquela carne humana aos estabelecimentos da zona? As almôndegas que Orduño e ela comeram no Zarco de Santa Leonor parecem voltar de algum lugar do seu ventre. Consegue sentir-lhes o sabor no palato. Ergue-se, vacilante, para não vomitar sobre a mesa, mas não chega a sair da tenda. Apoia-se em Orduño, que se levantou depois dela para a amparar.

— O bar da aldeia, Orduño. — Um suor frio molha-lhe a pele.

— É impossível, Reyes...

Elena retoma a reunião: devem concentrar todos os seus esforços na localização da carrinha de Antón. Essa é a prioridade e não podem deixar-se abater por tudo o que vão descobrindo. Antón fugiu uma hora antes de eles chegarem, e as estradas foram imediatamente cortadas. Está convencida de que não terá conseguido sair da região. Estas primeiras horas são cruciais para o encontrarem.

Reyes sente que está a atrapalhar. Não é capaz de controlar o estômago nem a sua imaginação: o que continham aquelas almôndegas? Lembra-se do bar; da mulher que os atendeu e dos dois conterrâneos. De Manchão, que se aproximou dela para lhe tocar no rabo. Sabe que tem de parar de remoer o assunto, que tem de ser útil aos colegas. A mulher de feições sul-americanas que estava sentada a uma mesa a ver um concurso televisivo. O seu rosto regressa-lhe à memória, e, ao olhar para a projeção do computador de Mariajo na parede, as vinte e três fotos, faz-se-lhe um clique.

— Já vi essa mulher.

Segura, aponta para uma das fotografadas. É a quinta naquela sucessão de vítimas. Já passou algum tempo desde que lhe tiraram a fotografia, no meio do campo. Mas as suas feições não mudaram muito. É a mulher que saiu do Zarco enquanto eles conversavam com a empregada e com os dois fregueses.

— Está viva.

## Capítulo 53

Um cachorro ladra para as sirenes dos carros da Polícia que percorrem Santa Leonor até parar na praça onde fica situado o Zarco. A povoação acordou com aquele aparato. Os rumores circulam entre os moradores. Por que razão há tantas polícias por ali? Porque é que andam à procura de Antón? Ainda estão muito longe de imaginar o horror descoberto a escassos quilómetros de distância.

Elena e Zárate são os primeiros a entrar num bar onde, àquela hora — pouco passa das sete —, estão a abrir a porta de enrolar. Orduño e Reyes seguem-nos; a empregada é a mesma que ali se encontrava no dia anterior, mas o estabelecimento está vazio.

— Onde podemos encontrar esta mulher? — Elena pousa no balcão a fotografia que obtiveram na cave.

— Ainda ontem estava ali sentada — diz Reyes, perante um esgar de dúvida da empregada, e aponta para a mesa junto ao expositor de cassetes.

— A Valentina?

— Valentina Quispe? — pergunta Elena. Poderá aquela mulher ser a esposa de Antón?

— Não sei o apelido dela — responde a empregada. — De vez em quando aparece por cá. Ramón! — A mulher grita para a cozinha. — Ele conhece-a melhor.

O cheiro do bar, uma mistura de fritos e lixívia, penetra em Reyes, que tem de sair para conter o vômito. Juntaram-se alguns curiosos na praça. Nem sabem o que os espera, pensa Reyes. Habituaados a não serem nunca o centro das atenções, durante uns meses serão o tema de abertura de todos os noticiários. A família canibal que vivia em Santa Leonor. A casa dos horrores. Respira fundo para

afastar a ideia de que aquelas almôndegas que provaram no bar poderão, na verdade, ter sido confeccionadas com carne humana.

— O Barrio del Río!

Os seus colegas saíram a correr do bar e já estão a entrar nos carros. Reyes faz um esforço para entrar no automóvel de Orduño quando este dá início à manobra para deixarem a praça. O de Elena e Zárate já saiu a todo o gás, deixando para trás o eco da sua sirene.

A zona a que em Santa Leonor chamam Barrio del Río, na margem do rio Cigüela, é composta por casas baixas, humildes, em ruas estreitas que insinuem um planeamento inexistente ou muito antigo; talvez tenha sido ali que nasceu a povoação. A casa de Valentina Quispe, térrea, é bem cuidada, embora já esteja a precisar de uma pintura; tem vasos com umas flores de inverno, que nenhum deles seria capaz de identificar, no parapeito das janelas.

— É esta a casa. — Elena avisa as duas patrulhas da Guarda Civil que se lhes juntam.

— Vamos mas é entrar. Não me parece que a Valentina se oponha — admite o sargento da Guarda Civil, depois de verificar que ninguém responde à campainha e que o mandado de busca que Elena lhe mostra está em ordem.

A inspetora ligou a Rentero quando saíram do Zarco rumo à casa de Valentina. Nem precisou de insistir. Rentero está a par das descobertas que fizeram na quinta Collado, e o mandado ficou pronto em apenas cinco minutos.

— Avançamos?

Um serralheiro aproxima-se e abre a porta sem dificuldade. Os agentes da BAC seguem a inspetora para procederem à inspeção. Metódicos, armas na mão, vão verificando cada uma das divisões para garantir que a casa não oferece perigo. Uma pequena sala decorada com o que parece ser mobiliário em segunda mão, mas disposto com carinho. Um quarto com a cama por fazer. Zárate dá o aviso ao abrir a porta de um quintal nas traseiras. O cadáver de Valentina está estendido no chão. Um tiro numa perna e outro no peito. O sangue misturado com a lama do quintal. Um vento suave faz balançar a roupa de cama que pendurara no estendal, agora salpicada de sangue. Chegaram demasiado tarde mais uma vez.

— Já encontraram a carrinha do Antón Collado — informa um dos guardas.  
— Estava numa estrada, perto da nacional. Não havia ninguém lá dentro.

— Enviem uma unidade da Polícia Científica.

Depois de dar a ordem, Elena percorre o caminho inverso que fez ao chegar

à casa: a cozinha, o quarto, a sala. Tenta imaginar que vida levaria Valentina. Quem seria realmente aquela mulher que jaz sem vida no quintal das traseiras? Uma casa humilde, mas limpa, repleta de lembranças da Bolívia, embora duvide que a mulher tenha saído de Espanha desde que chegou.

Há uma fotografia dela numa cómoda da sala. Sorri, feliz. Ao seu lado, um jovem de cerca de dezoito anos, bonito. Veste uma canadiana verde. Julio, o filho. Qual seria o papel de Julio em tudo o que descobriram? Seria um rapaz normal subjugado pelo poder do pai, Antón, ou seria o próprio demónio? Um cheiro intenso chama-lhe a atenção. Numa mesa baixa, ao lado do sofá, há um cinzeiro com várias betas. Uma delas ainda solta um ténue fio de fumo. O cigarro consumiu-se sem que ninguém o tivesse fumado. Junto ao bocal, consegue ler uma marca: *Bull Brand*. Os mesmos cigarros que encontraram na quinta. Antón esteve aqui há muito pouco tempo.

Elena sai da casa, nervosa. Olha em redor, tentando imaginar para onde poderá ele ter fugido. Como na quinta, andam mesmo em cima dele.

Alguns moradores saíram das suas casas. Os agentes da Guarda Civil que cooperam na operação insistem para que permaneçam no interior das habitações. «O que é que aconteceu à Valentina?», ouve perguntar uma idosa apoiada num andarilho.

Talvez seja o cansaço de uma noite em branco, mas Elena tem dificuldade em pensar. Sabe que a resposta está à sua frente e que só precisa de a ver. Uns sulcos de rodas desenharam um «s» na rua da casa de Valentina; a câmara municipal deve ter ficado sem orçamento ao asfaltar o bairro, ou não se importaram de deixar o trabalho a meio. Escassos metros mais à frente, a rua transforma-se numa estrada de terra. Terra em que também estão desenhadas marcas dos pneus de um carro. O vento levanta poeira do campo, poeira que apaga os sulcos. Elena percebe que consegue vê-los por serem recentes.

— Que carro tem a Valentina? — Não perdeu tempo a perguntá-lo à idosa do andarilho. É a única pessoa que ouviu referir-se com algum afeto àquela que fora esposa de Antón.

— Eu, de carros, sei pouco — desculpa-se a mulher.

— Um *Ibiza* branco. Pelo menos uns trinta anos deve ter — diz um homem de cuecas, encostado ao batente da porta de outra casa. Atrás dele, umas crianças tentam sair para a rua, mas o homem impede-as com as pernas.

— Aonde é que vai dar? — Elena aponta para a estrada que se transforma num caminho.

Zárate conduz agarrado ao volante. Atravessam campos de lavoura.



Retângulos verdes e castanhos repetem-se de ambos os lados da estrada de terra que avança paralelamente ao que talvez tivesse sido o leito do rio Cigüela e que agora é pouco mais do que uma vala pejada de juncos.

— Os suspeitos podem estar armados — ouvem no rádio do carro. Avisos que se cruzam entre os diferentes carros da Polícia e da Guarda Civil que se lançaram na corrida para encontrar Antón e Julio. Tudo indica que procuraram refúgio na casa de Valentina e que, depois de a matar, se serviram do seu carro para fugir.

Há muitas horas que deram início a esta perseguição. A adrenalina tem-nos mantido despertos, mas Elena intui que o fim está próximo. Não podem escapar. A estrada que partia do Barrio del Río perde-se entre as diferentes parcelas de culturas, mas não tem outra saída a não ser a estrada comarcal 2102. O helicóptero já começou a sobrevoar a zona. O ruído estático do rádio em breve será interrompido para informarem que os localizaram. E a seguir? A mera pergunta provoca-lhe tonturas. Como Zárate lhe disse, esta noite perderam um pedaço de alma e, no caso dele, essa perda transformou-o. Há algo de estranho nele, sentado ao volante, o olhar cravado na terra que vão engolindo sob a viatura. Algo que não sabe definir, mas que nunca vira nele. Talvez a palavra para o definir seja *raiva*.

— Já os localizámos! — foi a voz de Orduño que rompeu o silêncio. — Iam entrar na estrada comarcal ao quilómetro quinze. Quando nos viram, meteram-se pelo campo.

— Estamos perto. — Elena não precisa de dar nenhuma indicação para Zárate sair do caminho e fazer uma perpendicular em direção à estrada.

Orduño vai ganhando terreno em relação ao *Ibiza*. Sabe que aquele veículo não está preparado para se aventurar em terrenos acidentados. A suspensão mal aguenta, e não seria de admirar se, a qualquer momento, o eixo se partisse. Quando a roda dianteira entra num buraco, o carro levanta a parte de trás e depois cai, rebentando os pneus traseiros. Orduño trava. Ele e Reyes saem do seu veículo apontando as armas.

— Saia com as mãos na cabeça — Elena ouve Reyes a gritar.

Também eles chegaram ao lugar onde o *Ibiza* ficou parado. Saem do carro quando a porta do condutor se abre e, passado um instante, com as mãos sobre a cabeça, sai Antón.

— Saiam todos do carro! — grita Orduño.

O helicóptero começou a girar sobre as suas cabeças. As sirenes dos jipes da Guarda Civil soam cada vez mais próximas.

— Estou sozinho! Ele deixou-me sozinho! — Antón queixa-se, como se fosse uma vítima.

Orduño aproxima-se do carro pela esquerda, enquanto Reyes o rodeia do outro lado. Olham através dos vidros.

— Onde é que está o Julio? — Com um leve empurrão, Orduño obriga Antón a pôr-se de joelhos.

— Deixou-me sozinho! É um sacana. Um sacana de merda. Como a mãe dele!

Elena está a cerca de cinquenta metros de Antón. Ajoelhado no meio do campo, com a roupa suja de pó e de sangue — sangue de Valentina, de Chesca, de Casimiro, dos porcos e da vintena de vítimas que lhe passaram pela quinta —, parece-lhe um pobre diabo. Um homem ridículo que lamenta ter sido abandonado, como se fosse um profeta sem discípulos. Ou não passará tudo de uma encenação? Lançou-se ao chão e chora contra a terra, bate no chão como uma criança birrenta.

— Estou sozinho!

É uma fração de segundo. Elena nota como uma sombra lhe passa pela direita, tapando o sol por um instante. Vira-se quando Zárate já se lhe adiantou. Caminha lesto em direção a Antón já de pistola em punho. Ergue-a e aponta resolutamente à cabeça do homem. Não vai perdoar nem vai ouvir os lamentos daquele filho da puta. A sua vingança, porém, será também a sua condenação. Elena reage e consegue levar a mão ao ombro de Zárate antes de este premir o gatilho.

— Ángel, não faças isso.

A arma treme na mão de Zárate, mas, mesmo assim, Elena sabe que não falhará. Quando se aproxima e o encara, percebe que ele está a chorar. A dor transbordou. Leva a mão esquerda ao pulso de Zárate e, sem fazer força, consegue que este baixe a arma.

— O carro está vazio! — Foi Reyes quem fez a primeira inspeção.

Os jipes da Guarda Civil chegam ao local. Orduño põe Antón de pé para o algemar. Elena abraça Zárate. Cola o peito ao dele para o colega não se ir abaixo, para evitar que se afunde no abismo que sabia que se abria a seus pés quando encontrassem Antón.

## Capítulo 54

Tudo é novo para Nina. Nunca cruzou o horizonte dos campos, não pisou mais além, ou não se lembra, e assusta-a a menor alteração da paisagem, montanhas que se erguem junto à estrada a caminho de Madrid. Também nunca viajou a tanta velocidade como aquela a que percorrem a A3. Puseram-lhe um cinto a atravessar-lhe o peito, e agarra-se com toda a força à lateral do banco traseiro. Às vezes, Julio levava-a na carrinha vermelha, conduzindo em círculos em frente da casa. Tem sido assim a sua vida: um círculo. Antón, Julio, Casimiro, Serafín e ela. Os porcos. A gata. E, às vezes, as mulheres que havia na cave. As visitas. A sua morte e a sua transformação em comida para começar novamente o círculo. Agora quebrou-se, é como um cabo de alta tensão que se agita sem controlo. Nina tem dificuldade em processar todas aquelas novidades.

As pessoas.

A velocidade do carro.

Os edifícios que se erguem como castelos impossíveis ao entrar na cidade.

As palavras. Tantas palavras que lhe custa entender.

Os olhares. Nunca vira aquelas expressões na família. Porque eram isso na quinta: uma família. O que estarão a tentar dizer-lhe com olhos baixos e aquela expressão estranha nos lábios?

A comida. A carne.

Sempre que fala disso, repara como evitam olhá-la nos olhos. Ela fazia o mesmo quando Antón se irritava, quando gritava, louco como Serafín e Casimiro. Olhava para o outro lado, porque tinha medo.

Será que têm medo dela?

A gata está tão nervosa quanto ela no carro. O barulho da cidade eriça-lhe o

pelo. Milhões de carros, luzes e pessoas.

Já tinha visto cidades na televisão, bem como o mar. Bem como crianças e aviões e escolas e hospitais, mas nunca esteve em nenhum lugar assim.

Antes de voltar a cair a noite, vive todas aquelas experiências: os homens de bata branca que a lavam e lhe espetam uma agulha no braço para lhe tirarem sangue. A cidade sem fim que a rodeia como antes a rodeava o campo. O prédio que parece uma escola, onde uma mulher lhe sorri sem parar. Há crianças noutras salas. Rapazes e raparigas que brincam, gritam, riem e choram. Parecem loucos. Um quarto branco com uma cama e uma mesa. Nunca se deitara num colchão tão macio, tão limpo.

Lavaram-lhe o cabelo, cortaram-lhe as unhas, ofereceram-lhe roupa nova. Umas calças e uma *t-shirt*. Cheiram a flores, mas tem saudades do seu vestido de favos de mel. Era mais bonito.

A gata está tão cansada como ela e, ao chegar ao quarto, aconchega-se ao lado da almofada e adormece.

Perguntas. Centenas de perguntas às quais não sabe responder. Aonde poderá ter ido o Julio? Fizeram-te mal? O Antón é o teu pai? Quem é a tua mãe? Porque é que ajudaste a Chesca a fugir? Ajudaste mais mulheres?

O que antes estava certo agora parece estar errado.

— São umas putas — diz a uma mulher que anota coisas num papel e, assim que o diz, a mulher ergue o olhar daquelas folhas, escandalizada. Antón tê-la-ia aplaudido. — Os porcos são mais espertos do que eles — comenta sobre Casimiro e Serafín, e conta como Julio teria acrescentado que Casimiro e Serafín nem sabiam cagar para dentro da sanita. Teriam ficado zangados, não pelo que Nina e Julio diziam, mas porque se aperceberiam de que faziam pouco deles. Teriam começado as correrias, as tentativas de lhes bater, até ficarem sem fôlego. Estavam tão gordos que lhes custava correr. A mulher ao lado dela pergunta-lhe se lhes batiam. — Uma vez o Antón deixou-me bater-lhes com a correia. Tinham comido a ração da *Gata*.

Mais anotações naquelas folhas. Está cansada. Quer dormir. No quarto, afastada do bulício da cidade, sente-se segura. Mas as perguntas não cessam.

— Disse à Chesca que não queria saber o nome dela. Não gosto de coisas com nome.

— Mas com ela foi diferente, porquê?

A mulher que ameaçou fazer mal à gata, na quinta, voltou. Aquela que a assustou tanto que teve de lhes mostrar onde estava Chesca. Dizia que era amiga dela. Estará zangada consigo porque agora Chesca está morta?

— As coisas da casa ficam na casa. — O mantra de Nina.

— A casa já não existe, percebes o que estou a dizer? Nunca mais vais voltar para lá, nem vais ver o Antón ou qualquer um dos outros.

Nina imagina-os todos mortos, como os porcos nos dias de matança. Como quando Antón descia à cave para ficar com uma das mulheres. Era a última vez que as via.

— O que é que o Antón fazia na cave?

— Ele não me deixava ver. O Casimiro e o Serafín não se importavam. Esses deixavam-me.

— E nunca espreitaste, mesmo que às escondidas?

Nina evita o olhar de Elena, sentindo-se culpada. A inspetora volta a lembrá-la de que já ninguém poderá castigá-la.

— Uma vez, com a que veio antes da Chesca. Estava sempre a chorar.

Elena não consegue evitar olhar para o gravador que trouxe. Os segundos sucedem-se no visor, alheios ao horror que está a ser registado. Com um vocabulário infantil, em que por vezes se intrometem palavras que terá ouvido da boca de Antón ou de Julio — «foder», «cona», «sarda», «de pau feito» —, Nina conta o que Antón fez àquela mulher. Elena consegue dar-lhe um nome: Yolanda Zambrano. Como deve ter acontecido a Chesca, Yolanda passou alguns dias trancada na cave. Julio e depois Serafín e Casimiro abusaram dela. Violações múltiplas que para Nina não parecem passar de algo quotidiano. Como um gato que se diverte a torturar um pássaro antes de o matar. Só no final é que veio a vez de Antón. Julio estava com os porcos, e Casimiro e Serafín, a dormir. Segundo o que Elena pode deduzir, os irmãos com deficiência alternavam momentos de euforia com outros em que pareciam dois vegetais, talvez devido ao *Azaperonil* que lhes administravam. Nina estava a brincar com a gata quando viu a porta da cave entreaberta. Ouviu os gritos da mulher e pensou que seria Julio. Assomou às escadas. Lá em baixo, estava Antón, nu.

— Tinha a coisa dele muito pequena... Não era como a do Serafín ou do Casimiro, nem como a do Julio. Pô-la à frente da mulher, mostrava-lha e gritava: «Ri-te agora, ri-te.» Depois mordeu-lhe.

A rapariga não chora, mas faz um esgar de desgosto.

— Arrancou-lhe um pedaço, que nojo. Então a coisa dele cresceu e ele fez-lhe o mesmo que os outros faziam. — Nina descreve a cena com a mesma naturalidade com que falaria de algo simplesmente curioso.

Com um estremecimento, Elena interroga-se por que razão o terror invade uma infância que deveria ser sagrada. O horror transformou o seu filho Lucas; o

que fará a esta rapariga? Interrompe a gravação quando a menina acaba de descrever o que testemunhou naquela cave. Nina deitou-se na cama, e a gata aconchegou-se-lhe junto ao pescoço. Elena consegue ouvi-la a ronronar. Não tem consciência do inferno que viveu e, no entanto, o trabalho dos psicólogos será abrir-lhe os olhos. Incutir-lhe consciência de que o mundo ao seu redor estava doente. Tudo para poder adaptar-se à sociedade. Para ser normal, se é que algum dia isso será possível.

## Capítulo 55

São muitas horas sem dormir. Na viagem de regresso a Madrid, Reyes ainda conseguiu dormir, mas os colegas não pregaram olho. Deambulam pelos escritórios de Barquillo como mortos-vivos, pálidos e desorientados. Só Mariajo e Buendía parecem saber como ocupar o tempo, seja diante do computador ou no laboratório. Orduño não fica muito tempo no mesmo sítio, como se tivesse medo de que, ao parar, pudesse perder o controlo dos pensamentos. Zárate, pelo contrário, não largou a secretária desde que chegou. Reyes viu Rentero a aproximar-se dele e a pousar-lhe uma mão no ombro, mas não lhe disse nada. O tio nunca teve jeito para demonstrações de afeto, pensa; de qualquer forma, neste caso, ela entende-o: que palavras podem consolá-los?

Elena regressa ao escritório. Assim que chegaram à cidade, deslocou-se ao centro de acolhimento de menores onde instalaram Nina. Ainda é assim que lhe chamam. Qual será o seu verdadeiro nome? Há tantas perguntas no ar.

Reúnem-se na sala de reuniões e, por breves instantes, Reyes lembra-se da primeira vez que ali entrou. Foi há escassos dias e, no entanto, aquele momento parece perder-se no tempo... Como se tivessem passado anos, como se nem a própria Reyes, que ali chegou a perguntar por Chesca, que se viu na desconfortável situação de Orduño ser obrigado a encarregar-se dela, fosse a mesma que agora ouve o que Mariajo conseguiu descobrir desde que regressaram aos escritórios.

— Acabei de falar com a família da Margarida Nunes para lhes comunicar a morte dela. Identificámo-la como uma das mulheres das fotografias: portuguesa, trinta e oito anos. Desapareceu em Madrid há onze anos. Vinha em turismo. Repete o mesmo perfil: uma turista solitária devia ser uma presa fácil para aqueles

trastes.

— O que é que lhes disseste sobre o corpo dela? — Elena, mais do que procurar uma resposta, parece pedir desculpa à *hacker*.

— Que não sabemos se será possível recuperá-lo.

Há um vazio pesado na sala. Nunca é agradável ser-se portador de más notícias, mas como contar a uns pais, a um marido, a uns filhos, que o seu familiar foi devorado?

Mariajo partilha outra fotografia no ecrã da sala. É de uma mulher loira, possivelmente na casa dos trinta. Adivinha-se que poderia ser uma mulher orgulhosa, mas, na cave, o lugar onde a fotografia foi tirada, o seu rosto expressa apenas medo.

— Luciana Petreanu, romena, desapareceu há sete anos. Saiu de casa com a filha bebé para ir ao pediatra e nunca mais voltou. O marido, camionista, também ele romeno, participou o seu desaparecimento uma semana depois, quando regressou de uma viagem de trabalho. Suspeitou-se de que se tratasse de um caso de violência doméstica e que ele fosse o culpado, mas o caso não chegou aos tribunais. Não havia nada contra o marido. Nunca se soube mais nada dela nem da filha. Estou a tentar localizar o marido, chama-se Grigore Nicolescu. Regressou à Roménia.

— É a mãe dela — diz Elena. Algo no olhar de Luciana fazia lembrar a menina. — A mãe da Nina. Não havia nenhuma relação de parentesco com Antón.

— Antón Collado, de quarenta e quatro anos, é o proprietário da quinta, herdou-a dos pais, Ramona e Dámaso. Ambos falecidos. — Buendía confere os relatórios para confirmar a suspeita de Elena. — O Casimiro e o Serafín não estão registados em lado nenhum. Nem sequer têm certidão de nascimento, mas, ao que parece, são irmãos do Antón. Deviam andar na casa dos cinquenta. Preciso de algum tempo para processar todas as amostras que recolhemos. Por enquanto, só tenho o resultado das primeiras análises. Com isso, a única coisa que posso garantir é que as impressões digitais que encontrámos no apartamento da Calle Amaniel são, como já supúnhamos, deles os quatro: Antón, Julio e os dois irmãos. O *Azaperonil* era consumido pelos dois deficientes, Casimiro também tinha vestígios de azaperona.

— O que é que nos podes dizer sobre o Julio? — Zárate quebra o seu silêncio para perguntar pelo jovem da canadiana verde. Terá sido ele a servir de intermediário com Chesca?

— Nada ainda. Amanhã teremos os resultados dos testes de ADN.



— Vivia na quinta, ao contrário da mãe — observa Orduño. — Talvez o Antón o usasse para garantir o silêncio da Valentina.

— O Julio não é nenhuma vítima. — É evidente que Zárate não vai admitir qualquer tipo de clemência.

— Está na hora de falarmos com o Antón.

Elena encerra desta forma a reunião. Levantam-se todos e saem da sala. Chegou o momento de enfrentarem o monstro. Reyes permanece sentada; sente-se desfasada da realidade, incapaz de continuar na investigação. Só pensa em tomar um banho, arrancar da pele o cheiro a morte da quinta e desatar a chorar.

— Pedi para analisarem amostras das almôndegas do Zarco. — Buendía sorri-lhe da porta. — Mas aposto cinquenta euros que só vamos encontrar cebola, cenoura, pimento, tomate, cominhos, uma pitada de sal, pimenta, farinha e um ovo por cada meio quilo de carne. Mistura de vitela e porco. A carne de porco tem mais gordura e torna-as mais suculentas.

— Foi a mulher do bar que te deu a receita?

— Não, foi o cozinheiro. Diz que comprem a carne no Mercadona.

— Obrigada, Buendía, mas acho que, seja como for, me vou tornar vegana.

Antón está algemado, a cabeça repousa sobre a mesa. Adormeceu. Elena bate com porta da sala de interrogatórios, mas o barulho só faz Antón entreabrir um olho. Resmunga, como se fosse um incómodo a inspetora interromper-lhe o sono. Ela prefere ignorar o jogo dele e senta-se à sua frente sem lhe chamar a atenção. Ele impregnou a sala com um cheiro azedo. Um agente disse que urinou nas calças, não lhe pediu que o levassem à casa de banho.

— Qual é o verdadeiro nome da Nina?

Elena decidiu iniciar o interrogatório de forma tangencial. Não é tão urgente descobrir quem é aquela rapariga que naufragou na quinta; a única coisa que pretende é que Antón comece a falar e a leve até Julio. Por enquanto, só consegue fazê-lo encolher os ombros e voltar a fechar os olhos.

— Não me queres dizer ou não sabes?

— Não sei.

— Ela disse-me que tinhas um pénis particularmente pequeno. Que todos se riam disso. — Apanhou-o de surpresa. Antón endireita-se, não esconde que se sente ofendido. — Quando não estavas lá, punham-se com piadas. O Casimiro, o Serafín, o teu filho Julio... Todos eles.

Antón cerra os dentes. Por um segundo, Elena acha que vai começar a insultá-la, o que acaba por não acontecer. Agora é ela que se sente fora de jogo: Antón desatou a chorar. Choramanga como uma criança, esconde o olhar. Não

pode ser apenas teatro, pensa Elena.

— Toda a gente se ria de ti, não é, Antón?

Ele levanta-se bruscamente da cadeira. Elena oculta o seu nervosismo. Sabe que está segura. Do outro lado do espelho, os seus colegas assistem ao interrogatório. Intervirão, caso ele se mostre violento. No entanto, não é isso que Antón faz. Baixa as calças, as cuecas e mostra o pénis.

— Estás a vê-lo?! Ri-te tu também! Não é engraçado?! — grita, fora de si, para o espelho. Sabe que tem mais público. — Sarda chinesa. Foi o que vos disseram lá na terra? Era o que me diziam na escola. Sarda chinesa! É um penduricalho de merda. É uma merda pegada.

Antón pega no membro e começa a puxá-lo, como se quisesse arrancá-lo. Uns agentes entram na sala para o impedir de se magoar. Algemam-no com as mãos atrás das costas desta vez, por trás da cadeira, para o impedirem de se mexer. Sobem-lhe as calças. Quando voltam a deixá-lo sozinho com Elena, Antón está a suar. Como se esta exibição da sua ridicularia o tivesse excitado.

— Havia uma forma de fazer com que isso crescesse e ficasse firme, certo?

— A culpa não é minha.

— Ensinaste o Julio a fazer o mesmo?

— Ele é um ingrato. Foi-se embora. Deixou-me sozinho.

— Esteve ao teu lado muito tempo, aonde poderá ter ido agora?

— Com a mãe dele.

Antón ri-se da sua resposta. Elena sabe que está a gostar de ser o centro das atenções. Está ansioso para contar tudo o que foi capaz de fazer. O país de terror em que transformara a quinta e do qual era o rei supremo. Não vai dar-lhe esse prazer.

— O Julio não foi ter com a Valentina. Põe essa cabeça a funcionar, Antón. Aonde poderá ter ido?

— Não quero saber.

— Se não querias saber, porque é que não lhe deste um tiro, como fizeste ao Casimiro? Como terias feito à Nina se ela não se tivesse escondido.

— Eu não queria fazer mal ao meu irmão. Ele é que enlouqueceu. Às vezes ficavam assim. Os medicamentos e umas estaladas acalmavam-nos, mas não havia tempo. O cabrão do Julio tinha-me roubado a carrinha. Ele é o filho de uma gaja da América do Sul. Tem-na no sangue, por mais que eu o ensinasse.

— Com esse penduricalho que tens entre as pernas não eras capaz de ter filhos — observa Elena.

— O pai do Julio pode ser um romeno ou um mouro, sabe-se lá. A mãe era

uma puta.

— A quem não podias dar nada.

— Dei-lhe uma casa.

— Refiro-me na cama.

— Era feia.

Antón esboça um sorriso. Quer contar os detalhes a Elena. Como escolhia as vítimas. Como lhes dava prazer. Por que razão rejeitou Valentina.

— Queres contar-me como foi a primeira vez? — Antón recua na cadeira. É do que estava à espera. — Estou-me a cagar para isso. Se não sabes onde está o Julio, estou-me a cagar para tudo o que queiras dizer.

Elena ergue-se, dando por concluído o interrogatório. Está a propor-lhe uma troca, sabe que ele percebe isso. Sob aquela imagem animalesca, não lhe parece que seja estúpido.

— A sua amiga, a polícia, não era feia. Tinha umas belas tetas.

Elena deve manter-se fria, inalterável. Antón tenta anular a vantagem que ela obteve.

— Se fosses capaz, podias bater uma punheta a pensar nela. Mas nem para isso serves — Elena abre a porta da sala. — Avisa-me quando te lembrares do sítio para onde o Julio poderá ter ido.

Zárate empurra Elena e entra na sala, fora de si. Agarra Antón pela gola e, sem dizer uma palavra, atira-o ao chão. Ergue o braço e desfere-lhe um soco no rosto. O estalido do septo nasal soa seco. Sangra abundantemente e, algemado, não consegue conter a hemorragia. Orduño e Elena correm a afastar Zárate, enquanto outro agente se encarrega de Antón.

— Ele não vai fazer pouco de nós! — grita Zárate. — Não vou deixar que fale assim da Chesca!

— Não percebes o que acabaste de fazer? — dispara Elena. — Achas que és o único que está desfeito? Todos nós aqui gostávamos da Chesca, mas temos um trabalho a fazer. Temos de encontrar o Julio.

— Ele já te disse que não faz ideia! Não continues a dar-lhe a oportunidade de se gabar.

— Encontrámos o Antón na estrada comarcal. No entanto, a carrinha em que o Julio fugiu estava exatamente na direção oposta, perto da estrada nacional. Não estás a ver? E se foi uma manobra de diversão? O Antón obrigou-nos a persegui-lo para o Julio ter uma oportunidade de fugir e escapar ao cerco.

Zárate fica sem palavras. A raiva cegou-o. Sabe que Elena tem razão e, quando olha em redor, para os colegas que assistem à discussão, sente-se

profundamente estúpido.

— Não sei se é boa altura — interrompe, tímida, Carmen, a mulher da receção. — Está ali uma rapariga a perguntar pela inspetora Blanco e pelo subinspetor Zárate.

Olhando de relance para a entrada dos escritórios, Zárate avista a filha de Chesca. Origem e fim de uma espiral na qual gostaria que nunca tivesse entrado a sua... companheira?, namorada?, amiga? Como deveria referir-se a Chesca ao recordá-la?

## Capítulo 56

Rentero garantiu à inspetora Blanco que poderia dispor de todos os recursos. Deter Julio é uma prioridade. A cada dia que passa, aumentam as probabilidades de ele se tornar um daqueles criminosos odiados que enchem as primeiras páginas dos jornais, que põem em causa o trabalho policial se continuarem em liberdade. Neste país há sobejos exemplos de grandes delinquentes foragidos que custaram o posto a mais de um chefe da Polícia. Elena fica incomodada por Rentero andar preocupado com a carreira, mas não tem forças para o confrontar. Também não tem a certeza do papel que Julio desempenhava na quinta. Será como Antón, ou assemelhar-se-á mais a Nina? Não menospreza a oferta de Rentero: os recursos que lhe proporciona ser-lhe-ão úteis. Só lhe pede que não divulgue ainda os crimes em que Chesca estava envolvida.

— Belo eufemismo para dizer que era uma assassina. «Envolvida.» Tomo nota.

— Fazes-me isso? Quando apanharmos o Julio, podes divulgar tudo.

— Quando apanharmos o Julio e tu estiveres a construir escolas para os roingas.

— Exatamente.

— Elena... — Ela nota a mudança no tom do seu superior. Deixou de lado o discurso que estava a escrever para ler aos órgãos de comunicação social no dia seguinte. — Chegou a hora dos pesadelos. Sei do que estou a falar. Esta noite será a primeira de muitas até deixarem de sonhar com a Chesca. Tenham cuidado. Todos vocês.

Rentero não está enganado. Antes de ser um político que só se preocupa com a sua subsistência, foi polícia. Sabe que uma pessoa não regressa ilesa do inferno.

Aquele em que agora deve estar Zárate. Insistiu em ser ele a contar a Rebeca qual tinha sido o fim de Chesca.

Rebeca, inquieta, circunvaga o olhar pelo gabinete que Chesca ocupou durante o último ano. Não o transformou num espaço pessoal, pensa Zárate. Praticamente tem o mesmo aspeto que tinha quando Elena fazia uso dele. Sem fotografias, sem objetos sentimentais. Pura decoração funcional.

— Gostava de ter virado a página, mas não sou capaz. Quem era realmente a minha mãe? Não paro de pensar nela. E na televisão dizem que prenderam alguém numa localidade de Cuenca. Não explicam muito nos telejornais, mas... matou várias mulheres.

Amanhã de manhã, bem cedo, Rentero dará uma conferência de imprensa e divulgará a fotografia de Julio. A que encontraram em casa de Valentina. É a única de que dispõem, embora já se tenham passado alguns anos desde que foi tirada. Depois, os jornalistas procurarão detalhes do caso. Alguns deslocar-se-ão a Santa Leonor. Haverá fotos da quinta Collado. Algum guarda-civil da zona tomará uns copos a mais e acabará por contar o que encontraram lá dentro. Será uma época sem segredos. Vão esquadrinhar tudo: desde a marca de tabaco que Antón fumava até aos pratos que cozinhavam. No entanto, todos esses detalhes não servirão para Zárate responder à pergunta que o atormenta tanto quanto a Rebeca: quem era Chesca?

— Era uma das vítimas — lança a rapariga, com medo. — A minha mãe.

Zárate balbucia a confirmação. Foi raptada, torturada e depois assassinada. Gostaria de ter sido caloroso, mas a descrição que faz dos factos é técnica, policial.

— A culpa foi minha? — Rebeca sabe que não facilitou a investigação quando a encontraram.

— Os únicos culpados foram os que raptaram a Chesca. — Mas nem o próprio Zárate acredita nas suas palavras. — Localizámos o teu pai biológico. Só te digo isto para o caso de queres saber o nome dele, mas não tens de o fazer. A decisão é tua.

Rebeca hesita por um momento, mas acaba por responder.

— Tenho irmãos?

— Uma bebé e dois rapazes, gémeos. Devem ter sete ou oito anos. Parecem bons rapazes. Estavam a brincar com bonecos de neve, e não com uma consola.

Rebeca sorri pela primeira vez.

— Deve ser coisa de família, não me dou muito bem com as máquinas. Nem me ajeito com o telemóvel.

— Queres conhecê-los? Podemos tratar disso.

Rebeca nega com a cabeça e volta a olhar em redor do gabinete. Não chorou quando Zárate lhe contou sobre a morte de Chesca. Talvez pense que não tem esse direito, talvez esteja a conter aquela dor no coração. Procura naquele gabinete, como Zárate procurou antes também, algo que lhe diga quem era a mãe. Um disco com a sua música favorita, um livro que lhe fale dos seus gostos, uma peça de roupa que descreva como se vestia. Para Rebeca, Chesca é pouco mais do que um nome. E nunca mais poderá dar-lhe identidade.

— Quando estive na pousada e pedi aquelas massagens... disse-me que gostava de motos. Não sei se estava a tentar impressionar-me.

— Gostava de motos e de saltar de paraquedas. De conduzir carros de corrida, fazer mergulho, *BASE jumping*... Vivía de forma sôfrega. — Zárate surpreende-se ao sorrir quando fala de Chesca. Pela primeira vez desde que tudo começou, as palavras para falar dela surgem com facilidade. — Odiava a preguiça, ficava irritada quando chegava a hora de ir para a cama, porque dizia que dormir era como deixar de viver, um parêntese incómodo da vida. Implicava com as pessoas que se resignavam a viver escravizadas, como carneirinhos. Gostava da rua, das cervejas nos bares tradicionais de Madrid, da adrenalina, um pouco de risco, de não se apegar à rotina, ao previsível. De não saber que caso ia entrar na brigada ou aonde a iam levar os seus passos cada dia. Valorizava isso acima de tudo. A tua mãe era uma mulher maravilhosa, mas cantava pessimamente. Adorava música brasileira, dava cabo de qualquer canção do Caetano Veloso. Amava o Brasil, não sei bem porquê. Nunca chegou a visitar o país, embora tenha feito planos vezes sem conta. Se algum dia fores lá, lembra-te dela e dá um mergulho na praia em sua homenagem; ela queria fazer isso com o biquíni mais pequeno que encontrasse.

Agora sim, Rebeca está a chorar. Gostaria de ter conhecido aquela mulher que Zárate lhe descreve.

— Porque é que me abandonou?

— Quando ela tinha catorze anos, ao voltar para casa depois das festas da aldeia, foi violada por três homens. Ficou grávida...

— O meu pai é um dos violadores?

— Sim. Entregámos os dados dele ao juiz; como ela morreu, não sei se o crime terá prescrito ou não. Depois da violação, a Chesca descobriu que tinha engravidado. Imagina, catorze anos, violada e grávida. Os pais dela e a irmã eram

muito religiosos e não admitiam outra solução. O pai obrigou-a a entregar o bebé, a ti, para adoção.

— Porque é que me procurou passado tanto tempo?

— Há tantas perguntas que eu também gostaria de lhe fazer... Não sei, Rebeca.

— Eras o namorado dela?

A pergunta surpreende Zárate. Ele leva algum tempo a encontrar uma resposta.

— Gostava dela, não tenho é a certeza de ter gostado dela como ela merecia.

A porta do gabinete de Chesca continua fechada. Nos escritórios de Barquillo há um ambiente de conversas em meia-voz, gestos fúnebres de velório. Elena sente as pernas pesadas; o cansaço das horas sem dormir começa a tomar-lhe conta do corpo, mas precisa de ver Zárate antes de deixar as instalações. Orduño dirige-se a ela para se despedir.

— Vou para casa. Não há mais nada que possamos fazer esta noite.

— Amanhã, às oito, vemo-nos aqui — dispensa-o Elena. — E os outros?

— Não sei. Acho que o Buendía saiu há meia hora. A Mariajo e a Reyes também devem estar de saída.

Elena encontra as duas mulheres à conversa na zona do bar.

— Não estás cansada? — pergunta Reyes a Mariajo.

— As pessoas mais velhas estão sempre cansadas, mas também não conseguimos dormir. Só que precisamos de dormir a cada duas ou três horas.

A hiperatividade que Mariajo mostrou ao longo do dia desmente as suas palavras. Gosta apenas de brincar com a sua idade, Elena sabe disso. Sabe que considerava Chesca quase como uma filha. Nunca trocavam palavras de afeto, preferiam demonstrar o seu carinho em discussões infundáveis.

— Quero que estejamos atentos uns aos outros. Os dias que se seguem não serão fáceis — pede-lhe Elena.

— Vou ficar de olho no Orduño. O Buendía não tem coração, podemos esquecê-lo.

— O Orduño anda com alguém?

— Será que o amor desperta na BAC, Reyes? — Mariajo imita um gesto adolescente.

— Não seas tola. Parece-me que era muito amigo da Chesca e... era para saber se está sozinho.



— Faremos com que não fique sozinho. E tu também não, Reyes. Nenhum caso é fácil, mas não entraste na brigada na melhor altura...

— Há uma miúda, a Marina. Mas não será uma rival difícil, está na prisão de Soto del Real e faltam-lhe muitos anos para acabar de cumprir a pena. Claro, se quiseses conhecer a história dela, o melhor é perguntares-lhe a ele — acrescenta Mariajo enquanto recolhe as suas coisas.

Elena observa Zárate a acompanhar Rebeca até à saída. À porta, despedem-se com um abraço. Depois de a rapariga se ir embora, Ángel deixa-se cair numa cadeira. Está exausto, mas não quer deixar as instalações. Por isso pergunta a Elena quais são os passos seguintes: não seria melhor voltarem a Santa Leonor para reconstruir a fuga de Julio e tentar encontrá-lo?

— Precisamos de dormir. Todos nós.

— Não contei à Rebeca o que a Chesca fez, não tive coragem. Será que vai sair na imprensa? Que ela andava a matar os homens que a violaram...

— Acho que não podemos evitar isso.

Zárate levanta-se, pega no sobretudo.

— Porque é que não vens para minha casa? — atreve-se a propor-lhe Elena. Sabe que Zárate precisa tanto de companhia como ela. Abraçados na cama, talvez a noite se torne mais leve.

No entanto, Zárate sorri-lhe e vai-se embora. Quer enfrentar sozinho os seus próprios demónios.

## Capítulo 57

Julio adora Madrid. Se não tivesse sido obrigado a ficar na quinta com o pai e os tios, adoraria ter vivido na cidade, levar uma vida normal, estudar, ter um apartamento perto do Retiro para ir correr no parque... Sempre que consegue escapar alguns dias e esquecer a família e os porcos, vem até à cidade, passeia pela Gran Vía, vai ao cinema, às vezes ao teatro — quando consegue ingressos para um musical —, sobe a algum dos terraços que há nos hotéis, de onde se vê a cidade inteira, ou vai remar no lago do Retiro. Não há um único Natal em que não tire fotos ao lado das grandes árvores de luzes que montam por todo o lado. Gostaria de ter trazido Casimiro e Serafin, mas não foi possível. Às vezes imagina como os tios teriam apreciado a Cavalcada dos Reis, com a música, os disfarces e os rebuçados...

Hoje não foi à Gran Vía. Deixou a *Renault Kangoo* perto da estrada nacional. Foi atravessando campos, numa caminhada de mais de dez horas até Tarancón, para evitar a Guarda Civil que cercava Santa Leonor. Ali chegado, entrou num autocarro. Dormiu a hora e dez minutos que durou o trajeto e, quando saiu da estação sul de Madrid, eram seis da tarde. A seguir, foi caminhando até Legazpi. Não tem pressa e também não se sente cansado. Passa pelo velho Matadouro e decide entrar. Imagina a maravilha que deverá ter sido aquele lugar nos bons velhos tempos, quando o abate de porcos não era tão assético como agora, quando era feito como sempre foi, sem veterinários, sem atordoadores elétricos para evitar sofrimento ao animal, sem guindastes de carga, sem esfoladoras, sem serras elétricas, sem depiladoras... Apenas um homem — ou vários, para o sangue não se perder — e uma faca muito afiada, tão afiada como a que ele leva no bolso. Agora o Matadouro é um centro cultural. Protestam por o interior de

Espanha ficar despovoado, mas transformam a sua cultura em centros onde, em vez de se abaterem animais para comer, são realizadas peças de teatro ridículas e sessões de dança ainda mais ridículas. O que para toda a gente é um sinal da evolução dos tempos, para Julio é apenas mais um golpe no gradual desaparecimento do seu estilo de vida. O trabalho rural, a pecuária, a vida primitiva de sempre.

Antes de sair de Santa Leonor, andou à procura, entre as chaves das mulheres que tinham passado pela quinta, das casas em Madrid. Escolheu várias e, por enquanto, vai instalar-se na casa de Delfina Baños, a poucos metros dali, no Paseo de Las Delicias. Delfina foi um osso duro de roer, seduziu-a na primavera do ano passado, o aniversário da sua morte está a aproximar-se agora. Andava a segui-la há alguns meses para verificar se estava sozinha no mundo. Era professora interina de baixa por depressão e saía para passear à tarde, sempre sozinha. Abordou-a num desses passeios para lhe perguntar uma morada ou o horário de um museu, já não se lembra. Entabularam conversa, acabaram por ir tomar um café, ele seduziu-a ao terceiro encontro e, depois de duas visitas ao apartamento dela — ela não era virgem, mas quase —, levou-a para a quinta de Santa Leonor. Foi divertido vê-la com os tios. Delfina não gritava, como outras, apenas rezava em voz baixa.

A caminho do apartamento de Delfina pára num supermercado, compra pão de forma, umas latas de atum, um par de tabletes de chocolate, um pacote de vinho, e espuma e lâminas de barbear.

O apartamento de Delfina é pequeno, só com um quarto e uma casa de banho com azulejos cor-de-rosa. A primeira vez que esteve lá, com ela, encontrava-se bastante limpo e arrumado, agora nota-se o abandono. A grande vantagem é que, antes de ser remodelado para habitação, foi um estabelecimento comercial, e entra-se diretamente da rua, sem passar pela entrada do prédio. Há menos probabilidades de ele se cruzar com vizinhos.

Come o que comprou e vai à casa de banho. Rapa a cabeça, só o viram em fotografias, e assim será mais difícil reconhecerem-no. A seguir, passa umas horas numa *call shop* perto do apartamento. O magrebino responsável pelo estabelecimento imprime-lhe um par de folhas: são os endereços dos centros de acolhimento da comunidade de Madrid. Nina deverá estar num deles. Supõe que será um de primeiro acolhimento, é para lá que levam as crianças a pedido das forças de segurança. Há quatro desses, um na zona da Casa de Campo, dois para os lados da Hortaleza e o quarto perto do Cemitério da Almudena.

Começa pelo da Casa de Campo, passeia pelos arredores, observa com

cuidado, para ninguém reparar nele. Estão uns rapazes a jogar à bola. Aproxima-se deles e pergunta-lhes se chegou uma rapariga nova. Dizem-lhe que não. Repete o mesmo nos dois do bairro da Hortaleza e chega finalmente ao que fica perto do cemitério.

O lugar chama-se La Flor del Sauce, e é uma enorme moradia na Calle de Portugalete. Não há sinais exteriores, além de uma discreta placa metálica na porta com o nome da instituição, mas há algo — algo indeterminado — que faz com que se saiba que não se trata de uma moradia familiar. Poderia passar por uma clínica privada modesta, com um jardim bem cuidado, mas impessoal, as persianas descidas, os dois andares que flanqueiam o acesso. É tarde, e teme que fechem as portas antes de ele encontrar alguém que possa dar-lhe informações, mas depara-se com uns rapazes a fumar num parque na Avenida de Daroca.

— Vocês são de La Flor del Sauce?

— E o que é que isso te interessa? — diz o que parece o mais esprevidado dos três.

— Ando à procura de uma rapariga. Queria saber se está na instituição. Devem tê-la trazido hoje.

— Problema teu.

— Vinte euros?

Os rapazes pegam na nota que Julio lhes oferece.

— É loira, deve ter uns oito anos.

— A do gato?

Não precisa de mais para saber que estão a falar de Nina.

## Capítulo 58

Isabel Mayorga, a mãe de Elena, sempre foi fiel ao Embassy. Quando estava em Madrid — ultimamente passa pouco tempo na cidade —, todos os dias a podíamos encontrar por ali, a tomar o chá e os bolos de limão com merengue ou as sandes de pão superfino com pepino e maionese. Tinha um grupo de amigas com quem sempre se encontrava nas mesas de toalhas impecavelmente engomadas do andar de cima. Ali sentiam-se livres, sempre se disse que o Embassy era o único sítio de Madrid onde uma mulher podia entrar sozinha e até beber álcool — quantos coquetéis de champanhe não tomou quando tinha algum motivo de festejo —, sem que ninguém a olhasse de lado. Ali chamavam-na pelo nome e davam-lhe sempre uma das melhores mesas, mas o Embassy, como quase todos os lugares em que ela se sentia em casa, acabou por fechar.

— Madrid nunca foi grande coisa, mas agora... Em vez de querer parecer-se com a Europa, quer parecer-se com os americanos. Reparaste que toda a gente masca pastilha elástica?

As pastilhas elásticas são uma das obsessões de Isabel. Elena só experimentou a primeira quando já era bem crescida. Não lhe agradou nada, uma das poucas coisas em que estão de acordo. Encontrou-se com a mãe no Hotel Ritz, diante de louça luxuosa e um prato de *carpaccio* de carabineiros. Não tem a tradição do Embassy, mas até é mais luxuoso.

— Vais cancelar a viagem a Berlim?

— Não me calha bem nesta altura.

— As coisas acontecem quando têm de acontecer, e não quando nos convêm. Na juventude uma pessoa revolta-se, mas com os anos aprende que é preciso cumprir com os compromissos. E tu há muito tempo que deixaste de ser

jovem.

Elena arrepende-se de ter ligado à mãe. Devia ter voltado para casa, tomado um banho e ter-se metido na cama. Não era assim tão urgente encontrar-se com Isabel, como esta insiste que lhe chame. Só está a evitar a solidão e, para isso, a mãe nunca foi a melhor aliada. Elena sabe que não lhe servirá de consolo: não se mostrará compreensiva nem oferecerá o ombro à filha para esta lamentar a perda de Chesca. Nunca foi muito de afetos. Isabel só quer terminar aquele encontro quanto antes e saber quais são os planos da filha.

— Nem sei o que faço aqui — murmura Elena, observando em redor o luxo absurdo do Ritz.

— Entre um bom vinho e essa zurrapa que pedes...

— Chama-se grapa.

— ... escolhes sempre a zurrapa. — Isabel continua a falar como se não a tivesse ouvido. — Querida, há gente que não sabe gozar a vida.

— E, a teu ver, ir a Berlim para bajular o... como é que ele se chama?... o Jens Weimar para ele abrir os cordões à bolsa é gozar a vida.

— Não vim cá para te convencer seja do que for, Elena. Se calhar ligaste-me para isso: para eu te convencer e te arrancar de Madrid, desse trabalho na Polícia, mas não vou fazer isso. Há poucas coisas inevitáveis na vida, como a morte, o facto de os taxistas tentarem cobrar-te a mais... mas podemos escolher no resto. Vinho ou zurrapa. Só te peço que, independentemente do que fizeres, depois não te arrependas, porque terá sido a tua decisão.

Elena agarra-se ao argumento de que ainda não terminaram a investigação. Tem de encontrar Julio antes da viagem, embora tenha prometido que, quando tudo acabar, voltará ao trabalho na fundação com a mãe. Mas será que quer ir-se embora? Assim que voltou para casa, na Plaza Mayor, ao fechar a porta, sentiu a opressão de um milhar de perguntas que não quer formular.

Sai novamente. Faz um percurso que, noutros tempos, era habitual: caminhar pela Calle de la Bolsa até à Jacinto Benavente, onde fica o horrível edifício do Centro Gallego, continuar pela Calle del Ángel e passar em frente do Café Central, que era o preferido do marido, Abel, depois deixar a Plaza de Santa Ana à esquerda e descer pela Huertas, passar pela Plaza de Matute, uma praça que lhe agrada de veras sem que saiba porquê, e chegar então ao lugar que procurava, onde não entra há meses, o Cheer's.

Quando entra, vê-o com outros olhos — como pode gostar tanto de um sítio tão feio e desconsolado? —, mas não tem tempo para se arrepender de ter transposto aquela porta. Imediatamente aproxima-se dela Luis, que canta Nino

Bravo melhor do que o próprio Nino Bravo; Carmina, que interpreta na perfeição as canções de Jeanette; Edu, que tenta, sem grande sucesso, cantar como Frank Sinatra...

— Elena, que alegria ver-te, há quanto tempo não aparecias por cá. Diz-me que vais cantar alguma coisa, e pomos-te a primeira.

— Tenho uma garrafa de grapa das tuas guardada para ti. Vai um *shot*? — recebe-a Joaquín, o empregado de mesa.

— Sim. E deixa a garrafa por perto...

Elena não pede uma canção italiana. Veio prestar homenagem a Chesca e vai cantar uma canção brasileira, não de Caetano Veloso, mas de Vinicius de Moraes e Jobim: «A felicidade.»

Está bêbeda. Há muito tempo que não tinha esta sensação. Os rostos e as luzes do Cheer's misturam-se em seu redor, como as músicas que se ouvem. Mergulha nesta realidade confusa, quer afastar-se dos seus sentimentos. Uma fuga que já não sabe quando começou. Talvez, no fundo, a mãe tenha razão. Talvez prefira apegar-se à dor em vez de escolher as coisas que poderiam fazê-la feliz. Há um nome que lhe vem à cabeça: Zárate. Por que razão terá negado a si própria o direito de amar? Porque terá sido tão estúpida que só percebeu quando já era demasiado tarde? Lembra-se, então, de uma coisa que ouviu um repórter de guerra a dizer num documentário, uma frase que crê ser de Viktor Frankl, um neurologista e psiquiatra austríaco: «O sofrimento humano é como um gás numa câmara vazia: expande-se até ocupar todo o espaço disponível.»

## Capítulo 59

Zárate não queria beber, sempre achou patéticas as pessoas que se embebedam quando têm um problema, algo que acha que acontece nos filmes, mas não na vida real. Além disso, sempre preferiu umas garrafas de *Mahou*, e nem sequer gosta muito de beber vinho ao jantar, apenas cerveja. Ao sair da BAC, vai para casa, para pensar em Chesca, até tenta escrever alguma coisa para o seu funeral. Supõe que não haverá enterro, foram tão impotentes que nem sequer têm nada que possam enterrar, mas haverá um funeral, e ele quer falar, quer que toda a gente a veja como ele conseguiu que Rebeca a visse. Quer falar do sonho de Chesca de conhecer o Carnaval do Rio, de sair disfarçada numa das escolas de samba que desfilam no Sambódromo.

— Se quiseres, podes vir comigo. Vamos curtir o Carnaval como deve ser. Até vamos desfilarmos com um disfarce.

— Não estou a ver-me com um disfarce de plumas.

— Tu vestes o que eu te mandar, que é o meu sonho; no teu és tu que decides como me visto.

Mas quando está a escrever o discurso para o funeral, no qual deve demonstrar quão bem a conhecia e como era emocionante partilhar a vida com ela, percebe que não pode dizer exatamente o que pensa. Chesca fez bem em ir à procura e assassinar aqueles três homens que a violaram quando era apenas uma criança. Quem é que pode julgá-la? Bastaria que alguém se pusesse no seu lugar: uma pré-adolescente que saiu para se divertir e que, no caminho de regresso a casa, se depara com o namorado da irmã. Dá-lhe confiança. Não imagina o que aquele homem e os seus dois amigos lhe vão fazer. Violá-la repetidas vezes, destruir para sempre uma vida. Gravidez, rotura familiar, entrega para adoção do



seu bebê, culpabilização. E, enquanto a ferida de Chesca ia cavando cada vez mais fundo, os três monstros que a atacaram naquela noite continuam com a sua vida. São bons filhos, constituem família, eram felizes. Ou, no caso de Antón, perdem-se numa espiral de perversão. A vítima não terá o direito de recuperar o que lhe foi roubado? Não lhe roubaram uma vida?

Quer escrever que Chesca era uma heroína. Uma mulher que fez o que todos nós gostaríamos de ter feito. Esqueçam a porra do politicamente correto, não sejam hipócritas, é o que ele pensa que vai gritar para os presentes no funeral. Todos nós queremos vingança, porque há crimes para os quais não existe justiça que não seja a morte.

É irónico que, nesta roda de violência, Chesca tenha encontrado a morte. É triste que, após tanto sofrimento, quem esteja numa cela aquecida, com alimentação garantida e atendimento médico constante, seja Antón.

Onde estavas tu?, pensa que alguém lhe poderá dizer no funeral. Onde estavas quando a Chesca te pedia ajuda? Por que razão a fizeste acreditar que a amavas quando estavas apenas a servir-te dela? Nesta dança de vítimas e culpados, não deverias estar entre os segundos? Por que razão foste tão egoísta?

— O que é que sentes pela Elena? — perguntara-lhe muitas vezes Chesca.

— Já a esqueci. — Zárate nunca a olhava nos olhos quando respondia.

Teria sido muito mais fácil dizer a verdade:

— Amo-a. Se tivesse coragem, iria buscá-la onde quer que ela estivesse. Preciso de a ter ao meu lado. Estou contigo, Chesca, porque não sou capaz de ficar sozinho. Porque estou a tentar enganar-me e dizer a mim próprio que a Elena ficou para trás, mas não é verdade. Desculpa ter-te feito acreditar noutra coisa. Perdoa-me, prometo-te que serei melhor amigo do que namorado.

— Tarde demais, Zárate. Vês a minha barriga? Ele mordeu-me. Arrancou-me a carne. Porque é que não disseste isso antes? Ter-te-ia contado tudo. Ter-te-ia falado da Rebeca. Mas, em vez disso, deixaste-me sozinha.

Não sabe como, mas Chesca materializou-se no meio da sala: tem a barriga mordida, a sangrar. Cai ao chão e, como um bando de abutres famintos, Antón, Julio, Serafin e Casimiro aglomeram-se em seu redor. Às dentadas, vão pondo à vista os seus ossos.

Zárate acorda a suar; ou serão lágrimas? Na mesa, a folha em branco do discurso fúnebre. Levanta-se e sai de casa, foge do pesadelo que sabe que o assaltará novamente assim que fechar os olhos. Procura um bar e pede uma

garrafa de *Mahou*, depois outra, e outra e mais outra... A dado momento começa a beber *gin* tónico. Agora não sabe quantos já marcharam, é muito tarde, tão tarde que os bares normais já fecharam. Está num ao lado de Antón Martín, na Calle Magdalena, que se chama Las Horas.

— Serve-me outro *gin* tónico.

A empregada, que, na sua opinião, é parecida com Chesca, embora seja mais baixa, não tem ar de quem se preocupe com essas coisas; parece daquelas que só pretende servir o máximo de copos possível, mas, por algum motivo, fica com pena dele.

— Acho que já bebeste o suficiente.

— Não é da tua conta.

— Tu é que sabes, não é da minha conta.

A empregada serve-lhe a bebida, tenta pôr pouco, mas ele agarra-lhe a mão para ela continuar a verter o *gin*. O local é escuro, Zárate viu que tem dois andares, mas não está nada interessado em afastar-se da sua posição.

Uma rapariga aproxima-se do balcão para fazer o seu pedido. Ele fica a olhar para ela, inventa que é parecida com Chesca, embora não tenham qualquer semelhança, ela nem sequer é morena como a sua colega.

— Queres beber um copo comigo?

A rapariga olha para ele com um certo desprezo.

— Já ouvi maneiras melhores de meterem conversa com uma gaja. E se pensares em alguma coisa mais original e noutra dia, menos bêbedo, experimentas?

Servem-lhe a bebida e a rapariga vai-se embora. Ele bebe a sua num par de goles e chama novamente a empregada.

— Não te vou servir mais nada, e amanhã vais agradecer-me.

— Até agora estava a engrajar contigo. Vais obrigar-me a saltar o balcão e servir-me sozinho?

Não se apercebeu de que a empregada fez um gesto, ou premiu algum botão; fosse o que fosse, a realidade é que dois homens com mais de um metro e noventa, de fato escuro e sotaque de leste, se aproximam dele.

— Amigo, parece-nos que está na hora de ires para casa.

Zárate vira-se, violento, um dos homens bate-lhe com a mão aberta no peito, sem força, mas com autoridade.

— Tem cuidado, que ainda cais e te aleijas.

— Se quiseses, chamamos-te um táxi.

Levam-no até à porta, de braço dado, tentando não chamar muito a atenção.

Chegam à rua, o frio bate-lhe na cara.

— Chamo-te um táxi?

— Vai levar no cu — responde Zárate.

Vai caminhando em direção à Plaza de Tirso de Molina e senta-se num dos bancos de pedra. Está a adormecer, apesar do frio, quando ouve uma rapariga a gritar.

— Filho da puta!

Abre os olhos. É uma jovem com o cabelo pintado de roxo, uma minissaia preta, meias cheias de rasgões e botas de estilo militar — por algum motivo, também lhe faz lembrar Chesca —, e está a discutir com o namorado.

— Estás histérica, pá.

O rapaz empurra-a, e isso é mais do que Zárate pode suportar. Levanta-se, não consente que insultem uma mulher na sua presença. Não teria deixado que ninguém insultasse Chesca.

Nota que as palavras não lhe saem como gostaria quando repreende o rapaz pela forma como está a tratar a namorada.

— Insulta-me a mim se tiveres tomates para isso.

Zárate, embora não seja dado a brigas, sabe lutar — aprendeu técnicas de defesa pessoal e teve aulas de boxe —, mas apenas quando está sóbrio. A bebedeira que o tolhe torna-o lento, previsível e até lhe rouba estabilidade sobre as pernas. Lança-se sobre o namorado da jovem, e este não tem nenhum problema em recebê-lo com vários socos no corpo e um par deles no rosto. O melhor que lhe pode acontecer é ir parar ao chão, o que não tarda a acontecer.

Quando se levanta, nota o sangue no lábio, os namorados já se foram embora, e ele volta para o banco. Fecha bem o casaco, aconchega-se e cerra de novo os olhos.

Bem-vindo, pesadelo.

— Está bem? Vá para casa, senão amanhã encontram-no sem vida. Que porrada que levou! Quer que chame a Polícia?

Alguém o acorda. É um homem de fato-macaco, um trabalhador da recolha do lixo. Agora já permite que o metam num táxi para regressar a casa.

## Capítulo 60

Orduño nunca teve uma boa relação com o pai, que morreu há muitos anos; o único ensinamento que lhe deixou é que é preciso ter amigos em todo o lado e não lhes pedir nenhum favor a não ser que seja estritamente necessário: fazê-los, sim; pedi-los, não. Nos últimos meses, estabeleceu amizade com vários funcionários da prisão de Soto del Real e, seguindo os ensinamentos paternos, fez muitos favores sem pedir nenhum. Graças a isso, fazem tudo para lhe agradar quando, ao chegar vindo da BAC, pede autorização para visitar Marina no início do dia seguinte; está presa desde o desmantelamento da Rede Púrpura.

Embora pareça impossível, Marina nunca foi tão livre como dentro daquela prisão. Agora, embora deva cumprir os horários e não possa sair à rua, está sossegada. Até começou a estudar Psicologia.

Orduño espera na sala de visitas, com os auscultadores postos. Ouve «Death of a Clown», dos The Kinks: «A minha maquilhagem secou e está a rachar no meu queixo, afogo as minhas mágoas em *whisky* e *gin*, o chicote do domador de leões já não se agita, os leões não lutarão e os tigres não rugirão. Então, vamos lá beber pela morte de um palhaço», diz o refrão. Esteve a reproduzir aquela música em contínuo a noite toda. Mal conseguiu dormir umas horas. A morte de Chesca é como um animal estranho na sua vida. Como se caminhasse sabendo que, nas suas costas, é seguido por uma besta impossível, um daqueles polvos de mil tentáculos dos contos de Lovecraft. Sabe que está atrás de si, que um dia terá de se virar e enfrentá-lo, mas, por enquanto, continua a caminhar em frente com a esperança de que aquele animal não lhe pouse um daqueles tentáculos no ombro.

— Como é que vieste hoje? Não havia visita agendada, pois não?

— Não, mas qual é o problema?

— Tenho uma agenda tão difícil aqui dentro — graceja Marina, e a seguir, carinhosa, segura-lhe as mãos. — Sabes que adoro, Rodrigo.

Continua a ser a única pessoa para quem ele não é Orduño, mas sim Rodrigo. Foi assim desde o dia em que se conheceram, no avião rumo a Las Palmas.

— Trouxe-te um saco com artigos de higiene e alguns mimos. Ah, e um fato de treino novo.

— Espero que não seja de marca, já sabes que aqui é preciso andar com cuidado. Se alguma de nós sobressai, dão-lhe uma martelada para ficar ao mesmo nível que as outras.

— Não te preocupes, é um fato de treino fatela, o mais fatela que encontrei. Nos mercados de rua ninguém daria nada por ele. — Orduño garante-o com tanta seriedade que parece ciência exata.

Marina esboça um sorriso radiante, aquele tão atraente que fez Orduño apaixonar-se por ela, embora seja tão pouco conveniente uma relação entre um polícia e uma reclusa que ele ajudou a pôr na prisão.

Orduño e Marina não têm, por decisão do agente da BAC, encontros íntimos na prisão, mas ele ocupa, nas visitas, o lugar de uma família inexistente e zela para que nada lhe falte: roupa, artigos de higiene, dinheiro para o economato. Às vezes, nas visitas, até fazem planos para o futuro, para o dia distante em que Marina vier a sair dali.

— Está tudo bem por aqui?

— Lembras-te da Lucía, aquela reclusa de que te falei, a que veio de uma prisão no Peru?

Orduño lembra-se perfeitamente. Lucía é uma jovem com pouco mais de vinte anos que tentou trazer dois quilos de cocaína do Peru, escondidos num fundo duplo da mala. Foi apanhada no aeroporto de Lima e puseram-na na penitenciária de Santa Mónica, no distrito de Chorrillos. Sobreviveu com dificuldade durante três anos num lugar saturado de gente, com graves problemas de violência e tráfico de drogas, até que conseguiu que a repatriassem para Espanha. Marina tentou ajudá-la desde que a puseram como sua companheira de cela, até se tornaram amigas.

— Tentou suicidar-se. Está no hospital. Cortou os pulsos.

— Foste tu que a encontraste?

— Por acaso, tinha de estar a trabalhar na lavandaria, mas voltei à cela para ir buscar o cartão do economato que tinha lá deixado. Não sei se fiz bem em chamar as funcionárias. Se ela queria suicidar-se, se calhar eu devia tê-la deixado.

— Fizeste bem, Marina. Talvez um dia venha a ser feliz e te agradeça por lhe teres salvado a vida.

— Ou não, mas obrigada na mesma. E tu, conta-me lá, porque é que vieste hoje?

Marina sabe que Chesca é a melhor amiga — talvez a seguir a si — de Orduño. Por isso tem consciência do sofrimento dele quando lhe fala da morte da colega. E muito mais ao saber as circunstâncias em que ocorreu. Rodrigo descreve tudo de forma sucinta. Quer evitar que aquele nó que se lhe está a formar na garganta acabe por lhe cortar a respiração. Marina conhece-o. Sabe quanto lhe custa mostrar os seus sentimentos, expor-se. Um dia, terá de o fazer: ver-se-á obrigado a enfrentar a dor, porque, Marina sabe-o bem, essa é a única maneira de se curar. Encarar a ferida que está a sangrar. No entanto, também sabe que Rodrigo não foi vê-la para ela o obrigar a romper a couraça, como se fosse uma sessão de terapia. Esse dia chegará eventualmente e, se possível, Marina estará ao seu lado, como ele tem estado sempre ao lado dela. Hoje, prefere deixar esse assunto para trás e não fazer Orduño perceber que o está a evitar quando, de repente, começa a falar sobre a sua nova colega da brigada.

— Sabes o que é o *gender fluid*?

— O que eu nunca pensei é que tu soubesses.

— Não julgues que estou muito por dentro. Só que a novata, uma sobrinha do chefe, é isso. *Gender fluid*. Sabes que não me ponho a julgar as pessoas, cada um é livre de fazer o que lhe apetecer...

— Mas?

— Mas parece-me que ela tem a cabeça completamente baralhada.

— A típica opinião de um homem branco heterossexual.

— Ora, se eu tivesse a opinião de uma mulher negra lésbica é que ficava preocupado — graceja ele.

Falam mais um pouco de Reyes Rentero, Marina tenta explicar-lhe melhor, sem sucesso, o que é o género fluido. Diz-lhe que não é uma questão sexual, mas de identidade. Da mesma forma que uma pessoa se pode sentir homem ou mulher, independentemente do género com que tenha nascido, esse sentimento pode flutuar. Sentir-se umas vezes mulher e outras, homem. Há também aqueles que não se sentem nenhuma das duas coisas, que não entram nessa classificação binária do género.

— Já me chega a história do *gender fluid* — interrompe-a Orduño, antes que ela continue a falar-lhe de mais tipologias de identidade. — Não percebo, mas respeito. Não é suficiente?

— É melhor do que nada, é verdade.

Antes de se separarem, enquanto se abraçam, Marina fala-lhe ao ouvido, carinhosa.

— Rodrigo, posso pedir-te uma coisa?

— Claro.

— Quando fores para a cama com a Reyes, não te esqueças de mim. Se ainda aqui estou e não faço o mesmo que a Lucía, é porque tu me vens visitar. Estes dias são os únicos que me interessam na vida.

## Capítulo 61

— Chamava-se Araceli. O raio da puta andava sempre à minha procura. Ela foi a primeira. Eu já não ia à escola, mas ela andava a rondar pelo matadouro ou às vezes aparecia na quinta. — Antón deve ter descansado bem. Está com bom aspeto, apesar do septo nasal arroxeadado devido ao soco que Zárate lhe desferiu. Sorri. — Abria as pernas a qualquer um. Até ao homem da portaria da escola, o Leandro, a rapaziada dizia que lhe tinha dado uma no cubículo onde guardavam os baldes. Podem trazer-me açúcar? O café está muito forte.

Elena faz um gesto em direção à câmara do circuito fechado, para que um agente traga o que Antón está a pedir. Decidiu permitir que lhe contasse a sua história. Antón é um ególatra e, enquanto se vangloria, pode ser que cometa algum erro. Que revele algum pormenor que lhes permita localizar Julio.

Antón, sem esperar que lhe tragam o açúcar, prossegue o relato.

— Foi a Araceli que começou a dizer que eu tinha a sarda como a dos chineses. Fazia pouco de mim. Sarda de chinoca. O que ela queria mesmo era comê-la. Naquela altura, eu tinha a cabeça nos porcos, no trabalho. O meu pai não me deixava pôr pé em ramo verde. A Araceli apareceu na quinta, fomos até ao leito do rio e ela baixou-me as calças. Ria-se da minha sarda, dizia que nunca tinha visto uma coisa tão minorca, que parecia uma verruga... mas meteu-a na boca. Pensava que eu ia gostar. Aí em baixo, menina, está tudo calmo. Que culpa tenho eu? Passado um bom tempo, a coisa não estava a funcionar. O raio da puta voltou a fazer pouco de mim. Dizia que eu era paneleiro. Que ia contar a toda a gente lá na terra. O Sarda de Chinoca é larilas. Dei-lhe um empurrão e, ao cair, ela bateu com a cabeça em algum lado. Foi tudo muito rápido. Partiu a mona. Então, ao ver o sangue... não sei o que me aconteceu... Ficou dura que nem



uma pedra. Não era eu. Não era o Antón de que toda gente fazia troça, o que tiraram da escola por ser tolinho... Como é que se pode condenar alguém que não controla o que lhe acontece? Agarrei-lhe o pescoço com os dentes e... Não sei como hei de explicar-lhe. Nem com todo o vinho do mundo uma pessoa fica como eu fiquei naquele dia. Era... Era o Antón que queria ser.

Faz uma pausa. O agente trouxe o açúcar e Antón dissolve-o no café enquanto se lembra da forma como a mãe descobriu. Ramona contou ao pai dele, que lhe deu uma tarefa, mas nem pensar em denunciá-lo. Preferiu arranjar-lhe uma esposa.

— Casou-me com a Valentina, que estava grávida, vá-se lá saber de quem. O meu pai pensava que, com uma mulher em casa, eu não iria procurar fora o que já tinha na cama.

A morte de Araceli passou por um acidente. As mordidelas que tinha no rosto foram atribuídas a animais selvagens.

— Juro que tentei. Fiz o que pude para me regenerar. Mas nunca estive na minha pele. Nunca viveu à sombra do filho da puta do meu pai. Da cabra da minha mãe, que não me deu um abraço em toda a vida. Se me tivessem levado ao médico, as coisas teriam sido diferentes.

Elena sabe que Zárate e os outros estão do outro lado do vidro da sala de interrogatórios. É repugnante conceder a este monstro a oportunidade de subir ao púlpito e debitar esta catadupa de barbaridades e justificações. Orduño deve estar a segurar Zárate para este não voltar a invadir a sala como fez ontem. Quando chegou aos escritórios de Barquillo, Elena reparou que tinha um golpe forte na maçã do rosto e uma ferida no lábio. Era impossível disfarçar a ressaca.

«Ontem à noite dei com a cara na porta do frigorífico. É o que dá não acender a luz da cozinha», disse Zárate quando ela lhe perguntou o que lhe acontecera, sem grande interesse em soar credível.

Faz um esforço para se concentrar no depoimento de Antón. Este refere que Valentina lhe metia nojo, sempre a vir ter com ele para terem relações. Não se livrou dela antes porque se encarregava da casa e cuidava dos três: Julio, Casimiro e Serafín.

— Nem sou má pessoa. O meu pai manteve toda a vida o Casimiro e o Serafín com os porcos. Tinha vergonha deles. Não entendia como é que a minha mãe tinha posto neste mundo aqueles dois anormais. Mas eles eram fortes, sobreviveram. A minha mãe morreu primeiro, de uma doença, foi a melhor coisa que fez na vida. Sair do caminho. Eu e a Valentina cuidámos do meu pai. Se calhar acha que lixei a vida à minha mulher, mas a única coisa que realmente a

chateava era que não acontecesse nada entre nós na cama. Depois de eu matar o meu pai, manteve-se na quinta. Depois de eu ter começado a trazer visitas, também. Não era nenhuma santa. Podia ter-me levado para o quartel da Guarda Civil e eu ter-lhe-ia agradecido. Como agora, que sei que isto terminou. — Antón murmura algo para com os seus botões. Sentir-se-ia realmente uma vítima? — A única pessoa que cuidou do Casimiro e do Serafín fui eu.

— Davas-lhes medicamentos para os porcos.

— O *Azaperonil* acalmava-os. Se os deixasse, passavam o dia todo a foder. Uns com tanto e outros com tão pouco. — Antón ri-se, extemporâneo.

Passou por cima da chegada de Julio à família. Elena pergunta pelos primeiros anos de vida do rapaz na quinta, pelas razões que o levaram a ficar a viver com ele, em vez de se ir embora com a mãe.

— O Julio não é burro nenhum. A mãe dele, a Valentina, essa, sim, era burra que nem uma porta. Ele estava contente na quinta. Também gostava das visitas.

— Achas que te tem afeto ou que tem medo de ti?

— Nem do demónio tem medo.

Há orgulho no tom de voz de Antón. Elena não acredita que Julio tenha fugido pelos seus meios, como Antón lhe disse ontem. Sob aquela fachada de animal, de idiota que sente pena de si próprio, esconde algum truque. Qual será o gatilho que o fará revelá-lo?

— Aquela mulher... a que trabalhava convosco... — Não é ingénuo ao referir-se assim a Chesca. É cruel. — Quando a conheci na feira de Turégano... Travei amizade com dois tipos lá da terra. Ganhámos um presunto, sabe? E demos forte no vinho. À noite, encontrámo-la. Como é que ela se chamava?

— Sabes perfeitamente.

— Francisca?

— Ela preferia que lhe chamassem Chesca.

— Isso foi depois. Quando ela era nova, chamava-se Francisca. Um deles conhecia-a. E queria comê-la. Foi o primeiro, depois o outro e, quando chegou a minha vez, não fiquei duro. Disse-lhes que era da vinhaça, mas eles riam-se, diziam que era por ser paneleiro, que preferia um cu todo peludo. — De repente, Antón desata a chorar. — Quando voltei para casa, lembrei-me da Araceli. Do que me tinha feito sentir. Foi então que fiz a minha primeira ronda. A ver quem é que encontrava...

— Estás a culpar a Chesca?

— Eu tinha tudo controlado. Na quinta, com as minhas coisas... Se a

Francisca não tivesse aparecido... não teria voltado.

A raiva é difícil de conter. Antón esforça-se por dar a volta à realidade e passar de executor a vítima. Um jogo doloroso quando usa Chesca. Elena cerra os punhos e faz um esforço para se acalmar. Ao respirar fundo, apercebe-se. Antón passou a descrever a sucessão de «visitas», como ele lhes chama, a acumular violações, sangue e canibalismo como se se tratasse de uma avalanche perversa para voltar a Chesca quanto antes. O fim do círculo, segundo ele. Por que razão está a contar-lhe com detalhe como soube que os seus dois companheiros daquela violação tinham sido assassinados? Por que motivo lhe conta que Julio se mudou para Madrid para vigiar os passos de Chesca e caçá-la?

— Era ela ou eu — defende Antón.

Ele já se deu conta. Antón percebeu que Elena notara que ele estava a esconder-lhe alguma coisa, e a sua forma de o encobrir foi centrar-se nos detalhes escabrosos de tudo o que aconteceu com Chesca. Antes, quando ela era adolescente, e agora, quando esteve presa na quinta Collado. E deu resultado. Elena teve de conter as emoções e, ao fazê-lo, deixou de prestar a devida atenção às palavras de Antón.

— O que acontece na casa fica na casa — murmura Elena. — Suponho que foi isso que ensinaste ao Julio e, depois, à Nina.

— Eu ensinei-os a tratar dos porcos, nada mais. O resto, foram eles que aprenderam sozinhos.

— Não acredito que o Julio tenha passado a vida inteira ao teu lado, a proteger-te, a participar na caça àquelas vítimas e que, agora, te tenha virado as costas.

— Corre-lhe sangue de boliviana nas veias. Não é de confiança.

— E a Nina? É de confiança?

— Não é má órfã.

— Foste tu que lhe ofereceste a gata?

— Foi o Julio que lha trouxe. Os gatos são traiçoeiros, não gosto deles. Quanto uma pessoa se descuida, metem-se na oficina e comem os enchidos.

Elena abre uma pasta, tira uma foto e põe-na diante de Antón.

— Luciana Petreanu. É a mãe da Nina. O seu nome verdadeiro é Mihaela. Foi assim que a mãe dela a registou. Localizámos o pai dela, estava a viver na Roménia. Está a caminho e vai cuidar dela.

Antón guarda silêncio durante alguns segundos enquanto olha para a foto de Luciana.

— Meti a mãe dela no porta-bagagens e conduzi o carro dela até à quinta.

Pelo menos duas horas de caminho. Só quando cheguei é que percebi que havia um bebé no banco de trás, numa alcofa. Dormiu o caminho todo.

— E ficaste com ela.

— Assim, o Julio, o Casimiro e o Serafín tinham com que se entreter.

— Deixa-te de merdas, Antón. Ficaste com ela porque gostavas dela. Porque viste aquela miúda e pensaste que podias ter uma filha. Para aquela quinta de merda parecer uma família a sério.

— Não sou de pensar tanto.

Zárate tem os olhos húmidos. Está no gabinete de Elena quando esta sai da sala de interrogatórios. Não foi capaz de ouvir o testemunho de Antón até ao fim. Elena julga que ele esteve a chorar, mas agora, olhando melhor para ele, percebe que não foi isso. Tem os olhos húmidos de raiva. Orduño, Reyes, Mariajo e Buendía juntam-se à inspetora. Não entendem por que razão terminou o interrogatório daquela forma tão abrupta.

— A Nina não é um acidente. É importante para o Antón. Ouviram o que ele disse; quer parecer idiota, mas não o é. Ele sabia que um dia a Polícia chegaria até ele. Tinha de ter uma fuga planeada. E essa fuga incluía o Julio e a Nina. Não poderia contar com o Casimiro e o Serafín, mas sim com os dois filhos «saudáveis». Temos de falar com a Nina, tenho a certeza de que ela sabe em que consistia esse plano. Deve saber onde se escondeu o Julio.

## Capítulo 62

Uns miúdos insultam-nos, valentões, quando param o carro à porta do centro de acolhimento de menores La Flor del Saluce. Elena e Zárate saem apressadamente. Não têm tempo para mandar calar aqueles adolescentes que se acham uns rufias ao gritar-lhes «bófia de merda» por chegarem com a sirene ligada e os fazerem correr para não serem atropelados.

O semblante de Alberto Quiñones não pressagia nada de bom. O diretor do centro vem com o rosto desfigurado. Quando saiu do gabinete, Elena pôde ver que havia um segurança sentado numa cadeira com o olhar mergulhado no chão, como um aluno que tivesse sido enviado ao diretor da escola após uma traquinice.

— Ela não está. — Alberto não dissimula a vergonha. — Quando fomos buscá-la para o pequeno-almoço, encontrámos o quarto vazio.

— Como é que isso é possível?! — Zárate mal contém a sua fúria. — Que merda de segurança é que têm por aqui?!

— Eu também não entendo como é que aconteceu uma coisa destas.

Elena prefere não discutir algo que não tem solução: Nina desapareceu do centro. Não conseguiu fugir sozinha: sem ser uma prisão, La Flor del Sauce tem as suas medidas de segurança. Uma rapariga que nunca na vida saiu de uma quinta perdida no meio do campo não tem capacidade para escapar a todos aqueles controlos.

— E as câmaras de vigilância? Precisamos de ver as gravações — exige Zárate.

— Já as examinámos. Oitenta por cento do centro é coberto pelas câmaras...

— Mas a menina não aparece em nenhuma gravação.

*O Julio*, pensa Elena. Só pode ter sido ele.

— Pode explicar-me como é que uma miúda acabada de chegar é capaz de sair do centro passando precisamente pelos ângulos cegos das câmaras?

— Acha que estou contente com o que aconteceu? Todos os funcionários, e sobretudo eu, andamos há meses a reclamar à empresa de segurança para atualizarem o sistema de vídeo e destacarem mais pessoal para a vigilância. Esta noite, só havia um segurança em todo o centro. Era disso que eu estava a falar com ele! — defende-se o diretor, apontando para o gabinete.

O telefone de Elena toca.

— Agora não tenho tempo, Mariajo, a não ser que seja importante. A Nina desapareceu do centro.

— É melhor voltarem para Barquillo.

Elena e Zárate seguem Reyes ao longo do corredor até à sala de reuniões.

— Foi um estafeta da Glovo que o trouxe. Disse que foi um homem careca que lho entregou, muito perto daqui, na Plaza del Rey. Pagou-lhe cem euros para o trazer. Assim que o vimos, o Orduño mandou umas patrulhas percorrerem a zona, mas não encontraram ninguém.

— Tens a certeza de que é ele?

— Rapou a cabeça — confirma Reyes antes de abrir a porta.

Lá dentro, Mariajo preparou um ecrã para a visualização. Começa a reproduzir a gravação assim que Zárate e Elena se sentam.

Vê-se uma parede branca com uma janela com cortinados. Um candeeiro ilumina o local em que, poucos segundos depois, aparece Julio. Como lhes disse Reyes, tem a cabeça rapada.

— Olá, suponho que estavam com vontade de me encontrar. Eu também tinha vontade de vos enviar a minha mensagem. No momento em que visionam este vídeo, é mais ou menos meio-dia... A hora é importante.

Todos olham para o relógio, é meio-dia e meio. É o segundo visionamento.

— Vou dar-vos vantagem. Digamos que é uma hora. Vou dar-vos seis horas e meia, até às sete e meia desta tarde. O que têm de fazer é fácil: soltar o meu pai. Soltá-lo sem que ninguém o siga, no metro, na estação Sol, ao descer as escadas rolantes da entrada do comboio suburbano. Deixem-no com um bilhete de metro

e vinte euros, ele não precisa de mais. O meu pai sabe o que tem de fazer. Se em algum momento perceber que está a ser seguido, saberá como avisar-me. E, se eu receber esse aviso, acontecerá uma coisa que vocês não querem que aconteça. Volto já.

O aposento fica vazio. O vento faz balançar ligeiramente o cortinado da janela do fundo. Ouvem-se uns passos.

— Está louco — Buendía quebra a sua habitual frieza.

Na penumbra da sala, Elena procura o olhar de Zárate. Os seus olhos estão presos no ecrã. Brinca com uma esferográfica entre os dedos, a qualquer instante poderá parti-la.

Julio volta à imagem. Não vem sozinho. Traz Nina pela mão. Não é uma surpresa para nenhum deles, mas o facto de ser esperada não torna a cena menos frustrante. Na BAC, toda a gente acreditava que Julio tentaria sair de Espanha, nunca imaginaram que a sua estratégia seria um ataque.

— Sei como funciona uma negociação. Vocês dão-me uma coisa, a liberdade do meu pai, eu dou-vos uma coisa, a Nina. Cumprimenta estes senhores.

— Olá.

Está limpa e bem penteada, com as roupas que lhe deram no centro de acolhimento. É difícil definir a sua atitude: estará com medo ou sentir-se-á segura ao lado de Julio? O seu semblante, inexpressivo, não lhes permite decidir-se por uma ou outra opção. *Demasiadas mudanças*, pensa Elena. Nina, Mihaela, como eles agora sabem que foi registada, tem vivido num mundo minúsculo. Sem estranhos, os limites da quinta eram também os limites do seu universo. Saiu de lá. Veio para uma cidade grande, para um centro de acolhimento com outras crianças. Agora, Julio tirou-a de lá a meio da noite. Como irá processar aquela bateria de estímulos? Não ficariam admirados se preferisse voltar ao conhecido, ao ambiente onde foi criada, como uma pessoa raptada que sente pânico ao abandonar o esconderijo onde esteve retida.

— É a minha irmã mais nova. — Julio abraça-a. — Não sei se vão acreditar em mim, mas, para dizer a verdade, estou-me nas tintas. Nós sabemos que somos uma família. Não quero fazer isto, mas não tenho alternativa. Se não satisfizerem o meu pedido, a Nina... Lamento, miúda.

Julio pega no braço de Nina e morde-lhe o antebraço com fúria. A menina grita de dor, grita tão alto que o som do vídeo se satura e, por um segundo, fica em silêncio. Julio arrancou-lhe um pedaço de carne. O grito da rapariga transformou-se em pranto e, a seguir, sem mais, cai ao chão, inconsciente, transida de dor. Com a carne entre os dentes, o sangue a escorrer-lhe pelo queixo,

Julio olha para a câmara e sorri, como um palhaço sinistro. A seguir aproxima a mão do alvo e a gravação termina. Silêncio.

Buendía acende as luzes da sala. Orduño levanta-se, dá um pontapé numa cadeira. Ninguém o repreende pela sua reação. Reyes mostra-se bloqueada: estava convencida de que seria impossível as coisas piorarem, mas foi o que aconteceu. Zárate procura Elena: se ela não assumir o comando, fá-lo-á ele. Porque não responder na mesma moeda a Julio? Achará este que tem a exclusividade da crueldade? Zárate saberia como fazer Antón sofrer; não é o que merece? Entraram numa batalha, e uma pessoa não se pode defender com pedras contra espingardas.

Elena está a chorar. Buendía aproximou-se dela. Dá-lhe um abraço. Mais uma vez, a vida de um menor, uma menina, é usada como ameaça, como se fosse um objeto disputado pela Polícia e por Julio. É impossível não se lembrar do seu filho Lucas.

Mariajo voltou a passar o vídeo. Avançou até ao momento em que Julio saiu de cena para ir buscar Nina. Pode ver-se o espaço onde a gravação foi feita, vazio. A janela ao fundo. O vento que faz balançar o cortinado.

— O que é que se vê pela janela? — Mariajo parou a gravação e, do outro lado da janela, percebem-se umas bandas paralelas de metal.

— O anúncio da *Schweppes* da Plaza del Callao. Como está apagado, não se veem as cores, mas é isso. Tenho a certeza — diz Orduño.

— Pelo ângulo, podemos localizar o edifício onde fizeram a gravação, até o apartamento.

Estão todos entusiasmados, todos menos Elena e Zárate.

— Podem ir, mas não vamos encontrar lá a Nina. Açam mesmo que ele deixou o cortinado aberto sem querer? Até agora não cometeu um único deslize, e não me parece que tenha perdido o jeito de repente.

— O que mais podemos fazer? — Elena tem a sensação de nunca se ter sentido tão ultrapassada.

— O Antón — responde Zárate com firmeza.



## Capítulo 63

— Vais permitir que o Julio mate a miúda?

Elena fecha o computador em que mostrou o vídeo de Julio a Antón.

— Podia fazer-lhe a mesma pergunta a si.

Antón esboça um sorriso de orgulho, o pai vaidoso por o filho ter alcançado o sucesso. Elena tem a cabeça a latejar. Sente-se cansada, não tanto pela noite em branco, mas porque, como um presságio sombrio, tem a sensação de ter chegado a um beco sem saída. Reyes e Orduño deslocaram-se à Plaza del Callao. Com a ajuda de Mariajo, conseguiram localizar o apartamento em que o vídeo fora feito e invadiram-no acompanhados por um grupo de forças especiais. Na cama, inconsciente, a sangrar na sequência de uma série de facadas, encontraram Maribel Rúa, a proprietária do apartamento. «*Zhuniáng Jíxiáng*», escrevera Julio com o sangue dela numa das paredes: boa sorte para o ano do porco. Os paramédicos conseguiram estabilizá-la. Com esforço, Maribel contou como foi atacada quando terminou o turno em La Flor del Sauce, onde trabalha como educadora. Julio obrigou-a a levá-lo para casa, onde a torturou até ela lhe contar como entrar e sair do centro de acolhimento de menores sem ser descoberto. Teve sorte por a BAC ter dado com a casa. Mais algumas horas e estaria sem vida.

Orduño e Reyes não encontraram no apartamento nenhum indício sobre o possível destino de Julio e de Nina. Devem ter abandonado o local após a gravação do vídeo.

— Julguei que te importavas com a Nina — insiste Elena com Antón.

— E o que quer que eu faça? — Antón encolhe os ombros. — Foi o Julio que decidi fazer isto.

— Se fosse verdade que o fez sem o teu consentimento, dizias-me onde é

que ele se escondeu. É teu filho. Conhece-lo bem. Onde é que ele ficava quando vinha a Madrid? Responde-me e, pelo menos, salvamos a vida da Nina.

Durante uns segundos, Antón murmura algo de si para si, como se estivesse a ponderar a possibilidade de colaborar com a Polícia.

— Em miúdo perdia-se pela quinta e não havia Deus que o encontrasse. Aquele filho da puta escondia-se sempre onde mais raiva me dava. Não só se escondia, como também me dava cabo do juízo... — Antón ri-se ao recordar. — O Julio tem sangue boliviano, por isso é tão cabrão.

— É isto que queres? Tu não vais sair da prisão. A Nina vai acabar morta e, um dia, apanhamos o Julio. Também ele passará a vida na prisão. É assim que queres que isto acabe?

— O que é que quer que eu faça, porra?

— Pára de te armar em inocente! Julgas que sou parva?! O Julio diz no vídeo: «O meu pai sabe o que tem de fazer.» O que é que tens de fazer?

— O que estou a fazer.

Elena sai da sala de interrogatórios batendo com a porta. Antón é um muro: não tem nada a perder, então porque não jogar tudo nesta cartada, mesmo que seja uma loucura?

— Deixa-me entrar — pede-lhe Zárata. — Posso obrigá-lo a revelar onde estão, à pancada se for preciso. Que me expulsem da unidade, não quero saber.

— Podes partir-lhe a cara e ele continuar sem falar.

O relógio na parede marca duas horas. Já se passou uma hora e meia desde que visionaram o vídeo de Julio. O telemóvel de Elena toca dentro do bolso. É a mãe dela. Recusa a chamada: o que quererá agora Isabel?

Rentero entra na sala de reuniões. Orduño e Reyes regressaram da Plaza del Callao.

— A Polícia Científica está no apartamento, mas não me parece que vão encontrar algo que nos ajude a localizar o Julio e a Nina — informa Orduño. — Ou, pelo menos, não o farão a tempo.

São duas e vinte e três.

— O que é que vamos fazer? — Zárata procura uma resposta entre todos os presentes. — Ficar de braços cruzados e ver esse animal a matar uma criança à dentada?

— O que mais podemos fazer? — Buendía parece mais velho do que nunca.

— Aceitar o acordo. Pomos o Antón na rua sob vigilância. Recuperamos a Nina e, quando a tivermos, vamos atrás deles.

— Não podemos aceitar uma chantagem. — Rentero encerra a discussão.

— Porque não? — De repente, Elena não acha que seja assim tão despropositado. — É a única alternativa. Montamos um dispositivo de seguimento. De quantos agentes é que podemos dispor? Estamos a falar de um dos maiores assassinos em série que já tivemos, não sejas mesquinho agora, Rentero. Cem. Duzentos. Um par de helicópteros. Colocamos um dispositivo de localização na roupa do Antón sem que ele perceba. Aparentamos ficar à margem e, assim que virmos onde está a Nina, intervimos.

— Tens consciência do que estás a dizer, Elena? — Rentero abana a cabeça, incrédulo. — Não sei se perdeste o juízo, mas desde quando é que a Polícia aceita acordos com assassinos? Não o fizemos com a ETA, não o vamos fazer agora. Não vamos pôr esse homem na rua.

— Esse monstro. — Zárate não se importa que Rentero seja o seu superior, não se vai calar. — O tipo que está a proteger é um canibal. Matou e comeu vinte e três mulheres. Uma delas, há poucos dias, estava sentada aqui connosco. Já leu os relatórios? Violaram-na durante vários dias, arrancaram-lhe pedaços de carne e puseram-na numa picadora!

— Sei que estão revoltados. Eu também estou, mas não podemos correr esse risco.

— Ponha um francoatirador a cada cem metros. Se virmos que o vamos perder, que lhe deem um tiro.

— Estás descontrolado, Zárate. O melhor será entregar o caso a outra brigada. Estão demasiado afetados.

— Não estamos descontrolados. — Reyes levanta o olhar da mesa e encara o tio. — Queremos fazer justiça. Uma criança vai morrer se não fizermos nada, e o Julio... anda por aí... Voltará a fazer o que fez à Chesca.

— O trabalho da Polícia será procurá-lo e detê-lo. — O semblante de Rentero é uma advertência clara à sobrinha. Não quer que ela se rebele também.

— E dar-lhe um julgamento justo. Não vais dizer nada? Isto é ridículo!

Zárate fixou o olhar em Elena. Esperava mais dela, que se insurgisse de alguma forma contra o comissário para conseguir montar a armadilha a Antón.

— O Rentero tem razão. Não podemos aceitar o acordo do Julio. É uma porta que não podemos abrir.

— Finalmente alguém diz alguma coisa sensata. Esqueçam esse assunto. Se querem fazer alguma coisa, vão para a rua. Procurem o Julio e a miúda.

Elena ergue-se e, em silêncio, abre a porta.

— Aonde vais? — pergunta Mariajo, embora a velha *hacker* não precise que a inspetora lhe responda. Conhece-a bem.

— Eu tinha deixado a Polícia — murmura Elena, envergonhada. — Fiz o que pude. Pela Chesca e... para os apanhar, mas... não foi suficiente. Lamento imenso.

— Vais-te embora? — Mais do que uma pergunta, as palavras de Orduño soam como uma súplica.

— Não tenho forças para ficar. Todos sabemos como isto vai acabar e... não sou capaz de ver mais cadáveres. Eu...

A voz de Elena fica suspensa no ar. Gostaria de lhes dizer que está convencida de que conseguirão deter Julio, que esse homem não poderá desaparecer sem mais, a BAC dará com ele, mas o nó da garganta impede-a. Abandona a sala de reuniões.

O relógio marca duas horas e quarenta e sete minutos.

## Capítulo 64

Hora do almoço. Muitos trabalhadores saem dos escritórios que há em Barquillo para comer um menu em algum dos restaurantes da zona. A maior parte deles já não tem mesas livres. Um martelo pneumático faz um barulho infernal junto à Plaza del Rey, decorrem obras numa calçada. Elena prefere descer até ao Instituto Cervantes e continuar a passear por Alcalá. Um grupo de turistas ultrapassa-a de *skate*. Uma senhora refila com eles pela velocidade a que vão. Cinco ou seis adolescentes com uniformes escolares e mochilas às costas saem do metro na estação Sevilla. Riem-se. Talvez estejam a relembrar algo cómico que se terá passado na sala de aula. Mais turistas, coreanos desta vez, a tirar fotografias ao lado do Urso e do Medronheiro. Elena não pode deixar de pensar que, no final da Calle Preciados, fica a Plaza del Callao com o anúncio da *Schweppes*. Lembra-se do quanto se divertiu no cinema quando estreou *El Día de la Bestia*. Havia uma cena mítica do filme nesse cartaz publicitário, que já faz parte da história desta cidade. Uma cidade que não pára e continua a avançar como a engrenagem de um relógio. Alheia — ou talvez não se importe? — ao facto de, em algum dos seus bairros, ou em algum apartamento do enxame que é Madrid, se encontrarem Julio e Nina. De uma criança estar prestes a morrer.

Para os lados da Plaza Mayor, decide continuar a caminhar. Tem tempo de ir tomar uma bebida no bar do costume. Talvez esteja por lá Juanito, o seu empregado preferido, e possam dar dois dedos de conversa.

— Vem com cara de caso, inspetora.

— Já não sou inspetora, chama-me Elena.

— Há trabalhos que duram para sempre. Ou acha que eu vou deixar de ser empregado de balcão? Eu nasci para ser empregado de balcão e a Elena, para ser

inspetora. A vida é assim. Se eu ganhar o Euromilhões, que esta semana há *jackpot*, serei um empregado de balcão milionário, o empregado de balcão milionário que não serve cafés.

— Então, não serás empregado de balcão.

— Por dentro, sim, mesmo que por fora esteja deitado numa praia nas Caraíbas. O que quer tomar? Uma grapa?

— Não, uma água mineral e qualquer coisa que se coma. Uma tosta de salmão com queijo.

— Está a sair.

Enquanto não trazem o seu pedido, Elena não deixa de matutar em algumas frases de Antón: «Escondia-se sempre onde mais raiva me dava. Não só se escondia, como também me dava cabo do juízo.»

— Aqui tem, inspetora, tosta de salmão fumado com queijo fresco e água mineral. Não vai nem uma cervejinha?

— Não, Juanito, obrigada.

— E, diga-me lá, que preocupações são essas?

— Imagina que andas à procura de alguma coisa e te dizem que estás no último lugar que te viria à cabeça. Por onde é que começarias a procurar?

— Essa é mesmo difícil. Depende do que fosse. Só para dizer alguma coisa, começaria pelo sítio onde fosse preciso ter mais coragem para a encontrar. Seria uma alegria quando soubesse que não está lá.

— És um filósofo, Juanito. Mas desta vez não me ajudaste nada...

Lembra-se de a mãe lhe ter ligado. Deixou-lhe uma mensagem no correio de voz. «Tens o teu bilhete no correio.» Isabel estava a ligar do táxi, a caminho do aeroporto. Embora lhe tenha prometido não intervir, acabou por fazê-lo: «Porque é que não continuas com o trabalho na fundação? Estavas a sair-te tão bem.» O voo para Berlim parte às sete da tarde e, de repente, Elena não acha assim tão má ideia ver-se a sobrevoar a Europa à hora limite imposta por Julio. A fugir.

Abre a porta do seu *closet*. Nos últimos meses, desde que deixou a brigada, tem acumulado roupa adequada para aquelas galas de beneficência. Escolhe vários conjuntos para acompanhar a mãe nos três dias que passarão na cidade. Para a cerimónia de angariação de fundos, precisa de um vestido comprido, tem um azul, de Iván Campaña, que até a mãe aprovará, embora fique com um ombro à mostra. Procura com mais atenção o vestido que usará para jantar com Jens Weimar, algo discreto, não quer seduzi-lo, apenas que colabore financeiramente. Pega num vestido simples, preto, de seda plissada, que já usou uma vez em Milão e causou muito boa impressão.

São três e meia. Toca o telemóvel: é Rentero. O comissário tentará mantê-la na brigada. Convidá-la-á para tomar uma bebida num dos seus restaurantes luxuosos e, a seguir, fingirá que entende o que a BAC passou, o sofrimento de perder uma colega, aliado à impotência de não ter conseguido salvar Nina.

Julio terá cuidado da ferida que lhe fez ao mordê-la?

Elena decide não atender a chamada de Rentero. Não vai voltar à sua vida anterior. Será pelo menos, como diz Juanito, a polícia da ONG.

Com a mala feita, serve-se de um sumo. Já caiu duas vezes na grapa nos últimos dias, mas isso acabou. Não pensa voltar a beber. Não pensa voltar a cantar. Tudo isso fica para trás.

Tocam à porta. Tem a tentação de ficar em silêncio e não abrir. A campainha toca novamente. São quatro e dez. Já chamou um táxi, virá buscá-la às cinco e meia. Levanta-se, abre a porta. Zárate está do outro lado.

— É para as escolas de Mianmar? — pergunta ele ao ver a mala dela.

— Trata-se de ajudar as pessoas, não é uma vida má.

— Não vais deixar de sentir saudades da brigada.

*A única coisa de que vou sentir saudades é de ti*, pensa Elena, mas não se atreve a responder assim a Zárate. Ángel está muito longe dela. Dentro dele imagina um turbilhão de soluções, todas desesperadas, para impedir que Julio cumpra a sua ameaça.

— Tens de ficar. Pela Chesca. Não podes desaparecer deixando as coisas a meio.

— Acabarão por prender o Julio. Se calhar era melhor afastares-te também.

— Não posso. — Zárate parece um viciado incapaz de abandonar a substância que o está a matar.

Sentam-se na sala. As varandas abertas para a Plaza Mayor. Corre um vento frio.

— Devo-lhe isso, Elena. Não fiquei ao lado dela quando estava viva, quando precisava de mim. Não vou deixar que os que a obrigaram a passar por este inferno saiam impunes.

— Pára de te culpar. O Antón vai ficar atrás das grades, e a vez do Julio também há de chegar.

— Têm de saber que isto lhes acontece por causa da Chesca.

— Por causa da Chesca e de todas as mulheres que mataram. — Elena sabe que desejo se esconde sob as palavras de Zárate, como sabe que seria inútil refutá-lo agora. Só o tempo o fará perceber que tudo o que sentiu nestes dias estava contaminado pelo ódio. — Não foste tu que a levaste para aquela quinta, Ángel.

— Uma noite, fiquei a dormir no apartamento dela. — Zárate precisa de ganhar fôlego antes de continuar. — Não sei que horas seriam... duas da madrugada. Acordei e ela não estava na cama. Fui até à porta do quarto e vi-a sentada na sala. Estava a chorar, mas não saí do quarto. Tínhamos discutido. Ela sempre a querer a mesma coisa, que eu me compromettesse de verdade, mas eu só arranjava desculpas para não o fazer. Pensei que, se saísse dali, voltaríamos a discutir. Que ela me diria que eu não estava a ser honesto ou algo assim. Não lhe faltava razão. Nunca lhe disse o que realmente sentia. Nunca lhe disse que continuava apaixonado por ti.

Elena senta-se ao lado de Zárate. Enxuga-lhe as lágrimas, que começaram a escorrer-lhe pelas faces. Aproxima os lábios e beija-o. Sente o calor dos seus lábios. Gostaria de parar o relógio, ficar assim para sempre, fora do tempo e do espaço.

— Mas e se ela não estivesse a chorar por causa disso? — interroga-se Zárate depois de se afastarem. — E se tivesse acordado com um pesadelo pelo que fizera? Se calhar, se eu tivesse saído do quarto, se lhe tivesse dado um abraço em vez de pensar tanto em mim, ela ter-me-ia contado. Tudo seria diferente agora. Ela estaria viva.

— Vai ser assim durante muito tempo, Ángel. Vais rever esses pequenos instantes, cada decisão que tomaste... e não servirá de nada. Não te fará sentir melhor, nem te devolverá a Chesca.

— Não, não me fará sentir melhor. — Zárate arrasta as palavras, impreciso. Que ideia estará a dar-lhe voltas à cabeça?

— E se vieses comigo? Afasta-te de Madrid.

— Tenho de ficar aqui. — Ergue-se, seguro da sua escolha. — Não sei se não teremos perdido a nossa oportunidade, Elena. Não te disse o que sentia na altura certa.

— Eu também não, mas porque é que não podemos ter outra oportunidade?

— Lembras-te do que te disse na quinta? É como se cada caso nos roubasse um pedaço de alma. Se calhar, já a perdi toda... Não sou capaz de... Lamento imenso.

Elena abraça Zárate. Entende o seu medo: poderá uma pessoa voltar a amar? Será que este trabalho não nos converte em seres egoístas que só se preocupam com as próprias feridas?

Ángel não olha para trás quando sai de casa dela.

O telemóvel de Elena toca. O táxi já chegou.

São cinco e meia.



Não sabe se voltará a ver Zárate.

## Capítulo 65

Reyes tem passado a vida a tentar encontrar as palavras que definem a sua identidade. «És o quê?», uma pergunta que parece simples para qualquer pessoa era para ela um enigma. «David Bowie», disse uma vez à professora de Estudo do Meio quando esta lhe perguntou que quadradinho marcava na lista da turma, masculino ou feminino? «Não posso pôr David Bowie?» Tinha ela sete anos. Não ouvira uma única música de Bowie, ou não se lembrava de nenhuma. O que ficara gravado na sua retina era a imagem dele. Katherine, uma ama inglesa, era uma grande fã. Foi ela quem lhe mostrou fotografias de Bowie no computador. Era uma estranha viagem por várias identidades: Ziggy Stardust, Aladdin Sane, Major Tom, o Duque Branco. Bissexual, dândi, *glam*. Todos e nenhum eram David Bowie. Havia momentos em que parecia uma mulher, outros em que lhe fazia lembrar aqueles soldados nazis dos documentários.

Foi como se, de repente, alguém tivesse acendido uma luz num quarto às escuras.

Não se tratava de interpretar personagens. A questão é que todas aquelas personagens, todas aquelas identidades, eram ela.

Quando tinha treze anos, os pais começaram a ficar preocupados. Tinham dificuldade em entender as mudanças que detetavam em Reyes. Tão feminina umas vezes e tão masculina outras. Dali passaram para os terapeutas e para os psiquiatras. Teria a sua filha algum transtorno de personalidade? Alguns empenharam-se em convencê-la de que era lésbica e que lhe bastava aceitar esse facto. Outros prescreveram ansiolíticos. Estavam tão perdidos como os pais dela.

Reyes aprendeu há muito tempo a não os culpar. Andavam todos às cegas, até o tio Rentero, que ficava tão exasperado com Reyes que acabou por evitar

qualquer conversa pessoal. «É mais esquisita do que sei lá o quê», ouviu-o a dizer uma vez aos pais dela.

No liceu, custava-lhe ouvir esse género de comentários, que se repetiam entre os seus colegas de turma. A Reyes é o quê? Porque é que um dia vem toda produzida e no outro aparece vestida à rapaz? Será transexual? Será uma espécie de *drag king*? Será fufa? Palavras e mais palavras para definir algo tão simples como uma identidade. «Sou a Reyes», gostava de dizer, então. «Apenas isso.» Nessa idade, porém, o sentimento de exclusão pode ser bastante prejudicial. Tanto que poderia tê-la levado a ocultar a sua maneira de ser. Algo que se refletia no guarda-roupa, mas também nas suas atitudes. No entanto, Reyes não se deixou dominar por esse medo. Nunca se escondeu, apenas procurava a definição que resumisse de uma vez por todas como se sentia, porque não se encaixava em nenhuma das que conhecia.

«No princípio havia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus.» Reyes recorda-se desta citação bíblica da sua tia Verónica. Ia à missa diariamente, e também passou pelas suas mãos naquelas múltiplas tentativas de se encontrar uma solução para a menina. A religião só serviu para dormir umas sextas nas homilias.

Mas o Verbo é tudo. Se algo não tem nome, não existe.

Foi uma amiga que fez na Internet que lhe falou pela primeira vez em *gender fluid*. De repente, Reyes sentiu-se parte de uma definição, de um grupo. «Eu sou esta.» Uma identidade que flutuava entre os géneros masculino e feminino. Antes, irritava-se com as pessoas que faziam troça da designação. Gostaria que se tivessem visto na sua pele. Uma adolescente que não se sente parte de nenhum grupo, uma extraterrestre. Como se tivesse uma doença que ninguém tivesse conseguido diagnosticar. Agora, já aprendeu a suportá-lo. A dar-lhes tempo para a entenderem. Sabe que Orduño é um deles. Se o tivesse conhecido há uns anos, talvez lhe tivesse partido o nariz com um soco.

*És o quê?*, interroga-se Reyes. Desde que soube definir a sua identidade, não tinha voltado a padecer daquela incerteza perante a pergunta. Foi uma boa aluna, ficou claro desde o início que queria trabalhar na Polícia, estudou Filosofia e Criminologia. Entrou para a Polícia por mérito próprio, embora todos pensassem que Rentero lhe tivesse metido uma cunha. Um caminho de vários anos para estar onde está agora. Na casa de banho da BAC, com a porta fechada e a cabeça entre as mãos, a interrogar-se o que é. Uma polícia? Estará realmente capacitada para o ser? Em apenas alguns dias, viveu uma avalanche de situações que a levaram ao limite, que acabaram por a deitar abaixo. Por fazê-la desejar que

existisse um túnel secreto daquele compartimento até à casa dela, para fugir dos escritórios de Barquillo sem cruzar o olhar com ninguém.

Talvez estivesse enganada. Talvez não seja uma polícia.

Um as batidas na porta interrompem-lhe o devaneio.

— Vais criar raízes aí dentro?

Foi Orduño que veio à sua procura. Reyes balbucia uma desculpa.

— Anda daí tomar uma cerveja. — Preferiu evitar as tolices com as quais Reyes tentou justificar o facto de ter ficado quase uma hora na casa de banho.

São seis e dez quando o empregado põe um par de cervejas no balcão e um prato de chouriço e queijo com tiras de pão.

— A Chesca teria pegado fogo ao escritório se aqui estivesse hoje. — Orduño esboça um sorriso triste. — Não teria suportado o jogo do Antón e do Julio.

— Acho que ia gostar dela.

— Acho que ela ia detestar-te.

— Obrigada.

— Não era uma pessoa fácil. Também não suportava a minha amiga Marina. Dizia que eu era um parvalhão por continuar a ir visitá-la à prisão. — Orduño bebe um gole de cerveja, brinca com o copo sobre o balcão. — Mas se eu lhe tivesse pedido qualquer coisa, sei que a Chesca teria feito das tripas coração para satisfazer o pedido. Por ti também; embora sejas novata e ela não fosse entender o teu papel de homem e mulher, teria dado a vida por ti.

Na televisão do bar está a dar um programa de mexericos. O murmúrio insolente dos participantes é insuportável. Orduño deixa algumas moedas sobre o balcão e saem os dois do estabelecimento.

— Vou ter saudades dela — confessa com os olhos marejados de lágrimas.

Rentero encarregou outros polícias de prosseguirem a busca de Julio. Restalhes voltar para casa e esperar que os informem do aparecimento do cadáver de uma menina.

— Sei que isto é uma merda. Quem me dera que a tua entrada na brigada tivesse sido diferente. Mas a vida é assim: às vezes, perdemos. Haverá outras em que ganhamos. A maioria, de certeza. És uma boa polícia.

Reyes sorri, tímida. Uns carros estão a buzinar no semáforo para um peão que atravessou com o vermelho. Impulsiva, abraça-se a Orduño e murmura-lhe um «obrigada» ao ouvido. Parece-lhe imprudente o gesto e prepara-se para se

afastar quando Orduño a retém. Sabe que é uma má ideia beijá-lo, mas também não pode evitar. Não há piadas a seguir. Não há perguntas sobre se beijou um homem ou uma mulher. Aconteceu-lhe tantas vezes que deixou de achar graça.

— Voltamos para os escritórios?

São seis e quarenta e dois.

## Capítulo 66

Há um televisor na sala VIP do aeroporto. Está sem som. Um repórter diante do Bernabéu dá as últimas sobre o jogo que o Real Madrid disputará esta noite. Elena presta-lhe toda a atenção, não porque lhe interesse, mas para afugentar as imagens que, assim que deixa de oferecer resistência, invadem a sua mente: um balde a transbordar de carne picada, a nuvem de insetos, o desespero impregnado na quinta Collado como pó, os dentes de Julio cravados no braço de Nina. O olhar de uma criança desamparada.

— Não tardaremos a embarcar. — A mãe teve a elegância de não perguntar por que razão Elena mudou de ideias e decidiu viajar para Berlim.

— Trazes comprimidos?

— Com essa idade, ganhaste medo a andar de avião?

Elena não lhe vai confessar que só pretende desligar o cérebro, nem que seja apenas durante as três horas do voo. Quer apagar o gesto de autossuficiência de Antón, o orgulho fátuo do seu sorriso ao saber o que fizera o filho Julio, ao vê-lo a morder Nina.

São sete e cinco da tarde.

Isabel dá-lhe um ansiolítico. Elena vai buscar uma garrafa de água para o tomar.

Os porcos abatidos na pocilga. Os troféus sinistros que encontraram naquele cubículo de fotografias: dentes e chaves. Tudo o que resta de vinte e três vítimas.

Os ecrãs anunciam o início do embarque do voo para Berlim. Isabel não espera pela filha e, puxando uma pequena mala da *Vuitton*, coloca-se na fila de embarque prioritário.

Chesca. Quem cuidará dos seus pertences? Quem tratará do seu funeral? A

irmã ou Zárate? Não há nada mais triste do que esvaziar os armários de alguém que já não está entre nós. O seu cheiro continua na roupa, como se resistisse a desaparecer, a deixar-se arrastar pela morte. Embalar os seus objetos, as suas fotografias. Enviar alguns deles para associações de beneficência. Escolher o que se vai guardar como recordação. Será que Orduño vai ficar com algum dos seus troféus de motociclismo? Será que Zárate irá guardar a garrafa de vinho que Chesca nunca abriu?

Elena não quer nenhuma recordação, mas sabe que isso é impossível. Não pode formatar a memória como se fosse um disco rígido. Não é uma novidade: da mesma forma que Lucas ou a morte daquelas irmãs ciganas fazem parte dos seus sonhos, agora também irá aparecer Chesca.

— Estás à espera de quê? — pergunta-lhe Isabel, enquanto mostra à hospedeira o cartão de embarque e o seu documento de identificação.

Por que razão Elena não se decide a entrar no avião?

Arrepende-se de não ter deixado Zárate continuar a bater em Antón na sala de interrogatórios. Aquele homem nunca lhes teria dito onde se escondia Julio, «Aquele filho da puta escondia-se sempre onde mais raiva me dava», disse-lhe no interrogatório, como o pai que narra a história de um menino indisciplinado. Elena devia ter deixado que Zárate lhe batesse até lhe partir os ossos todos.

Abre a mochila. Procura a carteira com a documentação para entrar no avião. No televisor vê que são sete e doze minutos.

Não estará no ar quando Julio matar Nina. Será que ele também vai guardar um troféu dela? Irá arrancar-lhe os dentes?

Sem aviso prévio, Elena sente uma corrente elétrica. Sacode-a por dentro, como se de repente tivesse conseguido lembrar-se de algo importante que esquecera.

Troféus.

Chaves.

«Aquele filho da puta escondia-se sempre onde mais raiva me dava.»

Isabel vê a filha a virar costas e a sair disparada da sala de embarque. Não fica surpreendida. Na verdade, nunca pensou que faria aquela viagem consigo. Tentou incutir-lhe o hábito do bom vinho, mas Elena é uma viciada. Nunca largará a zurrapa. Afasta-se pela ponte de embarque. Telefonar-lhe-á quando chegar a Berlim. Embora não seja habitual dizer-lho, sente afeto pela filha.

## Capítulo 67

Beltrán é um presunçoso. Cheio de brilhantina, de fato, imita os gestos dos agentes do FBI como se estivesse num filme americano. Apesar de tudo, Mariajo tem de reconhecer que não é mau polícia. Dentro das opções que havia, está contente por Rentero o ter escolhido para pegar no caso e tentar encontrar Julio. Todos protestaram, mas a verdade é que nenhum deles está em condições de continuar a trabalhar. Não sabem onde se meteu Zárate depois de ter ido falar com Elena. Disse-lhes que ia tentar convencê-la a continuar na investigação até ao fim. Orduño e Reyes mal conseguem libertar-se da teia de tristeza que carregam desde que Rentero lhes disse que não havia possibilidade de negociação com Julio. Buendía envelheceu dez ou vinte anos de repente. Curvado sobre os seus relatórios, apresenta a Beltrán um resumo das principais descobertas.

São sete e meia, mas nenhum deles refere o facto de que, neste momento, Julio pode estar a matar Nina.

— Porque é que ele iria ficar em Madrid? O mais lógico é que regressasse ao ambiente onde se sente seguro. Ao que conhece melhor.

— Não me parece que tenha regressado a Cuenca. — Orduño rebate, desanimado, a teoria de Beltrán.

— Há alguma coisa que não me tenham contado? Se for esse o caso, adoraria saber do que se trata.

Mariajo sabe que Orduño não lhe irá responder. Poderá estar a pensar no que disse Elena: que Antón e Julio planearam a sua fuga, que nada do que está a acontecer é improvisado, mas não tem forças para discutir com Beltrán. O grande sacana entende como uma vitória o silêncio da BAC. Mariajo esconde um leve sorriso: nunca suportou Beltrán. Há uns anos, ela manipulou uma fotografia dele



e meteu-lhe um disfarce de coala gigante, como um *furry*, aquelas pessoas que põem disfarces antropomórficos de animais. Em seguida, registou-se em nome de Beltrán num fórum de Yiff, o porno dos *furries*, no qual pessoas disfarçadas de animais de peluche mantêm relações sexuais. Mariajo espera que, um dia, uma investigação descubra que o impoluto Beltrán gosta de se disfarçar de coala para fazer sexo.

— Quero falar com o detido — diz Beltrán depois de reunir todas as informações do caso. — Orduño, podes levá-lo para a sala?

Reyes decide acompanhar Orduño até à sala de segurança que existe em Barquillo. Luisa cumprimenta-os quando chegam.

— Temos de levar o Antón Collado para um interrogatório — anuncia Reyes.

Assim que o deixarem nas mãos de Beltrán, estarão de saída. Não sabe o que farão: ir-se-ão embora juntos, ou aquele beijo que deram terá sido apenas um erro e cada um irá para seu lado?

— Há uma hora que o levaram para o tribunal.

— Para o tribunal? Quem é que o levou?

— O subinspetor Ángel Zárate.

Orduño e Reyes nem precisam de perguntar mais nada para saberem que Zárate terá ultrapassado todos os limites. Tirou Antón das instalações da Polícia. Deveriam dar o alerta, mas é colega deles. Reyes percebeu isso no olhar de Orduño. Antes de divulgarem o que acham que está a acontecer, tentarão resolver o assunto sem que isso implique o fim da carreira de Zárate.

## Capítulo 68

São sete e quarenta e dois. A estação Sol está imersa na maior caverna artificial já perfurada no nosso país: vinte e oito metros de profundidade, duzentos e sete de comprimento, vinte de largura... O *hall* tem uma área de sete mil e quinhentos metros quadrados. Lá dentro, há corredores, escadas rolantes, elevadores, lojas, saídas para várias ruas e até uma esquadra da Polícia que serve as dezenas de milhares de viajantes que por ali passam diariamente.

Zárate acompanha Antón até à boca da horrível estrutura de vidro e metal que serve de entrada. É ali que deve deixá-lo em liberdade.

— Suponho que ficas com vontade de me dar um tiro. — Antón deleita-se com a sua zombaria.

— Só faço o que me mandaram. Queremos a Nina com vida.

— Se não me seguirem, assim será. Sou um homem de palavra.

Zárate fica enojado com a suposta dignidade de Antón. Tirou-o de Barquillo com uma autorização falsa de transferência para o tribunal. Disse-lhe que o comissário aceitava as condições de Julio e que ele iria ser posto em liberdade. Não tem a certeza se Antón acreditou nele ou não. Teve sorte nos escritórios: Beltrán reunira toda a BAC, pelo que conseguiu sair sem dar nas vistas. Muitos vão pensar que perdeu a cabeça, mas ele está certo do que vai fazer. Não há nada a perder quando tudo está perdido.

Antón desaparece pelas escadas, cercado de uma multidão com *t-shirts* brancas do Real Madrid. Zárate deu-lhe um cartão de transporte carregado com dez viagens, pelo que não precisa de parar nas máquinas de venda automática. Também leva consigo vinte euros, como Julio pediu. Com a desculpa de que está frio, Zárate deu-lhe o seu casaco castanho de pele. Antón vestiu-o sem suspeitar.

Zárate acha que não imagina que, no forro, o subinspetor colocou um dispositivo de rastreamento que está ligado ao seu telemóvel. Depois de verificar que funciona corretamente, que no mapa do seu telemóvel aparece marcada a posição de Antón, Zárate desce pelas mesmas escadas.

A estação está lotada de adeptos do Real. Nalguns postos, vende-se *merchandising* da equipa de futebol. Zárate, que já localizou Antón novamente, pára para comprar um cachecol e um chapéu. Irá misturar-se com os adeptos do Real para passar despercebido.

Antón deixa-se levar pelo rio de adeptos em direção a uma plataforma. O telemóvel de Zárate vibra no bolso: é Orduño que lhe está a ligar. Já devem ter descoberto o que se passa. Rejeita a chamada e mete-se na carruagem seguinte àquela que Antón escolheu.

Leva a mão às costas; no cinto, sob a camisola, está a sua arma. Está disposto a arriscar até um determinado limite. Não vai deixar Antón fugir. Caso tenha receio de lhe perder o rasto, ou assim que suspeitar de alguma ação inesperada da parte dele, sacará da arma e não hesitará em matá-lo.

Não pensou em nenhuma das consequências do que está a fazer. Só pensa em Nina. Em tentar salvar aquela criança. E, se for impossível, em Chesca. Que aquilo que Antón lhe fez tenha o merecido castigo.

Viaja apoiado na porta da carruagem. Antón sai na estação do Tribunal. Parece confiante. Os seus olhos não se cruzaram em nenhum momento com os do polícia. Segue os adeptos até à linha 10, Zárate vai atrás dele. Saem na estação de Santiago Bernabéu. Deve ter ficado sem rede em algum momento da viagem; ao percorrer o *hall* da estação, olha para o telemóvel. Tem duas chamadas de Elena, além de muitas outras de Orduño.

Quando saem para a rua, Zárate repara que há milhares de pessoas em redor do estádio. Continuar sozinho com esta tarefa de vigilância começa a parecer impossível. Empunha a arma debaixo da camisola. Talvez tenha chegado a hora. Se Antón se fundir naquela multidão que se aglomera em torno do estádio, será fácil perdê-lo. O localizador do casaco continua a enviar o seu sinal. Há segundos em que o perde de vista, mas, seguindo as indicações do telemóvel, volta a localizá-lo. Reconhece o seu casaco no meio da multidão.

Há um grande aparato policial na zona. Vários pontos de controlo impedem que os adeptos entrem no estádio com objetos perigosos: artefactos pirotécnicos, facas. Os perímetros de segurança vão separando as pessoas que vão ver o jogo das que não têm bilhete. É o caso de Antón, embora este se tenha enfiado numa das filas e se vá aproximando de um ponto de controlo, que não poderá transpor, e

onde há polícias a revistar os adeptos.

Orduño saiu do carro e olha em redor.

Uma maré branca circunda o estádio.

— Raios partam a merda do futebol!

Reyes confirma a Mariajo por telefone que chegaram ao Bernabéu, mas que, por enquanto, não conseguem localizar Zárate. A *hacker* conseguiu localizar o telemóvel do colega e, desta forma, descobrir o seu paradeiro. Por questões de segurança, todos os telefones dos agentes da BAC podem ser monitorizados.

— Ainda não atendeu o telefone? — pergunta Reyes depois de desligar a chamada de Mariajo.

— Como é que pôde ser tão idiota? Trouxe-o até aqui... Vai perder-lhe o rasto.

Orduño apura a vista. Como poderá distinguir Zárate daquela massa homogénea?

— Não vai perder-lhe o rasto. Vai matá-lo antes disso.

Orduño sabe que a sua colega tem razão. Há dias que Zárate deixou de diferenciar os limites entre o bem e o mal, talvez desde que souberam que a própria Chesca os perdera. Foi nisso que se tornaram? Assassinos? O que os diferencia de Antón ou de Julio? Não devoram as vítimas, mas sabe que Zárate sentirá o mesmo prazer quando enfiar um balázio na cabeça daquele sujeito.

— Lá está ele! — grita Reyes.

Empunha a arma nas costas. Já lhe tirou a patilha de segurança. Antón continua a avançar em direção ao ponto de controlo. Com duas passadas, Zárate alcança-o, apenas um segundo antes de ele chegar ao polícia de controlo. Agarra-o pelo ombro e obriga-o a virar-se.

— O que é que está a fazer?! — grita o homem, num misto de perplexidade e indignação.

Não é Antón.

— Algum problema? Olhem que não entra nem um nem o outro — avisa o agente da autoridade.

Zárate solta o homem. Enverga o casaco que deu a Antón. É parecido com ele.

— Quem é que lhe deu esse casaco?

— Foi um tipo que me pagou vinte euros para eu o vestir. Disse que era para pregar uma partida a um amigo dele.

— Zárate!

Ángel olha para trás. Orduño e Reyes chegam a correr e mostram a sua identificação policial. Como dizer-lhes que perdeu o rasto de Antón?

Perto do metro, na Calle Marqués de Viana, há uma espécie de clube de alterne. Antón crê que já não o seguem. Acomoda-se ao balcão, com um olho na porta, para ver quem entra. Se notar algo suspeito, tentará fugir novamente. Localizou a saída de emergência, mas não sabe se conseguirá alcançá-la caso a Polícia entre.

Uma das mulheres que trabalham no clube aproxima-se dele e cumprimenta-o, melosa. É morena, muito bonita e tem um sotaque muito doce. A Antón parece-lhe familiar.

— Olá, pagas-me uma bebida?

— Claro, como te chamas?

— Alicia.

— De onde és?

— Sou boliviana. Conheces a Bolívia?

Antón sorri.

— Queres beber alguma coisa?

— Estou à espera de um amigo, mas fiquei sem bateria no telemóvel. Emprestas-me o teu para eu lhe ligar? Assim que ele vier, prometo-te que vamos divertir-nos a valer.

Nunca provou carne boliviana, e Alicia não é tão feia como era a sua mulher. Tem a certeza de que ele e Julio vão adorar.

## Capítulo 69

Elena tem consciência de que se deixou levar por um palpite. Não há nenhuma prova cabal de que Julio possa estar onde ela julga. Apesar disso, no táxi que apanhou ao sair do aeroporto, ligou várias vezes a Zárate para lhe expor a sua teoria. É possível que esteja zangado com ela por o ter abandonado à sua sorte. Teve de lhe deixar uma mensagem no *voice-mail*: «Ángel, lembrás-te do que encontrámos na quinta? Caixas com dentes e chaves. Quantas chaves havia? Onze. É possível que eles tenham ficado com algumas para usarem os apartamentos das vítimas. Eram pessoas solitárias. Quem iria ocupar essas casas? Acho que o Julio anda a usar essas casas em Madrid. Ninguém ia procurá-lo aí. E, de todas elas, onde é que nunca irias procurá-lo? Onde é que te pode dar mais raiva que esteja? No apartamento da Chesca. Eles adoram estes jogos... o Antón e o Julio, os dois. Não sei porque é que não me atendes o telefone, mas estou a ir para lá...»

Elena emudece antes de terminar a mensagem.

Será que Zárate a vai ouvir? O taxista disse-lhe que a M-30 estava entupida por causa de um acidente e que decidira levá-la pela E-5 e entrar em Usera pela A-4, a antiga Via Rápida da Andaluzia. Acabaram de chegar à Calle Marcelo Usera. Demoraram pouco menos de meia hora.

Nina está amarrada à cama, em aspa, como já viu tantas mulheres na quinta. A ferida no braço deve ter infetado e ela está a suar, febril, sem forças para nada. Julio chega com uma bandeja repleta.

— Vou ter de te limpar essa ferida.

— Não me vais matar?

— Nina, és a minha irmã... A mordidela que tive de te dar é porque não havia outro remédio. Mas sabes que não te queria magoar.

— Doeu-me.

— Eu sei. Não me perdoas?

Nina não responde, zangada, mas não parece que Julio se importe com isso; pega num pedaço de algodão e humedece-o.

— É só água, não vai doer.

Com cuidado e carinho, vai-lhe limpando a ferida. A meio do processo, porém, o telefone toca.

— Sim?... Despistaste-os?... Ótimo. Onde é que estás?... Espera aí por mim, que eu vou ter contigo. — Depois de desligar o telemóvel, volta-se para Nina, com um ar feliz. — Tenho de ir, mas não tarda nada estaremos todos juntos outra vez.

Há um sítio para parar junto à entrada do prédio de Chesca. Elena sai do táxi, leva instintivamente a mão ao cinto, mas não traz nenhuma arma. Teve de a deixar no *check-in*, no aeroporto. Olha para cima. Sabe que Chesca morava no quarto andar, mas não se lembra em que apartamento. Das quatro varandas com vista para a rua, há luz em duas. Terá de entrar para verificar se as suas suspeitas estavam certas. Um morador sai do prédio. Elena contém o impulso de se lançar sobre aquela porta aberta. Acaba por fazê-lo, mas com uma certa dissimulação, sem assustar quem sai. Começa a subir as escadas até ao patamar do terceiro andar, mas ouve uma porta a bater e estaca. Quem quer que tenha saído começa a descer e, a seguir, os dois, Elena e Julio, ficam cara a cara. Julio pode não saber quem é Elena, mas, ao vê-la, não hesita e lança-se sobre ela; tem escrito na testa que é polícia. Os dois descem um lanço inteiro de escadas a rebolar pelos degraus, aos socos um ao outro. Elena bate com a cabeça no guarda-corpos de ferro. Sente o calor do sangue a jorrar entre os cabelos.

Julio dá-lhe um soco, do qual ela consegue esquivar-se parcialmente: não lhe acerta na cara, como ele pretendia, mas num braço. A dor é tal que Elena acha que poderá ter ficado partido. Ela contra-ataca com um pontapé à altura da anca, ele fica dorido, o barulho faz com que uma idosa abra a porta de casa para espreitar e ver o que se passa.

— Volte para casa! — grita Elena. — Chame a Polícia!

A senhora faz o que ela lhe ordena e fecha a porta de supetão antes de Julio conseguir alcançá-la. Pela primeira vez, parece perdido: deverá continuar a lutar com Elena ou fugir? A incerteza dura apenas alguns segundos. Enquanto Elena se levanta, Julio tira uma faca do bolso do casaco. Lança-se sobre ela e, embora Elena tente segurar-lhe os braços, não consegue impedir Julio de lhe espetar a faca no abdómen. A dor também lhe tira o fôlego. Elena mal consegue respirar, enquanto Julio continua a empurrar a faca até ao cabo. A seguir, tira-a, deixando um rasto de sangue no ar. Atordoada, Elena perde os sentidos.

Enquanto Orduño e Reyes coordenavam a busca de Antón, Zárate ouviu a mensagem que Elena lhe deixara no *voice-mail*. Seria possível que tivesse razão? Esconder-se na casa de Chesca encaixa-se no jogo de perversão em que Julio e Antón estão envolvidos. Sem dizer nada aos seus colegas, pediu uma viatura e saiu em direção à casa da Calle Usera. Enquanto percorria a M-30, desejou com todas as suas forças que Elena tivesse razão. Só precisa de uma oportunidade para corrigir o seu erro. Leva a arma carregada no cinto e está determinado a descarregá-la assim que vir Antón ou Julio. Um acidente na principal estrada de circunvalação de Madrid obriga-o a ligar a sirene para abrir caminho. Carrega no acelerador. Sabe que estão numa corrida contra o tempo e que alguns minutos de atraso podem permitir àqueles monstros fugirem para sempre.

Pára o carro em frente ao prédio em que Chesca morava, mas, assim que sai, sente o gume de uma faca no pescoço. Está manchado de sangue, que agora lhe escorre pela pele.

— Volta para o carro. Se te armares em parvo, mato-te. És o Zárate, certo? Que coincidência, vinhas atrás de mim e tu é que me vais ajudar a fugir. E num carro da Polícia. Não se podia pedir melhor.

Julio revista Zárate num ápice. Encontra a pistola no cinto e tira-lha. Atira a faca para o chão.

— Isto já não me faz falta.

Elena jaz no patamar. A idosa assistiu a tudo e, além de chamar a Polícia, avisou uma vizinha médica, que lhe fez um curativo urgente enquanto aguardavam a chegada de uma ambulância. A ferida no abdómen é profunda e foi difícil estancar o sangue.

— Tenho de ir ao quarto andar.



— O melhor é não se mexer.

— É possível que esteja uma criança ferida... no apartamento da Chesca Olmo. Sabe qual é?

Quer manter-se firme, mas a ferida parece ter-lhe causado febre. Perde a noção do tempo: será que alguém atendeu o seu pedido? Terá ido alguém buscar Nina? Ouve sirenes, deve ser a ambulância. Por que razão não ouve ninguém a falar sobre a rapariga? Um agente fardado está agachado ao seu lado e tenta transmitir-lhe calma. Uma voz conhecida resgata-a da confusão.

— O que aconteceu, Elena?

Com a visão turva, como se o visse através de um vidro embaciado, reconhece Orduño.

— Foi o Julio. Lá em cima. A Nina...

Novas sirenes. Correria nas escadas.

— Temos de a levar para um hospital!

É a última coisa que ouve antes de perder a consciência.

Zárate sobe pela Castellana. Passa em frente ao Santiago Bernabéu, onde já não resta ninguém: dispersaram num ápice as dezenas de milhares de pessoas que foram ver o jogo, os vendedores de lembranças, de bebidas enlatadas, os autocarros das claques.... Devem estar todos lá dentro. Julio não afastou a arma da nuca de Zárate nem um segundo. Este não pode fazer nada e sabe que, se não tiver sorte e ele conseguir o seu intento, não sairá vivo do carro. O histórico de Julio não sugere que vá ter algum tipo de piedade.

— Continuo a subir?

— Até eu te dizer.

Alguns metros mais adiante, cai o vermelho num semáforo diante do qual está parado um carro da Polícia. Julio fica tenso.

— Nem um movimento ou disparo. Não quero saber se me apanharem, mas levo-te à frente.

Zárate avalia a situação, o carro é da Polícia Municipal. Poderia parar ao seu lado, abrir a porta e atirar-se para a calçada. Talvez Julio não reagisse a tempo, ou talvez sim. Mas não vai fazer nada para escapar. Julio não lho disse, mas Zárate está convencido de que vão buscar Antón. Julio poderá matá-lo, na verdade tem a certeza de que irá matá-lo, mas a possibilidade de ter o pai e o filho juntos e tentar alguma coisa atrai-o.

Será a sua última oportunidade.

Por Chesca.

A viatura da Polícia Municipal arranca antes de o semáforo voltar a ficar verde. Afasta-se deles.

— Muito bem. Apanha a rotunda e vira na Sor Ángela de la Cruz.

— Não sabia que conhecias tão bem Madrid.

— Cala-me essa boca!

Zárate faz o que Julio lhe ordena. Sente-se mais inseguro por não saber para onde se dirige do que por ter a arma apontada à nuca.

— Agora mete-te no túnel.

Não é uma zona que Zárate conheça bem, acha que o túnel os fará deixar à direita o Parque de Agustín Rodríguez Sahagún e que passarão por baixo da Sinesio Delgado, mas não tem bem a certeza. Ao sair do túnel, numa rotunda, está um homem à espera. Zárate reconhece-o antes de lá chegar: é Antón.

— Pára aí.

Zárate avalia a situação. Chegou a hora.

Antón já os reconheceu. Julio fez um gesto de dentro do carro a avisá-lo. Agora, encaminha-se para a viatura da Polícia conduzida por Zárate. Atrás dele, estão uns carros estacionados.

Zárate carrega no acelerador a fundo, acha que, a qualquer instante, soará um tiro, mas Julio caiu para trás, levado pela inércia. O carro atropela Antón, que sai disparado por cima do capô, bate no para-brisas e, a seguir, ressalta pelo teto até cair. Zárate espera que, não só tenha morrido, mas que, além disso, tenha tido tempo de sentir a dor dos seus ossos a fraturarem-se em mil pedaços. A seguir, porém, não diminui a velocidade. Lança-se contra os carros estacionados. Julio não traz o cinto posto. O impacto é seco, extremamente violento.

O *airbag* é acionado e o puxão do cinto de segurança deixa Zárate atordoado por um segundo, não mais. À sua direita está Julio. A força do choque impeliu-o por cima dos bancos, e acabou por trespassar o para-brisas. Ainda tem forças para se virar e olhar para ele. Tem a boca ensanguentada, o olhar perdido. Dá a sensação de que vai perder a consciência a qualquer momento.

Zárate tira o cinto de segurança.

Pega num pedaço do para-brisas que lhe caiu no regaço.

Afiado como uma faca.

## Capítulo 70

Todo o andar sabe quando o Dr. Ugarte entra. Cumprimenta com o seu vozeirão, diz uma graçola a cada paciente, faz brincadeiras de mãos com as crianças... Elena tem a certeza de que a maior parte dos sucessos na reabilitação se deve à boa-disposição do médico.

— Isso está a ir muito bem, inspetora...

— Não me diga que me vai mandar para casa, doutor — ironiza Elena.

— Não gosta de estar connosco?

— Nunca estive tão bem na minha vida, o pior é a comida.

— Mas isso tem solução. Tome lá. — O Dr. Ugarte leva a mão ao bolso da bata e tira um chocolate. — Não diga à enfermeira que fui eu que lho dei. Andam por aí à procura de quem traz chocolates à socapa para o hospital.

— Obrigada, doutor...

— Dois dias, acho que em dois dias a mando para casa e nos livramos de si, que é a pior paciente que já tivemos; as chatices que nos deu por uma facada de nada. Como se eu não me cortasse todos os dias. Ouviu-me queixar-me? Não, então veja lá se faz o mesmo. Amanhã venho vê-la.

O Dr. Ugarte deixa o quarto, ouvem-se as suas saudações a uns e a outros, a corrente de simpatia que gera ao seu redor. Elena não se importaria de o encontrar um dia fora do hospital.

Liga a televisão, com cuidado para não se deparar com notícias sobre a Casa dos Horrores de Santa Leonor, embora esta já esteja a desaparecer da programação. É melhor passar para o desporto, para não arriscar. Sintoniza um canal que está a retransmitir um torneio de bilhar.

— Gostas de bilhar? Eu, na minha juventude, era um virtuoso — diz

Rentero em jeito de saudação.

— Adoro bilhar, quando sair do hospital vou aprender a jogar.

— Vai fazer-te bem. Terás de fazer reabilitação. Além da ferida, tinhas uma fratura no braço, e não deves querer ficar manca.

— Não sejas burro, Rentero; diz-se ficar com mobilidade reduzida, e não manca.

— Eu não me adapto ao mundo; entre isso e o género fluido da minha sobrinha...

— Esta manhã estive aqui, com o Orduño. Trouxeram-me flores, como se eu tivesse dado à luz. O que eu quero são bombons.

— Amanhã mando-te uma caixa.

Rentero dá por terminada a conversa cordial e senta-se ao seu lado.

— Temos de falar. Já tenho as autópsias do Antón e do Julio.

— E então?

— O Antón morreu atropelado, já sabíamos. Não há nada de estranho. Mas o Julio...

— Alguma coisa de anormal?

— Com o impacto, saiu disparado contra o para-brisas. O corpo ficou sobre o capô do carro, e cravou-se-lhe um vidro no pescoço.

— O que é que isso tem de estranho? É um acidente de viação. Às vezes tem-se sorte, outras vezes, não.

— Aquele vidro cravado no pescoço é um pouco suspeito. É como se alguém lho tivesse espetado, para lhe causar o maior dano possível. — Rentero fixa os olhos nos de Elena.

A sua insinuação é evidente.

— O que é que diz o médico-legista?

— Que, pela trajetória, lhe parece estranho o vidro ter seccionado a carótida. Os dois ficam em silêncio por alguns segundos.

— Suspeitas do Zárate?

— Chama a atenção o facto de um vidro seccionar a carótida do assassino de tantas mulheres, entre elas a companheira do polícia que viaja com ele no carro no momento do acidente.

— E, no entanto, são coisas que acontecem.

— O Zárate vai ter de dar muitas explicações: a primeira, de onde saiu aquela autorização para transferir o Antón para o tribunal. É possível que tudo se resuma a uma suspensão de alguns meses. A questão da morte do Julio é diferente. Acho que talvez seja preciso abrir uma investigação. Mas cabe ao

responsável da BAC decidir. Se não achares oportuno...

— Estás a chantagear-me para eu continuar na BAC?

— És a pessoa ideal para meter tudo nos eixos novamente. Incluindo o Zárate. Amanhã mando-te os bombons. Ah, e promete-me que vais ligar à tua mãe; embora não aparente, anda preocupada contigo.

Rentero levanta-se, dá-lhe um beijo e sai. Sabe que Elena precisa de estar sozinha para pensar.

Como todos os dias, ao final da tarde, Zárate chega para visitar Elena.

— O médico já veio ver-te?

— Sim, diz que depois de amanhã me dá alta.

— Ótimo. E disse-te alguma coisa sobre a reabilitação?

— Não, vou perguntar-lhe amanhã. E tu, como estás?

— Estive com a Nina, com a Mihaela Nicolescu. O pai dela chegou esta manhã a Madrid. Os psicólogos estão a preparar o encontro.

— Será que ele vai cuidar dela?

— Não querem que ela deixe o tratamento. Não sei. O juiz há de decidir.

Permanecem alguns segundos em silêncio. Zárate tece um comentário sobre o que está a dar na televisão e Elena graceja dizendo que, nos hospitais, deveriam pagar às pessoas para verem esses programas. Começa a escurecer e Ángel deita-se ao seu lado.

— Estou a magoar-te?

— Um bocadinho. Aqui.

Elena aponta para o abdómen e Zárate pouisa a mão sobre o curativo que cobre a ferida. As carícias vão subindo até encontrarem a pele de Elena. A seguir, beija-a e fica a escassos centímetros dos seus olhos.

— Esta tarde estive aqui o Rentero... Disse-me que a autópsia do Julio está a demorar mais do que o normal... Sabes o que poderá ser?

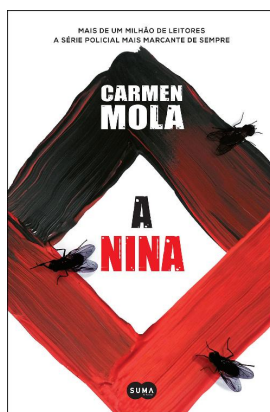
— Não faço ideia. E queres que te diga outra coisa? Não me aquece nem me arrefece. Não vou dedicar nem um segundo da minha vida a recordar essas duas bestas.

Zárate volta a beijá-la. Elena procura uma resposta nos seus olhos. Há pouca luz no quarto, e dá-lhe a sensação de que perderam a cor, que passaram de castanho para cinzento. Lembra-se da conversa que tiveram na quinta Collado: «Em cada caso, perdemos um pedaço de alma.» Terá Zárate perdido a sua? E se essa for a razão pela qual não há, nas suas palavras, nenhum vislumbre de culpa

ou remorso? Ninguém regressa ileso do inferno.

## Sobre este livro

# NINGUÉM REGRESSA ILESO DO INFERNO



É a véspera do fim do ano chinês, e o ano do porco está prestes a começar. Chesca, responsável pela Brigada de Análise de Casos há um ano, tem um encontro marcado com Ángel Zárate, mas ele não aparece. Ainda assim, ela decide sair para se divertir e acaba por passar a noite com um desconhecido. Na manhã seguinte, acorda com três homens à volta da sua cama, à espera para se juntarem à diversão. E um cheiro repugnante a carne de porco impregna o quarto.

Depois de um dia inteiro sem qualquer sinal dela, os seus colegas da BAC começam a procurá-la, e contam com uma ajuda preciosa: Elena Blanco, que tinha deixado a Polícia após o fracasso do caso Rede Púrpura, mas que não pode

virar as costas a uma amiga. Rapidamente se apercebem de que, por detrás do desaparecimento de Chesca, se escondem segredos inomináveis, nomeadamente o que envolve a enigmática Nina, e terão de enfrentar o horror, tanto físico como moral, de que Chesca não é a única vítima.

**Após o enorme sucesso de *A Noiva Cigana* e *A Rede Púrpura*, Carmen Mola regressa com o terceiro livro da série protagonizada pela inspetora Elena Blanco, com novas e chocantes personagens e uma história «não adequada a leitores sensíveis».**



## Sobre Carmen Mola

**Carmen Mola** é o misterioso pseudónimo sob o qual três autores — Antonio Mercero, Agustín Martínez e Jorge Díaz — decidiram assinar o seu primeiro romance escrito a três mãos, sem se darem a conhecer publicamente.

*A Noiva Cigana* (Suma de Letras, 2021) inaugurou a série protagonizada pela inspetora Elena Blanco e tornou-se um fenómeno de vendas e da crítica, levando Carmen Mola a ser chamada «a Elena Ferrante espanhola» (*El País*). Traduzida em mais de dezoito países e com uma adaptação televisiva, a série continuou com o igualmente aclamado *A Rede Púrpura* (Suma de Letras, 2022) e agora com *A Nina*.